



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO

Ana Carolina de Freitas

**Tradução comentada do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Louise Bachelet, de 1842**

Florianópolis

2023

Ana Carolina de Freitas

**Tradução comentada do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Louise Bachelet, de 1842**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Tradução.

Orientador(a): Prof.(a) Marie-Hélène Catherine Torres, Dr.(a)

Coorientador(a) : Prof. Kall Lyws Barroso Salles, Dr.

Florianópolis

2023

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

De Freitas, Ana Carolina

Tradução comentada do relato de viagem Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale, de Louise Bachelet, de 1842 / Ana Carolina De Freitas ; orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres, coorientador, Kall Lyws Barroso Sales, 2023.

201 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Relato de viagem. 3. Tradução comentada. 4. Ecotradução. 5. Estudos da tradução. I. Catherine Torres, Marie-Hélène . II. Barroso Sales, Kall Lyws . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

Ana Carolina de Freitas

**Título: Tradução comentada do relato de viagem Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale**, de Louise Bachelet, de 1842

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 12 de dezembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Sheila Maria dos Santos  
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Luana Ferreira de Freitas  
Universidade Federal do Ceará

Profa. Dra. Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento  
Universidade Federal do Pará

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Estudos da tradução.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação  
Profa. Dra. Andréia Guerini

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres  
Orientadora

Florianópolis, 2024.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer aos brasileiros e às brasileiras, que contribuem para que a universidade pública se mantenha. Em seguida, agradeço à minha orientadora, professora Marie-Hélène Catherine Torres, pois sem ela nada disso teria acontecido, já que ela aceitou ser minha orientadora novamente no doutorado mesmo no contexto de uma pandemia. Desejo agradecer também o professor Kall Lyws Barroso Sales, que, mais uma vez, aceitou estar na minha banca de qualificação e que concordou em ser meu coorientador nesta empreitada com tantas tarefas que tem na Universidade Federal de Alagoas. Agradeço à Capes por disponibilizar uma verba a fim de que os alunos de Ações Afirmativas pudessem ter bolsa durante quatro meses (de setembro a dezembro de 2022).

Agradeço, nominalmente, aos professores que ministraram as disciplinas durante o doutorado neste contexto e que foram muito compreensíveis comigo em diferentes situações: as professoras da PGET Marlova Assef e Marie-Hélène Catherine Torres e os professores da PGET Walter Costa e os professores da PGET e da VUB, Philippe Humblé e Arvi Sepp. Tenho que agradecer imensamente o presente que o professor Philippe Humblé me deu, pois ganhei um computador. Mesmo estando longe, na Bélgica, ele teve o trabalho de me enviar esse presente, o que fez toda a diferença no meu trabalho como pesquisadora.

Às professoras e ao professor, membros da banca de qualificação, professor Kall Lyws Barroso Sales, da Universidade Federal de Alagoas, professora Lilian Cristina Barata Pereira do Nascimento, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade Federal do Pará (UFPA), e professora Luana Ferreira de Freitas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal do Ceará (UFC), por terem aceitado o nosso convite.

Posteriormente, a todos que se dedicaram a minha tese e a mim por alguns minutos ou muitas horas, peço desculpas se eu esqueci de alguém, estudantes e egressos da PGET: Jeffa Moreira Santana, Feibriss H. Meneghelli Cassilhas, Letícia Fiera, Ivi Fuentealba Villar, André Luís Leite de Menezes Berndt, Giulia Motta, Glória Elizabeth Riveros Strapasson, Sandra Santos Costa, Brenda Bressan Thomé, Mwewa

Lumbwe, Taís Veck, Vitória Tassara, William Henrique Cândido Moura, Thaís (professora de história), Andressa (estudante de geologia), Peguy (mestranda de medicina), Ourinho, Fabiana, Jussana e Michelle (Bioquímica). Aos professores Muguras, Charles, Mirella, Paolo, Sylvie por me enviarem seus textos, à toda equipe da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSC: Arthur, Fabio, Professor Werner, Amália, Vlademir e Vinicius, a todos os funcionários dos Arquivos de Santa Catarina, principalmente ao Bruno e do Arquivo de Joinville, aos funcionários do Museu da Imigração de Joinville, aos funcionários Jonatas e Michele, do Museu do Mar de São Francisco do Sul, e à Simone, funcionária da Secretaria de Turismo de São Francisco do Sul.

Gostaria de agradecer também a todas aquelas pessoas que me ajudaram a chegar na Vila da Glória/Distrito do Saí, principalmente as que me ajudaram a percorrer a Vila da Glória: a Nayara, da Pousada Vila da Glória e seus ajudantes, Igor e Maria, além do motorista de táxi Alexandre (Xuxu).

Enquanto estive em Bordeaux, gostaria de agradecer à Capes pela bolsa de doutorado-sanduíche (Capes-Print), que ganhei, em primeiro lugar. À professora Heineberg, à sua aluna Anna e à toda equipe do Departamento de português e do setor de internacionalização que me acolheram na Université Bordeaux Montaigne. À professora Koelling, da Universidade Johannes Gutenberg-Universität Mainz, com quem consegui trocar autores e ideias em uma conversa em que ela falava em inglês e eu em francês. À professora Sylvie Requemora, que me convidou para ser pesquisadora no Centre de Recherche de Littérature de Voyage (CRLV) e a todos os funcionários dos arquivos e das bibliotecas da França, que me responderam todos os e-mails enviados.

Enfim, aos meus pais: Jurandy e Dircéia. Aos meus irmãos: Fábio e Arthur. Às minhas sobrinhas: Melissa e Maya, que compreenderam a minha ausência. Ao meu noivo, Rodrigo, à minha sogra, Marilinda, ao meu cunhado, Rafael, que souberam respeitar a continuação do meu trabalho como pesquisadora. E, por fim, à minha revisora, que foi extremamente paciente e cuidadosa: Silvana Martins dos Santos.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo elaborar a tradução comentada e inédita do francês para o português do Brasil do Relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Louise Bachelet, escrito no século XIX no Brasil. Este relato foi publicado em Paris em 1842. Louise Bachelet, uma mulher, assinou este relato de viagem, mas, no decorrer da pesquisa, após fazer uma pesquisa in locu na França, descobriu-se que este relato tem um pseudônimo como autor(a). Os objetivos específicos são o de trazer a tradução deste relato de viagem para o repertório de teses do PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, o de publicar a tese como livro e a tradução do relato de viagem em português do Brasil, cujo o título é **Falanstério do Brasil: Viagem pela América Meridional**, além do objetivo de contar como foi o percurso da pesquisa, de fazer um levantamento dos dados biográficos de Louise Bachelet; de identificar o estilo do texto, de sua escrita e de seu discurso; de desvendar a história do relato de viagem, o percurso do relato de viagem, os índices morfológicos (Paratextos) do relato de viagem, as versões e traduções do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, a breve historiografia de Falanstério do Saí, os elementos da geografia literária e os elementos da chamada ecotradução. A análise e os comentários de tradução discorrem sobre os nomes próprios/antropônimos e sobre as notas da tradutora. Para discutir sobre tradução, ecotradução e notas de tradução apoio-me no que postula Antoine Berman (2013), Charles Le Blanc (2019), Gérard Genette (2009), Marie-Hélène Catherine Torres (2013; 2022), Mirella Piacentini (2020), Muguras Constantinescu (2020), Pablo Cardellino Sotto (2015), Paolo Magagnin (2020) e Simone Mittmann (2003). A conclusão desta tese foi a de que o relato de viagem, apesar de ter sido assinado por uma mulher, Louise Bachelet, tem como autor(a) um pseudônimo, e que o principal suspeito de autoria seja Dr. Benoit Jules Mure, o médico homeopata francês, fundador do Falanstério do Saí.

**Palavras-chave:** Estudos da tradução. Tradução comentada. Ecotradução. Relato de viagem. Louise Bachelet. Século XIX.

## RÉSUMÉ

La présente recherche a pour objectif élaborer la traduction commentée et inédite du français en portugais du Brésil du récit de voyage *Phalanstère du Brésil : Voyage dans l'Amérique Méridionale de Louise Bachelet*, écrit au XIXe siècle, au Brésil. Cette littérature a été publiée à Paris, en 1842. Louise Bachelet, une femme a signé cette littérature de voyage, mais au fur et à mesure de la recherche, après faire une recherche in locu en France, on a découvert que cette littérature a un pseudonyme comme auteur. Les objectifs spécifiques sont d'apporter la traduction de cette littérature de voyage au « Repertório de teses do PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina », publier la thèse comme livre et la traduction de la littérature de voyage en portugais du Brésil, dont le titre est : **Falanstério do Brasil: Viagem pela América Meridional**, raconter comment a été le parcours de la recherche, faire une recherche sur les données biographiques de Louise Bachelet. Identifier son style, son écriture et son discours, révéler l'histoire du livre, le parcours, les indices morphologiques, les versions et des traductions du récit de voyage *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, le bref historiographie de Phalanstère du Sahy, des éléments de la géographie littéraire du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale et l'Écotraduction. L'analyse et les commentaires de notre traduction portent sur les noms propres\anthroponymes et les notes de traduction. Pour discuter sur traduction, écotraduction et notes de traduction je m'appui sur ce qui postule : Antoine Berman (2013), Charles Le Blanc (2019), Gerard Genette (2009), Marie-Hélène Catherine Torres (2013, 2022), Mirella Piacentini (2020), Muguras Constantinescu (2020), Pablo Cardellino Sotto (2015), Paolo Magagnin (2020) et Simone Mittmann (2003). La conclusion de cette thèse a été que la littérature de voyage, malgré avoir été signée pour une femme, Louise Bachelet, a comme auteur un pseudonyme, et que le principal suspect d'écrivain soit Dr. Benoit Jules Mure, le médecin homéopathe français, qui a été le fondateur du Phalanstère du Sahy.

**Mots-clés:** Études de la traduction. Traduction commentée. Écotraduction. Littérature de voyage. Louise Bachelet. XIXe siècle.



## ABSTRACT

The present research aims to prepare the commented and unpublished translation from French into Brazilian Portuguese of the Travel literature *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* by Louise Bachelet, written in the 19th century in Brazil. This report was published in Paris, in 1842. Louise Bachelet, a woman, signed this Travel literature, but in the course of the research, after doing on-site research in France, it was discovered that this literature has a pseudonym as the author. The specific objectives are to bring the translation of this Travel literature to the repertoire of theses of the Pget – Postgraduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina, publish the thesis as a book and the translation of the Travel literature into Portuguese from Brazil, whose title is : **Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale**, survey Louise Bachelet's biographical data. Identify his style, writing and speech, unveil the book history, route, the morphological indices (Paratexts) of the *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, versions and translations of the travel report *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, the brief historiography of *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, the elements of literary *du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* and the elements of the called *écotranslation*. The analysis and comments on my translation are about the proper names\anthroponyms and translation notes. To discuss translation, eco-translation and translation notes I rely on what postulates Antoine Berman (2013), Charles Le Blanc (2019), Gerard Genette (2009), Marie-Hélène Catherine Torres (2013, 2022), Mirella Piacentini (2020), Muguras Constantinescu (2020), Pablo Cardellino Sotto (2015) Paolo Magagnin (2020) and Simone Mittmann (2003). The conclusion of this thesis was that the travel literature, despite being signed by a woman, Louise Bachelet, has a pseudonym as its author, and that the main suspect of authorship is Dr. Benoit Jules Mure, the French homeopathic doctor, who was the founder of the *Phalanstério do Saí*.

**Keywords:** Translation Studies. Commented translation. Ecotranslation. Travel literature. Louise Bachelet. XIX century.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – O falanstério do Saí III.....	43
Figura 2 – Bachelet no Blumenau Cadernos.....	45
Figura 3 – Bibliografia alienígena sobre Santa Catarina .....	46
Figura 4 – Capa do relato de viagem .....	54
Figura 5 – O Falanstério do Sahy.....	55
Figura 6 – Publicações da autora.....	56

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1 PERCURSO DA PESQUISA.....	14
<b>2 LOUISE BACHELET E PHALANSTÈRE DU BRÉSIL: VOYAGE DANS L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE</b> .....	<b>21</b>
2.1 LOUISE BACHELET .....	21
2.1.1 O Falanstério do Brasil: relato de viagem e utopias imaginadas .....	24
2.1.2 O Falanstério do Brasil: relato de viagem e utopias imaginadas.....	33
2.1.3 Percurso do livro: <i>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale</i> .....	39
2.2 A OBRA: PHALANSTÈRE DU BRÉSIL: VOYAGE DANS L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE.....	41
2.2.1 O Relato de viagem <i>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale</i> .....	41
2.2.2 Índices morfológicos (Paratextos) do Relato de viagem <i>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale</i> .....	44
2.2.3 Breve historiografia de Falanstério do Sahy.....	49
2.2.3.1 Elementos da geografia literária .....	73
2.2.4 Ecotradução.....	92
<b>3. TRADUÇÃO DO RELATO DE VIAGEM : PHALANSTÈRE DU BRÉSIL: VOYAGE DANS L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE DE LOUISE BACHELET</b> .....	<b>95</b>
<b>4 . COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO</b> .....	<b>131</b>
4.1 NOTAS DE TRADUÇÃO .....	132
4.2 NOMES PRÓPRIOS/ANTROPÔNIMOS .....	164
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>175</b>
<b>ANEXO A: MAPA DA COLÔNIA DO SAHY</b> .....	<b>198</b>
<b>ANEXO 2: CORDEL FRANCISQUENSE</b> .....	<b>199</b>
<b>ANEXO 3: AS MARCAS DO TEMPO EM SÃO FRANCISCO DO SUL...</b>	<b>200</b>
<b>ANEXO 4: TRABALHO APRESENTADO NO EVENTO DA CENTRE DE RECHERCHE DE LA LITTÉRATURE DES VOYAGES</b> .....	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

Louise Bachelet escrevia em francês e viveu no século XIX. Seu relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, que utilizo como texto de partida para fazer a tradução comentada, foi publicado em 1842 pela editora *Imprimerie de Pommeret et Guenot*. Esse relato de viagem é inédito e, até o momento da pesquisa, ainda não foi publicado em português do Brasil.<sup>1</sup>

O gênero que abordarei nesta tese é o comentário da tradução, que, para Marie Hélène Catherine Torres e Bernard Croquette, possui como características “[...] o caráter autoral, o caráter metatextual, o caráter discursivo-crítico, o caráter descritivo e o caráter histórico crítico” (2017, p. 18).

Este trabalho acadêmico integra parte da pesquisa realizada por minha orientadora sobre estrangeiros que escreveram relatos durante o período que estiveram no Brasil. Ele se justifica pelo fato de a tradução do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Louise Bachelet, do francês para o português do Brasil, ser importante para conhecermos o Brasil na visão desta exploradora. Segundo o dicionário *Trésor de La Langue Française*, “*phalansthère*”, uma das palavras que compõem o título da obra, refere-se a um “*Groupe de personnes vivant en communauté, poursuivant une même tâche ou unies par des intérêts comuns*”<sup>2</sup>. Nesse sentido, esse texto traz páginas importantes da história de São Francisco do Sul, de Santa Catarina e do Brasil e, por isso, a tradução e esta pesquisa se justificam como essenciais para evidenciar o que aconteceu na Ilha do Sahy em 1842.

Escolhi este relato porque ele traz a visão de uma mulher que viaja pela América Latina e fica por algum tempo no Brasil, mais especificamente em Santa Catarina. Essa mulher se mostra corajosa e persistente, pois sai sozinha de um dos países da América Latina onde estava e vem para o Brasil. Notável ainda é sua perseverança, pois ela veio em busca de confirmar uma teoria que já tinha lido em um livro, que estaria sendo aplicada no falanstério do Sahy em Santa Catarina.

Bachelet, primeiramente, foi a Montevideú, no Uruguai, depois passou pelo Paraguai para, enfim, chegar no Brasil. Neste último país, ela foi para a Ilha do Sahy,

---

<sup>1</sup> Todas as notas foram traduzidas pela autora.

<sup>2</sup> Grupo de pessoas vivendo juntos, perseguindo uma mesma tarefa ou unidas por interesses comuns.

em Santa Catarina, pois soube que Dr. Jules Benoit Mure estava à frente de uma colônia *phalansterienne*. Nesse relato, temos a narração do seu dia a dia na Colônia do Sahy, na qual a autora apresenta alguns colonos pelo nome, como *M. Mangin*, engenheiro; *M. Mazure*, cantor e chefe do grupo de agricultura; *M. Trubert*, agricultor; *M. Picot*, redator e chefe do *Journal du Commerce* do Rio de Janeiro; *M. Mafra*, inspetor da colônia; Dr. Mure, que estava à frente da colônia e fala sobre as teorias de Fourier e de *Pizarre*. No relato, encontramos também Béranger e um elogio ao jornalista *M. Doherty* do *Journal Phalange* de Londres. No entanto, os escritores do prefácio não se identificam e não se sabe quem publicou o referido relato.

A presente pesquisa de doutorado tem como objetivos fazer a tradução comentada do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, publicado em 1842, e discutir meu processo de tradução. Para alcançar tais objetivos, esta tese está estruturada em cinco capítulos, dos quais fazem parte esta Introdução e as Considerações Finais.

No capítulo subsequente a esta Introdução, apresento Louise Bachelet e *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*; a vida de Louise Bachelet; estilo do texto; o discurso da autora e o percurso do livro: *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*. Na segunda parte, abordarei o livro de Louise Bachelet; o relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*; Índices Morfológicos (paratextos) desse relato de viagem, elementos da geografia literária e a ecotradução.

No terceiro capítulo, apresento minha tradução do relato de viagem por meio de um quadro com três colunas: a primeira consta um número, a segunda mostra o texto em francês e a terceira está a minha tradução. No quarto capítulo, mostro o projeto de tradução, os comentários da tradução cujos elementos são as notas de tradução e os nomes próprios/antropônimos e, no último capítulo, exponho as considerações finais deste trabalho. No final da tese encontram-se quatro anexos: um anexo em que exibo um mapa da Colônia do Sahy, dois anexos sobre cordéis atuais que abordam a história de São Francisco do Sul e um outro anexo contendo o folder do evento dos pesquisadores do *Centre de Recherche de Littérature de Voyages: 23es Rencontres Enseignants Chercheurs*, cujo tema foi: *Voyager au Brésil, de Léry à nos jours : transformations du genre viatique*, que aconteceu no dia 31 de março de

2023, quando fiz uma apresentação da minha tese à distância, pois o evento aconteceu na *Aix Marseille Université* na França.

## 1.1 PERCURSO DA PESQUISA

Aqui, de maneira semelhante a um relato de viagem, faço um relato dos caminhos percorridos durante esta pesquisa documental, pois, sem experiência nenhuma com relatos de viagens, liguei para uma amiga, e foi ela quem me ajudou, sem mesmo ter conhecimento do francês, a procurar mulheres que tinham passado pelo Brasil. Por fim, encontramos uma provável mulher desbravadora, Louise Bachelet, que tinha passado por Santa Catarina, mais especificamente por São Francisco do Sul. Foi no dia 5 de novembro de 2021 que a aventura começou, já que encontramos o nome dela em um dos textos sobre mulheres em viagem. Fomos, então, ver a biografia dela e só havia uma menção no Wikipédia. Vimos que ela tinha publicado um relato de viagem em francês, na França, mas encontramos o livro em formato pdf na Biblioteca da Universidade de São Paulo (USP).

Tal como essa possível autora, passei por muitos lugares, uma vez que pesquisei muitos mapas do século XIX, mais especificamente do ano de 1842, com o auxílio de uma aluna do curso de Oceanografia. Com a ajuda de uma outra amiga, da História, percorri caminhos apresentados em livros sobre Santa Catarina, São Francisco do Sul e sobre a América Latina. Os textos começaram a ir e vir, e as coisas foram mudando. É importante dizer que a biografia dos personagens, a história do falanstério do Saí, os mapas, o gênero literário e o contexto histórico foram retirados desta tese.

Para encontrar mais informações sobre Louise Bachelet, entrei em contato com o Arquivo Público de Santa Catarina, localizado na cidade de São José. Consegui agendar uma visita para o dia 3 de novembro de 2022. Contactei também o arquivo de Joinville e, poucos dias depois, recebi uma resposta da assistente cultural com a confirmação das datas para um encontro e recebi dela três arquivos: um inventário da coleção de Carlos Ficker, uma chipagem revisada, na qual encontrei, na página 31, um subtítulo: Falanstério do Saí, com 6 tópicos: 1 – Distrito do Saí, Vila da Glória – 15 itens; 2 – Diversos (microfilme – CCF) I – 142 itens; 3 – Diversos (Microfilme – CCF)

II – 38 itens; 4 – Diversos – 8 itens; 5 – História: 36 itens, 6 – Lista de emigrantes: 1 item. Também encontrei outro subtítulo: CX-cidades de Santa Catarina; dentre os tópicos, havia a cidade de São Francisco do Sul com 81 itens. Encontrei mais um subtítulo com cidades de Santa Catarina (1), dentre os tópicos, há uma com: 6) Diversas (Itapoá). Dessa forma, iniciei essa parte da pesquisa documental para verificar se havia algum rastro da autora Louise Bachelet.

Para encontrar mais detalhes sobre Itapoá, procurei informações no site da Prefeitura da cidade, mas, em uma conversa com o proprietário de uma das pousadas da cidade chamada “Mar Azul”, descobri que não havia arquivo público lá, mas uma biblioteca. Assim, fiz uma reserva para o mês de dezembro para ir pessoalmente à biblioteca e tentar fazer uma busca, 180 anos depois, sobre aquilo que Louise Bachelet apresentou em seu relato.

No dia 4 de novembro de 2022 fui ao Arquivo de Santa Catarina e encontrei três possíveis documentos sobre a Colônia do Sahy, 1º. Núcleo da Colônia do Sahy e Nossa Senhora do Saí e, em outro livro, encontrei a Colônia do Sahy. Infelizmente, não encontrei nenhum vestígio de Louise Bachelet, porém encontrei um mapa da Colônia do Sahy em nome de Valentina Angelica Rita de Araújo (1806), José Prates (1830), Guilherme Harnack (1895), Arthur Khan (1920), Portella (1922) e João Manoel de Borba (1971).

Durante a pesquisa, e após duas pessoas associarem Louise Bachelet à ex-presidenta do Chile, Verónica Michelle Bachelet, fui pesquisar a árvore genealógica dela e, para a minha surpresa, encontrei, na internet, informações sobre a família Bachelet na França, mais especificamente na região da Borgogne.

Em Joinville, no Museu da Imigração, descobri várias informações e, ao sair de lá, fui para o Arquivo da cidade. Apesar de não ter encontrado nada sobre Bachelet, deparei-me com muitas datas. Em uma exposição temporária de lá, descobri que duas comunidades indígenas foram dizimadas, que o procurador do príncipe era da Alsácia, Frédéric Brüstlein, e que morava apenas com sua governanta, Guilhermina Bennack, e com o filho dela; que existe um cemitério do imigrante na rua XV de novembro; e que o museu organiza um festival todos os anos para reunir os descendentes de antes e de agora em uma exposição temporária chamada “Frações do porvir – Perspectivas sobre o projeto da colonização” deu para colono (Exposição no Museu da Imigração, 2022) que:

(...) refere-se a aquele que se desloca como partícipe de um projeto estatal que visa ocupar e explorar economicamente determinado território. Como no Brasil a colonização promovida no século XIX tratou de fixar emigrantes em colônias agrícolas, a palavra “colono” adquiriu também o sentido de homem do campo.

Ainda no Arquivo de Joinville, descobri que há um furo de notícias, em que o Dr. Mure fornecia para as autoridades, entre maio e julho de 2022. Suas anotações vão até abril, quando muitos colonos romperam com seus contratos e, em agosto, ele dá uma carta de recomendação para aqueles que quisessem ir a Montréal e, logo em seguida, sugere às autoridades que explorem as madeiras do Sahy.

Em visita à Casa de Cultura que pertence à Fundação Cultural de Santa Catarina, Cris, uma das funcionárias, perguntou o nome de um dos livros que eu procurava. Ela fez uma pesquisa no arquivo, mas disse que não lembrava de ter ouvido falar de nenhum daqueles nomes. Simone, outra funcionária, já havia me contado que havia caixas na biblioteca que eram do arquivo histórico. E ela contou que o Sr. Luiz sabia de cor o que tinha naquelas caixas, que estavam na biblioteca, mas esse espaço estava em reforma, sendo, portanto, inacessível para pesquisa. Como a biblioteca não tinha data para ser reinaugurada, a funcionária sugeriu que eu enviasse um e-mail para o Sr. Luiz para perguntar se teria algo sobre Louise Bachelet.

Ao chegar no Museu do Mar, outra parada importante de minha pesquisa documental, a recepcionista Michele me informou que existia um arquivo do Museu do Mar, mas ele estava na biblioteca ainda interditada, pois, durante a pandemia, o acervo não recebeu os devidos cuidados necessários.

Em Florianópolis, recebi uma mensagem da secretária para contactar o Sr. Luiz, pois, segundo a Cris, ele é o maior conhecedor do Arquivo da cidade de São Francisco do Sul. Então, no dia 21 de novembro de 2022, recebi uma mensagem de uma funcionária da Secretaria de Turismo de São Francisco do Sul, dizendo ter “uma peça para o teu quebra-cabeça”.

No dia 23 de novembro de 2022, já em Florianópolis, recebi um e-mail do Museu da Imigração de Joinville, pedindo para que eu preenchesse um formulário intitulado “Solicitação de Pesquisa Externa” a fim de que eles fizessem uma pesquisa sobre Louise Bachelet em seus arquivos. No dia 24 de novembro, o Arquivo Público de Santa Catarina me enviou uma mensagem dizendo que “não consta nenhum brigue



que tinha saído de Desterro para Paranaguá, em 1842”, uma das perguntas respondidas pelo Arquivo que me fiz depois de acessar tantos livros e tantos documentos.

No dia 24 de novembro de 2022, meu visto para a França saiu e tive a certeza de que poderia procurar rastros de Louise Bachelet na França. No dia 26 de novembro, procurei no site da hemeroteca estadual de Santa Catarina, mas, infelizmente, nos Relatórios de Governo, que estão disponíveis em pdf dos anos de 1842, de 1843 e de 1844, anos em que a Colônia do Saí existiu, não há nada sobre Dr. Mure ou sobre Louise Bachelet.

No dia 28 de novembro de 2022, recebi duas respostas da Hemeroteca Estadual de Santa Catarina. Ambos os e-mails diziam que Louise Bachelet havia sido mencionada na notícia do Primeiro Movimento Socialista Catarinense de Blumenau: Cadernos (de 1957 a 1998). O documento está disponível no Arquivo Público da cidade de Blumenau.

No dia 8 de dezembro de 2022, recebi um e-mail da equipe de pesquisa do Museu Nacional de Imigração e Colonização, dizendo que “não foram localizadas as informações e os documentos sobre Louise Bachelet, conforme indicado em seu formulário de solicitação de pesquisa”.

No dia 9 de dezembro de 2022, recebi uma mensagem do Jonatas, funcionário do Museu do Mar de São Francisco do Sul, que disse: “aqui temos a lista de imigrantes montada a partir de arquivos do Arquivo Histórico de Joinville.” Infelizmente, essa lista abarca apenas os períodos de 1851-1891 e de 1897-1902 e ele me informou também que o Museu foi fechado novamente para acesso do público interessado.

Assim, minhas hipóteses se confirmaram: na verdade, Benoit Mure não foi para o Saí, que hoje pertence à cidade de São Francisco do Sul, só para criar o Falanstério, já que ele fundou o Instituto Homeopático de Saí em 1842, ou seja, ele criou o Falanstério e o Instituto ao mesmo tempo. Até então, só não havia descoberto ainda o motivo pelo qual ele não divulgou o Instituto e só divulgou o Falanstério, o próprio livro menciona muitos aspectos da natureza, mas nada sobre o Instituto. Foi o site da Farmácia Bento Mure, que fica na minha terra natal, São Paulo, na Rua Olavo Egídio, que divulgou a informação abaixo:

Em 1842, funda o Instituto Homeopático de Saí no Brasil. Inspirado pelo socialismo utópico de Charles Fourier, Mure também criou um

Falanstério próximo à São Francisco do Sul (Falanstério do Saí ou Colônia Industrial do Saí), e em 1840, motivo este pelo qual veio ao Brasil.

Ainda sobre a vida de Mure, no artigo “O método de Emancipação chega ao Novo Mundo. O ensino Universal de Jacotot no Brasil” (1840-1848), Benoît Mure é apresentado como um dos responsáveis por levar para o Brasil o Ensino Universal de Jacotot. Segundo o artigo escrito por Crislaine Santana Cruz e Silvana Aparecida Bretas:

Joseph Jacotot foi um consciencioso professor e leitor de literatura francesa na Universidade de Louvain que em 1818 experimentou uma aventura intelectual que se tornou a base fundamental de um método de ensino, baseado na emancipação intelectual que defendia a ideia de igualdade entre as inteligências das pessoas. Esse método ficou conhecido como Ensino Universal ou Método Jacotot e conviveu com diversas propostas pedagógicas quando a Sociedade Francesa lançava os alicerces da educação institucionalizada. (CRUZ; BRETAS, 2018, p. 2)

No mesmo site que disponibiliza o acesso ao artigo, encontrei uma *Lettre à M. le Dr. Molin, Rédacteur du « Journal de la doctrine hahnemanienne »* com acesso gratuito na biblioteca francesa Gallica, que foi publicada em 1840. A carta contém 17 páginas e mostra que, em 1840, Benoit Jules Mure já falava das descobertas no Novo Mundo pelos navegadores:

Quando uma Ciência, como a homeopatia, se faz aparecer no mundo, sua missão não é de recuar imediatamente pelas beiras do possível. A prática que começa a empregar os recursos da nova arte não vê se desmentir, à cada dia, as regras, que, até então, tinham presidido seu prognóstico. E os progressos incessantes, as descobertas que os felizes navegadores fazem à cada dia no novo mundo, cujo um Colombo científico lhes abriu o caminho, não param de crescer, de hora em hora, este campo maravilhoso, que a preguiça do espírito do dia a dia se obstina somente a não conhecer.<sup>3</sup> (MURE, 1840, p. 3)

Ali, encontrei muitas obras de Dr Mure escritas em francês, em inglês, em português e em italiano. Em português, encontrei a obra *A prática elementar da*

---

<sup>3</sup> Lorsqu'une Science, comme l'homéopathie fait son apparition dans le monde, sa mission n'est elle pas de reculer immédiatement les bornes du possible. Le praticien qui commence à employer les ressources du nouvel art ne voit-il pas se démentir, chaque jour, les règles qui, jusque là, avaient présidé à son pronostic. Et les progrès incessants, les découvertes que d'heureux navigateurs font chaque jour dans le nouveau monde, dont un Colomb scientifique leur a ouvert la route, n'agrandissent –ils pas, d'heure en heure, ce champ merveilleux, que la paresse de l'esprit routinier s'obstine seule à ne connaître.

*homeopatia pelo Doutor Mure ou conselhos clínicos*, publicada em 1856 pela editora Typographia Imp. E Const. De J. Villeneuve. Em francês, a obra *Le médecin du peuple... indiquant les moyens pratiques de traiter toutes les maladies selon les principes de l'homéopathie, par le Dr. Mure... revu, augmenté et mis en oeuvre par Sophie Liet*, publicada em 1883 pela editora J-B. Baillière et fils.

A obra *l'Homéopathie pure, exposé complet des connaissances nécessaires au traitement des malades... par le Dr. Mure ... revu, augmenté et mis en ordre par Sophie Liet* foi publicada em 1883, pela editora J-B Baillière, em Paris. Uma outra obra chamada *À Hahnemann, 10 août 1839*, publicada pela Impr. De Porthmann, sem data de publicação e a mesma obra agora publicada em 2013, pela Université Claude Bernard Lyon 1. A carta *Lettre à M. Le Dr. Molin, Rédacteur du "Journal de la doctrine hahnemaniennne"*, publicada em 1840 por Benoit Jules Mure, pela editora Impr. De L. Bouchard Huzard, em Paris. A obra *La Philosophie absolue, par le Dr. Mure. Revu et mis au courant de la science actuelle par Sophie Liet*, dos autores Benoit Jules Mure e Sophie Liet, pela editora Librairie Moderne, publicada em 1884.

A obra *Résumé d'Anatomie et de physiologie, pour servir à l'intelligence du « médecin du peuple » et de « l'homéopathie pure » par le Dr. Mure*, de Benoit Jules Mure, Sophie Liet e VVE éditeur scientifique, publicada em 1883, pela editora J. B-Baillière et fils, em Paris. A obra *Doctrine de l'école de Rio de Janeiro et Pathogénésie brésilienne, contenant une exposition méthodique de l'homéopathie, la loi fondamentale du dynamisme vital, la théorie des doses et des maladies chroniques, les machines pharmaceutiques, l'algèbre symptomatologique, la classification philosophique des espèces médicinales, et 36 expériences pures...*, de Benoit Jules Mure foi publicada em Paris, pela editora Forgotten Book, em 2022.

Em inglês, o livro *Materia medica*, publicado pela editora Nabu Press, em 2010. A obra *Dr. B. Mure's Materia Medica, or, Provings of the principal animal and vegetable poisons of the Brazilian Empire*, pela editora Wrardde, em Nova York, no ano de 1854, os autores foram Benoit Jules Mure e Julius Hempel e a obra *The enthusiasm of homoeopathy with the story of a great enthusiast*, por Benoit Jules Mure e John Henry Clarke, pela editora Homoeopathie Pub. Co, em Londres, no ano de 1907.

Diante disso, questiono-me a razão pela qual uma editora de Londres reimprimiu o livro *Doctrine de l'école de Rio de Janeiro* em francês. A única coisa que Benoit Jules Mure escreveu foi uma carta antes de partir para o Brasil, publicada em

1840. Isso me leva a crer que ele tinha vontade de fazer como os navegadores, ou seja: descobrir o que tinha no Novo Mundo. Por isso há uma hipótese de que sua ida ao Brasil não tenha sido apenas para criar um Falanstério no Sahy, mas também para descobrir o que o site do Instituto de Homeopatia Benoit Mure diz:

É imperativo reconhecer que também Mure contribuiu significativamente com seus estudos da fauna e da flora de nosso país, inclusive indo para além do que uma simples catalogação farmacodinâmica e farmacognósica. Estuda, além dos efeitos medicinais e de indicações terapêuticas das substâncias obtidas da medicina indígena e popular, dirige e coordena a apresentação de medicamentos, inéditos, crendo na prodigalidade de uma natureza generosa que oferecem meios curativos localizados próximo dos povos que deles os necessitam.

Descartei a hipótese de Sophie Liet ter escrito o livro *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, pois Benoit Jules Mure a conheceu apenas em 1851 quando estava em Marselha, ou seja, após sua viagem ao Brasil. Segundo o site de Robert Séror (2005):

Por um lado livre de sua clientela que lhe tinha rendido 5000 francos, Benoit Mure foi para Marseille por volta de 1851. Nesta época, uma pessoa entrou na sua vida, foi Madame Liet, cujo nome de solteira era Sophie Lemaire, sobrinha de M. Lemaire, membro do Corpo Legislativo e do Instituto da França.<sup>4</sup>

Entre o dia 24 e 31 de janeiro de 2023 mais alguns *Archives* responderam que não encontraram nada sobre Louise Bachelet: o de Paris, o de Toulouse, o de Nantes e o de Puy de Dome e de Limoges. E, em fevereiro e março, mais alguns arquivos responderam: o de Caen, o de Orléans, o de Alsace e o de Châlons-en-Champagne.

Em meu retorno ao Brasil, fui à biblioteca central e pesquisei, nos livros de imigração alemã, se havia algum título sobre a Ilha do Sahy ou sobre São Francisco do Sul. Em seguida, pesquisei autores que falam sobre o *lithium*, sobre a memória da água e sobre a homeopatia. Nos dias que se seguiram, procurei a biografia do Dr. Benoit Jules Mure que já havia feito nos meses anteriores e pesquisei três autores que falavam de Dr. Benoit Jules Mure. Após esse momento, pesquisei a biografia de *Christian Friedrich Samuel Hahnemann* e elaborei uma biografia dele com o auxílio

---

<sup>4</sup> Libre du côté de sa clientèle qu'on lui avait reprise pour 5000 francs, Benoit Mure s'achemina donc en 1851 vers Marseille. À cette époque une personne s'associa é traitement à sa vie, ce fut Mme Liet, née Sophie Lemaire, nièce de M. Lemaire, membre du Corps Législatif et de l'Institut de France.

de mais três autores. Por fim, realizei uma pesquisa sobre o curso de homeopatia que o Dr. Benoit Jules Mure fez com o *Christian Friedrich Samuel Hahnemann* e tentei encontrar três autores para tal discussão. Nessa busca na citada biblioteca, encontrei sete livros sobre São Francisco do Sul, dois livros sobre a água, 12 livros sobre homeopatia e, das outras temáticas, não encontrei nenhum livro.

No próximo capítulo desta tese, discorro sobre Louise Bachelet: o Falanstério do Brasil: relato de viagem e utopias imaginadas; Bachelet na imprensa brasileira e na imprensa francesa; percurso do livro: *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*. A obra: *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*: o relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*; índices morfológicos (Paratextos) do Relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*; versão e tradução do Relato de viagens *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*; breve historiografia de Falanstério do Sahy; elementos da geografia literária e ecotradução.

## **2 LOUISE BACHELET E PHALANSTÈRE DU BRÉSIL: VOYAGE DANS L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE**

### **2.1 LOUISE BACHELET**

Segundo as fontes consultadas, Louise Bachelet transitou por Santa Catarina, como viajante, em julho de 1842. É sabido, no entanto, que muitos outros franceses também percorreram o Brasil. No século XVI, por exemplo, Binot Paulmier de Gonneville, que andou por Santa Catarina. No século XVII, Claude d'Abbeville, Louis de Pezieu e Yves d'Evreux, que passaram pelo Maranhão. François Pyrad de Laval, Gabriel Dellon e Martins de Nantes passaram pela Bahia. Vincent Joachim Soler e Urbain Souchu de Rennefort cruzaram Pernambuco. Vincent le Blanc percorreu o Estado do Amazonas. No século XVIII, Amadée François Frezier passou pela Bahia e por Santa Catarina. Le Gentil la Barbinais percorreu a Bahia. Antoine Joseph Pernety e Galoup de La Pérouse transitaram por Santa Catarina. Charles-Nicolas Othon Nassau-Silgen, Jean de Léry, Nicolas Barré, Duplessis, Evariste Parny, François Vivez, Guillaume François Parscau, Joseph Dombey, Louis Antoine de Bougainville,

Louis Chancel de Lagrange, M. De La Flotte, Nicolas Louis de La Caille, René Courte de La Blanchardiere e René Duguay-Trouin foram para o Rio de Janeiro.

As profissões desses franceses eram variadas: três eram engenheiros, dois eram médicos, nove eram navegadores, seis eram militares, quatro eram capuchinhos, um era aventureiro, um era cirurgião, um era missionário, um era naturalista, um era comerciante, um era marinheiro, um era astrônomo, um era abade e um era pastor (FRANÇA, 2012, p. 287-291).

A biografia de Bachelet não foi encontrada até o presente momento em que escrevo esta tese. Assim, eu mesma tentei organizá-la por meio de pesquisas online. No entanto, apenas em dois sites há informações sobre ela, informações que podem ser alteradas por qualquer pessoa. O site é: [www.familysearch.org](http://www.familysearch.org). Nele, há informações sobre ela e sobre seu marido. O site mostra que Bachelet nasceu no dia 4 de janeiro de 1788 em Saint-Christophe-em-Brionnais, Saône-et-Loire na região de Bourgogne (França) e que se casou com François Pegon no dia 28 de fevereiro de 1810 em Saint-Christophe-em-Brionnais. François Pegon nasceu em Saint-Symphorien d'Anelles, em Saône et Loire, na mesma região de Louise Bachelet. Ele era marechal e seus pais se chamavam Benoit Pegon e Claudine Ducray.

Outra possibilidade sobre a vida de Louise Bachelet aparece no site genealogia da família Bachelet, que explica a etimologia do sobrenome, além de falar sobre a aldeia de Chassagne-montrachet e suas vinhas e também sobre a família Bachelet. Na parte que fala sobre a família Bachelet, há duas "Louises". Uma Louise que está na árvore de Jean Bachelet, que nasceu em 21 de janeiro de 1760 e morreu em 23 de dezembro de 1839 em Chassagne. Tudo indica que ela era filha de Philibert Girard e de Madeleine Adam. E a outra Louise está ligada a Joseph Bachelet Beaut, mas ela nasceu em 1846, por isso não é a mesma que escreveu o relato e foi publicado em 1842. Segundo o site:

Em meados do século XV foi erigida uma paróquia sob o patrocínio de São Marcos, em torno do qual se desenvolveu uma população incipiente que finalmente deu origem à cidade de Chassagne, na qual surgiram vários Bacheletas em cargos administrativos e religiosos. Assim, em 1805, Marc Joseph Bachelet, em Chassagne, foi nomeado cura do lugar para substituir M. Noiret na Administração da paróquia, cargo que ocupou até sua morte em 1825. Por sua vez, Dom Jean Bachelet, irmão do mencionado, foi prefeito do lugar entre 1815 e 1827 e coube a ele executar as últimas providências de seu irmão, que consistiam no estabelecimento de três irmãos de São Vicente de Paulo para a visita dos doentes e a instrução das crianças da paróquia, trabalho que perdura até hoje. Em 1827 foi erguido um monumento em

memória do abade Bachelet, que se encontra sobre a nave, no banco pertencente à sua família”. Muitos membros da família se profissionalizaram como viticultores e um deles decidiu tentar a sorte no Chile.

Conforme apresentado na Introdução desta tese, não precisei ir pessoalmente até essa cidadezinha para poder pesquisar se realmente a Louise que eles citam é a mesma Louise que escreveu o relato e desvendar se ela é a mesma que pertence à árvore da família Bachelet no Chile, cuja personagem é a ex-presidenta chilena Verónica Michelle Bachelet e seu pai Alberto Bachelet, pois o Arquivo Público da Diocese me confirmou que a única Bachelet tinha 25 anos em 1842.

Roland Barthes escreveu um texto chamado “A morte do autor” localizado no livro *O Rumor da Língua* (2004). Para ele, quando se olha um texto, o autor morre e o leitor nasce:

Assim se revela o ser total da escrita: um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se tem dito até aqui, é o leitor: o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. É por isso que é irrelevante ouvir condenar a nova escrita em nome de um humanismo que se faz hipocritamente passar por defensor dos direitos do leitor. O leitor, a crítica clássica nunca dele se ocupou; 'para ela, não há na literatura qualquer outro homem para além daquele que escreve. Começamos hoje a deixar de nos iludir com essa espécie de antífrases pelas quais a boa sociedade recrimina soberbamente em favor daquilo que precisamente põe de parte, ignora, sufoca ou destrói; sabemos que, para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor. (BARTHES, 2004, p. 4)

Concordo com Barthes, pois no caso de *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l'Amérique Méridionale*, a multiplicidade do texto nasce no leitor, mesmo nas obras que são assinadas. Já Gérard Genette explicou o que é um pseudônimo, ou seja, aquele que usa um outro nome que não seja o dele:

O uso do nome fictício, ou pseudônimo, há muito tempo tem fascinado os amadores e embaraçado os profissionais – falo aqui sobretudo dos bibliógrafos -, sem que embaraço e fascinação sejam mutuamente exclusivos, muito ao contrário. Daí certa proliferação de comentários que, por sorte, não nos concernem a todos. Sem dúvida, é conveniente primeiramente situar o pseudonimato entre o conjunto mais vasto das práticas que consistem em não inscrever na frente de um livro o nome legal de seu autor (é esse conjunto que os bibliógrafos clássicos chamavam simplesmente “pseudônimo”). (GENETTE, 2009, p. 47)

Concordo com Genette no caso do livro aqui estudado, pois seu prefácio sugere que eles se reuniram para publicar uma carta de outra pessoa, mas o livro é assinado por Louise Bachelet. Todavia, quando fui fazer uma pesquisa *in locu*, descobri uma única Louise Bachelet na França, e esta teria 25 anos em 1842, ou seja, é muito difícil que uma jovem de 15 anos tenha feito uma viagem para tão longe e com tantas paradas. Genette também fala sobre o efeito que o pseudônimo produz no leitor e sobre efeito-pseudônimo:

O que nos interessa como elemento paratextual, independentemente se possível de toda e qualquer consideração de motivo ou de procedimento, é o *efeito* que a presença de um pseudônimo produz sobre o leitor, ou de modo mais comum sobre o público. Aqui, porém, convém distinguir entre o efeito de tal pseudônimo, que pode muito bem produzir-se em total ignorância do fato pseudonímico, e o *efeito-pseudônimo*, que depende, ao contrário, de uma informação sobre o fato. (GENETTE, 2009, p. 48)

Continuo de acordo com Genette, pois em *Phalanstère du Brésil* há um efeito-pseudônimo, já que é necessário descobrir uma informação sobre o fato, no caso se existiu ou não um Falanstério no Distrito do Saí. De acordo com Genette (2009, p. 49): “o efeito-pseudônimo pressupõe que o leitor conheça o fato pseudônimo”. Após pesquisas sobre a existência do Falanstério do Sahy em diferentes áreas e cartas do Dr. Benoit Jules Mure (administrador do Falanstério do Sahy), essas cartas foram enviadas para as autoridades da época (entre 1842 e 1844), e elas estão guardadas no Arquivo de Joinville (Santa Catarina), descobri que realmente existiu um falanstério, chamado “Falanstério do Saí”.

### 2.1.1 O Falanstério do Brasil: relato de viagem e utopias imaginadas

Bachelet descreve, na maior parte do tempo, em seu relato, tudo que vê: as atitudes das pessoas, as suas próprias atitudes, a natureza e os lugares. Além disso, algumas vezes ela narra, em primeira pessoa, explicando todos os detalhes que está vendo ou vivendo.

A natureza é descrita pela autora da seguinte maneira:

A gente escuta a seus pés o barulho das cascatas do rio, que parecem chamar a indústria europeia; a alguns quilômetros de si, a gente tem uma cadeia paralela que sinaliza o norte da planície do pequeno Sahy e separa



ela do grande Sahy; mais longe, à direita, a gente percebe no horizonte o rio longe do Oceano, e no meio da imensa planície o bosque que se estende sob os olhos, sobe uma colina de forma elíptica que parece ser colocada ali como o pedestal de um imenso monumento, um traço visível a olho nu mostra que o caminho é interrompido das cascatas até ali (BACHELET, 1842, p.12).<sup>5</sup>

Já os lugares são descritos da seguinte forma:

A casa Picot é um lugar para descansar construída na entrada dos bosques intactos. Foi necessário pegar um ponto de apoio antes de atacar essa natureza gigantesca, diante daquela em que o homem sente profundamente sua falta de poder. Então, a gente semeou um campo nesta fronteira das florestas, e hoje depois de uma colheita satisfatória, a gente plantou uma colheita pela segunda vez (BACHELET, 1842, p. 11).<sup>6</sup>

Além disso, todos os cantos que ela ouve faz questão de descrever:

Se eu fosse um dia, um único dia.  
 O Deus que no Sahy a gente implora,  
 Sob minha justiça, antes da aurora,  
 Todo rei empalideceria na sua corte.  
 Para os colonos todo meu amor,  
 Eu saberia, enganando os oráculos,  
 Milagres semear os passos deles,  
 Eles mereceram milagres,  
 Apressemos-nos, a honra está lá (BIS)  
 (BACHELET, 1842, p. 18).<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> On entend à ses pieds le bruit des cascades de la rivière, qui semblent appeler l'industrie européenne ; à quelques lieues de soi, on a une chaîne parallèle qui borne au nord la plaine du petit Sahy et la sépare de celle du grand Sahy ; plus loin, à droite, on aperçoit à l'horizon la rive lointaine de l'Océan, et au milieu de la vaste plaine boisée qui s'étend sous vos regards, s'élève une colline de forme elliptique qui paraît être placée là comme le piédestal d'un immense monument ; une tracée visible à l'oeuil montre que le chemin est frayé depuis les cascades jusque là.

<sup>6</sup> La maison Picot est une halte faite à l'entrée des bois vierges. Il a bien fallu prendre un point d'appui avant d'attaquer cette nature gigantesque, devant laquelle l'homme sent profondément son impuissance. On a donc semé un champ sur cette lisière des forêts, et aujourd'hui après une récolte satisfaisante, on le sème une seconde fois.

<sup>7</sup> Si j'étais un jour, un seul  
 jour Le Dieu qu'au Sahy  
 l'on implore Sous ma  
 justice, avant l'aurore, Tout  
 roi pâlerait dans sa cours.  
 Pour les colons tout mon  
 amour, Je saurais,  
 trompant les oracles, De  
 miracles semer leurs pas,

Muitas vezes a autora faz perguntas ao leitor e outras vezes faz perguntas a si mesma. A indignação é bem marcada através da figura de linguagem exclamação, que, segundo Sebastião Cherubim (1989, p. 35): “é a expressão de um sentimento surpreso e comovido”: “Ah! Se essas linhas caíssem sob seus olhos, pode ser que elas poderiam inspirar ainda um hino, que sente uma ação generosa. Mas que tentação para esta alma generosa”<sup>8</sup> (BACHELET, 1842, p. 19).

A metáfora para Cherubim (1989, p. 44): “é a figura de linguagem em que se dá a substituição da significação natural de uma palavra por outra em virtude de uma relação de semelhança subentendida”: “Não parem, formigas trabalhadoras, novas colmeias chegam até vocês, esteja no nível de sua missão”<sup>9</sup>. (BACHELET, 1842, p. 16).

E, por fim, parece que ela faz orações na hora que acontece algo:

Abençoe, ó meu Deus, os trabalhos de seus homens devotados que vem justificar a sabedoria da sua obra santa! Em vão, toda época, grita que a esperança é loucura, o devotamento uma decepção, eles têm confiança em você, ó meu Deus, eles acreditam na mudança do mundo, e testemunham da fé deles para as obras (BACHELET, 1842, p. 13).<sup>10</sup>

Para encerrar o relato, ela escreve de maneira poética:

Como uma meiga mãe, seguirei com amor os desenvolvimentos do germe sagrado, sofrerei com suas punições, me exaltarei pela sua vida, e se algum furacão repentino vier quebrar seu caule delicado, ó! Então, eu não teria mais nada para pedir ao mundo, apenas alguns pés de terra para descansar nos lugares onde teriam apodrecidos todas as minhas esperanças (BACHELET, 1842, p. 20).<sup>11</sup>

---

Ils ont mérité des miracles,  
Hâtons-nous, l'honneur est  
là bas (BIS)

<sup>8</sup> “Ah! Si ces lignes tombaient sous ses yeux, peut être pourraient-elles lui inspirer encore un hymne, qui sent une action généreuse ».

<sup>9</sup> “Ne vous arrêtez pas, fourmis laborieuses, de nouveaux essaims, vous arrivent.”

<sup>10</sup> Bénissez, ô mon Dieu, les travaux de ses hommes dévoués qui viennent justifier la sagesse de votre oeuvre sainte! En vain, toute l'époque leur crie que l'espérance est folie, le dévouement une déception, ils ont confiance en vous, ô mon Dieu, ils croient à la régénération du monde, et ils témoignent de leur foi par leurs oeuvres.

<sup>11</sup> Comme une tendre mère, je suivrais avec amour les développements du germe sacré, je souffrirai de ses peines, je m'exalterai de sa vie, et si quelqu'ouragan imprévu venait briser sa tige délicate, oh ! Alors, je n'aurais plus rien à demander au monde, que quelques pieds de terre pour reposer aux lieux où auraient péri toutes mes espérances.

Enfim, essas são as minhas observações sobre o estilo do texto. Para falar sobre o discurso do referido texto, Bachelet inicia o seu relato com o título "*Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*". O prefácio provavelmente foi escrito por outra pessoa, pois o relato diz: "a pessoa que escreveu a carta com tanto amor e gosto nos perdoará, em favor da nossa causa que também é a sua, e que acreditamos prestar um bom serviço à ela, ao fazer todos conhecerem esta magnífica narração que esta pessoa só se dirigia a alguns."<sup>12</sup> (BACHELET, 1842, p. 3), mas não se sabe quem escreveu, pois, a pessoa não a assinou.

Ao iniciar o relato, ela conta suas impressões sobre a América hispânica. O relato diz:

O grito horrível, morte aos selvagens unitários, quase sempre seguido de alguma execução sangrenta já soava nas minhas orelhas. Colocar o retrato de Rosas nos meus cabelos, me inclinar diante desta imagem detestada nas igrejas acima das de Cristo, todo esse elo de horrores extravagantes que talvez seguiria um massacre universal de todos os franceses moradores de Montevidéo, me inspirava um vivo desejo de deixar enfim esta cidade, e pensava em me juntar a alguma caravana de viajantes que iam ao Paraguai, para de lá atravessar a América do Sul, e ir para o Chile e para o Peru (BACHELET, 1842, p. 13).<sup>13</sup>

E só então parte para o norte do interior de Santa Catarina: "Eu soube que no norte do interior de Santa Catarina, na quase ilha do Sahy, acabava de se instalar uma colônia falansteriana sob a direção do dr. Mure. (BACHELET, 1842, p. 6)."<sup>14 15</sup>

As notícias sobre o Paraguai eram muito boas, todos elogiavam esse país, mas a sua vontade de conhecer o Peru também tinha que ser levada em conta, pois, pelo que ela tinha ouvido falar, não tinha miséria naquele país, mas, neste meio tempo, Louise soube que, no interior de Santa Catarina, acabava de ser criada uma colônia

<sup>12</sup> La personne qui l'a écrite avec tant de coeur et de goût nous pardonnera, en faveur de notre cause qui est la sienne, et que nous croyons bien servir en cela, de faire connaître à tous cette magnifique narration qu'elle n'adressait qu'à quelques-uns.

<sup>13</sup> L'horrible cri, *mort aux sauvages unitaires*, presque toujours suivi de quelque exécution sanglante retentissait déjà à mes oreilles. Placer le portrait de Rosas dans mes cheveux, m'incliner devant cette image détestée qu'on promène dans les rues, la voir placée dans les églises au-dessus de celles du Christ, tout cet enchaînement de burlesques horreurs que peut-être suivrait un massacre universel de tous les français résidants à Monte-Video, m'inspirait un vif désir de quitter enfin cette ville, et je pensais à me joindre à quelque caravane de voyageurs qui se rendraient au Paraguay, pour de là traverser l'Amérique du sud, et me rendre au Chili et au Pérou.

<sup>14</sup> J'appris que dans le nord de la province de Sainte-Catherine, dans la presqu'île du Sahy, venait de s'établir sous la direction du docteur Mure, une colonie phalanstérienne.

<sup>15</sup> Cet accueil inespéré, ces accents si doux et si purs, la vue de cette terre qui réveillait en moi mille pensées tumultueuses, m'arrachèrent des larmes involontaires, et me causèrent la plus ravissante des émotions. Je baisai le sable de la plage, et si plusieurs dames accourues ne m'avaient reçue dans leurs bras, et secourue, l'excès de la joie m'aurait sans doute ôté l'usage de mes sens.

falansteriana e quem a dirigia era o Dr. Mure. Por isso, não demorou muito para que ela contasse aos seus amigos sobre a colônia e partisse, mas seus amigos fizeram de tudo para que ela mudasse de ideia e, além disso, um de seus amigos, que era jornalista, não se mostrava contente com as ideias falansterianas. Diz o relato:

Fiquei espantada com a frieza de um jornalista falansteriano que eu tinha encontrado em Montevidéo, e que eu acreditava repleto de um fogo inatingível; ah! O ministério do papa tinha feito ele perder seu brilho diante dos interesses de um pequeno negócio. A ideia falansteriana tinha tomado uma paixão inacreditável para o comércio mentiroso, e não mostrou a mínima simpatia para a impressionante manifestação do Sahy. (BACHELET, 1842, p. 7).<sup>16</sup>

Mesmo assim, ninguém conseguiu convencê-la de ficar e, sozinha, ela partiu e chegou em Santa Catarina sem nenhuma companhia. Foi no mês de julho que tudo isso aconteceu e rapidamente ela foi se apresentar ao Sr. Mafra, que, ao escutar seus argumentos, providenciou seu embarque em um brigue chamado *Desterro*, que passaria pela quase ilha do Sahy. Bachelet se desloca muito, o relato não apresenta de onde ela partiu, uma vez que ela começa seu relato falando sobre a América Espanhola:

Eu estava cheia da América Espanhola. Os gritos de morte dos satélites de Rosas, as cenas de carniceira que tinha visto, me causavam um horror profundo. Ah, não foi isso que eu tinha vindo procurar no Novo- Mundo! Montevidéo é verdade, me proporcionava dias mais tranquilos e a numerosa população francesa que desembarcava me mostrava a circunstância ideal para reencontrar mais facilmente as lembranças e a língua da pátria.<sup>17</sup>(BACHELET, 1842, p. 3).

Apenas no dia seguinte Louise avistava a terra do futuro, pois, na cabeça dela, as ideias de Fourier eram ideias visionárias e a terra da mudança, na medida em que aquela terra com certeza mudaria a vida daqueles que nela estavam, que nela estariam e que dela ouviriam falar. Mesmo o brigue tendo lançado um canhão, este não assustou os colonos que na praia a esperavam cantando.

---

<sup>16</sup> Je fus même stupéfaite de la froideur d'un journaliste phalanstérien que j'avais rencontré à Monte-Video, et que je croyais plein d'un feu inextinguible; hélas! L'apostolat avait pâli devant les intérêts d'un petit négoce. La sommité phalanstérienne s'était prise d'une passion incroyable pour le commerce mensonger, et ne montra pas la moindre sympathie pour l'éblouissante manifestation du Sahy.

<sup>17</sup> J'étais lasse de l'Amérique espagnole. Les cris de mort des satellites de Rosas, les scènes de carnage que j'avais vues, m'inspiraient une profonde horreur. Hélas, ce n'est point là ce que j'étais venu chercher au Nouveau-Monde! Monte-Video, il est vrai, m'offrait un séjour plus tranquille, et la nombreuse population française qui y afflue me donnait l'occasion d'y retrouver plus facilement les souvenirs et la langue de la patrie.

Louise não esperava a recepção que a acolhia e tudo indica que não eram franceses de uma mesma região que estavam lá no Sahy, mas talvez de toda a França e de países francófonos, pois ela escreve que os sotaques eram puros e doces e que não consegue descrever o encontro daqueles que tinham o mesmo ideal. Após ser super bem recebida pelos seus anfitriões e suas anfitriãs, ao se ver só, ela se questiona muito, um dos únicos momentos em que as mulheres aparecem no relato é quando chega à praia. O relato diz:

Esta recepção inesperada, esses sotaques tão doces e tão puros, a vista desta terra que despertava em mim mil pensamentos tumultuados, me arrancaram lágrimas involuntárias, e me causaram a mais intensa das emoções. Eu beijei a areia da praia, e se várias damas não tivessem vindo correndo e me recebendo nos braços delas, e socorrida, o excesso de alegria teria tirado sem dúvida o uso dos meus sentidos <sup>18</sup>(BACHELET, 1842, p. 8).

Qual era o papel das mulheres no falanstério? Onde elas estavam? Aqui é o outro momento em que a mulher aparece, pois a palavra “família” está presente, o livro dá a entender que a família era composta por uma esposa, filhos e um marido. O relato diz: “Eu fui igualmente festejada, hospedada, questionada pelos trabalhadores da casa Picot. Passei o resto do dia na casa da família do Sr. Mangin, e no dia seguinte parti para o interior do Sahy acompanhada por ele.” <sup>19</sup> <sup>20</sup> (BACHELET, 1842, p. 12). No dia seguinte, Louise descobre o que deve fazer para ficar na colônia e sua vontade de apenas observar, não incomoda ninguém.

Primeiro, ela fica se perguntando: como será que a colônia é administrada? E se coloca como observadora e não como alguém que deseja ser chefe de alguém ou de algo. Ao descrever as tarefas de cada grupo, ela explica que todos têm uma ocupação. O relato diz:

Todos meus amigos da véspera estavam ocupados, cada um à sua maneira, mas logo almoço simples nos reuniu. Eu peguei as informações que eram necessárias para minha instalação; fiquei sabendo quais eram as formalidades exigidas para minha inscrição nos cargos da colônia falansterialiana, e em seguida cada um voltando para suas tarefas, me deixou

---

<sup>18</sup> Cet accueil inespéré, ces accens si doux et si purs, la vue de cette terre qui réveillait en moi mille pensées tumultueuses, m'arrachèrent des larmes involontaires, et me causèrent la plus ravissante des émotions. Je baisai le sable de la plage, et si plusieurs dames accourues ne m'avaient reçue dans leurs bras, et secourue, l'excès de la joie m'aurait sans doute ôté l'usage de mes sens.

<sup>19</sup> « Je fus également fêtée, hébergée, questionnée par les travailleurs de la maison Picot. J'y passai le reste de la journée dans la famille de M. Mangin, et le lendemain je partis accompagnée par lui pour l'intérieur du Sahy ».

<sup>20</sup> Je m'approchai pour complimenter le chanteur, M. Mazure, chef d'un groupe d'agriculture qui a défriché cinq ou six hectares de terre à ce point du Sahy, et qui s'occupait à les ensemercer. Il pense même que la récolte sera pour la réception des frères que nous attendons.

com liberdade para que eu fizesse como eu quisesse minhas observações.<sup>21</sup> (BACHELET, 1842, p. 9).

E deixa claro que a propriedade foi adquirida pelo Dr. Mure, o fundador da colônia, e explica a importância do conhecimento sobre indústria agrícola do Sr. Trubert e conta que ele veio do norte da França. Em seguida, ela desenvolve seu percurso para conhecer os arredores da colônia, fala um pouco sobre a primeira casa que o fundador construiu, passa pelo caminho Buchlé, este nome é dado pela pessoa que ajudou muito, quando se fala de madeira. Bachelet, em suas reflexões, afirma que um dia todos saberão a história do primeiro falanstério no Brasil e a existência da colônia do Sahy, pois esta não teria existido sem a construção do primeiro falanstério no Brasil, o falanstério do Sahy. O relato diz:

Um dia, a gente escreverá a história do primeiro falanstério, e as pessoas saberão o que o Brasil e a humanidade devem a ele. Sem ele, nunca teria existido a colônia do Sahy, e embora prevenções legítimas parecerem proibir ele ao papel de protetor que ele aceitou, deu tudo errado, diante de uma bela ação para se fazer. Sr. Picot é redator chefe do Journal du Commerce de Rio de Janeiro. Que modelo para os jornalistas parisienses cujo o mal quis matar Fourier ! Que vergonha! Viver para os chatos e para os covardes do que para um homem honesto e corajoso, e de boa conduta.<sup>22</sup> (BACHELET, 1842, p. 11).

Louise chegou à casa de Picot, a casa leva este nome também porque foi ele a pessoa que auxiliou muito no processo de colonização daquele lugar, e também porque o sr. Picot é chefe de redação de um jornal importante chamado Journal du Commerce do Rio de Janeiro.

Além disso, Louise conta que a casa é um lugar de descanso, já que um campo foi semeado lá perto e também há uma padaria que é responsável pelo pão de cada dia da colônia, ou seja: nada mais justo para aqueles que têm a função de ajudar na padaria e trabalham na colheita de terem um lugar para descansar junto com aqueles que por algum motivo não puderam se acomodar no Sahy.

---

<sup>21</sup> Tous mes amis de la veille étaient occupés chacun de son côté, mais bientôt un modeste déjeuner nous réunit. J'y pris les informations qui m'étaient nécessaires pour mon établissement; j'appris les formalités exigées pour mon inscription dans les cadres de la colonie phalanstérienne, et bientôt chacun retournant à ses occupations me laisse la liberté que je désirais pour faire mes premières observations.

<sup>22</sup> Un jour, on écrira l'histoire du premier phalanstère, et l'on saura ce que le Brésil et l'humanité lui doivent. Sans lui, jamais il n'y aurait eu de colonie du Sahy, et bien que des préventions légitimes semblaient lui interdire le rôle de protecteur qu'il a accepté, tout s'est tu devant une belle action à faire. M. Picot est rédacteur en Chef du Journal du Commerce de Rio de Janeiro. Quel modèle pour les journalistes parisienses dont le mauvais vouloir a tué Fourier! Quel reproche vivant pour les méchants et les lâches, que la conduite d'un homme honnête et courageux.

Louise conta que também foi muito bem recebida na casa Picot, que pôde passar o dia com a família do sr. Mangin e que apenas no dia seguinte em companhia do sr. Mangin pôde conhecer o restante do interior do Sahy. Ele, engenheiro, pôde abrir caminhos, fazer trilhas, construir pontes, ou seja, o falanstério podia contar com o conhecimento de um engenheiro. Sem ele, tudo teria sido mais difícil.

A autora descreve todos os detalhes que seus olhos podem alcançar quando se fala de natureza, o que indica que seu deslumbramento foi único e, ao chegarem no pico de uma montanha, havia um imenso espaço sendo capinado. O sr. Mangin conta por que seria lá o primeiro falanstério a ser construído, isso quer dizer que apesar de já existir duas casas, ainda não é o que eles esperavam, eles almejavam uma casa muito maior. Após andarem dez minutos, foram parar no pequeno Sahy e lá havia uma choupana construída pelo fundador na primeira vez que descobriu o lugar, ou seja, explica que, a cada lugar descoberto, um abrigo era construído.

Sr. Mangin conta que uma barragem estava sendo construída a fim de fazer com que os colonos fossem do pequeno Sahy até o mar e assim melhorar a comunicação e o comércio deles com os outros. O relato diz:

Imensos trabalhos foram começados um pouco mais altos para uma barragem que deve tornar o pequeno Sahy navegável até o mar. Este belo trabalho estará sem dúvida acabado durante este ano, e então, de todos os pontos desta planície fértil, os grupos agrícolas poderão enviar os produtos deles para os brechós e para o mar.<sup>23</sup> (BACHELET, 1842, p. 14).

Louise foi ver de perto como era essa barragem, mas parou de repente ao escutar um canto que não era estranho. Após prestar mais atenção, percebeu que era um dos cantos de Béranger e, ao se aproximar do cantor, conheceu o sr. Mazure, que cantava enquanto semeava. O relato diz:

Mas enquanto que eu examinava os pesados telhados e as barragens de alvenaria, um alegre canto chegou até mim, e mais curiosa das impressões Morais, que das considerações industriais, esqueci a comporta e a barragem para escutar a música imitada que transcrevo aqui de Béranger, e que os

---

<sup>23</sup> D'immenses travaux ont été commencés un peu plus haut pour un barrage qui doit rendre le petit Sahy navigable jusqu'à la mer. Ce beau travail sera sans doute achevé dans le courant de cette année, et alors, de tous les points de cette plaine fertile, les groupes agricoles pourront envoyer leurs produits aux magasins sociaux et à la mer.

sentimentos estavam tão bem harmonizados com os lugares, os habitantes e objetivo que a gente persegue. <sup>24</sup>(BACHELET, 1842, p. 15).

Tinha muitas pessoas trabalhando, inclusive brasileiros. Me pergunto de que maneira os brasileiros e os franceses se comunicavam? Por mímica? Será que algum colono já sabia falar português ou será que os brasileiros sabiam falar francês?

Um segundo grupo forneceu para um grupo de dez colonos, vindos do norte da França, que chegavam, com a ajuda de alguns trabalhadores brasileiros, uma capinagem, que não terá menos que doze hectares e que promete recursos ainda mais abundantes. Não parem, formigas trabalhadoras, novas colmeias chegam até vocês, esteja no nível de sua missão, e que a divina abundância acolha em alguns meses os candidatos do primeiro falanstério! Mas com que vou me ocupar pobre mulher? <sup>25</sup>(BACHELET, 1842, p. 10).

Louise se sentia inútil perto deles e principalmente pela Europa saber o que estava acontecendo e não oferecer nenhuma ajuda. O único jornal que chegou até o Sahy foi a Phalange de Londres, notícia escrita por um francês. O relato diz:

O único jornal que tinha sido enviado para o Sahy é a Phalange de Londres, escrito pelo Sr. Doherty. O que fazem as mídias parisienses? Ó ! Que vergonha para nossa época, se ela não faz nada para uma tão bela empreitada, se ela esperar o sucesso para aplaudir e compreender a empreitada. Que vergonha sobretudo para os falanstérios se eles ficarem neutros nesta grande luta e não aparecerem no grande campo de batalha onde se encenará este momento futuro. <sup>26</sup>(BACHELET, 1842, p. 18)

Por que será que os franceses não enviavam notícias da França para o Sahy? Tudo indica que este falanstério não era benquisto pelos seguidores de Fourier, que permaneceram na França ou em países francófonos. Diante disso, por qual razão será que a autora interage apenas com os homens? Talvez porque ela tenha participado

---

<sup>24</sup> Mais pendant que j'examinais les pesantes charpentes et les digues en maçonnerie, un joyeux chant arriva jusqu'à moi, et plus curieuse d'impressions Morales, que de considérations industrielles, j'oubliai l'écluse et le barrage pour écouter la chanson imitée de Béranger que je transcri ici, et dont les sentiments étaient si bien en harmonie avec les lieux, les habitants et le but qu'on y poursuit.

<sup>25</sup> Un second groupe fourni par un groupe de dix colons vênus sur la Neustrie, poursuit, avec l'aide de quelques ouvriers brésiliens, um défrichement qui n'aura pas moins de douze hectares et qui promet des ressources encore plus abundantes. Ne vous arrêtez pas, fourmis laborieuses, de nouveaux essaims vous arrivent, soyez au niveau de votre mission, et que la divine abundance accueille dans quelques mois les candidats du premier phalanstère! Mais de quoi vais-je m'occuper, moi, pauvre femme?

<sup>26</sup>Le seul journal qui ait été envoyé au Sahy est la Phalange de Londres, rédigée par M. Doherty. Que font donc les presses parisiennes? Oh! Quelle honte pour notre époque, si elle ne fait rien pour une si belle entreprise, si elle attend le succès pour l'applaudir et la comprendre. Quelle honte surtout pour les phalanstériens s'ils restent neutre dans cette grande lutte et n'apparaissent pas sur le grand champ de bataille où se joue en ce moment l'avenir de l'humanité.



das atividades que os homens realizavam na parte externa do falanstério. Por que ela descreve apenas as tarefas executadas pelos homens? Por qual motivo, em nenhum momento, ela assistiu e participou das atividades internas do falanstério. Qual era, enfim, o papel do homem no século XIX? O papel do homem era o de viajar, de trabalhar, de pesquisar, de relatar e o de escrever. Há muitos exemplos disso no texto. Mostrarei apenas um deles, em que o relato diz:

Me aproximei para cumprimentar os cantos, Sr. Mazure, chefe de um grupo de agricultura que capinou cinco ou seis hectares de terra até este ponto do Sahy, e que tinha a função de colocar sementes. Ele pensa mesmo que a colheita será para a recepção dos irmãos que esperamos.<sup>27</sup> (BACHELET, 1842, p. 17).

A autora relata que os colonos que chegassem não poderiam esperar fartura, luxo e descanso, pois a vida lá era muito simples e descansar era algo que eles não faziam muito, mas ela tinha esperanças que logo em breve o Sahy ofereceria muito mais aos seus colonos e se despede com poesia, almejando que a teoria fixe raízes, cresça, floresça e se espalhe. E que deseja ser enterrada naquele lugar onde teve muitas esperanças.

### **2.1.2 O Falanstério do Brasil: relato de viagem e utopias imaginadas**

Na imprensa brasileira, foram encontrados dois artigos e um livro que citam a escritora. Os textos são encontrados no artigo “Trabalhadores viajantes do século XIX: utopias e reinvenções do mundo do trabalho”, publicado na Revista Morus:

A terceira experiência de viagem estudada por Gallo é o relato atribuído a Louise Bachelet, jornalista francesa e militante fourierista que teria viajado ao Uruguai para buscar informações sobre a disseminação das ideias do filósofo Charles Fourier na América do Sul. Informada da existência do falanstério do Saí, em Santa Catarina, fundado por operários franceses, ela parte em seguida para o Brasil e depois para o Paraguai. Em 1842, duas editoras parisienses publicam, ao mesmo tempo, a brochura *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*. (BERRIEL, 2010, p. 13)

---

<sup>27</sup>Je m'approchai pour complimenter le chanteur, M. Mazure, chef d'un groupe d'agriculture qui a défriché cinq ou six hectares de terre à ce point du Sahy, et qui s'occupait à les ensemercer. Il pense même que la récolte sera pour la réception des frères que nous attendons.

Há também o artigo chamado “Militância feminina na América do Sul”: a participação de Louise Bachelet, que foi publicado nos Anais do XX Encontro Regional de História: história e liberdade. Para Gallo:

A trajetória da militante fourierista Louise Bachelet analisada aqui tem como perspectiva as questões enunciadas acima e que projetam, se não integralmente, ao menos em alguns aspectos, as expectativas da classe operária dos anos 40 em suas estratégias de sobrevivência, econômica, política e moral (GALLO, 2017, p. 4).

Por fim, no livro *No Rolar do Tempo*, de Alberto Rangel, publicado em 1937, há um capítulo denominado “A experiência do Sahy”. Nele, o autor explica:

Louise Bachelet, a falansteriana que adotará a colônia do Sahy como a sua pátria definitiva, escrevendo uma carta, que foi publicada na Europa, dá nos conta de quanto esperava d’esse recanto mágico do Sahy, organizado pelos princípios do utopista seu compatriota, que do mundo e do homem só conhecia as fronteiras ilimitadas da visão de fantasia. Assim, Bachelet se exaltava num voto que lhe dá a medida da crença e das fagueiras esperanças... (Rangel, 1937, p. 100).

Por meio de pesquisa na *Bibliothèque Nationale Française* descobriu-se que há um livro chamado *Os franceses na história do Brasil*, de Mário de Lima-Barbosa, escrito em português e posteriormente traduzido para o francês por Clément Gazet em 1923.

Após realizar uma pesquisa no site da Hemeroteca Nacional, constatou-se que Louise Bachelet foi mencionada apenas por Carlos da Costa Pereira no jornal *A Gazeta: A voz do povo (SC) – 1934 a 1940*, na parte cujo título é “O falanstério do Saí”:

Louise Bachelet viera diretamente à capital da antiga província e daqui seguira para S. Francisco, na tarde de 24 de julho de 1842. No dia seguinte, chegava a S. Francisco e, saltando em terra, na costa fronteira à pequena cidade do norte, beijou a areia da praia e entrou com os que vieram recebê-la o cântico da grei: *Partons, partons, pour la terre promise, il faut un nouveau monde á des destins nouveaux* (PEREIRA, 1938).

Figura 1: O falanstério do Saí III

**A G A Z E T A**  
**A VOZ DO POVO** Proprietario e Diretor Responsavel  
**JAIRO** **CALLADO**

**SALÃO PROGRESSO — O Único!**  
 Dia 17 CINCOENTA CANTOS da "nossa loteria"  
 Jogam apenas 15 milhares  
**Inteiro 158000**  
 RUA FELIPE SCHMIDT N. 5

**O falanstério do Saí**

Os nossos historiadores estão encontrando nos arquivos europeus, muita coisa interessante relativamente ao Brasil. No momento, referem-se à falta de documentação de origem portuguesa e espanhola, já grandemente utilizada desde Varnhagen até os nossos dias. Mas, há existência em outros países, como na França, por exemplo, a que se tem recorrido com bastante êxito.

Ainda agora, Alberto Bangue, que já nos deu GASTÃO ORLEANS, com muitos subsídios encontrados nos arquivos do Castelo de Eten, lança à publicidade a sua obra — **NO ROLAR DO TEMPO**... baseada em cópias e testemunhos respaldados no Arquivo do Oratório, absterendo-se da correspondência diplomática dos representantes do governo francês em Portugal e no Brasil, durante o período que vai de 1841 a maio de 1871, até quanto é permitido nas regras de confidencialidade desta documentação de caráter secreto.

De momento, o que mais nos interessa no recente livro de Alberto Bangue, é o capítulo referente à colonização do Saí, no município de S. Francisco, onde um visionário — o sr. Daniel Jules Mure — tentou por em prática a teoria de Fourier, pretendendo estabelecer ali um falanstério, com o concurso de emigrantes, patrões seus, e o auxílio financeiro do governo imperial do Brasil.

Já tivemos ensaio de, em nota à tradição da obra de Saint-Hilaire, na parte referente a Santa Catarina, aliard no empreendimento de Mr. Mure, valentíssimo do que respectivamente em Léonard André e na FALA que o presidente da província, Antero José Pereira de Brito dirigiu à Assembleia Provincial em 1 de Março de 1843. Alberto Bangue divulga novas publicações transcritas de trechos da carta que Louis Bachellet, ex-falanstériano que adotara a colônia do Saí, como a sua pátria definitiva — escreveu e fez publicar na Europa e cujo original se acha na Biblioteca de Paris.

São palavras de fé e de convicção ao trinar da utopia, chegando, na sua exaltação, a pedir ao mundo que, em caso de revés, lhe fossem dadas quaisquer peças de terra para repousar aos seus ossos até a morte.

Louise Bachellet viera diretamente à capital da antiga província e daqui seguira para S. Francisco, no dia 24 de julho de 1842. No dia seguinte, chegava a S. Francisco e, saindo em terra, na costa fronteiriça à pequena cidade de Santa Joazeira, lhe foram dadas quaisquer peças de terra para repousar aos seus ossos até a morte.

Partiram, portanto, para a terra prometida, ali fundou o seu novo mundo à desfeitas palavras.

A impressão de Bachellet foi ótima. Alargando estradas, montavam-se serrarias, criavam-se mado finalmente, trabalhavam-se sob o ritmo dos cantos, adaptados de Bismarck. Cêrcos de dezenas de enteados procuravam a colônia incipiente. Um dia, porém, desastrosamente. Começavam a desaparecer, desiludidos das promessas com que lhes acenaram os agendadores incensuráveis, para virem habitar essa nova Colônia concebida pelo idealismo de Fourier e que a realidade inexperiente de Bento Mure procurava realizar.

As letras sucederam-se ali, que, por fim, o conde Ney, representante de França no Rio, pediu providências ao seu governo para que fosse enviado o embarque de novos emigrantes para o Saí, de onde depois, decepcionados, seguiriam para a capital do império, famílias e seu fido.

Alberto Bangue, que antes fizera a velha da utopia comunista, lida, ao concluir base capital de seu livro, uma lição da tentativa empreendida no Saí — "a lição esperada e que convém lembrar, na hora do turno presente, devesse da aventura sob o signo da mística maçônica, a qual teve os seus estatutos de Volga a misturarem-se ao quilibrio e feição preto de alguns irreflexivos e cêrculos intelectuais limitados mas não menos falanstéricos."

Os sociólogos da colônia do Saí compunham-se de — escritores, engenheiros, médicos, serralheiros, modistas e costureiras. Nenhum agricultor. E para sobreviver o destino frágil da empresa, também muito deveria ter contribuído, nesse aglomerado heterogêneo de homens e mulheres arrabalhados das cidades e aldeias da França, o assassinio, de um rei cujo nome não pôde ser revelado, que se aproximara pela mulher daquele, cidadão nra dos credores de S. Francisco o processo instaurado contra o homicida.

CARLOS DA COSTA PEREIRA

**Tragedia dolorosa**

**SEDUZIU UMA CRIANÇA E OCASIONOU O SUICÍDIO DA MÃE**

Na localidade denominada Alto da Peribóia, no município de Itajaí Freya Zelta, filha de sr. Romário, registrou-se um sobrenome terrível e doloroso, ocorreu profundamente depravado e impressionante.

Foi o caso de haver o jovem Lindolfo Zelta, seduzido uma menina de 6 anos incompleto.

Solteiro e seduzido, ambos filhos de lavradores abastados, passaram a ser alvo dos censurados Lindolfo Zelta, contra quem se ergueu a indignação geral.

Foi tão incerto do filho, diariamente, sua mãe, d. Irá, e sr. João Henrique Wilson, chefe de seção do Departamento de Polícia Federal do Estado de Santa Catarina.

O sr. Walter casou-se depois no Copacabana Palace.

Irá, mãe da menina, não conseguiu mais suportar a situação e, em 15 de maio de 1938, suicidou-se, deixando a filha em poder de seu pai, que se encontra em tratamento em um hospital de São Paulo.

**Soltou os presos sem querer**

RIO, 16.—Plebeo capitão desobedeceu, ontem, no Carandá, a ordem de prisão, soltando os presos sem querer.

O plebeo capitão desobedeceu, ontem, no Carandá, a ordem de prisão, soltando os presos sem querer.

**Juiz de Paz**

Foi nomeado o novo contra-almoxarife de Santa Catarina, Sr. Nalaco Silva, para exercer o cargo de Juiz de Paz da cidade da comarca da capital.

**Adoração**

É a marca que desafia na atualidade e dominará sempre. Qualquer que seja a sua necessidade de performance, prefira sempre a da marca.

**Adoração**

É a marca que desafia na atualidade e dominará sempre. Qualquer que seja a sua necessidade de performance, prefira sempre a da marca.

**CARTAZES DO DIA**

**ODEON, o líder das ciências**  
**PROGRAMAS DE HOJE:**  
 AS 5, 7 e 8,30 HORAS:  
 A estagnação política da P.O.N. não se soltará a esdrúxula José Wilton, Anthony Martin, Louis Ray, Joan Davis e El Bern del em

**AVIÃO MISTERIOSO**

Um avião misterioso, que se acredita ser um avião alemão, foi encontrado em um campo de aviação em Santa Catarina.

**CINES COBOARDS**

CINE REX, às 5, 7 e 8,30 horas — A União apresenta outra grande produção do Sonol Gledwyn com Marie Oboron e Brian Moran em A BEM AMADA ENIMELA.

**CINE ROYAL, às 7,30 horas**

Comandante Vespert interpretado em seu melhor papel de sua carreira em

**VIRA AO BRASIL O EX-PRESIDENTE AGUSTIN JUSTO**

BUENOS AIRES, 16.—Anunciou que o general Agustín Justo, ex-presidente da República, pretende ausiar-se do país por um período de seis meses, a fim de visitar os Estados Unidos, vários países europeus, o Uruguai e o Brasil.

**A situação dos Juizes da Justiça Federal**

RIO, 16.—O presidente da República assinou decretos declarando em disponibilidade os juizes substitutos da Justiça Federal pelo tempo que falta para completar o prazo para o qual foram nomeados ou reconduzidos, com os vencimentos proporcionais aos anos de serviço.

**Exonerados os prefeitos gaúchos**

PORTO ALEGRE, 16.—Foram exonerados, a pedido, os prefeitos de Cruz Alta, sr. Antonio Azambuja Vilanova, e nomeado em seu lugar o sr. Pacifico Dias, cel. Astero Marcolino, de Passo Fundo, que foi substituído pelo sr. Artur Ferreira Filho.

**Pela primeira vez no Brasil uma mulher exerce a categoria em escola superior**

PELOTAS, 16.—A Congregação da Faculdade de Direito de Pelotas nomeou, interinamente, Iolanda de Direito Civil, a primeira mulher no Estado, sendo no Brasil, que obtém uma categoria em escola superior.

**NO RIO UM MEMBRO INFLUENTE DO PARTIDO NAZISTA**

RIO, 16.—Presidência de S. Paulo, encontrou-se o capital de sr. João Henrique Wilson, chefe de seção do Departamento de Polícia Federal do Estado de Santa Catarina.

**Adoração**

É a marca que desafia na atualidade e dominará sempre. Qualquer que seja a sua necessidade de performance, prefira sempre a da marca.

**Adoração**

É a marca que desafia na atualidade e dominará sempre. Qualquer que seja a sua necessidade de performance, prefira sempre a da marca.

**Adoração**

É a marca que desafia na atualidade e dominará sempre. Qualquer que seja a sua necessidade de performance, prefira sempre a da marca.

**COPAS LAQUEADAS EM PINHO desde 450\$000**

**MOVEIS SALOMÃO GUELMANN**

Caixa Postal, 19  
 Curitiba Est. do Paraná

Representantes nesta capital  
**MACHADO & Cia.**  
 Rua João Pinto 5 Caixa Postal 37

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Fonte: Hemeroteca Nacional (1938)

Já na Hemeroteca Estadual, ela foi mencionada duas vezes: a primeira por Antônio R. Nascimento, em 1991, no *Jornal Blumenau* em Cadernos (1957-1998). Segundo ele: "Há, na biblioteca de Paris, uma carta de Louise

Bachelet. “a falansteriana que adotara a colônia do Saí como sua pátria definitiva”(Alberto Rangel, No Rolar do tempo, citado por C. da Costa Pereira, na ob. cit)”.

A segunda vez por Walter F. Piazza, em 1974, no *Jornal Blumenau* em Cadernos (1957-1998). De acordo com ele: “BACHELET, Louise – Phalanstère du Brésil: Voyage dans l’Amérique Méridionale. Paris, Imp. de Pourcueret et Guériot, 1842, in – 8º., 20p e 1 est.” (PIAZZA, 1974).

Figura 2: Bachelet no Blumenau Cadernos

## O primeiro movimento socialista catarinense

Antônio R. Nascimento

Inspirados no «socialismo utópico» de Charles Fourier (1772-1837), um grupo de europeus veio ao Brasil e, na Península do Saí, S. Francisco do Sul, tentou fundar uma Colônia.

Vida e obra de Charles Fourier foram bem descritas pelo Prof. Walter F. Piazza, em Blumenau em Cadernos, Tomo XIII, nº. 4, pág. 63, abril de 1972 («Fourierismo» em Santa Catarina).

Segundo Carlos da Costa Pereira (História de S. Francisco do Sul, 1984, pág. 139), o falanstério do Saí foi anterior ao do Texas, motivo por que, a nosso sentir, a colônia catarinense pode ser considerada a primeira tentativa mundial de se implantar um regime socialista, malgrado a idéia já existisse desde os tempos de Platão.

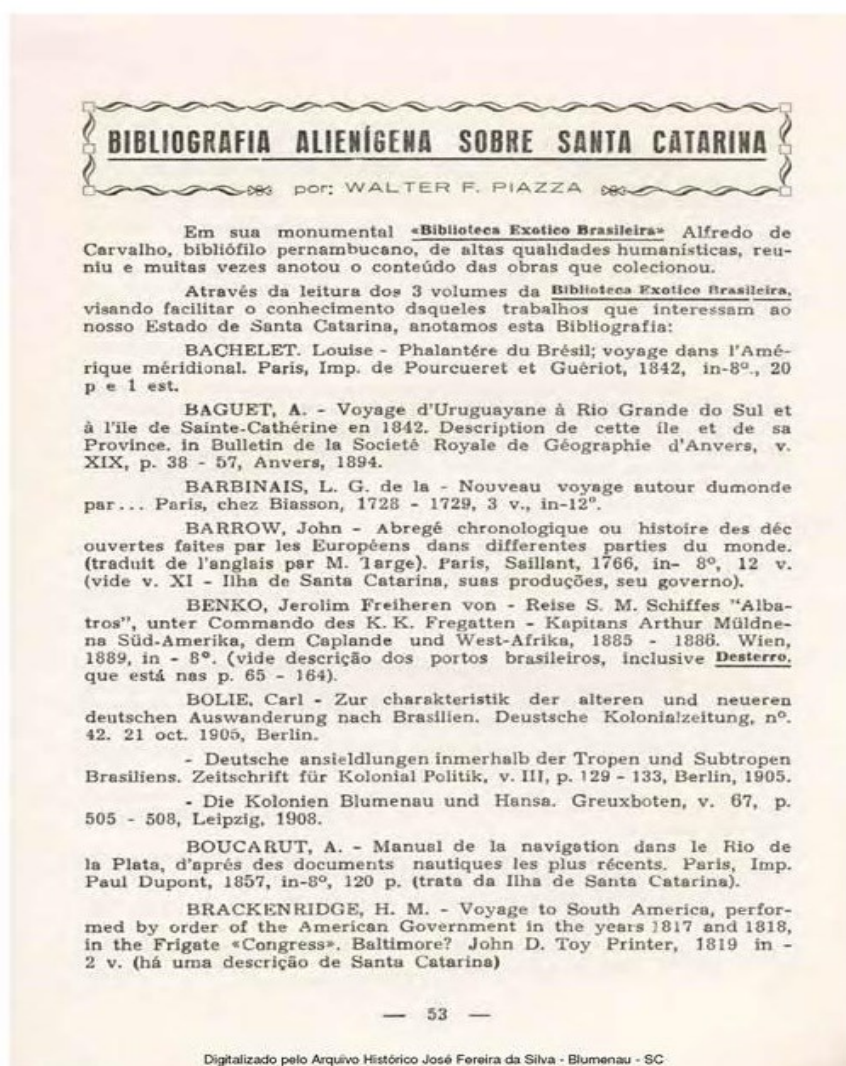
São escassas as notícias que temos a respeito desse movimento pioneiro. Parece-nos que o Almirante Henrique Boiteux foi o primeiro historiador a tratar do tema (O Falanstério do Saí, RIHGSC, vol. XII, 1º, semestre de 1944, págs. 47/90). Temos notícia até de pesquisadores estrangeiros que vieram a Santa Catarina em busca de notícias e nada encontraram. Recentemente, Walter Fernando Piazza retomou o tema (Santa Catarina: sua História, 1983, pág. 259), acrescentando mais alguns valiosos subsídios. Há, na Biblioteca de Paris, uma carta de Louise Bachelet, «a falanstérica que adotara a colônia do Saí como sua pátria definitiva» (Alberto Rangel, no Rolar do Tempo, citado por C. da Costa Pereira,

na ob. cit.). Costa Pereira, sob o pseudônimo de Arsênio da Gama, escreveu a novela E OUVIRAM UM TIRO NA FLORESTA, publicada no jornal Vanguarda e, depois, no Anuário Catarinense, edição do ano de 1952. É, no fundo, o relato da tragédia do assassinio de Basile Bolaine, falanstérico e marido de Marie Virginie, «por cuja beleza Dostiré Mayons, piloto do brigue que conduzia a segunda leva de colônos de todas as profissões arrebanhados na França, perdera a cabeça, levando-o ao homicídio, a despeito da amizade que o prendia à vítima». A autópsia do cadáver foi feita pelos Drs. Guilherme Darrouzain e Eduardo Deyrolles. O último radicou-se em S. Francisco, sendo que sua mulher Josefina Logeine Deirolles acabou seus dias na mais completa miséria, já viúva em 1884 e desamparada por seu filho Manoel Júlio Deirolles, conforme tivemos oportunidade de escrever em trabalho anterior.

Brasil Gerson, ilustre franciscanense, jornalista e historiador, conhecido por sua História das Ruas do Rio, descendente de Marcos Goerrensen e de Carolina Schneider (batismo de Oscar, 19.4.1859, e de outro Oscar, 03.9.1861, livro nº. 13), pesquisou o falanstério do Saí e publicou o que descobriu no Jornal do Comércio do RJ. Conforme ele, o Dr. Benoit Joseph Mure ou Bento Júlio Mure, autor do projeto de colonização, encaminhado ao Ministro do Império de D. Pedro II, aos 17.12.1840, foi também

— 35 —

Figura 3: Bibliografia alienígena sobre Santa Catarina



Fonte: Hemeroteca Estadual de Santa Catarina

Na imprensa francesa, Louise Bachelet é mencionada três vezes. Primeiramente, na *Bibliographie de la France: ou Journal général de l'imprimerie et de la librairie*, em 1842: "*Phalanstère du Brésil, por L. Bachelet, 6278* " (Cercle de la librairie (France), 1842, p. 78). Em seguida, duas vezes, pelo tradutor Clément Gazet, no livro *Les français dans l'histoire du Brésil*. Na primeira vez: "Louise BACHELET é autora do *Phalanstère du Brésil* " (Lima-Barbosa, 1923, p. 410). E na segunda vez: "Louise BACHELET, autora do *Phalanstère du Brésil* " (Lima-Barbosa, 1923, p. 439).

### 2.1.3 Percurso do livro: *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*

A descoberta do livro: *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* de Louise Bachelet aconteceu junto com uma amiga. Era madrugada e, à distância, ficamos procurando mulheres francesas viajantes que tinham passado por Santa Catarina no século XIX. Após termos descoberto o nome de Louise Bachelet, fomos atrás de um possível livro que ela tivesse escrito, e foi minha amiga que encontrou o livro em pdf na Biblioteca Digital da USP (Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin). Este livro está disponível on-line e impresso. No entanto, é necessário agendar um horário com antecedência para lê-lo *in locu*.

Em Paris, na Gallica (*Bibliothèque Nationale Française*), também há disponibilidade de ver o livro, mas não impresso. Uma amiga foi até lá em janeiro de 2023 e tivemos que agendar a visita dela, uma vez que é uma funcionária da biblioteca que reproduz os slides no retroprojetor. Infelizmente ela não pôde filmar.

Ainda não fui a São Paulo ver o livro pessoalmente, mas, quando enviei um e-mail, a bibliotecária me contou que o Sr. Mindlin foi um empresário e um colecionador de livros e por isso na sua biblioteca pessoal havia obras raras e especiais e uma parte delas foi doada para a Biblioteca da USP e foi por isso que esta biblioteca leva o nome dele e o nome da sua esposa Guita Mindlin. De acordo com a Academia Brasileira de Letras (2017, s/p):

José e Guita compartilharam ao longo da vida a paixão pelos livros, que levou o casal a formar uma das mais importantes bibliotecas privadas do país, que Mindlin começou a formar aos 13 anos e chegou a ter 38 mil títulos. Em maio de 2006, o casal fez a doação de cerca de 15 mil obras da Biblioteca Brasileira para a USP. No conjunto doado à USP, constam obras de literatura, história, sociologia, poesia. Dentre as raridades estão documentos do século XVI como as primeiras impressões que padres jesuítas tiveram do Brasil, jornais anteriores à Independência e manuscritos que resgatam a gênese literária de grandes obras, como Sagarana, de Guimarães Rosa, e Vidas secas, de Graciliano Ramos.

Em setembro, me deslocaria até São Paulo para ver com os meus próprios olhos e pegar o livro com as minhas próprias mãos. Ao enviar um e-mail para a Biblioteca Digital da USP, recebi uma resposta automática dizendo (2023): “Olá, a Biblioteca permanecerá fechada para consulta a partir do dia 04/09/2023 a 15/09/2023

devido a um serviço interno determinado pela direção. Os e-mails só serão respondidos a partir do dia 17/09/2023. Desde já agradecemos a compreensão”.



## 2.2 A OBRA: PHALANSTÈRE DU BRÉSIL: VOYAGE DANS L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE

### 2.2.1 O Relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*

Para falar sobre o livro *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Bachelet, é importante entender qual é o seu contexto cultural. Como Bachelet se desloca por países que falam espanhol e depois para o Brasil, onde se fala português, pode-se pensar no multilinguismo, pois “há diferentes condições de multilinguismo em diferentes contextos de deslocamento: o multilinguismo escolhido pelo imigrante voluntário difere do multilinguismo forçado” (ALMEIDA, 2001, p. 59).

O livro *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* é dividido em sete partes: Argentina, Uruguai, Paraguai, América do Sul, Chile, Peru e Santa Catarina, pois, conforme Louise Bachelet muda de cidade, os personagens se alteram, assim como o espaço e o tempo mudam. O único aspecto que não muda é que a própria autora narra em primeira pessoa. Além disso, é importante destacar que ela é narradora e personagem ao mesmo tempo, pois, na medida em que ela fornece detalhes sobre cada local, Bachelet se coloca como expectadora e personagem da história. O tempo inteiro da narrativa ela fala sobre sociedade, política, geografia, história e teoria societária.

Um aspecto da narradora-personagem é que Bachelet conversa consigo mesma em muitos momentos. Ela narra a história de uma maneira cronológica conforme ela passa pelas cidades, pelos países e pelos locais. Em relação ao tempo, ela só o demarca quando chega em Santa Catarina, no dia 25 de julho de 1842. Quanto aos personagens principais, percebe-se que ela nomeia muitos deles, mas todos são homens, as únicas mulheres que aparecem no relato são nomeadas como “damas”, já os personagens secundários são nomeados como “amigos” e um “jornalista”.

O espaço é marcado pelas cidades, países e outros locais, como a América espanhola, Montevideú, Paraguai, Peru, o interior de Santa Catarina (quase Ilha do Sahy), colônia falansteriana, cidade de Santa Catarina, Sahy, propriedade na beira do mar, caminho Bouchlé, casa de Picot, Primeiro Falanstério, casa da família do Sr.

Mangin, no Novo Mundo, terras virgens, Velho Mundo, território da república oriental, baía de São Francisco, navio, Santa Catarina, praia, terra firme, ilha vizinha da Costa, serralheria, um pequeno estabelecimento para a exploração de madeiras, vastos parques, esta propriedade na beira do mar, a fundação de uma casa, casa de madeira e de folhagem, primeiro edifício societário, colônia do Sahy, na entrada dos bosques intactos, um campo nesta fronteira das florestas, padaria, o interior do Sahy, abertura do caminho que leva para o centro da concessão colonial, precipícios, uma dupla cadeia de montanhas, uma trilha, 17 pontes, planícies centrais do rio, floresta desmatada, rio, planície do pequeno Sahy, oceano, bosque, caminho, pequena montanha, Condé-sur-Vesgres, choupana, norte da França, Europa e abrigos.

Voltando ao *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, o prefácio inicia com o título do livro e apresenta o que Louise Bachelet falará, mas, no primeiro parágrafo, é possível perceber que não foi a autora quem o escreveu, porém mais de uma pessoa, deixando evidente que a tentativa de se construir um falanstério não deu certo, mas que é necessário que o mundo saiba o que aconteceu ali. Apenas no terceiro parágrafo, o autor do prefácio explica em que lugar a história acontece.

Em seguida, ele fala sobre a autora que, apesar de ter escrito uma carta com amor e gosto, os perdoará, já que todos têm a mesma causa que ela. Não se sabe, entretanto, quem são esses “todos” e qual é a “causa”. Além do mais, a autora escreveu uma carta apenas para algumas pessoas, ou seja, aqueles que acreditavam no falanstério, mas o autor do prefácio quer que todos conheçam o conteúdo dessa carta. A narração é contada na primeira pessoa (“eu”) e mostra a insatisfação que Louise Bachelet tinha de viver na América. Ela descreve em detalhes todas as cenas que viu e dizia para si mesma que não foi isso que tinha ido procurar no Novo Mundo.

No entanto, quando Bachelet chega em Montevideú, parece que a paz volta a reinar, e ela conta que havia muitos franceses desembarcando e, por isso, se sentia em casa, já que as lembranças e a língua de sua pátria voltavam à tona de uma vez só. Mas ela queria ficar lá, pois desejava ver de perto a cidade modelo idealizada por Fourier, que tinha sido construída naquelas terras onde nada lembrava o velho mundo. Todavia, a chegada dos franceses não trazia só bons ventos: logo tudo começou a faltar, já que a população crescia em demasia e ainda estava na cidade e não demoraria muito para que estes chegassem ao campo. Ora os gritos, ora o retrato de Rosas e a possibilidade de que “eles”, franceses, fossem massacrados a impulsionou

a abandonar aquela cidade e passou a almejar encontrar alguém que fosse ao Paraguai para de lá atravessar a América do Sul, ir para o Chile e depois para o Peru. Diziam que no Paraguai, Dr. Francia administrava o país e muitos aspectos de sua administração lembravam a teoria societária de Fourier.

Bachelet ficou extremamente contente por saber que todos os detalhes que Fourier escreveu no livro *De la fausse industrie* não eram mentiras, e que os Jesuítas implementavam a teoria societária nesse país. Os elogios partiram dos próprios habitantes e eram sobre a bondade do sistema social feito em três etapas, por pessoas diferentes, primeiramente por Francia e que continuou com o seu sobrinho. E ela conversava consigo mesma e desejava que a teoria pura de Fourier fosse implementada logo. Apesar de que, para ela, nenhum lugar estaria preparado para fazer uma mudança tão repentina para o regime falansteriano, e este assunto estava em pauta em toda a América Meridional.

Ela gostava muito do Peru, antes que os espanhóis o descobrissem e antes do México, o Peru tinha uma influência das fases que havia passado, ou seja: hedonismo, patriarcado, garantismo e socialismo. Havia, nesse país, costumes que eram totalmente garantistas, em que a cultura dos campos sociais era em benefício das viúvas. Havia uma probabilidade que o povo peruano, no século XVI, tivesse entrado no 6º. ou no 7º. período social, caso os espanhóis não tivessem os descoberto, certamente não teriam que ter passado pela miserabilidade, na qual se debatia a Europa agonizante. O 6º. período trouxe frutas maravilhosas, a arte náutica e a química experimental e compara Pizarro a Fourier.

Enquanto Louise pensava em tudo que estava acontecendo, uma notícia fez com que ela mudasse todos os seus planos, uma vez que ela soube que, no norte do interior de Santa Catarina, na ilha do Sahy, uma colônia falansteriana se instalava, e seu diretor era o Dr. Mure. Diante dessa notícia, ela não teve dúvidas de qual caminho deveria tomar. Por isso, apressou-se para ir a Santa Catarina, mas, antes, avisou seu grande projeto aos seus amigos.

Foi no brigue *Desterro*, que estava carregado de tropas para Paranaguá, que ela embarcou, e este brigue a deixou na baía de São Francisco, que banhava o Sahy. Graças ao comandante, ela embarcou imediatamente e pôde se sentir bem na embarcação, que era um tanto barulhenta e numerosa.

Às cinco horas da tarde, Bachelet partiu da cidade de Santa Catarina, mas ela só pôde ver o Sahy no dia seguinte pela manhã. Foi no dia 25 de julho de 1842, ao meio-dia em ponto, que ela desembarcou. Para avisar que o brigue estava chegando, o comandante lançou um tiro de canhão e rapidamente todos os colonos estavam presentes. Ao descer na praia, esta foi saudada com o refrão:

Partemos, partemos para a terra prometida,  
É necessário um novo mundo com destinos novos<sup>28</sup>.

Esta não sabia como descrever os primeiros momentos que passava com os discípulos de Fourier: era um misto de emoções, todas as perguntas ficariam sem respostas, era uma confusão cheia de sentimentos, pois havia gritos, barulhos de transportes, que rodeavam o encontro de antigos amigos que se encontram depois de um longo tempo, ou de fãs de Fourier, apaixonados e animados que fazem de tudo para procurar se encontrar. Não há palavras capazes de descrever as emoções que ela sentiu.

### **2.2.2 Índices morfológicos (Paratextos) do Relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale***

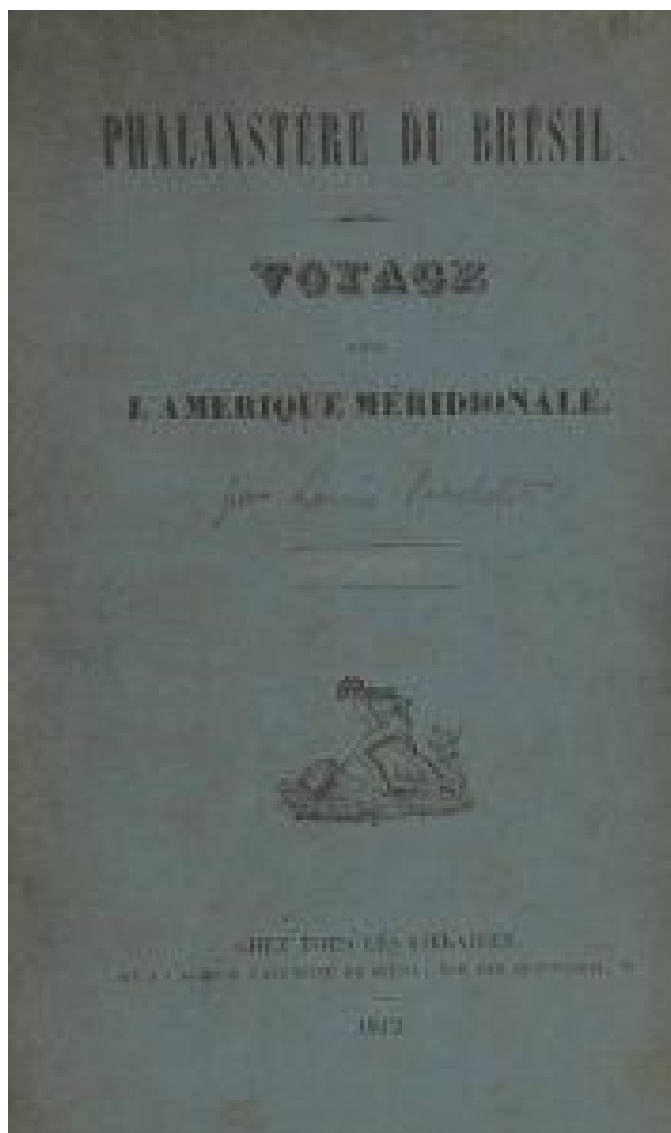
Para falar sobre os paratextos deste relato de viagem, constatei que a capa apresenta quatro linhas para o título e para o subtítulo. O título está com a letra maiúscula e tem a maior fonte da capa e no final há um ponto final: PHALANSTÈRE DU BRÉSIL. Em seguida, há a palavra VOYAGE em letra maiúscula, mas em uma fonte um pouco menor que na primeira linha. Na terceira linha há a preposição francesa “DANS” em fonte bem menor, mas também em letra maiúscula e na última linha há o subtítulo: L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE. E só na linha seguinte há a autoria: PAR LOUISE BACHELET, no entanto esse nome está manuscrito. Abaixo disso, há um desenho de um homem trabalhando em uma lavoura e ele tem nas mãos uma pá. Mais abaixo há o nome da editora: *chez tous les libraires* em letras maiúsculas e na linha de baixo está escrito também em letra maiúscula: *et à l'agence coloniale du Brésil, rue des prouvaires, 8* e na última linha a data da publicação do relato: 1842.

---

<sup>28</sup>Partons, partons pour la terre promise,  
Il faut un nouveau monde à des destins nouveaux.

Tudo indica que o relato de viagem se passou na Península do Saí, que pertence à São Francisco do Sul, cidade que foi o primeiro distrito de Santa Catarina.

Figura 4: Capa do relato de viagem



Fonte: Blog da BBM

Após a capa, há uma foto do Falanstério. A imagem tem o nome de *Phalanstère du Brésil*, que apresento abaixo:

Figura 5 – O Falanstério do Sahy



Fonte: Blog da BBM

Logo depois dessa imagem, há duas páginas em branco e, então, começa a escrita do prefácio. A impressão que se tem é que ele foi escrito por outra pessoa diferente de Bachelet, pois a pessoa que o escreveu pede desculpas por publicar e, além do mais, o prefácio não tem assinatura. Para Gérard Genette: “prefácio é toda espécie de texto liminar (ou preliminar ou pós liminar), autoral ou alógrafo, que consiste em um discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede” (2009, p. 145). Quando o prefácio foi escrito apenas depois, Genette diz que “é lugar comum observar que os prefácios, assim como posfácios, são em geral escritos após o texto a que se referem” (2009, p. 155). Em seguida, apresento uma parte do prefácio:

Falanstério do Brasil: Viagem pela América Meridional. A carta que oferecemos ao público nos pareceu de um tão grande interesse, e reproduzir com uma tão escrupulosa e tão elegante fidelidade tudo que se pode desejar saber sobre o « estado » da tentativa falansteriana no Sahy (1), que sentimos ter dever de publicar ela.<sup>29</sup>

<sup>29</sup>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale, La lettre que nous donnons au public nous a paru d'un si grand intérêt et reproduire avec une si scrupuleuse et si élégante fidélité tout ce qu'on peut désirer savoir sur l'état' de l'essai phalanstérien au Sahy (1), que nous nous sommes fait un

Em relação às funções do prefácio, é necessário dizer o que esse possui e o que não possui, isto é, o prefácio do referido relato possui importância, novidade, unidade, veracidade, gênese, comentário do título, indicações de contexto e declarações de intenção. No entanto, ele não possui os temas do porquê, para-raios, os temas do como, escolha de um público, contratos de ficção, ordem de leitura, definições genéricas e esquivas (Genette, 2009, p. 175-209).

No prefácio em questão, há apenas uma nota de rodapé. Para Genette: “Uma nota é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto e disposto seja em frente seja como referência a esse segmento” (Genette, 2009, p. 281). Essa nota encontra-se na quinta linha do prefácio, em que se deseja explicar onde fica localizado o Sahy: “Sabe-se que a península do Sahy está localizada sobre o rio de São Francisco, no interior de Santa Catarina”<sup>30</sup> (BACHELET, 1842, p. 1). Para mim, essa nota tem a intenção de apresentar ao leitor o lugar escolhido pelo autor.

Versão e tradução do Relato de viagens *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*

O relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* ainda não foi traduzido para nenhuma língua, mas foi publicado por uma editora e impresso por uma gráfica diferente. Em seguida, segue um quadro:

Figura 6: Publicações da autora

Obra	Autora	Formatos	Editora
<i>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale, 1842</i>	Louise Bachelet	Livro impresso e e-book.	Imprimerie de Pommeret et Guenot.

---

devoir de la publier. (1) On sait que la péninsule du Sahy est située sur le fleuve de Saint Francisco, dans la province de Sainte-Catherine. La personne qui l'a écrite avec tant de cœur et de goût nous pardonnera, en faveur de notre cause qui est la sienne, et que nous croyons bien servir en cela, de faire connaître à tous cette magnifique narration qu'elle n'adressait qu'à quelques-uns.

<sup>30</sup>On sait que la péninsule du Sahy est située sur le fleuve de Saint Francisco, dans la province de Sainte Catherine.



*Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale, 1842*

Louise Bachelet

Livro impresso

Chez tous les libraires et à l'agence coloniale

Fonte: worldcat

A intenção desta tese é a de traduzir o relato de viagem do francês para o português do Brasil e, logo em seguida, publicá-lo em português. Com a versão em português publicada, serão feitas versões para o japonês, o espanhol, o italiano e o alemão.

### **2.2.3 Breve historiografia de Falanstério do Sahy**

Segundo a fala do presidente da Província de Santa Catharina (1841-1884) Assembleia Legislativa, no dia 11 de dezembro de 1842, o Governo Imperial autorizou fundar uma Colônia Industrial Societária, no município de São Francisco, e concedeu duas léguas quadradas de terra na Península do Sahy. De acordo com o Relatório da Repartição dos Negócios do Império (1843, p. 30): “O Governo autorizado pelo § 30 do Art. 1.º da Lei de 30 de novembro de 184-1, contratou com o Doutor Mure o estabelecimento de huma Colônia industrial na Provincia de Santa Catharina, debaixo das condições, que se achao annexas ao Decreto de 11 de Dezembro do referido anno”.

O contrato foi feito com o Doutor Bento Mure, empresário da Colônia e que deveria ter 500 colonos societários em até um ano. Como o Relatório da Repartição dos Negócios do Império (1843, p. 30) mostra: “A Colônia deve ser composta de tantas famílias naturaes, quantas preençào approximadamente o numero de quinhentas pessoas”.

Os 100 primeiros colonos chegaram no Rio de Janeiro e como eram pessoas instruídas, com talento e conhecimentos sobre a indústria, serviriam de exemplo para os habitantes do país a fim de imitá-los, já que, eles poderiam dar mais valor e aproveitariam as riquezas naturais, além de aumentar os produtos brasileiros e apresentarem materiais que teriam como função o aperfeiçoamento do dia a dia.

A fundação da Colônia Industrial francesa na Península do Sahy não teve muito êxito, pois o Dr. Bento Julio Mure, apesar de ser instruído e ter uma boa oratória, não

se mostrou fundador. No contrato feito entre ele e o Governo Imperial, no dia 11 de dezembro de 1841, o Dr. Mure se comprometeu em trazer 500 colonos, e o Governo Imperial, além de ceder as terras, emprestou dinheiro à longo prazo para o transporte e para que nada faltasse a eles. Segundo o Relatório da Repartição dos Negócios do Império (1843, p. 30): “o para seu assento foi-lhe concedido o domínio útil de duas léguas quadradas de terras devolutas na península do Sahy”.

Tudo foi em vão, pois os 100 primeiros colonos, que desembarcaram em janeiro de 1842, não se entenderam com o Dr. Mure e se dividiram em dois grupos. As autoridades locais tiveram que intervir para proteger a vida do Dr. Mure. Aqueles que chegaram não se davam bem e não conseguiam realizar nenhum trabalho e logo partiram da Colônia e da Província. O brigue francês *Virginia* chegou a Paranaguá com 117 colonos, no entanto, mais uma vez, os grupos se dividiram: uns foram para a sede da Colônia do Palmitar e o outro grupo foi para a Colônia do Sahy. Acontece que agentes do Dr. Mure recrutaram aqueles que estavam em Palmitar. Quando o navio aportou em São Francisco havia mais conflitos e mais lutas. Por isso, alguns se dispersaram ou resolveram reembarcar no brigue: quatro ficaram no Palmitar, 28 no Sahy, 14 ficaram indecisos e decidiram esperar a decisão do Governo Federal e 14 se despediram após pagarem o que tinha sido adiantado (THIAGO, 1842, p. 16, 17, 27).

Através do engenheiro Vauthier o fourieísmo foi divulgado, mas a única tentativa de organizar e implementar uma colônia falansteriana no Brasil foi a do Saí pelo homeopata francês Benoît Jules Mure. Dr. Mure foi o idealizador de Fourier quando saiu da Europa. Ele e mais ou menos 217 franceses viveram na Colônia do Saí entre os anos de 1842 e 1843, está situada na Península do Saí, na Província de Santa Catarina, bem em frente à Ilha de São Francisco do Sul. Esse homem tinha se formado em medicina na Universidade de Paris e dedicou-se à publicidade da homeopatia na França.

Dr. Mure chegou a instalar uma casa de hidroterapia em Paris quando chegou ao Brasil. Ele tinha apenas 32 anos. Seu rosto era redondo e a barba ruiva, era alto, claro e tinha olhos azuis. Dr. Mure e seus amigos Jamain e Derrion instalaram em 1840 o estabelecimento que almejavam criar o primeiro falanstério. Acontece que os membros deste estabelecimento: “os harmonianos” logo perceberam que não seria nada fácil tirar as ideias do papel e fundar um falanstério. Mas Mure, descontente, fez

contatos com aqueles que pudessem lhe dar cartas de recomendação e partiu para o Brasil no navio “Eole” junto com sua mulher, Anabelle Cretiat, de sua filha e de uma outra criança.

Ao chegar no Brasil, ele conseguiu localizar seus contatos e foi através do Jornal do Commercio, cujo proprietário era seu conterrâneo Junius Constâncio Villeneuve, e do redator Francisco Antonio Picot, que conseguiu falar sobre a União Industrial e quais eram as intenções dele em relação à colonização. Mure estava a par dos interesses do Brasil em importar mão de obra agrícola e industrial através da imigração e voltou ao jornal para divulgar duas máquinas: uma de arrancar árvores e outra a vapor e assim não precisariam mais de tantas pessoas, além de propagar a implementação de navegação a vapor para que assim as relações melhorassem em toda costa brasileira.

Além do mais, ele propunha algumas mudanças nas relações de trabalho e queria implementar um seguro em que todos pagariam pelas despesas relacionadas à educação porque segundo as ideias de Fourier as crianças deveriam ser incentivadas para o trabalho e as aulas deveriam ser voltadas para as artes manufatureiras e agrícolas. Um banco também deveria ser instalado para poder distribuir as terras da colônia aos colonos. Para que todos os colonos estivessem instalados, o edifício do falanstério deveria ter bar, museus, gabinetes, dentre eles um de física, teatro e livrarias. Já os aposentos seriam de tamanhos diferentes e uma cozinha comunitária teria adega, celeiro e armazém. Todavia, os colonos deveriam pagar um aluguel por esta moradia. Não demorou muito para que ele enviasse ao redator uma planta do que seria o falanstério do Saí.

Provavelmente, Mure leu a obra de Victor Considérant “*Description du Phalanstère*” de 1840, cuja ideia era a de construir um palácio para os homens morarem. Para falar sobre as necessidades básicas, Mure contava que haveria uma expansão da poesia e das artes e relatava que os emigrantes estavam sofrendo na Velha Europa e dizia que eles nem imaginavam qual felicidade teriam ao chegar ao Saí. Os brasileiros almejavam essa “glória” que as ideias e costumes dos fourieístas contavam, e o Imperador acreditou que esta colônia ajudaria o mundo não apenas o Brasil. De um lado do Brasil, estava Mure, e, do outro lado, estava Vauthier, que continuava colhendo assinaturas para o “*Phalange*” e a “*Démocratie*”.

Por fim, o governo passou a confiar em Mure e, no dia 6 de julho de 1841, concedeu ao Dr. 64.000 (contos de réis). O seu maior aliado era o deputado Andrada Machado, que estava convencido de que só haveria benefícios e justiça social nesta ideia de que logo seria implementada sem mexer com a religião e com o governo do Brasil, e, logo em seguida, Dr. Mure conquistou a confiança do Imperador e assim foi feito um contrato para que Mure tivesse duas léguas quadradas de terras, e o lugar escolhido foi a Península do Saí. A partir de então, com este apoio do Imperador, ele foi recomendado pelo Ministério do Império para o Presidente da Província de Santa Catarina.

O presidente da Província de Santa Catarina era Antero José de Ferreira Brito, e foi ele quem providenciou esta introdução de colonos franceses que prometia ao Dr. Mure, além de fazer com que o Juiz de Paz de São Francisco do Sul facilitasse o deslocamento do Dr. Mure a fim de que ele escolhesse o lugar mais apropriado para a construção do falanstério, que deveria ser à beira de um rio ou à beira de um mar e enfatizava que a futura colônia traria apenas benefícios à Província e ao Império. Enquanto isso, acontecia a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, que iniciou em 1841 e só terminou em 1845. Mesmo com as despesas altas, o imperador autorizou que as terras fossem cedidas à Primeira Colônia Industrial do Saí e a quantia de 64.000 (contos de réis) fosse fornecida ao Dr. Mure.

O Brasil já tinha um decreto que permitia acesso às áreas desocupadas pelos imigrantes. Como a Europa não estava podendo oferecer emprego e um salário suficiente, não foi difícil convencer nem os franceses, nem o parlamento e nem o governo. E com interesse na imigração, um contrato foi assinado por Dr. Benoît Jules Mure e pelo secretário de Estado dos negócios do Império para que a colônia industrial na Província de Santa Catarina fosse instalada, o que foi aprovado por um Decreto do Imperador no dia 11 de dezembro de 1841 e dizia que 500 pessoas emigrariam da França para o Brasil. Essas pessoas deveriam estar organizadas em famílias, e o responsável pela família deveria ter em mãos um certificado de idoneidade moral fornecido pela polícia francesa. A distribuição das terras concedidas para a Colônia Industrial ficaria por conta de Dr. Mure, que construiria ranchos e plantaria produtos para serem consumidos por eles mesmos com um adiantamento de 10 mil contos de réis.

O contrato, no entanto, deixaria às claras que as somas em réis eram emprestadas e que deveriam ser pagas em 20 parcelas por ano com um juro de 6% ao ano, que deveriam ser pagas a partir do terceiro ano da chegada ao Brasil dos últimos franceses. E, se não fossem pagos, o Governo Imperial poderia pegar uma terça parte dos produtos das oficinas industriais até a dívida ser liquidada.

No contrato, havia também uma cláusula que dizia que os franceses não poderiam ser recrutados pelo serviço militar de primeira linha, nem ser do município deles caso a guarda nacional precisasse. Entretanto, essas leis valiam apenas por 10 anos a partir da chegada deles no Brasil, além do fato de eles estarem sujeitos às leis do Império a partir do momento que chegassem ao Brasil. Também era proibido que eles contratassem escravos, e eles deveriam esperar a nomeação de um Inspetor, que seria escolhido pelo Governo, cuja função seria a de verificar como estaria a colônia e por fim este iria executar as cláusulas do contrato.

Foi, no dia 23 de dezembro de 1841, que o Presidente do Tribunal do Tesouro Público Nacional enviava ao Presidente da Província de Santa Catarina uma cópia do Decreto de 11 de dezembro, explicando as condições para a implantação da Colônia do Saí, além de recomendar que cumprisse sua parte e que fosse providenciado que o navio “Caroline” entrasse sem maiores problemas no território, pois ele estava prestes a chegar em São Francisco do Sul e nele havia parte de famílias francesas que ficariam na Colônia Industrial da Península do Saí.

Em 1841, Dr. Mure já tinha o apoio necessário para fundar uma Colônia e, em uma carta, contou porque ele escolheu o Saí, apesar de ter percorrido a enseada e três rios, ele optou pelo rio São Francisco, pois nele encontraram cachoeiras, um porto e um terreno fértil e extenso. Além disso, uma linha de defesa já estava aberta, o que tornaria fácil chegar à Curitiba e acessar carne fresca e futuras trocas entre a França e outros povos brasileiros. Ao conviver no Saí, ele conheceu o coronel Camacho e ficou tão íntimo dele que chegou a relatar que fora ele quem anunciou os princípios da “Associação”.

Fourier apenas descreveu uma maneira de viver e de produzir para superar os problemas de “civilização”, mas logo os primeiros obstáculos apareceram no Saí, pois, enquanto o Governo brasileiro o apoiava, em Paris havia excluído o nome de Mure da União Industrial que os adeptos de Fourier haviam criado, além de terem mudado a “União Industrial” de lugar e terem criado novos Estatutos. Parece que Jamain e

Derrion souberam da empreitada de Mure no Brasil e não ficaram muito contentes dele ter tido tantos benefícios e, como seu contrato era mais abrangente do que apenas administrar uma Colônia, eles suspeitavam que ele pudesse obter terras e colocá-las em seu nome.

Mure não gostou nada das insinuações e respondeu que cederia a propriedade onde a Colônia estava situada, pois não acreditava que eles fizessem tal empreitada até o Saí. Em julho de 1841, ele não desistiu e deixou a cargo de Rouffinel reconstruir a Primeira União Industrial a fim de trazer este grupo de societários até o Brasil. Todavia Rouffinel relatou a Mure que acreditava que o poder estava subindo à sua cabeça.

Foi em 14 de dezembro de 1841 que mais de 100 franceses chegaram ao Rio de Janeiro. As pessoas que tinham mais instrução já refletiam sobre o fato das teorias de Fourier serem apenas ideias impossíveis de colocar em prática e acreditavam que, se a Colônia não prosperasse, ao menos conseguiriam fazer com que esses homens tivessem vindo ao Brasil, no mínimo aumentar a sua população. Quatro dias depois, o Imperador recebeu esses franceses que não estavam sozinhos, na medida em que havia mulheres e filhos, que, desde a saída da França, já haviam elaborado cantos que se despediam da sua terra natal e almejavam um futuro próspero no Brasil.

No Rio de Janeiro, esses franceses eram vistos como imigrantes diferentes, já que as roupas e as posturas deles não eram nada comuns aos dos colonos. O Imperador os convidou para um jantar regado a vinho do porto, uma vez que eles estavam se despedindo e indo para o Saí e foi aí que se constatou que o projeto daria certo, pois aqueles emigrantes franceses que chegavam tinham diferentes profissões. Foi no dia 30 de dezembro de 1841 que os franceses foram conduzidos pelo próprio Mure do Rio de Janeiro ao Saí. No navio que se chamava “Caroline”, e o sentimento que esses imigrantes franceses levavam ao Saí era o de esperança, a fim de construírem uma sociedade que fizesse com que eles tivessem uma vida mais digna.

No entanto, Jamain e Derrion, ao contrário do que Mure pensava, pegaram suas famílias e partiram para o Rio de Janeiro. Eles chegaram no dia 14 de dezembro e ficaram estarecidos com tudo que Mure já havia conseguido e concluíram que as suspeitas que tinham de Mure se confirmaram. Mure, ao saber da chegada de ambos, marcou uma reunião com o Cônsul francês e com eles. Acontece que enquanto eles o aguardavam, Mure levou tudo o que podia ao Saí, inclusive as famílias de ambos.

Ao lerem o contrato perceberam que Mure tinha omitido muitas cláusulas. Como Mure não tinha se planejado para a chegada dos franceses, ao chegarem em São Francisco do Sul, em janeiro de 1842, muitos imigrantes se voltaram contra Mure e pegaram suas coisas: chapéus, luvas, sapatos, fitas, enfeites, farinha, pólvora e sementes, instrumentos agrícolas e outros alimentos e foram procurar Henry Doin, que já estava em São Francisco do Sul há muito tempo, trabalhando como ferreiro.

Doin não tinha nenhuma confiança em Mure, por isso ajudou aqueles que o procuraram e não demorou muito para que Mure recebesse no dia 13 de janeiro um mandado de busca e apreensão de objetos que os franceses tinham trazido da França. E como não foi muito fácil para o oficial, este teve que chamar a Guarda Nacional. Fato é que os habitantes de São Francisco do Sul estavam desabitados a presenciarem o que tinha acontecido na colônia do Saí. No dia 8 de janeiro de 1842, o presidente da Província escreveu ao Ministro Cândido José de Araújo Viana que tinha dúvidas de como aplicar a legislação no Saí.

Além de não saber como seria feita essa locação de terras, se pelo próprio Dr. Mure ou por outra pessoa, e com receio, Mure tinha pedido às autoridades que impedissem a entrada de qualquer imigrante francês sem sua autorização. E este, mais confuso ainda, escreveria ao Ministro, pois ainda não sabia como esses colonos estavam sendo contratados e quais eram as suas condições.

Foi no dia 23 de janeiro de 1842 que Jamain e Derrion chegaram a São Francisco do Sul. Acontece que Mure tinha pedido ajuda da Guarda Nacional, pois sabia que eles não tinham a intenção de se deslocar do Rio de Janeiro ao Saí em Missão de Paz. Ao chegarem, houve uma assembleia de doze horas que lhes deu direito a ocuparem a sede da Colônia por um período de 12 a 15 dias e colocarem sentinelas, pois estavam com receio de que Mure se deslocasse para o interior da península com aqueles que estavam a seu favor, pois já haviam ranchos prontos.

Neste meio tempo, as trinta famílias que viviam no Saí continuaram a se entreter na rotina deles, houve um casamento entre um francês e uma brasileira, o francês se chamava Narcyso Deyrolles, E tinha um irmão que era cirurgião na cidade e se chamava Eduardo Deyrolles. Mure não deixou passar o fato e correu logo para contar ao Presidente da Província que o resultado dessa união logo uniria os franceses e os brasileiros, e que o culpado de todas as desavenças era Henry Doin (um morador de São Francisco do Sul, que era francês e não morava no falanstério)

porque ele fazia questão de ser intérprete para qualquer pessoa, já que ele dominava a língua francesa e a língua portuguesa do Brasil, além disso ele era advogado e por fim, ele não simpatizava muito com a Colônia do Saí.

Jamain e Derrion diziam que Dr. Mure veio para o Brasil apenas como delegado da União Industrial e que havia um acordo explicado em contrato com o Cônsul do Brasil em Paris e foi assim que o falanstério começou a fracassar, pois Jamain e Derrion, levantando essas dúvidas sobre Dr. Mure, contando como as famílias deles e os seus pertences que foram retirados do Rio de Janeiro, conseguiram chamar a atenção das autoridades. Assim, elas tomaram algumas providências, mas Dr. Mure queria se defender a todo custo de Jamain e Derrion e o que conseguiu com isso foi fazer com que o Inspetor da Colônia começasse a desconfiar dele.

No dia 29 de janeiro, o Presidente da Província elaborou uma carta para o Juíz de Paz de São Francisco do Sul, cujo conteúdo era a intenção de repreender o Juíz da Paz, que deveria ter lhe avisado sobre as desavenças que tinham acontecido no Saí, por isso, ele lhe deu uma ordem para que os pertences dos colonos ficassem no depósito público até que pelos meios legais fosse decidido a quem pertencia, pediu também para que este providenciasse a harmonia e acabasse com a desavença. Por fim, foi feito um pedido para que enviasse alguém a fim de ver de perto qual era o verdadeiro motivo que causava tanta hostilidade no Saí.

Neste mesmo dia, o Presidente da Província narrava ao Ministro Araújo Viana todos os acontecimentos da Colônia, pois tinha a intenção de descobrir os desentendimentos dos franceses. Ele dizia também que não tinha intenção de ter mais funções que o Governo Imperial tinha lhe atribuído. No entanto, acreditava ser primordial que ele soubesse quais eram os direitos e os deveres dos colonos, e que isto deveria constar nos Estatutos ou no Contrato.

Mure se decretava como o verdadeiro chefe da Colônia e nunca admitiria que Jamain e Derrion se intrometessem em qualquer assunto sobre a Colônia. E o seu maior argumento era que o Ministério tinha pedido apenas para ele o regimento. Além do mais, os Estatutos que eles apresentavam foram elaborados antes da assinatura do Contrato, dia 11 de dezembro de 1841.

Mure não teve nenhum problema para conseguir que os políticos apoiassem seu plano, pois as ideias de Fourier não tratavam sobre a religião católica. Quando o Presidente Ferreira Brito ficou sabendo o que tinha nos Estatutos de Derrion e de



Jamian, ele descartou logo a hipótese destes serem admitidos no Saí, a não ser que eles abdicassem da doutrina por meio de um novo contrato.

No dia 2 de fevereiro de 1842, Mure fez o que o Presidente da Província pedia e encaminhou uma cópia de um outro regimento interno, sem nenhuma interferência das ideias de Saint-Simon, a Desterro (atualmente chamada Florianópolis). As duas pessoas encarregadas de levar pessoalmente a cópia deste documento foram o Sr. Narciso Deyrolles e a esposa de Mure, pois este não queria tirar os pés do Saí. Assim, de um lado, no Desterro, Narciso Deyrolles tornou-se o porta-voz dos colonos do Saí, de outro lado, do Saí, os colonos esperavam ansiosos pela resposta do Presidente da Província se reconhecia ou não o regimento que foi preparado por Mure.

O Presidente Ferreira Brito não demorou muito para contar ao Ministro Araújo Vianna que tinha algumas críticas sobre o regimento recebido. Esse regimento deveria ser revisado, pois, se de uma parte, os direitos e deveres dos colonos não estavam bem claros, de outra parte, os direitos de Mure eram longos demais. Além do mais, o papel do Governo Imperial não estava bem esclarecido, dessa maneira, o regimento passava a impressão que Mure era o responsável pela distribuição das terras e pela concessão de fundos. E, por fim, este lhe dizia que as condições do Contrato elaborado no dia 11 de dezembro de 1841 não ficaram bem claras já que o contrato de 19 de janeiro de 1842 não tinha sido visto nem autorizado pelo Ministro Araújo Vianna antes da chegada de Dr. Mure.

O Ministério do Império alertava com frequência o Presidente Ferreira Brito de que o único que deveria ser reconhecido como empresário era o Dr. Mure. No entanto, o contrato tinha sido assinado apenas por 15 pessoas e não sabia o que fazer com os 64 colonos que não tinham assinado o contrato por não aceitarem o que continha nele.

O coronel Camacho, que no início da chegada dos franceses estava tão empolgado com eles, dois meses após a chegada dos franceses, começou a desanimar, pois os conflitos dos colonos lhe causavam muitos problemas, mesmo ele sendo uma pessoa poderosa e já tendo ocupado muitos cargos importantes em São Francisco do Sul. Esses conflitos lhe renderam por um lado amigos eficientes: aqueles que gostavam dos franceses, por outro lado atraiu grandes inimigos: aqueles que não gostavam dos franceses.

O problema é que esses inimigos do coronel Camacho eram do Partido Liberal e estavam do lado de Derrion e Jamain. O Coronel Camacho lamentava que essas pessoas incentivassem os conflitos e suas atitudes fizeram com que a Colônia não prosperasse. Mas Jamain e Derrion já não tinham mais a intenção de ficar no Saí, mas sim de fundarem uma outra Colônia. De Mure, eles queriam apenas terrenos e fundos, mas este não lhes deu nada.

Assim, Jamain e Derrion tiveram que alugar algumas casas por conta própria na vila de São Francisco do Sul e não demoraram muito para buscar ajuda legal, pois precisavam que tudo fosse solucionado: queriam que os pertences deles fossem devolvidos por Mure, desejavam as terras na margem esquerda do Palmital a fim que eles pudessem se instalar lá e por fim o acesso aos recursos que o Governo Imperial havia cedido a Mure.

O Juiz de Paz não conseguiu resolver os conflitos e culpou Mure por toda desordem que estava acontecendo já que agiu de má fé com seus associados. Além disso, aqueles que estavam ao lado de Jamain e Derrion estavam passando por maus bocados em São Francisco do Sul, já que não podiam trabalhar. Logo que os colonos acompanharam Jamain e Derrion, Mure disse que estes não pertenciam mais à Colônia. O problema é que a consequência deste ato foi a de que aqueles colonos não tivessem mais direito nem às terras e nem aos fundos que tinham sido destinados à colonização do Saí.

O Juiz de Paz informava ao Presidente da Província que Mure não aceitava os novos colonos que chegavam da França, pois acreditava que estes tinham sido selecionados por Jamain e Derrion. Por isso, ele havia sugerido que Jamain e Derrion fossem procurar pessoalmente o Presidente da Província a fim de contarem os problemas que estavam tendo por causa de Mure. Logo o Juiz de Paz recebeu uma resposta do Presidente da Província dizendo que aceitava a proposta de Jamain e Derrion e os receberia pessoalmente. Acontece que Mure resolveu escrever uma carta para se explicar. O encontro entre Jamain, Pomatelly, Tesseyre e o Presidente da Província aconteceu no dia 21 de fevereiro de 1842.

Além do mais, alguns franceses que chegaram depois e se diziam sócios do Dr. Mure, desejavam ter posse do terreno pelo Governo destinado a Colônia do Sahy, tirar o direito de Mure de administrar a verba concedida pelo Governo e conceder a eles: estes franceses, esta função visto que alguns franceses que viviam na Colônia

não tinham mais confiança em Mure, estes franceses queriam ter de volta as mercadorias trazidas da França e as ferramentas trazidas da França e também aquelas elaboradas na Colônia, que Mure pagasse tanto pelos prejuízos causados por sua desorganização com a Colônia quanto pelo tempo que eles perderam acreditando que a Colônia daria certo. Além de tudo, exigiam que Mure cumprisse com a ordem do Governo de ter dois porta vozes para que Mure organizasse os gastos que tiveram para se deslocar da França para o Saí e também uma recompensa pelo fato de terem trocado as terras francesas pelas terras brasileiras. E, por fim, caso a anulação do contrato não acontecesse, eles solicitavam a posse de terras da mesma maneira que foi feita para Mure e também o valor de 64 contos de réis para que eles pudessem se instalar, no entanto, as terras que eles queriam eram de duas léguas de terra na costa do Palmital. O Presidente, após ouvir as exigências do grupo, tentou de qualquer maneira fazer com que eles se sujeitassem ao contrato de Dr. Mure, mas foi tudo em vão, ele se despediu deles pedindo para que se comportassem, pois achou muito exageradas as exigências que foram feitas a ele.

O Presidente Ferreira Brito percebeu que Mure não tinha sido fiel aos outros. Por isso, ele apelou para que o Ministro Araújo Vianna os ajudasse de alguma maneira. Segundo eles, Mure impôs apenas que eles renunciassem ao sansimonismo para que saíssem da França em direção ao Brasil. Quando os franceses chegaram ao Rio de Janeiro, Mure os apresentou ao Imperador como colonos do Saí, no entanto omitiu as condições que os colonos teriam que se conformar. Estes foram conhecer as condições, só após chegarem em São Francisco do Sul, pois era nesse momento, que Dr. Mure apresentava as cláusulas do regimento a eles. Muitos dos colonos não concordavam, se irritavam, pois achavam que estavam sendo lesados. O Presidente Ferreira Brito argumentava também que se o Governo agisse com justiça, quem sairia ganhando era o país, e pedia uma quantia adiantada e terrenos no interior da Península do Saí na condição de que os colonos pagassem ao Governo após um certo tempo.

Em uma carta enviada no dia 4 de março de 1842 do Presidente Ferreira Brito ao Ministro do Império, este pedia instruções sobre como proceder em relação aos objetos, ferramentas e instrumentos que foram trazidos da França para o Brasil. Para eles, Mure não tinha direito algum sobre tais objetos e deveria indenizá-los, pois muitos deles já tinham sido danificados ou extraviados. Para Mure, estes já faziam

parte da Colônia e serviram de adiantamentos que já tinham sido pagos. De um lado, estava Mure e o Governo Imperial e, do outro lado, estava o grupo de franceses e suas exigências.

No dia 11 de fevereiro de 1842, Coronel Camacho escreveu uma carta ao Presidente da Província, dando notícias sobre os franceses. Este se preocupava, pois nem sempre sabia qual lado tinha razão: se era o Mure e seus colonos ou aqueles que estavam na Vila de São Francisco. E dizia que Mure e seus colonos continuavam trabalhando enquanto aqueles que estavam na Vila de São Francisco estavam incomodados e acabavam apenas atrapalhando.

Como havia o Decreto de 11 de dezembro de 1841, Coronel Camacho acreditava que apenas o Dr. Mure era o chefe e também não tinha como dizer que os franceses que estavam fora da Colônia não fossem colonos e contava que Derrion, ao invés de ir à reunião agendada, tinha ido para o Rio de Janeiro também, mas para outro local chamado “Conceição de Maria” e que Mure tinha enviado à Corte a mulher com a qual vivia e dizia ser sua esposa e um “outro” francês, que embarcaram no “Concordia”.

Como Mure não compareceu à reunião, este escreveu uma carta comprida, e o seu conteúdo retratava todas as suas aventuras. De 1840 até o momento em que estava na França, conheceu alguns operários que tinham o intuito de emigrar para a Argélia, mas ele tinha os convencido de ir para o Brasil sob sua responsabilidade. E escreve que, junto com eles, fundou a primeira União Industrial e em seguida partiu para o Brasil e deixava claro que todas as despesas foram pagas por ele e que, apesar dos futuros imigrantes dependerem dele, ele não dependia dos futuros imigrantes.

Em seguida, Mure relata que, durante a sua ausência, uma nova União Industrial foi fundada por outras pessoas, esta se chamava Sociedade Arnaud, Jamain, Derrion e Cia. Assim, passa a criticar esta Nova União, pois seus Estatutos seguem a linha sansimonista e nega a posição de agente na primeira União Industrial, pois, segundo ele, o agente recebia salário, prestava contas e era inferior aos seus superiores.

Como este não preenchia esses requisitos disse que, mesmo sendo a pessoa que era encarregada da primeira União Industrial, ele não acreditava que alguém pudesse lhe obrigar a prestar serviços algum para a Sociedade Arnaud, Jamain, Derrion e Cia, pois ele nunca tinha se correspondido com eles e não a reconhecia,

afinal havia rastros de sansimonismo e isso jamais seria aplicado no Brasil. E argumentava ainda que esta Sociedade foi fundada após sua partida da França e queria provas de que havia se correspondido com esta Sociedade por meio de cartas.

Enfim, na carta ele se contradizia, pois, apesar de negar o papel de agente da primeira União Industrial, ele se dizia fundador ou protetor. Ainda se defendendo, fazia acusações aos três franceses mencionados acima, pois estes haviam trazido para o Brasil homens que queriam agir contra sua pessoa e continuava pedindo provas de que um dia Mure haveria reconhecido a Sociedade Jamain, Derrion e Companhia.

Ele continuava insistindo que sempre foi contra a Sociedade Jamain, Derrion e Companhia e que, no seu ponto de vista, ela tinha uma influência sansimonista. Pedia, então, ao Presidente da Província que fizesse com que eles deixassem em paz tanto ele como seus homens e termina a carta dizendo que para ele a doutrina deles não é a de Fourier e sim a de Saint Simon e que ele não concorda com o fato do Governo aprovar uma colônia que seja fundada sob esses princípios.

Enquanto muita coisa acontecia no Saí, no restante do país também ocorriam muitos fatos. Um deles era o episódio de Duque de Caxias fazer campanha contra os farroupilhas, pois queria pacificar a revolta que havia iniciado em 1835. Enquanto isso, o Juiz tinha recebido ordens do Presidente da Província para que este ficasse imparcial na relação entre Mure e os colonos que o abandonaram. Além do mais, o Juiz deveria ajudá-los até eles encontrarem uma solução, e que o único e legítimo agente da Colônia do Saí era o Dr. Mure, e o Governo deveria dar total apoio para ele segundo o decreto e as condições oferecidas no dia 21 de dezembro de 1841.

No dia 3 de março de 1842, o Presidente repetia que o seu apoio era para o Dr. Mure, pois o contrato tinha sido feito apenas com ele e não com os diretores da Sociedade União Industrial. Todavia, Dr. Mure já estava no meio dessas desavenças, tanto que um dia escreveu para seu amigo Chelémaque um relato. Enquanto Jamain estava em São Francisco do Sul, seu amigo estava no Desterro. O relato contava que Dr. Mure tinha deixado 60 pessoas sem pão em uma ocasião que os chefes deles não estavam.

Além disso, descrevia que os aliados de Mure invadiram uma farmácia e amarraram o funcionário que cuidava dos medicamentos e, por causa disso, muitos estavam doentes e três crianças morreram porque não tiveram ajuda. Assim, ele pedia

que seu amigo entrasse em contato com Dr. Shutel para que remédios e uma remessa de quinino fossem enviados do Desterro para São Francisco do Sul.

Além do mais, ele relatou que Dr. Mure enviou pessoas para fazerem discórdia entre eles e os seus chefes. Como ninguém deu ouvidos a eles, o próprio Dr. Mure foi até lá levantar falso testemunho contra o chefe deles. Após dois meses, muitos haviam abandonado a Colônia do Saí, nove deles foram para Itapocu trabalhar na montagem de uma serraria que era movida a vapor.

Mure, na ocasião, aproveitou para escrever uma carta aumentando a discórdia entre aqueles que partiram e o Governo. Segundo ele, enquanto os colonos trabalhavam no rio Saí Pequeno a fim de que ele se tornasse navegável, outros estavam jogando dinheiro para o alto. Mure achava que o dinheiro do Governo deveria ser destinado apenas para aqueles que estavam no campo e não para aqueles que estavam na cidade.

A lista de colonos do Sahy era bem pequena. Seguem os nomes daqueles que permaneceram até então na Colônia do Sahy: G. F Bourlier, F. Büchele, Labbé e sua mulher, Trohsca e sua mulher, Confait, Leteinturier, Narcyso Deyrolles, Sra. Croissonnier e dois filhos, Mangin, sua mulher e três filhos, F. Tommas, Sra. Duddorf e seu filho, A. Jolly e sua mulher, Benoit, Eduardo Deyrolles (cirurgião).

No dia 22 de março, o Presidente da Província ignorou o que o Dr. Mure relatava e mandou que ele fosse socorrer aqueles que o abandonaram para que não passassem por apuros, mas estes deveriam ser reembolsados e dizia também que o Governo Imperial não tinha como reconhecer a Segunda União Industrial formada por um diretor e um Conselheiro da Sociedade organizada na França e um secretário, isto é, Tesseyre, Jamain e Pomately.

Ao mesmo tempo, Mure descrevia ao Presidente que ofereceu um pagamento mensal para cada família que ficasse na Colônia do Sahy, mas estes não tinham mais confiança nele e recusaram a proposta oferecida. Assim, a Câmara Municipal de São Francisco concedeu um terreno para que estes franceses que chegaram vendessem os produtos cultivados na Colônia do Palmital, que era administrada por Jamain, Pomately e Tesseyre. Apesar de estarem fora da organização da Colônia do Sahy, Jamain, Pomately e Tesseyre exigiram um aumento de verba, pois acreditavam que o Governo tinha dado uma quantidade maior de extensão de terra para Mure fundar a Colônia do Saí.

De um lado, Mure desacreditou que, mesmo recebendo dele, mesmo as terras da região do Palmital, estes lhe pediam aumento. Por outro lado, Jamain fazia com que o presidente desacreditasse das palavras de Mure e mostrava que todos estavam trabalhando e contava que mais de 1200 amigos trabalhariam no Palmital e dizia que, no Sahy, além de não serem franceses que trabalhavam, pois segundo eles eram os brasileiros que faziam todo o serviço, só havia algumas plantações de feijão nos brejos e alguns troncos de madeira nos arredores de um riacho.

No dia 12 de abril de 1842, Jamain voltou a escrever para o Presidente da Província os seus planos para as terras do Palmital. Este pedia para que fosse concedida duas léguas de terras do Palmital, em crédito de 15 mil contos de réis e dizia que as suas intenções eram a de montar diversas fábricas e usinas e exportar produtos. Ele falava também que não tinham a intenção de serem colonos, sim, irmãos dos brasileiros, e que os moradores da região se lembrariam para sempre do Presidente que tornou São Francisco tão próspera. As indústrias seriam um passo para tal fato. E contou que muitos franceses não tinham intenção de permanecer no Brasil e, sim, prosperar e voltar para a França.

Acontece que os franceses da Colônia Palmital estavam bem longe das teorias de Fourier e mais próximos das teorias de Saint Simon, a primeira defendia a horticultura e a segunda, as indústrias. Para Fourier, de 8 habitantes, apenas um seria cientista, artesão ou capitalista, se fosse extremamente necessário para a Colônia ela seria um complemento da agricultura.

Para Mure, o Governo brasileiro tinha interesse na imigração de técnicos industriais, por isso o nome Colônia Industrial do Sahy. Além disso, Mure havia se casado na França. Sua esposa era filha do chefe dos Sansimonistas em seu país. Ele se chamava Bazard, ambos conheciam bem as ideias industrialistas.

No dia 27 de novembro de 1842, o brigue *Virgine* chegou com 117 pessoas. Foi então que a disputa entre o Palmital e o Saí explodiu, pois Mure queria levar os novos societários para o Saí, mas Jamain e Derrion diziam que os agentes deles tinham selecionado tais imigrantes franceses. Diante desta rixa, estes franceses nem desembarcaram: alguns voltaram para o navio e outros partiram para outros locais.

Em março de 1843, as autoridades descobriram que um navio chamado *Curioso* desembarcaria em São Francisco do Sul, mas teve que omitir dos franceses que estavam no Palmital e no Saí para que estes não fizessem uma enorme confusão,

como da outra vez que o navio *Virgine* tinha chegado. A maioria dos colonos partiram, alguns para Santos, outros para Montevideu, uns para o Rio de Janeiro e outros para Florianópolis.

Aqueles que queriam sair a qualquer custo conseguiram embarcar no *late Sahy*. E a desculpa que Mure deu às autoridades foi a de que ele já estava sem recursos para alimentá-los. Acredita-se que a maioria dos franceses que foram para o Saí não estavam acostumados com a enxada, a foice, o suor e o machado. De um lado, Mure devia dar satisfação para o Governo o tempo todo, por outro lado, os colonos não sabiam mais como se sustentar.

Jamain escrevia para as autoridades no intuito de denunciar tudo que estava acontecendo no Saí. Mure escrevia para o redator chefe do *Jornal do Commercio*. Todavia, naquela época, a figura do operário era muito rara, com exceção de alguns outros ofícios, em São Francisco do Sul.

Ele também descrevia os pequenos trabalhos que existiam na Colônia, além de uma estrada longa, trabalhos hidráulicos, uma represa no Rio Saí Mirim e que também tinha desviado o pequeno rio de inúmeras cascatas, dava ênfase e vantagem àquele local ignorado da Colônia. Caso a Colônia e a casa principal não tivessem sido fundadas, certamente aquele local seria aproveitado apenas depois de muitos anos. A casa, apesar de ser de barro e coberta de palha, abrigava até 20 famílias, havia também 18 pontes que tinham sido construídas, muitas delas entre precipícios e cursos d'água.

Leon Ledoux, no final de 1842, conseguiu convencer os colonos a abandonarem a Colônia do Saí para morarem em São Francisco do Sul, e, apesar de Mure ter ido reclamar para a polícia, já que ele tinha assinado um contrato colonial em 19 de janeiro de 1842 e não deu a mínima para tal fato e permaneceu em São Francisco do Sul até morrer, o que aconteceu dois anos depois. Acontece que Ledoux deixou descendentes, dentre eles Aurélio Ledoux, que tinha 62 anos quando se aposentou no comércio de Joinville, logo depois foi para São Francisco do Sul e se dedicou às questões comunitárias da terra. Tanto que, em 1984, fundou a Associação Comunitária e Representativa do Distrito do Saí – Ascoredi.

Dr. Eduardo Deyrolles dizia-se médico, mas sua formação era em Ciências. No entanto, na época, ninguém tentou desmentí-lo. Tanto que ele comprou uma casa em São Francisco do Sul e clinicou por lá durante muito tempo. A localização de sua casa



era chamada pelos habitantes de São Francisco do Sul como “Morro do Deiró”, mas atualmente é um colégio chamado “Francisquense”. Sua esposa foi morta violentamente quando foi buscar água. Eles não deixaram herdeiros. Ambas as famílias, Ledoux e Deyrolles são as únicas que permaneceram na região do Saí.

Enquanto Mure tentava implementar a Colônia Societária, um outro francês, chamado D. Parigot, e um belga, chamado Charles Van Lede, também estavam na província de Santa Catarina e tentaram realizar outros negócios na região. Dr. Parigot estava nos arredores de Tubarão e realizava pesquisas sobre mineração. Enquanto Van Lede estava nos arredores de Porto Belo, em uma cidade chamada Ilhota. Este também estava implementando uma colônia, mas sem os ideais de Fourier. Ele teve êxito em construí-la em 1844 quando chegaram 109 colonos para habitá-la. Os colonos eram da região de Flandres e tiveram o poder de escolha. Por isso, eles decidiram reconstruir as vidas deles do lado direito do Rio-Itajaí-Açu. Mas estes três não eram bem quistos por ninguém. (THIAGO, 1995, p. 50-123).

A colonização belga em Santa Catarina só deu certo em setembro de 1847, porque não havia mais um diretor e não tinham chegado mais colonos. Segundo o relatório do Senhor L. Lannoy, encarregado de negócios da Bélgica no Brasil, havia 136 pessoas, dentre elas tinha crianças, famílias e solteiros, essas pessoas estavam em quatro cidades: São Pedro de Alcântara, Ilhota, Passa Vinte e Desterro e já tinham sete engenhos que produziam açúcar, mandioca e aguardente, além de terem 63 cabeças de gado. Em 1853, quando estava indo para o Uruguai e parou para descansar no Desterro, soube pelo Sr. Henry Shutel que as coisas estavam indo de vento em polpa, e este aproveitou logo para contar a novidade em um novo relatório para Bruxelas.

Já em março de 1854, as notícias não poderiam ser melhores. A situação da Colônia Belga era muito boa, mas tudo por causa do trabalho redobrado. Há dois livros que falam sobre a Colônia Belga: o livro *De Viagem pelo Sul do Brasil*, do ano de 1858, de Robert Avé Lallemand, que aborda sua viagem ao sul do Brasil quando belgas, brasileiros e alemães viveram em conjunto, já que a terra era muito fértil e a localização do local era extremamente propícia; e outro livro, de Johann Jacob von Ischudi, intitulado *Viagens pela América do Sul*, que conta sobre as 200 pessoas que estavam na antiga colônia, vivendo sem nenhuma privação. E, assim, entre idas e vindas de representantes belgas para tirarem a Colônia Belga deles, ninguém

conseguiu tirar os belgas, os brasileiros e os alemães das terras deles, até 1889, em Ilhota, no Estado de Santa Catarina. (MAES, 2005, p. 75-94).

Voltando para a Colônia do Sahy, no início de 1843, o Presidente da Província enviou aos Deputados Provinciais um longo relato falando sobre a falta de habilidade do fundador, pois o que este menos tinha era um espírito associativista e cooperativo e dizia que, tanto em Palmital como no Saí, o que menos se tinha era um trabalho penoso e permanente. Ele contava que existiam apenas 28 pessoas naquela região. No entanto, 14 estavam indecisos e esperavam o Governo Geral tomar algumas decisões, e os outros 14 iriam embora no momento que conseguissem pagar os adiantamentos que tinham recebido do Governo. Neste Relatório da Repartição dos Negócios do Império, ele explica o que viu (1843, p. 32-34):

Agora direi a V. Ex. o que vi em ambos os « Estabelecimentos. Quanto ao do Saby : como o ter- « reno devoluto concedido para estabelecimento da Co- « lonia não tem sahida para o mar, senão pelo Rio Sahy , « que não lie navegável no sitio, onde deve ficar a Co- « lonia; e sendo indispensável que os Colonos tivessem « mais á maõ os recursos, de que carecessem nos pri- « meiros tempos, o Doutor Mure oocupou huma ilhota « deserta, denominada — Alvarenga — aduzentas braças « da margem esquerda do Rio de S. Francisco, e aqui « erigio duas cabanas, que lhe servem de deposito de (( viveres: no continente fronteiro a esta ilhota , e á « Villa, comprou, á margem do Rio, hum sitio, que (( tem soffrivel casa de vivenda , algumas terras de « cultura, e pastagens. Na casa está montada, e em « actividade huma forja, e principia a ter no pasto « algum gado; mas achando-se os fundos deste sitio « ainda distantes dos limites do terreno concedido, ar- « rendou por seis annos outro terreno, que confronta « com o da Colônia, e neste erigio huma, casa bas- « tante espaçosa, onde ha hum forno, e que habitão « três famílias, e os Colonos empregados no desmon- « tamento, e abertura do caminho....f - Y « Até este ponto ha quatrocentas e cincoenta braças « de caminho denominado — Bachelé — melhorado, e « feito para a Colônia, e transitavel por carros. Daqui « até as nascentes do Sahy, onde deve ser o centro da « Colônia, ha duas mil e quatrocentas braças de ca- « minho em construcção daquelle chamado — Maugin — « todo aberto, e feito de novo; e em toda a extensão « de duas mil oitocentas e cincoenta braças ha dezoito « pontes, e estivas, feitas com bastante solidez, li- « gando algumas das primeiras ás quebradas de outeiros « para estabelecer o nivelamento. A direcção deste ca- « minho foi bem escolhida, e elle está bem acabado : « fizerão-se grandes trabalhos em arrancar, e destruir « rochedos, que o obstruição, e me parece não só qu ( 33 ) « forão bem empregadas as quantias, que com elje se « despenderão, como que esta despeza he muito infea rior á importância da obra ; porquanto agora já « esta descoberta, c reconhecida grande parte do ter- « reno, que a Colônia ha de occupar; ja os Colonos « quando chegarem, penetrarão desassombrados no in- « terior, e acharão posições á escolha , onde se esta- « belc/jão, tendo já Tranca huma via para a sabida dos « seus productos. » I / « Na extremidade do caminho, que tenho descrito , » até onde está concluido, estão feitas duas grandes « derrubadas para plantações, estava-se fabricando car- « vão de madeira para uso da forja, e estão estabe- (( lecidos em huma cabana três Colonos. » « Na mesma posição, e nas nascentes do Sahy , se « está construindo hum dique para represar as águas « vertentes das serras, e fazel-as sahir pela comporta, « a fim não só de

profundar o alveo do rio, e tor- « nal-o navegável desde áquelle ponto, mas também | de desobstruil-o. Estão feitos os paredões do dique: « trata-se de cavar o reservatório, e dé fazer a com- (( porta. <sup>a</sup>.

No Palmital, restava apenas quatro. Segundo o Presidente, eles não estavam nem conseguindo produzir para o próprio sustento, e Mure estava angustiado já que tinha ouvido falar que dois navios chegariam cheios de colonos e temia que o Governo perdesse o que tinha e o que não tinha. Além disso, o Presidente criticava o Governo Imperial, pois, ao invés deste socorrer os brasileiros agricultores, ele socorria estrangeiros que só conseguiram fracassar. Além do mais, fazia questão que uma Assembléia Geral fosse feita a fim de ajudar os brasileiros da mesma maneira que os estrangeiros foram ajudados. No Relatório da Repartição dos Negócios do Império, ele explica o que viu (1843, p. 34):

Quanto ao Estabelecimento do Palmitar, expressa-se o referido Inspector nos seguintes termos: « Co- « tno ligados a este Estabelecimento contão-se qua- « renta e dous Colonos de ambos os sexos, e de todas « as idades... Os Colonos, que para alli forão, come- « çarão os seus trabalhos, dandose a construcções na- « vaes, por ora em pequena escala: estão a concluir «, hum lindo escâler de dezoito pés de quilha ; têmão «pronto o estaleiro, e preparavão a madeira para hum « hiate de cincoenta pés. Este gênero de industria pode « ser mui productivo aos Colonos, e proficuo aoPãiz, «porque entre «lies ha artistas hábeis, e não se ne- « gão a admittir discipulos Brasileiros. Também^ tra- « tavão de construir huma olaria, de montar huma « forja, e de fabricar carvão; mas nada havia ainda « feito em lavoura. Neste Estabelecimento ha por ora « maior numero de obreiros, e mais perfeitos que no «Sahy; mas não estão tão unidos, e submissos como «os deste.

Para terminar o relatório, o Presidente dizia que era urgente o desenvolvimento agrícola a partir dos brasileiros e não de estrangeiros, citando a experiência fracassada do Saí. Entretanto, o que interessava na verdade o Imperador e seus orientadores, já que este tinha apenas 15 anos de idade, era a importação de tecnologia industrial e isso só viria com a imigração, que não visava, portanto, apenas o povoamento.

Quando os governantes ouviram tudo que Dr. Mure fazia e viram as profissões dos franceses que acompanhavam Dr. Mure, se deram conta que estes, em sua grande maioria, atuavam no setor tecnológico. É possível imaginar os franceses que se apresentaram ao Imperador: eles eram engenheiros, médicos e jornalistas. Claro que o Governo tinha interesse em inserir a técnica europeia e a “civilização” na população brasileira.

Ninguém sabia se os colonos tinham recebido 64 contos de réis conforme o contrato feito entre Mure e o Governo Imperial, mas depois de tudo o que aconteceu na Colônia do Saí, o Governo tinha mais de um motivo para não emprestar mais dinheiro para o Mure. Apenas em setembro de 1843 que o Governo Imperial desejou saber o que estava acontecendo exatamente na Colônia do Saí. Assim, foi pedida uma auditoria com “pentes finos”.

Apenas dois meses depois que o Inspetor Silva Mafra recebeu retorno do Presidente Ferreira Brito e concluiu que Mure, além de mentiroso, não deveria ter mais esperanças em relação à Colônia Societária do Saí, este só concluiu desta maneira, pois soube pelo societário Leclerc que Mure tinha abandonado a Colônia do Saí por aqueles que estavam no Palmital. Mure tinha partido para o Rio de Janeiro e tinha decidido ficar por lá, pois na capital do império ele começaria a defender a homeopatia e teria que lutar muito contra a medicina tradicional.

Segundo o relatório de Leclerc, 236 colonos vieram para o Brasil através dos navios *Caroline*, *Virgine* e *Neustrie*. Os colonos eram: Mangin, sua mulher e dois filhos (no total de quatro pessoas), Simon, sua mulher e um filho (no total de três pessoas), Chaurisé, sua mulher e dois filhos (no total de quatro pessoas), L'Abbé e sua mulher (no total de duas pessoas), Büchelle e Feliz eram solteiros. De todos eles, apenas uma pessoa era ferreira.

Em relação ao Palmital, havia apenas cinco mulheres, 11 homens e seis crianças, todos elegeram o diretor na França. Quando este vai explicar o que havia no Saí, ele diz que não havia nada na Colônia do Saí. Tudo foi feito na beira mar na Casa Picot. Assim, havia uma serraria, um rancho, um forno para assar pão, uma olaria vazia, uma fábrica de moer no pilão depredada, dois ranchos: um onde o dono da serraria ficava e o outro que um desconhecido tinha ocupado.

Havia também uma estrada em ruínas que ia da beira mar até o rio Saí. Além do mais, havia madeiras enterradas, pois se pretendia criar uma máquina de serrar, também havia uma máquina de serrar, que possibilitava trabalhar com uma folha até quatro, dependendo da força da corrente. Em relação às profissões, Leclerc disse que havia apenas um marceneiro na Colônia, que este ganhava salário, todavia ele não era colono. Em relação ao Palmital, este sabia que havia materiais disponíveis e mecânicos. Enfim, colonos de ambas as Colônias, a do Palmital e do Saí, conseguiram

se ajudar, conviver em harmonia e, de uma certa maneira, alcançar o objetivo principal da proposta de associação.

Após ler o relatório de Mure e o relatório de Leclerc, o Inspetor Silva Mafra contou que Mure tinha afirmado a chegada de 400 colonos quando, na verdade, apenas 236 chegaram no Saí, e que destes a grande maioria tinha ido para Montevideú, no Uruguai. Nesse sentido, muita coisa ficou apenas para inglês ver, isto é, indústrias, oficinas e sertões. Em relação às casas, Mure tinha escrito que havia muitas casas, quando, na verdade, existiam apenas onze e duas delas estavam abandonadas. Para falar sobre a plantação, este concluiu que nada tinha sido plantado. O desmatamento serviu apenas para retirar a madeira cortada e vender. A serraria e a olaria nunca existiram de fato.

Ledoux era escultor e marceneiro, mas, após ter se desentendido com Mure, foi morar em São Francisco do Sul, e Mure teve que contratar uma pessoa para substituí-lo e pagar um salário para ele, que era marceneiro e não um colono. Em relação à Colônia do Palmital, o Inspetor se deu conta que estes estavam organizados e produziam tanto que, além das ferramentas para fabricar máquinas a vapor, estes tinham também construtores de navios. Se, de um lado, as Colônias fizeram as pazes, por outro lado, elas permaneceram separadas.

Concluiu-se, assim, que, apesar do Governo ter oferecido terras perto de águas limpas e de matas virgens, ao lado de uma cidade que havia muitos habitantes para a colonização francesa e apesar do alto investimento brasileiro, nada tinha sido feito, e os franceses não mostravam o mínimo interesse em permanecer no Brasil. Ele comparou o fracasso dos colonos franceses, no Saí, ao sucesso das colônias alemãs de São Pedro da Alcântara; e a italiana da colônia em Tijucas; além dos Grandes e dos “Nacionais” em Itajaí.

Em 1843, era o ano que ele descrevia as Colônias, as italianas, alemãs e as dos nacionais já supriam os mercados com todo tipo de alimento: aves, legumes, porcos, laticínios, farinha de mandioca, café, além da madeira. E conclui que os franceses nunca seriam fundadores de colônias entre os brasileiros, nem mesmo de um sistema societário, já que, quando tentaram fazer isso, a única coisa que conseguiram produzir foi a miséria e a discórdia entre eles.

No entanto, o Inspetor Silva Mafra não se deu conta que os objetivos dos colonos italianos, alemães e nacionais eram diferentes dos colonos franceses:

enquanto os colonos franceses imaginavam chegar ao Saí e poder desenvolver suas habilidades e que sobreviver seria simples, ao chegar lá perceberam o quanto tinham sonhado, pois aquele lugar era só mata e teriam muito o que fazer, ou seja, era um cenário totalmente diferente do que almejavam através das ideias de Fourier. E se for pensar em discórdia, quando há muita gente com grandes ideias, sempre haverá discórdia. O que o Governo Imperial e as autoridades da época não prestaram atenção foi que aqueles colonos franceses, na verdade, não tinham nada de colonos.

Em dezembro de 1843, Mure já estava no Rio de Janeiro, mas decidiu mandar 110 colonos para a Colônia do Saí. Leclerc, ao saber disso, pediu para o Presidente da Província que não deixasse que estes desembarcassem, já que ele não tinha trabalho, comida ou auxílio para acolhê-los e disse que, no Rio de Janeiro, haveria mais possibilidade de eles conseguirem um trabalho. No relato que Ferreira Brito escreveu ao Deputados da Província esclareceu o que sentia sobre a Colônia do Saí. Para ele, aquela Colônia havia fracassado diferente das colônias que haviam sido fundadas na Província de Santa Catarina. Certamente, naquela época, o Governo Imperial se deixou levar pelas ideias do Dr. Benoit Jules Mure.

No dia 15 de agosto de 1844, um novo contrato foi feito, mas, desta vez, quem assinou foram Leclerc, Derrion, Marechal, Raymond e Mangin, estes foram os únicos chefes de família que ficaram na Colônia do Saí, ou seja, eles fundaram uma nova “Sociedade Industrial do Saí”. O objetivo da “Sociedade Industrial do Saí” era o de que os não societários pudessem exercer a profissão deles e usufruir de tudo que precisassem, mas deveriam pagar uma taxa de locação e queriam que a associação integral de Charles Fourier enfim se estabelecesse.

Os societários poderiam trabalhar com o que bem entendessem. No entanto, os princípios de Fourier deveriam ser seguidos, e tudo seria distribuído aos associados, isto é, terras, lucros e indústrias, conforme estes participassem com o talento, o trabalho e o capital deles. Os franceses ainda acreditavam no falanstério e foi assim que estipularam o seguinte: o trabalho valeria cinco duodécimos, o talento de quatro duodécimos e o capital seria representado pelas ações.

Neste novo contrato, dois artigos foram criados: o artigo 13 falava sobre a fidelidade e a obediência à administração e o artigo 14 contava sobre a perda dos direitos do associado que falasse mal da administração e não considerasse a sociedade. Caso a pessoa causasse conflitos, ela poderia ser expulsa do falanstério,

ou seja, o único detalhe que restava de Fourier era a distribuição de bens. No final do ano de 1844, Derrion passou a substituir Leclerc como diretor da Colônia e logo viu que nada do que estava no papel tinha sido colocado em prática. Assim, decidiu elaborar um novo contrato que fizesse com que os colonos pagassem um aluguel pelas terras, pelas florestas e pelas moradias. E, por isso, ele elaborou um relatório para apresentar ao Governo Imperial.

Descreveu-se, primeiramente, a oficina onde se trabalham os metais, dirigida por M. Labbé, que ficava na beira da praia e era uma casa coberta de telhas que se chamava “Pequeno Núcleo Colonial”. Labbé era trabalhador, tanto que trabalhou fora da colônia também em engenhos de arroz. Além disso, ajudou M. Migel e Sion na agricultura. Mas Sion abandonou a colônia, pois sua casa pegou fogo e ele desconfiava que vizinhos brasileiros tivessem feito isso.

Derrion também discorreu sobre um engenho cujo objetivo era colher arroz, mas como as colheitas de arroz eram raras, este não dava muita importância para o engenho. Este engenho tinha 8 pilões, estava em ruínas e precisava da ajuda de um funcionário voluntário e de um martelo para funcionar. Ele ficava mais no interior.

Mangin morava com sua família, este também era muito trabalhador e, em sua casa, havia uma espécie de estrebaria que tinha quatro porcos, dois pares de bois, dez cabras e um cavalo. No entanto, apenas as cabras e porcos pertenciam à ele e a sociedade com Derrion, Raymond e Marechal, o restante era da Casa Picot. Além do mais, Mangin possuía ferramentas e equipamentos para transportes de madeira que eram vendidos nos arredores de São Francisco do Sul.

Mangin, Marechal, Derrion e Raymond também tinham uma grande “roça” de feijão, cana e milho. Eles também tinham uma horta, três alqueires de arroz e um pasto cercado. A Casa Picot era o lugar principal, que tinha sido construída por Francisco Picot, que trabalhava no Jornal do Comércio. Este incentivava em demasia Dr. Mure. Essa casa servia para acolher aqueles que chegavam em 1842, mas, em 1844, os moradores eram outros: Nenevé, Leclerc e Derrion, acompanhados das famílias deles. Além de Launay, Marechal Michel e François Rousselle. A casa era coberta de palha, era grande e tinha muitas diversões.

Launay, Michel e François Rousselle fizeram uma roça enorme de arroz, mandioca e cana. Além do mais, com o auxílio do Sr. Meyer, começaram a plantar colza, uma planta que era usada na Europa e sua principal função era a de produzir

óleo de queimar. Esta planta se adaptou bem ao clima do Saí. Eles também tentaram implementar a cultura da beterraba e do linho.

Além disso, Leclerc e Nenevé aproveitaram os restos de uma fundição, ou seja, uma serraria mecânica, para serrar de uma a duas dúzias e meia de tábuas, esta precisou apenas de um riacho, que, com o auxílio de uma rocha, formava uma queda d'água. A barragem que Mure tinha descrito em seus relatos, segundo Derrion, não existia, o que tinha era apenas restos de material de construção, e o rio não passava de um rio comum.

O caminho que ligava a Casa Picot à baía tinha muitas pontes, mas elas estavam praticamente destruídas, e os poucos colonos que ainda moravam lá não tinham recursos para conservar as pontes nem para recuperá-las. Todavia, parecia uma estrada europeia, já que carroças podiam passar. As subidas íngremes tinham sido facilitadas, os córregos tinham sido preservados e os lodos foram drenados e assim quase sempre estavam secos. Percebeu-se que a técnica eles tinham, o que não tinham mesmo era a mão de obra acostumada para fazer o trabalho braçal.

As 24 pessoas que estavam no final de 1844 na Colônia do Saí eram: Rita, que tinha 32 anos, solteira, portuguesa e estava à serviços de Labbé; François Michel Launay, que tinha 33 anos, era solteiro e trabalhava na lavoura; Rémond, que tinha 28 anos, era solteiro e marinheiro; Clément Marie Labbé, que tinha 38 anos, era solteiro, ferreiro e serralheiro; Charles Leclerc, que tinha 39 anos, era casado, torneiro mecânico e tinha um filho de 2 anos; Etienne Felix Miger, que tinha 42 anos, era solteiro, carpinteiro e trabalhava na lavoura; François Rousselle, que tinha 32 anos, era solteiro e trabalhava na lavoura; Marechal, que tinha 44 anos, era casado, mas sua esposa e seu filho tinham ficado na França; Néneve Remond, que tinha 38 anos, era casado e tinha dois filhos (uma menina de 2 anos e um menino de 3 anos); Nicolas Mangin, que tinha 39 anos, era casado, tinha três filhos (duas meninas que tinham de 1 a 3 anos e um menino de 7 anos) e Michel Marie Derrion, que tinha 43 anos, era um tecelão de tecidos de seda em Lion, era casado e tinha dois filhos.

Dentre essas 24 pessoas, apenas quatro que trabalhavam na lavoura ficaram, mas elas tinham muita dificuldade para sobreviver. Todavia, Derrion continuava esperançoso para fazer acontecer a colonização através dos ideais de Fourier. Essas quatro pessoas, além de ter conhecimentos industriais e científicos, também mantinham relações com a França e se sentiam capazes de fazer um novo movimento



de emigração. Por isso, Derrion pedia um prazo para o Presidente da Província a fim de conseguir juntar trabalhadores para se estabelecerem no Saí e no Palmital.

Assim, ele fez como Jamain e Mure: tentou convencer o Governo Imperial de que a Colônia era para trazer e desenvolver a tecnologia industrial não só a agricultura, mas o Governo Imperial não apoiou as suas ideias, e ele foi o último líder da Colônia do Saí. E como não deu certo tudo o que tinha planejado, foi no dia 7 de abril de 1846 que ele e sua família passaram a viver no Rio de Janeiro e a se sustentar dando aulas, ao mesmo tempo, ele e outros idealistas de Fourier comemoravam o dia do aniversário de Fourier.

Nesta noite, Mure e Derrion se reconciliaram, e Derrion contou aos outros que a Colônia do Saí ainda existia e estava pronta para que fosse reativada. Um ano depois, Derrion ainda morava no Rio de Janeiro, mas continuava entusiasmado com o falanstério, pois não parava de fazer propagandas dela e coletava assinaturas para o “*Democratie Pacifique* “. Mas, em 1850, Derrion morreu de febre amarela. Em Paris, E. Luger escreveu que:

O Sr. Derrion deixa aos verdadeiros discípulos de Fourier um trabalho quase além das suas forças, em razão das suas relações verdadeiramente apostólicas. Todo o tempo que o permitiam as aulas, empregava-o para vender livros da Escola Falansteriana ou assinaturas para os periódicos (...). À véspera, mesmo da sua morte, fez um esboço do discurso que pretendia pronunciar, em 7 de abril no banquete de aniversário de Fourier (THIAGO, 1995, p.142).

Apesar da esposa e do filho dele também terem contraído a febre amarela, estes sobreviveram e voltaram para a França, mas sua mulher, ao escrever uma carta de Paris, em 19 de fevereiro de 1851, conta que tinha ficado chateada e espantada pelo fato do “*Democratie Pacifique*” não ter nem ao menos citado a morte de seu marido Derrion (THIAGO, 1995, p. 123-142).

### 2.2.3.1 Elementos da geografia literária

De acordo com Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 8): “Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período”. Já para Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 193):

Nesse contexto, literatura e geografia não só revelam novas cores ao mundo das pessoas, como também modificam de algum modo a sua realidade. É nesse caminho que podemos pensar uma geografia literária interessada em leituras do espaço ou nas formas como a geografia apreende a literatura na (re)interpretação do espaço geográfico, mas também preocupada com os espaços de leitura ou com os lugares onde a literatura tem presença garantida, provocando leituras de mundo renovadas.

Corroboro mais com as autoras do que com o Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso de *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o pseudônimo reflete uma visão detalhada sobre sua vida, sobre as pessoas e sobre os lugares que ele passou, no entanto apenas em um local, em Santa Catarina, há a data da chegada dele.

## Terra e gente

O relato de viagem apresenta o seguinte trecho: “Na chegada do brigue, um tiro de canhão tinha sido lançado, e a partida de uma embarcação, que me levava aos efeitos nefastos, tinha atraído para este local todos os colonos presentes neste momento, e eu fui saudada por eles com um canto grave e tocante cujo refrão era:”<sup>31</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p.19):

Essa Geografia, denominada de Nova Geografia Cultural, por oposição àquela desenvolvida pelo Sauer, considera o Homem e suas experiências com o meio, vinculando espaço-lugar-cultura-significado-identidade e cotidiano como centro de sua análise.

De acordo com Michel Collot, tradução de Ida Alves (2012, p. 19):

Os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita.

---

<sup>31</sup>L'arrivée du brick, un coup de canon qu'il avait tire, et le départ de la chaloupe qui m'amenait au ravage, avaient attiré tous les colons présents en ce moment sur ce point, et je fus saluée par eux, d'un chant grave et touchant dont le refrain était:

Ratifico o pensamento de todos os autores, pois no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, a meu ver, o pseudônimo escreve com detalhes o primeiro contato com a “gente” daquela “terra”.

## Sentimentos

O relato de viagem expõe o seguinte trecho:

Soube com prazer imenso que todos os detalhes dados pelo autor *de la fausse industrie*, e que eu tinha concluído como uma fábula inventada eram ao contrário perfeitamente verídicas, e que assim a teoria societária já era realizada em parte no antigo domínio dos jesuítas e a cada dia mostrava sua grandeza pela felicidade dos habitantes deste país privilegiado<sup>32</sup>.

Para Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 194): “geograficidades revelam os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações e imaginários, sentidos, identidades e afetividades”.

Concordo com todos os autores, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo expressa com detalhes o seu sentimento frente à experiência de ver na prática o que tinha lido na teoria, no livro *De la Fausse Industrie* de Fourier.

## Espaço e tempo

O relato de viagem mostra o seguinte trecho: “Parti às 5 da tarde da cidade de Santa Catarina, fomos ver o Sahy apenas na manhã seguinte, e no dia 25 de julho de 1842, ao 12h em ponto, enfim toquei na terra do futuro e da mudança”<sup>33</sup>.

Segundo Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 193): “a geografia literária deve considerar não somente o quanto a literatura amplia o nosso conhecimento sobre o

---

<sup>32</sup> J'appris avec un vif plaisir que tous les détails donnés par l'auteur de la fausse industrie, et que j'avais regardés comme une fable ingénieuse étaient au contraire parfaitement véridiques, et qu'ainsi la théorie sociétaire était déjà réalisée en partie dans l'ancien domaine des Jésuites et montrait chaque jour son excellence par le bonheur des habitants de ce pays privilégié.

<sup>33</sup> Partis à cinq heures du soir de la ville de Sainte-Catherine, nous fûmes en vue du Sahy dans la matinée du lendemain, et le 25 juillet 1842, à midi précis, je touchai enfin la terre d'avenir et de régénération.

espaço geográfico, mas também o quanto esse espaço é ressignificado por e para aqueles que acreditam na potência da palavra em transformar vidas”.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 17): “A Geografia e a Literatura cruzam-se, então, na dimensão de um enfoque cultural sobre o espaço e o ser social, independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem”.

Nesse aspecto, compactuo com Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o pseudônimo relata como se estivesse escrevendo em seu diário, já que descreve o dia e a hora exata em que chegou no Sahy.

### **Relação entre o homem e a natureza**

O relato de viagem exhibe o seguinte trecho:

A casa Picot é um lugar para descansar construída na entrada dos bosques intactos. Foi necessário pegar um ponto de apoio antes de atacar essa natureza gigantesca, diante daquela em que o homem sente profundamente sua falta de poder. Então, a gente semeou um campo nesta fronteira das florestas, e hoje depois de uma colheita satisfatória, a gente plantou uma colheita pela segunda vez<sup>34</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 9): “O viés humanístico avança no sentido de investigar como as atividades humanas e os fenômenos geográficos podem revelar a qualidade da conscientização humana em relação ao meio em que vive”.

De acordo com Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilar (p. 3): “A cultura não fala somente do espaço, fala também da natureza. É a partir dessa interação, que os homens atuam em seu ambiente, criando estruturas simbólicas”.

Estou de acordo os autores, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, a meu ver, de um lado o pseudônimo

---

<sup>34</sup> La maison Picot est une halte faite à l’entrée des bois vierges. Il a bien fallu prendre un point d’appui avant d’attaquer cette nature gigantesque, devant laquelle l’homme sent profondément son impuissance. On a donc semé un champ sur cette lisière des forêts, et aujourd’hui après une récolte satisfaisante, on le sème une seconde fois.

mostra uma casa no meio da floresta, e, por outro lado, ele explica que é daquele lugar que eles colheram e plantaram o alimento para o dia a dia da colônia falansteriana.

### **Classificação das ilhas**

O relato de viagem divulga o seguinte trecho: “Eu soube que no norte do interior de Santa Catarina, na quase Ilha do Sahy, acabava de se instalar uma colônia falansteriana sob a direção do doutor Mure”.<sup>35</sup>

Para Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 199):

A geografia literária pode elaborar geografias da literatura. Análise histórica que envolve tanto o contexto em que é produzida a obra, como os espaços por ela representados. No primeiro caso, a obra literária é vista como uma elaboração de papel historiográfico preponderante, embora saibamos que esta não possui preocupação com a realidade socioespacial. No segundo, a obra coloca em relevo ou enriquece a nossa apropriação dos lugares a partir da trama que neles se desenrola. Nessa perspectiva é possível perceber o quanto a literatura acompanha o movimento da sociedade, sua dinâmica cultural, política, econômica e ambiental.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 17):

A Geografia e a Literatura cruzam-se, então, na dimensão de um enfoque cultural sobre o espaço e o ser social, independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem.

Concordo com Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo esclarece que o lugar é “quase” uma ilha, mas é nesta “quase ilha” que a trama se desdobra e uma nova sociedade está sendo construída na colônia falansteriana. Essa sociedade é composta por franceses e brasileiros, e ela é dirigida por um administrador e tudo o que está acontecendo é no meio da natureza.

### **Flora e fauna**

---

<sup>35</sup> J'appris que dans le nord de la province de Sainte-Catherine, dans la presqu'île du Sahy, venait de s'établir sous la direction du docteur Mure, une colonie phalanstérienne.

O relato de viagem difunde o seguinte trecho:

A gente escuta à seus pés o barulho das cascatas do rio, que parecem chamar a indústria europeia; à alguns quilômetros de si, a gente tem uma cadeia paralela que sinaliza o norte da planície do pequeno Sahy e separa ela do grande Sahy; mais longe, à direita, a gente percebe o horizonte o rio longe do Oceano, e no meio da imensa planície o bosque que se estende sob os olhos, sobe uma colina de forma elíptica que parece ser colocada ali como o pedestal de um imenso monumento, um traço visível à olho nu mostra que o caminho é interrompido das cascatas até ali<sup>36</sup>.

Para Fernanda Delgado Cravidão e Marco Marques (2000, p. 24):

O geógrafo não tem a exclusividade do território. Outros o lêem, o descrevem, o cantam, o pintam, o filmam, o tocam... O geógrafo deve saber aproveitar estas e outras formas de o olhar, para assim melhor o reflectir, melhor o entender, melhor o explicar.

## Montanha

O relato de viagem anuncia o seguinte trecho:

Ao chegar no pé das montanhas, vi a fundação de uma casa começada pelo fundador. Ele a fez suspensa para fazer uma casa de madeira e de folhagem. Tudo para o necessário, a gente pensará mais tarde na sua utilidade, eis sua palavra hoje, e cada um entende ela, porque o fundador dá de exemplo<sup>37</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 17): “A Geografia e a Literatura cruzam-se, então, na dimensão de um enfoque cultural sobre o espaço e o ser social, independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem”.

Reitero o pensamento do autor Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil*, no meu ponto de vista, o pseudônimo produz a

---

<sup>36</sup> On entend à ses pieds le bruit des cascades de la rivière, qui semblent appeler l'industrie européenne; à quelques lieues de soi, on a une chaîne parallèle qui borne au nord la plaine du petit Sahy et la sépare de celle du grand Sahy; plus loin, à droite, on aperçoit à l'horizon la rive lointaine de l'Océan, et au milieu de la vaste plaine boisée qui s'étend sous vos regards, s'élève une colline de forme elliptique qui paraît être placée là comme le piédestal d'un immense monument; une tracée visible à l'oeuil montre que le chemin est frayé depuis les cascades jusque là.

<sup>37</sup> Arrivée au pied des montagnes, je vis les fondements d'une maison commencé pour le fondateur. Il l'a fait suspendre pour en faire une en bois et en feuillage. Tout pour le nécessaire, on pensera plus tard à l'utile, voilà sa devise aujourd'hui, et chacun la comprend, parce qu'il prêche d'exemple.

descrição da casa da árvore e conta que o fundador se cercou de cuidados para a construção dela estar em harmonia com o ambiente ao seu redor.

## O papel da mulher na sociedade

O relato de viagem declara o seguinte trecho:

Um segundo grupo forneceu para um grupo de dez colonos, vindos do norte da França, que chegavam, com a ajuda de alguns trabalhadores brasileiros, uma capinagem, que não terá menos que doze hectares e que promete recursos ainda mais abundantes. Não parem, formigas trabalhadoras, novas colmeias chegam até vocês, esteja no nível de sua missão, e que a divina abundância acolha em alguns meses os candidatos do primeiro falanstério! Mas com que vou me ocupar pobre mulher?<sup>38</sup>

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 17): “A Geografia e a Literatura cruzam-se, então, na dimensão de um enfoque cultural sobre o espaço e o ser social, independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem”.

Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira, Maria Juliana Leopoldino Vilar (2019, p. 7-8) declaram:

A subjetividade da narrativa, com simbolismo criado por diferentes gêneros literários, muitos dos quais, utilizam fatos históricos e paisagens reais para estruturar seus escritos, nos arremessam em tempos e culturas diferentes das quais fazem parte do nosso cotidiano. Os romances, as novelas, as distopias, as poesias, entre outros, descortinam em suas estruturas, fatos e eventos cotidianos, carregados de uma percepção e vivência que o narrador carrega em si. Os motivos que os levam a escrever, assegura à literatura uma arte infinda, revelando cenários, paisagens e rugosidades que já deixaram de existir há muito tempo.

Se de um lado, Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida falam do cruzamento de literatura e de geografia, por outro lado, Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilar falam sobre as memórias que surgem no dia a dia.

---

<sup>38</sup> Un second groupe fourni par un groupe de dix colons venus sur la Neustrie, poursuit, avec l'aide de quelques ouvriers brésiliens, un défrichement qui n'aura moins de douze hectares et qui promet des ressources encore plus abondantes. Ne vous arrêtez pas, fournis laborieuses, de nouveaux essais vous arrivent, soyez au niveau de votre mission, et que la divine abondance accueille dans quelques mois les candidats du premier phalanstère! Mais de quoi vais-je m'occuper, moi, pauvre femme?

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 18):

Um dos últimos processos de renovação teórico-metodológico na Geografia, especialmente na Geografia Cultural, iniciou-se com a redefinição de padrões influenciada pela industrialização crescente e pela acelerada urbanização. Desta redefinição emergem novas paisagens, novas relações sociais, novas noções de identidade individual ou coletiva e, por fim, um desencadeamento para um novo rearranjo sócio-espacial.

Apoio as ideias das autoras Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – voyage dans l'Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo tece este trecho do relato e mostra a preocupação da mulher com estas novas relações sociais, o homem e a mulher, dentro deste espaço, que é o Falanstério.

### **A diversidade da natureza**

Do relato de viagem extrai o seguinte trecho: “Um espetáculo feito para agradar me esperava no pico da segunda cadeia. Uma curva formada pelo caminho Mangin, antes da descida, um dos lados da floresta desmatado, deixa perceber toda a planície do Sahy”<sup>39</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 25):

Confere-se a importância atribuída aos elementos espaço, objeto, imagem e a ênfase dada à dimensão “reveladora” da descrição e, a sua associação com a construção de imagens – paisagens. Pode-se concluir que estas “imagens-paisagens” são representações da realidade, reveladas pelo autor.

Compartilho da opinião de Diva Aparecida Machado Olanda e de Maria Geralda de Almeida, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l'Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o pseudônimo narra com detalhes a diversidade da natureza, isto é, cadeia, caminho, floresta e planície que existem no seu trajeto.

---

<sup>39</sup>Au sommet de la deuxième chaîne m'attendait un spectacle fait pour me plaire. Au coude formé par le chemin Mangin, avant la descente, un pan de forêt abattu, laisse apercevoir toute la plaine du Sahy.



## Litoral

O relato de viagem disserta o seguinte trecho:

Esta recepção inesperada, esses sotaques tão doces e tão puros, a vista desta terra que despertava em mim mil pensamentos tumultuados, me arrancaram lágrimas involuntárias, e me causaram a mais intensa das emoções. Eu beijei a areia da praia, e se várias damas não tivessem vindo correndo e me recebendo nos braços delas, e socorrida, o excesso de alegria teria tirado sem dúvida o uso dos meus sentidos<sup>40</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 29):

Na perspectiva da abordagem cultural, entende-se que o ponto convergente entre ambas é o lugar e o homem e, é possível aproximá-las e, por conseguinte, tornar a Literatura uma fonte enriquecedora da investigação geográfica.

Concordo com todos, as autoras Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida, pois no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l'Amérique Méridionale*, a meu ver, de um lado, o pseudônimo revela que, da embarcação em que estava, para ele a única coisa que importava era aquele litoral e, por isso, quando enfim chegou nele, o beijou. Por outro lado, o pseudônimo expõe que, naquela sociedade, as mulheres não se importaram com regras de etiqueta, nem se elas conheciam ou não aquele que chegava, elas simplesmente correram para abraçá-lo.

## Religião

O relato de viagem relata o trecho seguinte:

Ao me acordar no dia seguinte, meu primeiro pensamento foi de me certificar que enfim eu estava em terra firme após um longo tempo desejando sua realização, e que eu não era o brinquedo de um sonho da minha imaginação. Esta certeza me deixou muito calma e tomei a decisão de colocar todas as minhas forças para assegurar o sucesso de uma obra tão grande. É pelas

---

<sup>40</sup>Cet accueil inespéré, ces accents si doux et si purs, la vue de cette terre qui réveillait en moi mille pensées tumultueuses, m'arrachèrent des larmes involontaires, et me causèrent la plus ravissante des émotions. Je baisai le sable de la plage, et si plusieurs dames accourues ne m'avaient reçue dans leurs bras, et secourue, l'excès de la joie m'aurait sans doute ôté l'usage de mes sens.

ações que as grandes convicções se manifestam, que serve para acreditar que se a gente fica acomodado, é a fé que salva, mas ela salva porque ela dá origem à caridade, e é a caridade que torna real as convicções<sup>41</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 19):

Essa Geografia, denominada de Nova Geografia Cultural, por oposição àquela desenvolvida pelo Sauer, considera o Homem e suas experiências com o meio, vinculando espaço-lugar-cultura-significado-identidade e cotidiano como centro de sua análise.

Para as mesmas autoras (2008, p. 29):

Pela leitura, interpretação e contextualização da obra literária, a partir das idéias e imagens contidas nos fatos, cenários e nos personagens da narrativa, é possível associar e conjecturar todos os elementos revelados na obra literária e descortinar aspectos sócio-espaciais, históricos e culturais da sociedade nele representada.

De acordo com Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilar (2019, p. 4):

Assim, o território constitui um conceito dialético, configurado pela unificação de opostos que se complementam entre si. Dentro de um mesmo espaço convivem diferentes raças, religiões, classes sociais, orientações sexuais, mostrando como a construção territorial carrega uma multipolaridade de ações e construções simbólicas no seu interior.

Concordo com as autoras Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilar, pois no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo divulga com detalhes que ele tem fé e que não importa onde esteja e com quem esteja, pois é primordial fazer algo para alguém mesmo que este alguém não se importe.

## Pessoas

---

<sup>41</sup>Le lendemain en m'éveillant, ma première pensée fut de bien m'assurer que j'étais enfin sur la terre si long-temps désirée de la réalisation, et que je n'étais pas le jouet d'un rêve de mon imagination. Cette certitude me fut bien douce, et je pris la résolution d'employer toutes mes facultés à assurer la réussite d'une si grande oeuvre. C'est par les actions que les grandes convictions se manifestent; que sert de croire si l'on reste inactif, c'est la foi qui sauve, mais elle sauve parce qu'elle engendre la charité, et c'est la charité qui réalise.

O relato de viagem apresenta o seguinte trecho: “Eu fui igualmente festejada, hospedada, questionada pelos trabalhadores da casa Picot. Passei o resto do dia na casa da família do Sr. Mangin, e no dia seguinte parti para o interior do Sahy acompanhada por ele”<sup>42</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 17): “A Geografia e a Literatura cruzam-se, então, na dimensão de um enfoque cultural sobre o espaço e o ser social, independente de tê-lo como objeto, sujeito, manifestação ou como uma abordagem”.

Estou de acordo com Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o pseudônimo propaga que, na Casa Picot, aquela Casa que é no meio da floresta, a família Mangin, segundo a cultura desta, o recebeu, fizeram uma festa enquanto ele estava lá, o hospedaram e no dia seguinte, o próprio Mangin o acompanhou no seu trajeto.

## Receitas

O relato de viagem mostra no seguinte trecho: “Aqui há uma padaria que fornece pão para toda colônia. A casa é imensa, o que basta para acomodar os colonos que não puderam se instalar no Sahy”<sup>43</sup>.

Concordo com Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, a meu ver, o pseudônimo escreve que há uma padaria que funciona para fazer pão e para abrigar os membros da colônia falansteriana. Como o administrador Dr. Mure e a maioria dos colonos são franceses, eles construíram uma padaria para que esta fornecesse pão para todos, já que, na cultura francesa, o pão é algo indispensável.

## O sabor

---

<sup>42</sup>Je fus également fêtée, hébergée, questionnée par les travailleurs de la maison Picot. J’y passai le reste de la journée dans la famille de M. Mangin, et le lendemain je partis accompagnée par lui pour l’intérieur du Sahy.

<sup>43</sup>Il y a là une boulangerie qui fournit du pain à toute la colonie. La maison est vaste et suffit au logement des colons qui n’ont point encore pu s’installer dans le Sahy.

O relato de viagem expõe o seguinte trecho:

Mas quem não se submeteria às mais difíceis privações pensando na grandeza, na proximidade de nosso objetivo sublime. Quantas vezes nas corridas para os meios dos bosques intactos, não me encontrei apenas com um punhado de mandioca, com um pedaço de carne salgada para a comida, e tive que dormir no pé de uma árvore embrulhada com um casaco de um dos meus companheiros de viagem<sup>44</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 18):

Um dos últimos processos de renovação teórico-metodológico na Geografia, especialmente na Geografia Cultural, iniciou-se com a redefinição de padrões influenciada pela industrialização crescente e pela acelerada urbanização. Desta redefinição emergem novas paisagens, novas relações sociais, novas noções de identidade individual ou coletiva e, por fim, um desencadeamento para um novo rearranjo sócio-espacial.

Compartilho da opinião de Tiago Vieira Cavalcante, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo narra que, naquele lugar em que estavam, pouco importava o sabor da pouca comida que tinham disponível, o que importava era construir o primeiro falanstério do Brasil, o Falanstério do Sahy.

## A viagem

O relato de viagem exhibe o seguinte trecho: “Depois de uma modesta refeição, e algumas horas dadas à este primeiro encontro, me prepararam uma cama, onde um longo sono veio apagar os cansaços que eu tinha experimentado durante a viagem”<sup>45</sup>.

Para Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 196): “E ao adentrarmos a cidade pela literatura, outras geografias nos aparecem”.

---

<sup>44</sup>Mais qui ne se soumettrait aux plus rudes privations en pensant à la grandeur, à la proximité de notre but sublime? Que de fois dans des courses, au sein des bois vierges, ne me suis-je pas trouvée réduite à une poignée de manioc, à un morceau de viande salée pour nourriture, et à dormir au pied d’un arbre enveloppée dans le manteau d’un de mes compagnons de voyage.

<sup>45</sup>Après un modeste repas, et quelques heures donnés à cette première entrevue, on me prépara un lit, où un long sommeil vint effacer les fatigues que j’avais essayées pendant mon voyage.

Concordo com todos os autores, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – voyage dans l’Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, de um lado o pseudônimo expõe que, naquele trecho da viagem, no falanstério do Sahy tudo era simples. Por outro lado, ele mostra que este lugar, o falanstério, é o único lugar que ele queria estar.

## Cotidiano

O relato de viagem difunde o seguinte trecho: “Abrigos e comidas simples, eis tudo que temos, tudo que podemos oferecer. A penível existência dos bosques não tem nada de parecido com a imagem da indústria atrativa”<sup>46</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 19):

Essa Geografia, denominada de Nova Geografia Cultural, por oposição àquela desenvolvida pelo Sauer, considera o Homem e suas experiências com o meio, vinculando espaço-lugar-cultura-significado-identidade e cotidiano como centro de sua análise.

Compartilho da opinião das autoras Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, a meu ver, o pseudônimo deixa bem claro que, para permanecer na colônia falansteriana, é preciso saber que o dia a dia será sem luxo e o habitat será no campo e não em uma cidade estruturada. E, por fim, será necessário se adaptar a este novo lugar.

## Identidades

O relato de viagem anuncia o seguinte trecho:

Eu estava cansada da América Espanhola. Os gritos de morte dos satélites de Rosas, as cenas de carniceira que tinha visto, me causavam um horror profundo. Ah, não foi isso que eu tinha vindo procurar no Novo-Mundo! Montevideo é verdade, me proporcionava dias mais tranquilos e a numerosa

---

<sup>46</sup>Des abris et une nourriture grossière, voilà tout ce que nous avons, tout ce que nous pouvons offrir. La rude existence des bois n’a rien qui offre l’image de l’industrie attrayante.

população francesa que desembarcava me mostrava a circunstância ideal para reencontrar mais facilmente as lembranças e a língua francesa<sup>47</sup>

Para Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 194): “geograficidades revelam os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações e imaginários, sentidos, identidades e afetividades”.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 20):

A perspectiva cultural na Geografia reconhece a centralidade da cultura humana (totalidade e universalidade) ao focar o homem inteiro por intermédio das suas relações sócio-espaciais e a experiência cotidiana com o meio de sua existência. E também, ao propor investigar os sentimentos, as representações e as aspirações humanas e, ainda, como o homem se vê e como constrói sua identidade. Essas posturas explicitam a visão e os objetivos desse viés da ciência geográfica.

Concordo com todos os autores, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo relata que, se de um lado, a Argentina não estava no seu melhor momento, por outro lado, a cidade de Montevideu estava tranquila, além do mais Montevideu recebia muitos franceses, e como estes falavam francês entre eles, estar perto destes franceses era uma maneira de matar a saudade da língua francesa e voltar a lembrar daqueles que ele deixou para trás.

## Paráiso

O relato de viagem declara o seguinte trecho:

Como reproduzir os primeiros momentos passados entre os discípulos de Fourier. Todas as questões ficadas sem resposta, os gritos, os transportes, esta confusão cheia de charme, que animam o encontro de antigos amigos que se veem novamente após uma longa ausência, ou de sectários apaixonadas como nós, que são também amigos, animados com o mesmo ardor, que se procuram e que se encontram? Tudo isso se sente bem demais para se descrever como é necessário. Quais palavras poderiam pintar essas

---

<sup>47</sup>J’étais lassé de l’Amérique espagnole. Les cris des mort des satellites de Rosas, les scènes de carnage que j’avais vues, m’inspiraient une profonde horreur. Hélas, ce n’est point là ce que j’étais venu chercher au Nouveau Monde! Monte-Video, il est vrai, m’offrait un séjour plus tranquille, et la nombreuse population française qui y afflue me donnait l’occasion d’y retrouver plus facilement les souvenirs et la langue de la patrie.

emoções vivas e apaixonadas que se descolorem mesmo na memória dos que sentiram<sup>48</sup>.

Para Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida (2008, p. 17):

Os atributos sócio-espaciais como os laços, a agradabilidade, a afetividade, o sentimento de pertencimento e os símbolos espaciais oriundos da relação do homem com o meio, para a Geografia Cultural, todos são elementos para o pesquisador investigar e apreender o mundo vivido. Experiência vivida que se desenvolve num local, numa cultura e ambiente natural específicos.

De acordo com Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilao: “o conceito de território é remetido à construção literária, gerando a construção de uma identidade socioterritorial”.

Corroboro com os argumentos das autoras Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o pseudônimo expõe que a experiência de estar no Falanstério do Sahy, no meio do seu grupo, ou seja, daqueles que acreditam em Fourier e no meio da natureza, é um verdadeiro paraíso.

## **Ir e vir**

O relato de viagem discorre o seguinte trecho: “Me apressei para partir em direção à Santa Catarina depois de ter comunicado meu projeto aos meus amigos”.<sup>49</sup>

Para Tiago Vieira Cavalcante (2021, p. 196): “ao adentrarmos a cidade pela literatura, outras geografias nos aparecem”. Dessa forma, para mim, a autora narra que ele tem um projeto em mente, que precisa vivenciar isso que estava acontecendo na “quase ilha” do Sahy e mostra que, com amigos ou sem amigos, ele iria viver e se dirigir até Santa Catarina para viver esta experiência.

---

<sup>48</sup>Comment reproduire les premiers moments passés parmi les disciples de Fourier. Toutes les questions restées sans réponse, les cris, les transports, cette confusion pleine de charmes, qui animent l’entrevue d’anciens amis qui se revoient après une longue absence, ou de sectaires passionnés comme nous, qui sont aussi des amis, animés d’une même ardeur, qui se sont cherchés et qui se retrouvent? Tout cela se sent trop bien pour se décrire comme il faut. Quelles paroles pourraient peindre ces émotions vivantes et passionnés qui se décolorent, même dans la mémoire de ceux qui les ont ressenties?

<sup>49</sup>Je me hâtai donc de partir pour Sainte-Catherine, après avoir communiqué mon projet à mes amis.

## Utopia

O relato de viagem disserta o seguinte trecho:

No entanto nada mantinha esta esperança indestrutível, este desejo autoritário me perseguia por toda parte, de ver realizar a cidade-modelo de Fourier, que parece porém ter sido concebido para essas terras virgens, onde as sociedades humanas podem se formar fora de todos os fatos e de todos os abusos do velho mundo. Por um outro lado, esta chegada louca de emigrantes, que presenteia Montevidéo com algum resultado, apresenta também seus inconvenientes<sup>50</sup>.

De acordo com Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilar (2019, p. 4):

Além do retrato do passado, as perspectivas futuras também são consideradas, como na literatura utópica que almeja um futuro otimista ou distópica que apreende a visão pessimista do vindouro a partir de um determinado período e/ou sobre algum assunto específico.

Para Thomas More (2004, p. 142): “Mas nesse novo mundo, menos separado de nós pela geografia do que pelas diferenças de hábitos e de modo de vida, ninguém confia nos tratados”.

Estou de acordo com todos os autores, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – voyage dans l’Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o pseudônimo descreve que as suas esperanças jamais morrerão e que ver de perto, em um futuro próximo, uma cidade modelo, como a cidade escrita por Fourier, em terras jamais vistas, sem ter que aguentar os desaforos que o Velho Mundo lhe impunha, estava valendo a pena, mesmo sabendo que a quantidade de franceses que desembarcavam em Montevidéu (Uruguai) era desmedida, e que logo haveria consequências dessa chegada em massa.

## Um mito do Eldorado

---

<sup>50</sup>Cependant rien n’y entretenait cette impérissable espérance, ce désir impérieux qui me poursuivaient partout, de voir réaliser la commune-modèle de Fourier, qui semble cependant avoir été conçue pour ces terres vierges, où les sociétés humaines peuvent se former en dehors de tous les précédents et de tous les abus du Vieux monde. D’un autre côté, cette affluence d’émigrans, qui offre quelque agrément à Monte-Vidéo, présente aussi ses inconvénients.



O relato de viagem apresenta o seguinte trecho:

Quanto à mim, deposito aqui minha bengala e minha capa de pelegrina, Corpo e alma prometido para a realização falansteriana, eu era estrangeira nesta terra, tanto que a teoria ficava confinada nos livros. Hoje que ela se encarne e fixe raízes sob o solo, me uno ao lugar onde ela deve crescer, florescer e se estender<sup>51</sup>.

Para Jago Cooper (2013, p.1):

O sonho de encontrar El Dorado, uma mítica cidade de ouro perdida na selva sul-americana, levou muitos conquistadores a se aventurarem, inutilmente, por florestas e montanhas. Séculos depois, estudos arqueológicos revelam que "O Dourado" não era um lugar, e, sim, uma pessoa.

Já para a BBC (2013, p. 1):

O mito europeu inspirado em El Dorado, o de uma cidade perdida, feita de ouro, à espera de ser descoberta por conquistadores aventureiros, condensa a sede infinita dos europeus pelo ouro e sua determinação em explorar financeiramente os novos territórios.

Já nesse aspecto, discordo de ambos os autores, pois, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l'Amérique Méridionale*, para mim, o pseudônimo termina seu relato comparando a teoria de Fourier com uma planta. A semente foi lançada, ou seja, o Falanstério do Sahy foi construído, bastaria agora esperar a planta crescer, ou seja, o Falanstério do Sahy ser descoberto por todo mundo, florescer, ou seja, ser observado por um certo tempo e, por fim, se estender, ou seja, mais Falanstérios serem criados ao redor do mundo.

## Antropologia

O relato de viagem mostra o seguinte trecho:

Todos meus amigos da véspera estavam ocupados, cada um à sua maneira, mas logo um almoço simples nos reuniu. Eu peguei as informações que eram

---

<sup>51</sup>Quant à moi, je dépose ici mon bourdon et ma cape de pèlerine. Vouée corps et âme à la réalisation phalanstérienne, j'étais étrangère sur cette terre, tant que la théorie restait confinée dans les livres. Aujourd'hui qu'elle s'incarne et jette des racines dans le sol, je m'attache au lieu où elle doit croître, fleurir et s'étendre.

necessárias para minha instalação; fiquei sabendo quais eram as formalidades exigidas para minha inscrição nos cargos da colônia falansteriana, e em seguida cada um voltando para suas tarefas, me deixou com liberdade para que eu fizesse como eu quisesse minhas observações<sup>52</sup>.

De acordo com Maria Aletheia Stedile Belizário, Marcele Lima de Oliveira e Maria Juliana Leopoldino Vilar (2020, p. 4): “Os livros tornam-se uma rica fonte de conhecimento sobre localidades e/ou indivíduos descritos neles”.

Já para o Departamento de Antropologia da USP:

Formação de uma literatura “etnográfica” sobre a diversidade cultural  
 Período – Séculos XVI-XIX  
 Características – Relatos de viagens (Cartas, Diários, Relatórios etc.)  
 feitos por missionários, viajantes, comerciantes, exploradores, militares, administradores coloniais etc.  
 Temas e Conceitos – Descrições das terras (Fauna, Flora, Topografia) e dos povos “descobertos” (Hábitos e Crenças). Primeiros relatos sobre a Alteridade.

Discordo de ambos os autores, pois, para mim, no caso do relato de viagem *Phalanstère du Brésil*, o pseudônimo escreve uma carta que alguém publicou como livro, conforme o prefácio do relato de viagens explica. Além disso, o pseudônimo escreveu sobre o dia a dia dos colonos que moravam na Colônia do Sahy, esses colonos eram franceses. Apenas em um trecho, o relato conta que havia brasileiros trabalhando, apresento-o em seguida:

Um segundo grupo forneceu para um grupo de dez colonos, vindos do norte da França, que chegavam, com a ajuda de alguns trabalhadores brasileiros, uma capinagem, que não terá menos que doze hectares e que promete recursos ainda mais abundantes. Não parem, formigas trabalhadoras, novas colmeias chegam até vocês, esteja no nível de sua missão, e que a divina abundância acolha em alguns meses os candidatos do primeiro falanstério! Mas com que vou me ocupar pobre mulher?<sup>53</sup>

## Sociologia

<sup>52</sup>Tous mes amis de la veille étaient occupés chacun de son côté, mais bientôt un modeste déjeuner nous réunit. J’y pris les informations qui m’étaient nécessaires pour mon établissement; j’appri les formalités exigées pour mon inscription dans les cadres de la colonie phalanstérienne, et bientôt chacun retournant à ses occupations me laisse la liberté que je désirais pour faire mes premières observations.

<sup>53</sup>Un second groupe fourni par un groupe de dix colons venus sur la Neustrie, poursuit, avec l’aide de quelques ouvriers brésiliens, un défrichement qui n’aura moins de douze hectares et qui promet des ressources encore plus abondantes. Ne vous arrêtez pas, fourmis laborieuses, de nouveaux essaims vous arrivent, soyez au niveau de votre mission, et que la divine abondance accueille dans quelques mois les candidats du premier phalanstère! Mais de quoi vais-je m’occuper, moi, pauvre femme?

O relato de viagem explica que:

A carta que oferecemos ao público nos pareceu de um tão grande interesse, e reproduzir com uma tão escrupulosa e tão elegante fidelidade tudo que se pode desejar saber sobre o “estado” da tentativa falansteriana no Sahy, que sentimos ter dever de publicá-la<sup>54</sup>.

E conta que: “Eu soube que no norte do interior de Santa Catarina, na quase Ilha do Sahy, acabava de se instalar uma colônia falansteriana sob a direção do doutor Mure”<sup>55</sup>.

Para Pierre Mercklé (2008, p. 1):

O “Falanstério é fundamentalmente concebido na obra de Charles Fourier como dispositivo experimental central destinado à demonstrar, pela prática, a validade de sua teoria do mundo social. Primeiro Fourier atrai a atenção sobre algumas condições geográficas desta experimentação, a tentativa, em particular, deve estar localizada perto de um curso de água, em um terreno propício à maior possibilidade de culturas, no entanto próximo de uma grande cidade. O protocolo experimental integra depois um certo número de prescrições sociológicas, no entanto sobre a estrutura da “Falange” que deve vir morar e animar ela: de fato, esta aqui deve reagrupar, segundo as regras de composição minuciosamente elaboradas, pessoas apresentando a maior variedade possível de sorte, idade e caráter. Na *Théorie de l'unité universelle* (1822) e depois *Le nouveau monde industriel* (1829), os quadros resumindo a “distribuição” da Falange carregam um testemunho particularmente espetacular da precisão das regras de composição “sociológica” do grupo de tentativa<sup>56</sup>.

De acordo com Heloise Morel (2023, p. 1):

A teoria de Charles Fourier é um plano social construído em reação à desordem da industrialização. Ele funda assim o falanstério que é a estrutura de base de uma sociedade baseada na harmonia universal. Para isso, a

---

<sup>54</sup>La lettre que nous donnons au public nous a paru d'un si grand intérêt et reproduire avec une si scrupuleuse et si elegante fidélité tout ce qu'on peut désirer savoir sur l'état de l'essai phalanstérien au Sahy, que nous nous sommes fait un devoir de la publier.

<sup>55</sup>J'appris que dans le nord de la province de Sainte-Catherine, dans la presqu'île du Sahy, venait de s'établir sous la Direction du docteur Mure, une colonie phalanstérienne.

<sup>56</sup>Le « Phalanstère » [1] est fondamentalement conçu dans l'œuvre de Charles Fourier comme le dispositif expérimental central destiné à démontrer, par la pratique, la validité de sa théorie du monde social. Fourier attire tout d'abord l'attention sur quelques unes des conditions géographiques de cette expérimentation : l'essai, en particulier, doit être localisé près d'un cours d'eau, sur un terrain propice à la plus grande variété possible de cultures, mais néanmoins à proximité d'une grande ville. Le protocole expérimental intègre ensuite un certain nombre de prescriptions sociologiques, portant sur la structure même de la « Falange » qui doit venir l'habiter et l'animer : celle-ci doit en effet regrouper, selon des règles de composition minutieusement élaborées, des personnes présentant la plus grande variété possible en fortunes, en âges et en caractères. Dans la *Théorie de l'unité universelle* (1822) et ensuite dans *Le nouveau monde industriel* (1829), les tableaux résumant la « distribution » de la Falange portent un témoignage particulièrement spectaculaire de la précision des règles de composition « sociologique » du groupe d'essai.

liberdade deve ser efetiva para todos. Os falansterianos praticam várias profissões, desenvolvendo assim diversas faculdades. Esse sistema seria a base da felicidade social e permitiria a realização dos desejos dos homens. Segundo a teoria das paixões de Fourier, o amor é o fundamento da ordem social e este aqui reencontrará seu equilíbrio quando as paixões do indivíduo serão liberadas da mordaça da civilização. Ele distingue doze grandes paixões nos homens tais como o entusiasmo, a necessidade de rivalidade e a necessidade de mudança que permite organizar o trabalho em harmonia. A necessidade de mudança permite devolver o trabalho atraindo para o indivíduo propondo diversas tarefas e não mais uma só como na civilização. O trabalho, o talento e o capital são associados para o bom funcionamento da comunidade do Falanstério.<sup>57</sup>

Concordo com ambos os autores, pois, no prefácio do relato de viagem: *Phalanstère du Brésil – Voyage dans l’Amérique Méridionale*, no meu ponto de vista, o autor desconhecido deixa bem claro que eles tentaram construir um falanstério no Sahy, em Santa Catarina, no Brasil.

Em seguida, apresento o conceito de ecotradução utilizado na tradução do Relato de viagem: *Phalanstère du Brésil – voyage dans l’Amérique Méridionale*.

#### 2.2.4 Ecotradução

Para mim, pesquisadora da área de Estudos da tradução, quero contribuir com a área da Ecotradução. A primeira pessoa que escreveu em português sobre ecotradução no Brasil foi a professora Marie-Hélène Catherine Torres, e o texto se chama “Tradução e ética: a problemática da retroconversão”, publicado na revista *Cadernos de tradução*, dia 03 de março de 2021. No entanto, Michael Chronin já havia escrito o livro: *Eco-translation. Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene. London: Routledge*, de 2017.

Para falar sobre a Natureza e Nomes dos lugares/Topônimos, apoiei-me na Ecotradução que segundo Torres (2021, p. 174):

---

<sup>57</sup>La théorie de Charles Fourier est un plan social construit en réaction au désordre de l'industrialisation. Il fonde ainsi le phalanstère qui est la structure de base d'une société basée sur l'harmonie universelle. Pour cela, la liberté doit être effective pour tous. Les phalanstériens pratiquent plusieurs métiers, développant ainsi diverses facultés. Ce système serait la base du bonheur social et permettrait la réalisation des désirs des hommes. Selon la théorie des passions de Fourier, l'amour est le fondement de l'ordre social et celui-ci retrouvera son équilibre lorsque les passions de l'individu seront libérées du bâillon de la civilisation. Il distingue douze grandes passions chez l'homme telles que l'enthousiasme, le besoin de rivalité et le besoin de changement qui permettent d'organiser le travail en Harmonie. Le besoin de changement permet de rendre le travail attrayant pour l'individu en proposant diverses tâches et non plus une seule comme dans la civilisation. Le travail, le talent et le capital sont associés pour le bon fonctionnement de la communauté du Phalanstère.

Concerne aos textos (literários no que me ocupa) que traz de uma forma ou de outra a natureza como tema, personagem, reflexão. A ecotradução apreende a tradução da relação entre a natureza e a literatura em diversos contextos culturais e examina em que medida a ficção e/ou a poesia deram um lugar essencial à natureza e às relações antrópicas com o meio ambiente. (TORRES, 2021, p. 174)

No entanto, Charles Le Blanc traz a natureza como instrução, de acordo com ele (2019, p. 39): "Há muito tempo, se acreditava, e talvez ainda hoje se acredita que os homens podem se instruir através das paisagens"<sup>58</sup> .

Se de um lado Marie-Hélène Catherine Torres fala da natureza como temática na literatura, e Charles Le Blanc conta sobre a possibilidade de se instruir através de paisagens, pode-se pensar em uma aula de tradução de relatos de viagens em que o elemento para comentário de tradução será "paisagens", que nada mais é do que estar no grande leque do elemento "natureza".

O papel do tradutor que encontrei para a ecotradução foi a tradução de Paolo Magagnin (2020, p. 111) que ele fez do inglês do texto de Leung (2006) para o francês:

O papel da prática tradutória tanto quanto forma de engajamento político no sentido mais amplo da palavra, que ela torna um mecanismo de resistência ou que ela visa, ao contrário, preservar um estado de opressão ou um status quo ideológico – representa uma preocupação maior para os tradutores, sobretudo desde a virada cultural e o desenvolvimento ou a abordagem pós-colonial, ao ponto que alguns evocaram a emergência de uma virada ideológica.<sup>59</sup>

Para complementar as teorias de Ecotradução, analisei um texto que Mirella Piacentini (2020, p. 39) no qual ela citou os trabalhos de François Michel e de Marc Boutavant (2007) e que fala sobre a indústria, o transporte e a agricultura: "A ecologia se interessa nas atividades humanas como a indústria, a agricultura ou o transporte. Pois essas atividades transformam nosso meio ambiente, a terra."<sup>60</sup> , e que vai me

---

<sup>58</sup> On a longtemps cru, et l'on croit peut - être encore, que les hommes pouvaient s'instruire des paysages.

<sup>59</sup> Le rôle de la pratique traduisante en tant que forme d'engagement politique au sens large, qu'elle devienne un mécanisme de résistance ou qu'elle vise, au contraire, à préserver un état d'oppression ou un status quo idéologique - représente une préoccupation majeure chez les traductologues, surtout depuis le tournant culturel et le développement ou l'approche post coloniale, au point que certains ont évoqué l'émergence d'un tournant idéologique.

<sup>60</sup> L'écologie s'intéresse aux activités humaines comme l'industrie, l'agriculture ou le transport. Car ces activités transforment notre environnement, la terre".

ajudar a justificar os comentários quando o texto traz aspectos do transporte, da agricultura e da indústria.

Hoje, em 2023, a tradução do livro *Falanstério do Brasil: Viagem pela América Meridional* pode ser tanto um Relato de viagens, como "Livres Verts" ou "Livres cultes", pois, dentre as características deles, há um convite para sair da cidade e descobrir ou até redescobrir a natureza. Para Muguras Constantinescu (2020, p. 1):

Estes livros verdes se situam em qualquer lugar entre o best seller científico, ecologia para um público vasto, livro prático, estilo de vida, todos tendo como base princípios científicos tratando da antiguidade, atualizados por experimentos novos e pesquisas contemporâneas. Alguns títulos chamam particularmente nossa atenção. Traduzidos do alemão, do inglês, do espanhol, do italiano ou do francês, essas obras tornam-se « livros-cultos » dando ênfase para as plantas e a inteligência delas, o reino vegetal, em geral, dando lugar para um lugar particular na floresta. Eles tem como característica comum o fato de não evocar com insistência o desastre ecológico atual, de não atribuir o desastre à alguém, sem possibilidade de chamado, ao homem, e de convidar este homem para não ficar prisioneiro da cidade, mas de redescobrir ou descobrir a natureza. <sup>61</sup>

O livro, que estou trabalhando nesta tese, fez com que eu olhasse para a área de Ecotradução e, após muitas discussões e leituras, descobri que esta é uma área interdisciplinar. Após muitas pesquisas realizadas no Brasil e na França, consegui descobrir alguns teóricos da área de Estudos da tradução que contribuíram para a área de Ecotradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Charles Le Blanc, Paolo Magagnin, Mirella Piacentini e Muguras Constantinescu.

No próximo capítulo, apresentarei a tradução do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de 1842.

---

<sup>61</sup> Ces livres verts se situent quelque part entre bestseller scientifique, écologie pour un large public, livre pratique, style de vie, tous ayant à la base des principes scientifiques datant de l'Antiquité, actualisés par des expérimentations nouvelles et par des recherches contemporaines. Quelques titres ont particulièrement retenu notre attention. Traduits de l'allemand, de l'anglais, de l'espagnol, de l'italien ou du français, ces ouvrages, devenus parfois des « livres-cultes », mettent en nouvelle lumière les plantes et leur subtile intelligence, le règne végétal, en général, accordant une place particulière à la forêt. Ils ont comme caractéristique commune le fait de ne pas évoquer avec insistance le désastre écologique actuel, de ne pas l'imputer, sans possibilité d'appel, à l'homme, et d'inviter ce dernier à ne pas rester prisonnier dans le milieu urbain, de (re)découvrir la nature.

### 3. TRADUÇÃO DO RELATO DE VIAGEM : PHALANSTÈRE DU BRÉSIL: VOYAGE DANS L'AMÉRIQUE MÉRIDIONALE DE LOUISE BACHELET

Em seguida, apresento a tradução do relato de viagem *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* de Louise Bachelet.

- |   |  |  |
|---|--|--|
| 1 | <i>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale</i>   | Falanstério do Brasil: Viagem pela América Meridional  |
| 2 | <i>Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale</i>   | Falanstério do Brasil: Viagem pela América Meridional  |
|   | La lettre que nous donnons au public nous a paru d'un si grand intérêt et reproduire avec une si scrupuleuse et si elegante fidélité tout ce qu'on peut désirer savoir sur l'eta' de l'essai phalanstérien au Sahy (1), que nous nous sommes fait un devoir de la publier. | A carta <sup>62</sup> que oferecemos ao público nos pareceu de um tão grande interesse, e reproduzir com uma tão escrupulosa e tão elegante fidelidade tudo que se pode desejar saber sobre o “estado” da tentativa falansteriana no Sahy (1), que sentimos ter dever de publicá-la. |
| 3 | (1)On sait que la péninsule du Sahy est située sur le fleuve de Saint Francisco, dans la province de Sainte-Catherine.   | <b>Nota de rodapé:</b> Sabe-se que a península do Sahy está localizada sobre o rio de São Francisco, no interior de Santa Catarina <sup>63</sup> .   |
| 4 | La personne qui l'a écrite avec tant   | A pessoa que escreveu a carta com tanto amor e gosto nos perdoará, em  |

<sup>62</sup>Foi em 1811 que Koenig inventou uma prensa rotativa, que alcançava uma tiragem de 1000 folhas por hora, mas apenas em 1823 ela passou a acelerar a produção dos jornais, em seguida surgiu o gabinete de leitura. Este era um local onde era possível alugar jornais e livros e assim os leitores têm mais acesso por causa do valor que é bem mais baixo do que ser assinante e por fim, em 1815, na cidade de Paris, havia 373 livrarias enquanto que em 1845, houve um acréscimo de 570 livrarias (ORTIZ, 1991, p. 43).

<sup>63</sup>Segundo Daniel Roche: “O século XIX viu nascer a época da água comum assim que ela se tornou uma produção industrial e comercial, dominada pelas tecnologias e pela ciência” (ROCHE, 2000, p. 184).

de coeur et de goût nous pardonnera, en faveur de notre cause qui est la sienne, et que nous croyons bien servir en cela, de faire connaître à tous cette magnifique narration qu'elle n'adressait qu'à quelques-uns.

5

J'étais lasse de l'Amérique espagnole. Les cris de mort des satellites de Rosas, les scènes de carnage que j'avais vues, m'inspiraient une profonde horreur. Hélas, ce n'est point là ce que j'étais venu chercher au Nouveau-Monde! Monte-Video, il est vrai, m'offrait un séjour plus tranquille, et la nombreuse population française qui y afflue me donnait l'occasion d'y retrouver plus facilement les souvenirs et la langue de la patrie.

favor da nossa causa que também é a sua, e que acreditamos prestar um bom serviço a ela, ao fazer todos conhecerem esta magnífica narração que esta pessoa só se dirigia a alguns.

Eu estava cansada da América Espanhola<sup>64</sup>. Os gritos de morte dos satélites de Rosas<sup>65</sup>, as cenas de carniceria que tinha visto, me causavam um horror profundo. Ah, não foi isso que eu tinha vindo procurar no Novo-Mundo! Montevideú, é verdade, me proporcionava dias mais tranquilos e a numerosa população francesa que desembarcava me mostrava a circunstância ideal para reencontrar mais facilmente as lembranças e a língua francesa.

6

Cependant rien n'y entretenait cette impérissable espérance, ce désir impérieux qui me poursuivaient

No entanto, nada mantinha esta esperança indestrutível<sup>66</sup>, este desejo autoritário me perseguia por toda parte

<sup>64</sup> Foi no século XIX que o turismo se tornou conhecido, pois muitos passaram a frequentar as águas termais e outros irem à praia. Nos estudos de Paul Gerbod, ele diz que 6 mil hóspedes passaram por Cauterets, nos Pirineus em 1840. Quando o banho de mar se tornou uma sugestão para melhorar a saúde: Nice, Biarritz e Arcachon se tornaram polos turísticos (ORTIZ, 199, p. 152-153).

<sup>65</sup> Juan Manoel Domingo Ortiz de Rosas e López de Osornio nasceu na cidade de Buenos Aires, dia 30 de março de 1793, capital da Argentina. Quando completou 8 anos começou a estudar em uma escola particular, mas logo abandonou os estudos e foi trabalhar no que gostava, na área rural. Com 13 anos, participou da Reconquista de Buenos Aires, se inscreveu na companhia: "*Los Migueletes*" e assim esteve presente na defesa de Buenos Aires lutando contra as tropas inglesas. Com 20 anos se casou com Encarnación Ezcurra e deste casamento nasceram apenas 2 crianças, um casal: Juan e Manuela, infelizmente Maria nasceu morta.

<sup>66</sup> Do final do século XVIII até 1851, aumentou na área urbana cerca de 3, 5 milhões de pessoas na França. Se for pensar em Europa, entre 1800-1899 a taxa de crescimento demográfico na França foi de 3, 5 por cento. (Renato Ortiz, 1991: p. 15).



partout, de voir réaliser la commune- modèle de Fourier, qui semble cependant avoir été conçue pour ces terres vierges, où les sociétés humaines peuvent se former en dehors de tous les précédents et de tous les abus du vieux monde. D'un autre côté, cette affluence d'émigrants, qui offre quelque agrément à Monte-Video, présente aussi ses inconvénients.

7

Déjà les moyens de subsistance commencent à manquer à cette population croissante, qui s'entasse dans la ville et craint de s'épandre dans la campagne. J'avais donc sous les yeux la misère, la concurrence anarchique, la démoralisation, en un mot, tous les fléaux de la phase descendante de la civilisation dans laquelle nous nous trouvons, et le contraste de cette décadence sociale était plus triste encore pour moi sur cette

de ver realizar a cidade-modelo de Fourier<sup>67</sup>, que parece porém ter sido concebida para essas terras virgens, onde as sociedades humanas podem se formar fora de todos os fatos e de todos os abusos do velho mundo<sup>68</sup> por um outro lado, esta chegada louca de emigrantes, que presenteia Montevidéu com algum resultado, apresenta também seus inconvenientes.

Logo os meios de subsistência começam a faltar para esta população crescente, que se aglomera na cidade e teme se espalhar no campo. Então, no meu ponto de vista tinha miséria, concorrência anárquica, desmoralização, em uma palavra, todas as pestes da fase descendente da civilização na qual nós nos encontrávamos, e o contraste desta decadência social era mais triste ainda para mim nesta terra do Novo Mundo, onde tudo nasceu ontem, e na nossa

---

<sup>67</sup> Charles Fourier nasce em 1772 na cidade de Besançon na região de *Franche Compté*, estuda, mas trabalha no comércio até o final do império, no entanto à cada dia que passa sente-se desgostoso com o capitalismo e com o mercado. Por isso, aos poucos escreve seu primeiro tratado: *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales* em 1808, mas anonimamente, em 1822 publica o traité de *l'Association domestique agricole*, em 1829 publica *Le Nouveau Monde industriel et sociétaire* e por fim *La Fausse industrie* que descreve minuciosamente o funcionamento do falanstério, publicada entre 1835 e 1836.

<sup>68</sup> Para Maria Stella M. Bresciani: "Paris tem 86 mil pobres conhecidos e desconhecidos e talvez outro tanto de desconhecidos. Os trabalhadores franceses são tão miseráveis que nas províncias maiores, os homens nas suas cabanas de terra não possuem nem mesmo um leito... A França se industrializa lentamente durante todo o século XIX" (Maria Stella M. Bresciani, 2004: p. 65-70).

- terre du Nouveau-Monde, où tout est né d'hier, que dans notre vieille Europe, où tout s'harmonise avec les idées de ruine, de décadence et de destruction.
- 8 Enfin, pour comble de maux, le lieutenant de Rosas, Oribe, commença au mois de juin de cette année à envahir le territoire de la république orientale, et je me vis de nouveau menacée de vivre sous le régime sanguinaire du restaurateur des lois et de la liberté.
- 9 L'horrible cri, *mort aux sauvages unitaires*, presque toujours suivi de quelque exécution sanglante retentissait déjà à mes oreilles. Placer le portrait de Rosas dans mes cheveux, m'incliner devant cette image détestée qu'on promène dans les rues, la voir placée dans les églises au-dessus de celles du Christ, tout cet enchaînement de burlesques horreurs que peut-être suivrait un massacre universel de tous les
- velha Europa, onde tudo se harmoniza com as ideias de ruína, de decadência e de destruição.
- Enfim, para completar os males, o vice de Rosas, Oribe<sup>69</sup>, começou no mês de junho deste ano à invadir o território da república oriental e me vi de novo ameaçada em viver sob o regime sanguinário do restaurador das leis e da liberdade.
- O grito horrível, *morte aos selvagens unitários*, quase sempre seguido de alguma execução sangrenta já chegava aos meus ouvidos. Colocar o retrato de Rosas nos meus cabelos, me inclinar diante desta imagem detestada nas igrejas acima das de Cristo, todo esse elo de horrores extravagantes que talvez seguiria um massacre universal de todos os franceses moradores de Montevidéu, me inspirava um vivo desejo de deixar, enfim, esta cidade, e pensava em me juntar a alguma

---

<sup>69</sup> Manuel Oribe nasce em 1792, na cidade de Montevidéu, no Uruguai, ingressou na carreira militar junto com seu irmão. Em 1812, aderiu à causa da Revolução Oriental liderada por José Artigas, contactou a loja maçônica "*Caballeros Orientales*". Em 1825, conseguiu fazer com que o Brasil libertasse o Uruguai do seu domínio. Em 1835, foi eleito presidente da República e nesta gestão conseguiu iniciar um processo de constituição da Universidade Grande da República e de seguridade social, esta gestão foi considerada organizada e neste período houve ordem no Uruguai.

français résidants à Monte-Video, m'inspirait un vif désir de quitter enfin cette ville, et je pensais à me joindre à quelque caravane de voyageurs qui se rendraient au Paraguay, pour de là traverser l'Amérique du sud, et me rendre au Chili et au Pérou.

caravana de viajantes que iam ao Paraguai, de lá atravessar a América do Sul, e ir para o Chile e o Peru.

1  
0

L'administration que le docteur Francia a établie et qui rappelle plusieurs points de la théorie sociétaire de Fourier, m'inspirait une grande curiosité

A administração que o doutor Francia<sup>70</sup> organizou e que lembra vários pontos da teoria societária de Fourier, me causava uma grande curiosidade.

1  
1

J'appris avec un vif plaisir que tous les détails donnés par l'auteur *de la fausse industrie*, et que j'avais regardés comme une fable ingénieuse étaient au contraire parfaitement véridiques, et qu'ainsi la théorie sociétaire était déjà réalisée en partie dans l'ancien domaine des Jésuites et montrait chaque jour son excellence par le bonheur des habitants de ce pays privilégié.

Soube com um prazer imenso que todos os detalhes dados pelo autor *de la fausse industrie*, e que eu tinha concluído como uma fábula inventada eram ao contrário perfeitamente verídicas, e que assim a teoria societária já era realizada em parte no antigo domínio dos Jesuítas e a cada dia mostrava sua grandeza pela felicidade dos habitantes deste país privilegiado.

---

<sup>70</sup> José Gaspar Rodrigues de Francia nasceu em 1766 em Assunção, no Paraguai, filho de um capitão da artilharia brasileira e de uma aristocrata de Assunção, estudou no *Colégio de Nuestra Señora de Montserrat* em Córdoba, na Argentina. Lá, ele conseguiu ter o título de Bacharel e de Mestre em Teologia sagrada, Filosofia e Cânones. Após terminar seus estudos, voltou para Assunção onde ministrou aulas no *Royal College and Seminary de San Carlos*, sete anos depois decidiu abandonar a carreira de professor de se dedicar à advocacia. Ele gostava da ideologia política do americano Benjamin Franklin e do suíço Jean-Jacques Rousseau, no entanto as condições do seu país o impediram de fazer com que um modelo mais democrático fosse aplicado, ele era um verdadeiro visionário, se de um lado os setores populares o compreendiam por outro lado a classe média e aqueles que tinham mais privilégios não o compreendiam, ele morreu em 1840.

- 1  
2
- Tous les voyageurs que j'ai vus, ne tarissaient pas en éloges sur le bien-être dont jouissent les habitants du Paraguay, et sur la bonté du système social fondé par les jésuites, amélioré par Francia, et continue en ce moment par son neveu, digne héritier de ce grand homme. Puisse bientôt la théorie pure de Fourier compléter les lacunes qui le déparent encore! Nulle terre n'est aussi bien préparée pour une transition subite au régime phalanstérien, et l'effet de cette conversation inévitable, qui réagira sur toute l'Amérique méridionale ne peut manquer d'élever bientôt cette portion du globe au plus haut degré de prospérité et de grandeur.
- 1  
3
- J'avais aussi une prédilection intime pour la terre des Incas. Le Pérou, lorsque les Espagnols l'ont découvert, loin d'offrir, comme le Mexique, un mélange de barbarie et de civilisation semblait au contraire échapper aux conditions qui amènent cette dernière période, et passer, par une influence inexplicable, des phases de l'édenisme et du patriarcat à celle du garantisme et du socialisme; le
- Todos os viajantes que eu vi não paravam de elogiar em relação ao bem-estar que alegravam os habitantes do Paraguai e sobre a bondade do sistema social fundado pelos jesuítas, melhorado por Francia, e continua neste momento pelo seu sobrinho, digno herdeiro deste grande homem. Possa logo a teoria pura de Fourier completar as lacunas que ainda fazem mal a beleza! Nenhum lugar é tão bem preparado para uma transição súbita ao regime falansteriano e, de fato, esta conversa inevitável que acontece em toda América Meridional não pode desenvolver esta parte do mundo no maior grau de prosperidade e de grandeza.
- Eu também tinha uma preferência íntima pela terra dos Incas. O Peru, quando os Espanhóis o descobriram, longe de ser, como o México, uma mistura de barbárie e de civilização parecia escapar às condições que caracterizavam este último período, e passando, por uma influência das fases do hedonismo e do patriarcado ao do garantismo e do socialismo porque o governo dos Incas era completamente patriarcado.

gouvernement des Incas était tout patriarcal.

1  
4

La culture des champs sociaux, par grandes masses, au profit des veuves, des pauvres, et des malades était une coutume toute garantiste. Les moeurs étaient douces, les coutumes pleines de poésie. Il est donc probable que le peuple péruvien au XVI<sup>e</sup> siècle marchait rapidement à la sixième et septième période sociale, et que sans la découverte des Espagnols il y serait entre naturellement, sans traverser les effroyables misères qu'entraîne avec elle la période civilisée, dans laquelle se débat aujourd'hui l'Europe agonisante.

Os costumes no âmbito social, em benefício das grandes massas, das viúvas, dos pobres, e dos doentes era um costume completamente garantista. Os hábitos eram doces, os costumes cheios de poesia. Então, é provável que o povo peruano no século avançava rapidamente para o sexto e o sétimo período social, e que sem a descoberta dos Espanhóis, ele teria entrado naturalmente sem atravessar as assustadoras misérias que com ela vem o período civilizado e do qual se debate hoje na Europa agonizante.

1  
5

Alors la chimie expérimentale et l'art nautique, fruits admirables, mais amers de la sixième période, se seraient développés dans les débuts de l'harmonie, et c'eût été le Nouveau-Monde, qui fort de sa régénération serait venu à la découverte de l'ancien. Il nous aurait apporté l'association, la richesse, le bonheur, la liberté. Nous serions devenus sa conquête, mais une conquête pacifique, qui n'aurait coûté que des larmes de

Então, a química experimental e a arte náutica, frutos deliciosos, mas amargos do sexto período, dariam início a harmonia e ao Novo Mundo, que com a forçada mudança a teria descoberto o Velho Mundo. Ele teria traduzido para nós harmonia, a riqueza, a felicidade, a liberdade. Nós seríamos sua conquista, mas uma conquista pacífica, que só teria derramado lágrimas de felicidade. Muito diferente da dos Espanhóis, entre

bonheur. Quelle différence dans Pizarro<sup>71</sup> à Fourier!  
celle des Espagnols! Quelle  
distance de Pizarre à Fourier!

- |        |   |   |
|--------|---|---|
| 1<br>6 | Mais pendant que je roulais ces pensées dans mon esprit, une nouvelle imprévue vint changer toutes mes résolutions.   | Mas enquanto esses pensamentos passavam pela minha cabeça, uma notícia inesperada mudou todas as minhas decisões.   |
| 1<br>7 | J'appris que dans le nord de la province de Sainte-Catherine, dans la presqu'île du Sahy, venait de s'établir sous la direction du docteur Mure, une colonie phalanstérienne. | Eu soube que no norte do interior de Santa Catarina, na quase ilha do Sahy, acabava de se instalar uma colônia falansteriana sob a direção do doutor Mure <sup>72</sup> . |
| 1<br>8 | Cette nouvelle ne me laissait aucune incertitude sur le parti que j'avais à prendre.  | Esta notícia não me deixava dúvida sobre o caminho que eu tinha que tomar.  |
| 1<br>9 | Je me hâtai donc de partir pour Sainte-Catherine, après avoir communiqué mon projet à mes amis,   | Me apressei para partir em direção a Santa Catarina depois de ter comunicado meu projeto aos meus amigos,   |

---

<sup>71</sup> Francisco foi um líder espanhol, mas não se sabe muito de sua vida, o pouco que se sabe é que ele foi o responsável pela fundação da cidade de Lima, capital do Peru e também pela conquista do Império Inca, foi prefeito da cidade do Panamá e foi morto dia 26 de junho de 1541.

<sup>72</sup> *Jules Benoit Mure* nasceu de 7 meses na França, em 1809 e desde sempre teve problemas de saúde, seus pais buscaram ajuda e logo descobriram que o melhor seria que ele fosse se tratar em Sicília, desde então através dos tratamentos, descobriu a homeopatia e ela entrou na sua vida ao mesmo tempo que as ideias de Fourier também entraram, partiu para o Brasil com o intuito de criar uma colônia em Santa Catarina conforme as teorias de Fourier, tentou por um tempo, mas quando viu que não conseguia mais estar à frente a colônia subiu para o Rio de Janeiro. (Alain Ségal, Francis Trépardoux, 2005, p. 1-12).

- 2  
0 qui m'en détournèrent pour la A maioria me fez recuar; pois a fé é ainda  
plupart; car la foi est encore cent cem vezes mais rara na América que na  
fois plus rare en Amérique, qu'en França. Parece que o espírito do homem  
France. Il semble que l'esprit de se reduz em pó e se atrofia na medida  
l'homme se rappetisse et s'atrophie que uma natureza maior multiplica os  
à mesure qu'une nature plus motivos de convicção e de entusiasmo  
grande multiplie autour de lui les em torno dele.  
motifs de conviction et  
d'enthousiasme.
- 2  
1 Je fus même stupéfaite de la Fiquei espantada com a frieza de um  
froideur d'un journaliste jornalista falansteriano que eu tinha  
phalanstérien que j'avais rencontré encontrado em Montevidéo, e que eu  
à Monte-Video, et que je croyais acreditava repleto de um fogo  
plein d'un feu inextinguible; hélas! inatingível; ah! O ministério do papa  
L'apostolat avait pâli devant les tinha feito ele perder seu brilho diante  
intérêts d'un petit négoce. La dos interesses de um pequeno negócio.  
sommité phalanstérienne s'était A ideia falansteriana tinha tomado uma  
prise d'une passion incroyable pour paixão inacreditável para o comércio  
le commerce mensonger, et ne mentiroso, e não mostrou a mínima  
montra pas la moindre simpatia para a impressionante  
sympathie pour l'éblouissante mani- manifestação do Sahy.  
festation du Sahy
- 2  
2 J'arrivai donc seule à Sainte- Cheguei então sozinha em Santa  
Catherine dans le courant du mois Catarina no mês de julho, me apressei  
de juillet. Je me hâtai de me em me apresentar para o Tenente  
présenter à M. Mafra, Coronel Mafra,
- 2  
3 inspecteur de la colonie pour le responsável da colônia por conta do

compte du gouvernement, qui donna aussitôt des ordres pour que le brick *Desterro* qui partait en ce moment chargé de troupes pour Paranagua, me prit à son bord et me laissât en passant, dans la baie de Saint- Francisco, qui baigne la presqu'île du Sahy.

2  
4

Je m'embarquai immédiatement, et grâce à la complaisance du commandant, je ne me trouvai pas trop mal pendant ma courte traversée de la nombreuse et bruyante compagnie qui encombrait le navire.

2  
5

Partis à cinq heures du soir de la ville de Sainte-Catherine, nous fûmes en vue du Sahy dans la matinée du lendemain, et le 25 juillet 1842, à midi précis, je touchai enfin la terre d'avenir et de régénération.

2  
6

L'arrivée du brick, un coup de canon qu'il avait tiré, et le départ de la chaloupe qui m'amenait au ravin, avaient attiré tous les

governo<sup>73</sup>, que deu também ordens para que o brigue *Desterro* que partia neste momento carregado de tropas para Paranaguá, me pegou à bordo e me deixou ao passar pela baía de São Francisco, que banha a quase ilha do Sahy.

Embarquei imediatamente e graças ao desejo de agradar do comandante, não fiquei mal demais durante minha curta travessia da numerosa e barulhenta companhia que enchia o navio.

Parti às 5 da tarde da cidade de Santa Catarina, fomos ver o Sahy apenas na manhã seguinte, e no dia 25 de julho de 1842, ao 12h em ponto, enfim toquei na terra do futuro e da mudança.

Na chegada do brigue, um tiro de canhão tinha sido lançado, e a partida de uma embarcação que me levava aos efeitos nefastos, tinha atraído para este

<sup>73</sup> Para Daniel Roche: "Uma grande parte de todos os transportes terrestres, fluviais e marítimos dependiam desse segundo dos quatro elementos, terra, água, ar e fogo, cujo papel era lembrado para explicar nossa natureza humana e sua relação com os grandes ciclos naturais" (Daniel Roche, 2000, p. 185).



colons présents en ce moment sur ce point, et je fus saluée par eux d'un chant grave et touchant dont le refrain était: Partons, partons pour la terre promise, Il faut un nouveau monde à des destins nouveaux.

2  
7

Cet accueil inespéré, ces accents si doux et si purs, la vue de cette terre qui réveillait en moi mille pensées tumultueuses, m'arrachèrent des larmes involontaires, et me causèrent la plus ravissante des émotions. Je baisai le sable de la plage, et si plusieurs dames accourues ne m'avaient reçue dans leurs bras, et secourue, l'excès de la joie m'aurait sans doute ôté l'usage de mes sens.

2  
8

Comment reproduire les premiers moments passés parmi les disciples de Fourier. Toutes les questions restées sans réponse, les cris, les transports, cette confusion pleine de charmes, qui animent l'entrevue d'anciens amis qui se revoient après une longue absence, ou de sectaires passionés comme

local todos os colonos presentes neste momento, e eu fui saudada por eles com um canto grave e tocante cujo refrão era: Partemos, partemos para a terra prometida, é necessário um novo mundo com destinos novos.

Esta recepção inesperada<sup>74</sup>, esses sotaques tão doces e tão puros, a vista desta terra que despertava em mim mil pensamentos tumultuados, me arrancaram lágrimas involuntárias, e me causaram a mais intensa das emoções. Eu beijei a areia da praia, e se várias damas não tivessem vindo correndo e me recebendo nos braços delas, e socorrida, o excesso de alegria teria tirado sem dúvida o uso dos meus sentidos.

Como reproduzir os primeiros momentos passados entre os discípulos de Fourier. Todas as questões ficadas sem resposta, os gritos, os transportes, esta confusão cheia de charme, que animam o encontro de antigos amigos que se veem novamente após uma longa ausência, ou de sectários apaixonados como nós, que são

<sup>74</sup> Para Daniel Roche: "As águas se tornaram por toda a parte uma riqueza fundamental e um símbolo de abastança" (ROCHE, 2000, p. 186).

nous, qui sont aussi des amis, animés d'une même ardeur, qui se sont cherchés et qui se retrouvent? Tout cela se sent trop bien pour se décrire comme il faut. Quelles paroles pourraient peindre ces émotions vivantes et passionnés qui se décolorent, même dans la mémoire de ceux qui les ont ressenties?

também amigos, animados com o mesmo ardor, que se procuram e que se encontram? Tudo isso se sente bem demais para se descrever como é necessário. Quais palavras poderiam pintar essas emoções vivas e apaixonadas que se descolorem mesmo na memória dos que sentiram?

29

Après un modeste repas, et quelques heures données à cette première entrevue, on me prépara un lit, où un long sommeil vint effacer les fatigues que j'avais essuyées pendant mon voyage.

Depois de uma modesta refeição<sup>75</sup>, e algumas horas dadas à este primeiro encontro, me prepararam uma cama, onde um longo sono veio apagar os cansaços que eu tinha experimentado durante a viagem.

30

Le lendemain en m'éveillant, ma première pensée fut de bien m'assurer que j'étais enfin sur la terre si long-temps désirée de la réalisation, et que je n'étais pas le jouet d'un rêve de mon imagination. Cette certitude me fut bien douce, et je pris la résolution d'employer toutes mes facultés à assurer la réussite d'une si grande oeuvre. C'est par les actions que les

Ao acordar no dia seguinte, meu primeiro pensamento foi de me certificar que enfim eu estava em terra firme. após um longo tempo desejando sua realização, e que eu não era o brinquedo de um sonho da minha imaginação. Esta certeza me deixou muito calma e tomei a decisão de colocar todas as minhas forças para assegurar o sucesso de uma obra tão grande. É pelas ações que as grandes

<sup>75</sup> Foi em 1842, que o Dicionário da Academia Francesa registrou a palavra: conforto, que nada mais é: agilidade de vida e bem-estar material (ORTIZ, 1991, p. 140).

grandes convictions se manifestent; que sert de croire si l'on reste inactif, c'est la foi qui sauve, mais elle sauve parce qu'elle engendre la charité, et c'est la charité qui réalise.

convicções se manifestam, que serve para acreditar que se a gente fica acomodado, é a fé que salva, mas ela salva porque ela dá origem à caridade, e é a caridade que torna real as convicções.

3  
1  
Tous mes amis de la veille étaient occupés chacun de son côté, mais bientôt un modeste déjeuner nous réunit. J'y pris les informations qui m'étaient nécessaires pour mon établissement; j'appris les formalités exigées pour mon inscription dans les cadres de la colonie phalanstérienne, et bientôt chacun retournant à ses occupations me laisse la liberté que je désirais pour faire mes premières observations.

Todos meus amigos da véspera estavam ocupados, cada um à sua maneira, mas logo o almoço simples nos reuniu. Eu peguei as informações que eram necessárias para minha instalação; fiquei sabendo quais eram as formalidades exigidas para minha inscrição nos cargos da colônia falansteriana, e em seguida cada um voltando para suas tarefas, me deixou com liberdade para que eu fizesse como eu quisesse minhas observações.

3  
2  
Les colons du Sahy, que l'on peut regarder comme les éclaireurs de la falange qui se forme en ce moment à Paris, souffrent une grande partie des inconvénients du morcellement qu'ils sont appelés à détruire. Comme leur oeuvre est toute préparatoire, ils sont obligés de se disséminer sur une longue surface pour y mener de front tous les travaux, qui ne souffrent aucun retard.

Os colonos do Sahy, que se pode olhar como os esclarecidos da falange, que se forma neste momento em Paris, uma grande parte sofre inconvenientes dos locais que eles são chamados para destruir. Como a obra deles é completamente preparatória, eles são obrigados a se espalhar sobre uma longa área para conduzir de frente todos os trabalhos, que não sofrem nenhum atraso.

- |        |  |  |
|--------|--|--|
| 3<br>3 | Organiser une colonie, quelle tâche gigantesque! Hélas! Ils sont déjà si rares les hommes qui savent administrer une société déjà toute faite. Qu'est-ce que donc quand il s'agit de la créer de toutes pièces, d'en prévoir tous les besoins, d'en ménager tous les rapports? Ce n'est que d'aujourd'hui que j'en comprends toutes les difficultés. | Organizar uma colônia, que tarefa gigantesca <sup>76</sup> ! Ah ! Já são raros os homens que sabem administrar uma sociedade que já está toda construída. O que é então, quando se trata de criar todos os direitos, de prever todas as necessidades <sup>77</sup> , de dispor todos os relatórios? Somente hoje que consigo entender todas as dificuldades. |
| 3<br>4 | J'ai juré d'y contribuer de toutes mes forces: mais je préfère jouer un rôle secondaire, que d'ordonner la mise en scène de ce drame immense. Heureusement que son ordonnateur s'y entend mieux que moi. Puisse le Ciel le soutenir jusqu'au bout et adoucir les difficultés de son oeuvre.  | Jurei contribuir com todas minhas forças: mas eu prefiro ter um papel secundário, que dar ordens para a cena deste drama imenso. Ainda bem que seu administrador contábil se entende melhor que eu. Possa o céu sustentar ele até o final e apaziguar as dificuldades da sua obra.   |
| 3<br>5 | Les colons du Sahy ne jouissent donc qu'imparfaitement aujourd'hui des avantages de l'association. Un  | Os colonos do Sahy <sup>78</sup> só hoje aproveitam imperfeitamente das  |

---

<sup>76</sup> Somente no século XIX, é que o exemplo de Villamé e de Le Play foi seguido, as sociedades científicas foram mobilizadas. Em primeiro lugar, foi o Instituto, em seguida os economistas esclarecidos ou não e a medicina social e cristã começaram a se questionar sobre a relação entre recursos financeiros e custo de vida para o proletariado que estava nascendo (Daniel Roche, 2000, p. 82).

<sup>77</sup> De acordo com Daniel Roche: "O inventário dos recursos sublinha três soluções principais: o acesso direto à utilização dos rios, ribeiros, pontos de água, lagos e lagoas, a captação das fontes e sua conduta especial para as cidades, pelos aquedutos ou canalizações subterrâneas, e o recurso ao lençol freático com a escavação de poços" (ROCHE, 2000, p. 191).

<sup>78</sup> Para Daniel Roche: "Na virada do século XIX, o valor criador do trabalho dos artesãos foi reconhecido, com a noção de "arte menor" a dos grandes criadores englobava diversas artes que mantinham com o móvel e a decoração relações de dependência e de influência bem precisas. Podemos observar de que maneira móveis e decoração ilustram "o fenômeno de recorrência pelo qual uma arte se entende a todo um quadro da existência" (Daniel Roche, 2000, p. 230).

groupe de pêcheurs est établi dans une île voisine du rivage. Il fournira un supplément abondant et agréable à l'alimentation de la colonie. Un autre s'occupe de la forge; plus loin s'élève une briqueterie, cinq minutes plus loin, un petit établissement pour l'exploitation des bois. Là commencent de vastes parcs pour l'éducation des troupeaux.

vantagens da associação<sup>79</sup>. Um grupo de pescadores está instalado em uma ilha vizinha da costa<sup>80</sup>. Ele fornecerá um suplemento abundante e agradável para a alimentação da colônia<sup>81</sup>. Um outro grupo cuida da serralheria, mais longe se constrói uma fábrica de isqueiros, cinco minutos mais longe, um pequeno estabelecimento para a exploração das madeiras. Ali começam vastos parques para a educação das tropas de animais.

3  
6

Toute cette propriété du bord de la mer qui a été acquise par le fondateur, est destinée en général à cette branche de l'industrie agricole. C'est M. Trubert, agriculteur très-capable,

Toda esta propriedade na beira do mar foi adquirida pelo fundador<sup>82</sup>, é destinada em geral a este ramo da indústria agrícola<sup>83</sup>. É o Sr. Trubert, agricultor muito capaz, vindo com a separação da maior parte do norte da

<sup>79</sup> De acordo com Daniel Roche: Do século XVII ao século XVIII, ou por volta do início do século XIX, nenhuma revolução aconteceu e sim uma estabilidade técnica, pouco a pouco abalada pelos trabalhos dos construtores, pela inteligência dos arquitetos, pelas exigências das clientelas diversas e dos novos hábitos. Na realidade, um longo período terminava, durante o qual duas opções técnicas se enfrentavam: a da lareira, que reinava, e a da estufa, que rivalizava fracamente com o lume tradicional, mais tarde ganhando terreno (ROCHE, 2000, p. 171).

<sup>80</sup> Segundo Daniel Roche: Na aldeia, a coletividade estava mais associada diretamente à água do que a casa. Ela influenciava em total coação o agrupamento ou a dispersão. As grandes fazendas isoladas de Île- de-France com seus ares de fortaleza tinham poços; as aldeias e os lugarejos mantinham poços comunais; nas planícies, no fundo dos vales, recorriam aos rios, em suas encostas de nascentes cuidadosamente protegidas, e isto desde os séculos XVI e XVII. Certas nascentes alimentavam fontes, lavadouros mantidos pelas comunidades" (ROCHE, 2000, p. 197).

<sup>81</sup> Para Daniel Roche: "Após 1808, mil arquivos de processos mostram a acentuação dos conflitos permanentes dois séculos atrás. Nas cidades, no campo, o acesso direito à água era uma maneira de mostrar a produção social de um bem por meio dos usos e conflitos, necessidades e consumo" (ROCHE, 2000, p. 196).

<sup>82</sup> O século XIX se organizou em sociedades de economia e agricultura, nos diários e nos periódicos o caminho se abria para químicos e naturalistas, todos os problemas que vinham do poder e dos homens eram debatidos: as pragas do trigo, a criação e a floresta, a falta de cereais: "a penúria da madeira, os modelos culturais oferecidos, o ato de gerir seus bens e a economia social, a agronomia inglesa e seus resultados, mostrando que o gado podia libertar a agricultura da tirania do trigo (esse modelo funcionou na França sem real substituição, pelo menos regional)" (Daniel Roche, 2000, p. 47).

<sup>83</sup> Segundo Daniel Roche: "Somente no final do século XIX as comunidades rurais dispunham dos equipamentos que tornariam a festa aquática menos rude e menos parcimoniosa. Seria o grande século da roupa de baixo e o triunfo das grandes barreiras. Até então, felizes e aldeias e os lugarejos instalados às margens de um rio" (Daniel Roche, 2000, p. 216).

venu avec le détachement de la Neustrie qui est chargé de cette partie intéressante. Il remplira, quand l'heure sera venue, les esperances qu'il a fait concevoir. Une grande partie de l'oeuvre préparatoire repose sur lui. C'est grâce à lui que le nouveau convoi aura des oeufs, du beurre, du lait et de la viande. Deux cent hommes, voilà une famille un peu nombreuse pour consommer les produits d'une ferme!

França que está encarregado desta parte interessante. Ele preencherá, quando a hora tiver chegado, as esperanças que ele faz conceber. Uma grande parte da obra preparatória cabe a ele. É graças a ele que o novo grupo de viajantes terá ovos, manteiga, leite e carne. Duzentos homens, eis uma família um pouco numerosa para consumir os produtos de uma fazenda.

3 Arrivée au pied des montagnes, je  
7 vis les fondements d'une maison commence pour le fondateur. Il l'a fait suspendre pour en faire une en bois et en feuillage. Tout pour le nécessaire, on pensera plus tard à l'utile, voilà sa devise aujourd'hui, et chacun la comprend, parce qu'il prêche d'exemple.

Ao chegar no pé das montanhas<sup>84</sup>, vi a fundação de uma casa iniciada pelo fundador. Ele a fez suspensa para fazer uma casa de madeira e de folhagem. Tudo para o necessário, a gente pensará mais tarde na sua utilidade, eis sua palavra hoje, e cada um entende ela, porque o fundador dá de exemplo.

3 J'entrai dans le chemin Buchlé qui  
8 a rendu de grands services pour l'exploitation des bois et j'arrivai à la maison Picot, nom que la

Entrei no caminho Buchlé que prestou grandes serviços para a exploração das madeiras e cheguei na casa de Picot, nome que o reconhecimento deu para

<sup>84</sup> Na história da casa rural, aqueles que não eram camponeses devolveram uma moradia onde o tamanho, o conforto, os materiais, contribuíram para a evolução das disposições e das distribuições. E uma área se unia a área do higienismo e dos agrônomos onde eles agiam para as publicações, para os manuais e para as sociedades de agricultura. E foi assim que o domínio arquitetônico do campo espacial e da evolução das funções e das estruturas campestres aconteceu (Daniel Roche, 2000, p. 135).

reconnaissance a donné à ce premier édifice sociétaire, en raison des services éminens rendus à la cause de la colonisation par l'homme de dévouement et d'intelligence qui porte ce nom.

este primeiro edifício societário, por causa dos grandes serviços prestados à causa da colonização pelo homem de dedicação e inteligência que carrega este nome.

3 Un jour, on écrira l'histoire du  
9 premier phalanstère, et l'on saura ce que le Brésil et l'humanité lui doivent. Sans lui, jamais il n'y aurait eu de colonie du Sahy, et bien que des préventions légitimes semblaient lui interdire le rôle de protecteur qu'il a accepté, tout s'est tu devant une belle action à faire. M. Picot est rédacteur en Chef du Journal du Commerce de Rio de Janeiro. Quel modèle pour les journalistes parisiense dont le mauvais vouloir a tué Fourier! Quel

Um dia<sup>85</sup>, a gente escreverá a história do primeiro falanstério, e as pessoas saberão o que o Brasil e a humanidade devem a ele. Sem ele, nunca teria existido a colônia do Sahy, e embora prevenções legítimas parecerem proibir ele ao papel de protetor que ele aceitou, deu tudo errado, diante de uma bela ação para se fazer. Sr. Picot<sup>86</sup> é redator chefe do *Journal du Commerce*<sup>87</sup> de Rio de Janeiro. Que modelo para os jornalistas parisienses cujo mal quis matar Fourier! Que vergonha! Viver para os chatos e para os covardes do que

<sup>85</sup> Além do *journal du Commerce*, havia o jornal A mulher do Simplicio ou a Fluminense Exaltada (RJ) que teve uma vida longa, de 1832-1846. Este era editado por Francisco de Paula Brito e algumas vezes adotava o discurso de mulher onde conciliava humor, poesia e política. E havia também o pequeno jornal chamado Espelho das Bellas. Este jornal circulava na cidade de Recife (Pernambuco), custava 80 réis, mas havia a possibilidade de fazer uma assinatura trimestral onde o custo era de 960 réis. O jornal abordava contos, apólogos, modas, anedotas, novelas máximas e charadas. No entanto este não tinha como objetivo falar de política, mas sim, de instrução e modalidade das senhoras. (Constância Lima Duarte: 2016, p. 19- 82).

<sup>86</sup> *Francisco Antonio Picot* nasceu em 1811 na Áustria, no entanto sua família era francesa. Em 1844, o *Journal do Commercio* fica aos cuidados dele, 8 anos depois *Picot* muda para Paris, mas deixa uma equipe que ele acredita competente e dirige à distância este jornal por 38 anos. Em 1899, o *Journal do Commercio* foi considerado entre dois jornais, um dos maiores jornais da capital do país pelo jornalista francês *Max Leclerc*, mas com a Proclamação da República Francisco Picto decide vender o jornal a José Carlos Rodrigues (1844-1923). Em seguida, apresenta a casa de *Francisco Antonio Picot* na cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

<sup>87</sup> De 1835 a 1841, a França permaneceu com 149 km de trilhos, o que dificultava todo tipo de comunicação, tanto de mercadorias quanto de ideias (Renato Ortiz, 1991: p. 17).

reproche vivant pour les méchants et les lâches, que la conduite d'un homme honnête et courageux.

para um homem honesto e corajoso, e de boa conduta.

4  
0 La maison Picot est une halte faite à l'entrée des bois vierges. Il a bien fallu prendre un point d'appui avant d'attaquer cette nature gigantesque, devant laquelle l'homme sent profondément son impuissance. On a donc semé un champ sur cette lisière des forêts, et aujourd'hui après une récolte satisfaisante, on le sème une seconde fois.

A casa Picot é um lugar para descansar construída na entrada dos bosques intactos. Foi necessário pegar um ponto de apoio antes de atacar essa natureza gigantesca, diante daquela em que o homem sente profundamente sua falta de poder. Então, a gente semeou um campo nesta fronteira das florestas, e hoje depois de uma colheita satisfatória, a gente plantou uma colheita pela segunda vez.

4  
1 Il y a là une boulangerie qui fournit du pain à toute la colonie. La maison est vaste et suffit au logement des colons qui n'ont point encore pu s'installer dans le Sahy.

Aqui há uma padaria<sup>88</sup> que fornece pão<sup>89</sup> para toda colônia. A casa é imensa, o que basta para acomodar os colonos que não puderam se instalar no Sahy.

4  
2 Je fus également fêtée, hébergée, questionnée par les travailleurs de la maison Picot. J'y passai le reste de la journée dans la famille de M.

Eu fui igualmente festejada, hospedada, questionada pelos trabalhadores da casa Picot. Passei o resto do dia na casa da família do Sr.

<sup>88</sup> Segundo Daniel Roche: Para os padeiros, a água dos poços era um ingrediente essencial, a alma do pão. Sua qualidade dependia da natureza das águas, que deviam ser leves e puras; era o que fazia a reputação dos padeiros de Gonesse que entregavam seus produtos nos mercados. Mas Parmentier defendia a tese oposta para acusar os padeiros de uma panificação viciosa. A água de poço que alimentava os três quartos das casas de forno era pesada e suja, mas a qualidade das michas não era diferente com as águas dos rios ou a água da chuva (ROCHE, 2000, p. 200).

<sup>89</sup> Para Daniel Roche: "Da Idade Média à época industrial, a variedade considerável de utilizações indispensáveis da água, para a energia, para a bebida, a alimentação – sem água não havia pão" (ROCHE, 2000, p. 185).



Mangin, et le lendemain je partis accompagnée par lui pour l'intérieur du Sahy.

Mangin<sup>90</sup>, e no dia seguinte parti para o interior do Sahy acompanhada por ele.

4 C'est à ce courageux ingénieur que  
3 l'on doit l'ouverture du chemin quimène au centre de la concession coloniale, pendant une longueur de 2,400 toises; à travers les plus affreux précipices, par-dessus la cime d'une double chaîne de montagens, il a conduit et trace une ligne savante qui élude toutes les difficultés principales; mais telles sont les brusques aspérités de ces gorges sauvages que dix-sept fois sa ligne s'est trouvée rompue, et que dix-sept ponts lui ont été nécessaires pour la renouer et assurer la communication des plaines centrales au rivage.

É para este corajoso engenheiro<sup>91</sup> que a gente deve a abertura do caminho, que leva para o centro da concessão colonial, durante uma distância de 4,6776 quilômetros, através dos mais terríveis precipícios, por cima da pontiaguda de uma dupla cadeia de montanhas, ele conduziu e traça uma trilha sábia que evita todas as dificuldades são as bruscas irregularidades dessas desfiladeiras selvagens que sua correnteza foi rompida 17 vezes e que foram necessárias 17 pontes para fazer novamente um nó e assegurar a comunicação das planícies centrais no rio.

4 Je ne suis point ingénieur, mais  
4 grâce aux explications de M. Mangin, j'appréciai en parti le mérite de sa pénible création, dont la nécessité est évidente. Sans elle,

Não sou engenheira, mas graças às explicações do Sr. Mangin, apreciei em parte o mérito da sua penível criação, cuja a necessidade é evidente. Sem ela, nada de Sahy,

<sup>90</sup>*Nicolas Mangin* foi funcionário das ferrovias na França, pois era engenheiro, não se sabe quando ele nasceu. Há uma hipótese que seu pai tenha sido Jean-Nicolas Mangin que nasceu em *Varennnes* em *Argonne (Meuse)* de 1744, foi prefeito de *Varennnes*, deputado e também da Guarda nacional, faleceu em 1809 em *Mouzon (Ardennes)*.

<sup>91</sup> Stendhal publicou seu livro, em 1838, chamado de "memórias de um turista, em muitas passagens o tema são as condições das estradas francesas que não são nada boas e a lentidão dos veículos. (Renato Ortiz, 1991: p. 219).

pas de Sahy, sans le Sahy pas de phalanstère. Gloire à celui qui a pris possession du territoire sacré!

sem o Sahy nada de falanstério. Glória ao que tomou posse do território sagrado!

4 Au sommet de la deuxième chaîne  
5 m'attendait un spectacle fait pour me plaire. Au coude formé par le chemin Mangin, avant la descente, un pan de forêt abattu, laisse apercevoir toute la plaine du Sahy.

Um espetáculo feito para agradar me esperava no pico da segunda cadeia. Uma curva formada pelo caminho Mangin, antes da descida, um dos lados da floresta desmatado, deixa perceber toda a planície do Sahy.

4 On entend à ses pieds le bruit des  
6 cascades de la rivière, qui semblent appeler l'industrie européenne; à quelques lieues de soi, on a une chaîne parallèle qui borne au nord la plaine du petit Sahy et la sépare de celle du grand Sahy; plus loin, à droite, on aperçoit à l'horizon la rive lointaine de l'Océan, et au milieu de la vaste plaine boisée qui s'étend sous vos regards, s'élève une colline de forme elliptique qui paraît être placée là comme le piédestal d'un immense monument; une tracée visible à l'oeil montre que le chemin est frayé depuis les cascades jusque là.

A gente escuta à seus pés o barulho das cascatas do rio<sup>92</sup>, que parecem chamar a indústria europeia; à alguns quilômetros de si, a gente tem uma cadeia paralela que sinaliza o norte da planície do pequeno Sahy e separa ela do grande Sahy; mais longe, à direita, a gente percebe no horizonte o rio longe do Oceano, e no meio da imensa planície o bosque que se estende sob os olhos, sobe uma colina de forma elíptica que parece ser colocada ali como o pedestal de um imenso monumento, um traço visível à olho nu mostra que o caminho é interrompido das cascatas até ali.

---

<sup>92</sup> Segundo Daniel Roche: "A história do banho é bastante eloquente: dez séculos sem banho! Já dizia Michelet em meados do século XIX" (2000, p. 29-30).

- 4 Déjà un vaste emplacement est Um imenso lugar<sup>93</sup> já está sendo  
7 défriché au sommet de ce capinado no pico desta pequena  
monticule, et, comme je le montrai montanha, e, como eu mostrei para o  
à M. Mangin: “C’est là, me dit-il, que Sr. Mangin, ele me disse: - É lá, que  
nous élèverons “le premier vamos construir o “primeiro  
phalanstère”.
- 4 Déjà, à Condé-sur-Vesgres, mon Já, em Condé-sur-Vesgres, quando  
8 coeur avait tressailli, quand on alguém tinha me mostrado as  
m’avait montré les premiers primeiras noções do edifício  
rudiments de l’édifice humanitaire, humanitário meu coração tinha  
mais la pensée affligeante de tant descompassado, mas o pensamento  
de travaux perdus, de tant de aflito de tanto trabalho perdido, de  
dévouements épuisés, venait tanta veneração excedida, vinha  
altérer une sensation si pure. Ici, alterar uma sensação tão pura. Aqui,  
rien de semblable; cette nature nada de parecido, esta natureza  
noble et luxuriante du Nouveau- nobre e abundante do Novo-Mundo  
Monde est si bien en harmonie está em tanta harmonia com o  
avec le développement de la desenvolvimento do pensamento  
pensée phalanstérienne! Elle est si falansteriano. Ela é tão abundante em  
abondante en esperances et en esperanças e em promessas! Fiquei  
promesses! Je m’y trouvai entourée cercada por homens tão corajosos e  
d’hommes si courageux et si tão confiantes, que apesar das  
confians, que malgré les terribles terríveis provas de um rigor  
épreuves d’un austère noviciat, je noviciado, me deixei levar sem  
m’abandonnais sans réserve à pensar à todas as impressões que me  
toutes les impressions que me entretinha a vista, este canto da terra  
causait la vue de ce coin de terre prometida com destinos tão altos.

---

<sup>93</sup> Para Daniel Roche: Desde o século XIX, uma política geral dos planos nacional e local multiplicou os regulamentos e obrigações ditando aos construtores das cidades e do campo princípios de comodidade que mudaram completamente as condições de salubridade da habitação, melhoraram a isolamento e a ventilação, a iluminação e a penetração do sol. A relação com o exterior, a relação entre o particular e o público foram transtornadas e os modos de vida da cidade se impuseram a todos, submetendo o mundo rural a novos deveres (ROCHE, 2000, p. 147).

promis à de si hautes destinées.

4  
9 “Bénissez, ô mon Dieu, les travaux de ses hommes dévoués qui viennent justifier la sagesse de votre oeuvre sainte! En vain, toute l’époque leur crie que l’espérance est folie, le dévouement une deception, ils ont confiance en vous, ô mon Dieu, ils croient à la régénération du monde, et ils témoignent de leur foi par leurs oeuvres. Et toi, Fourier, réjouis-toi, ce n’est plus par la parole et la presse que se fait la propagation, c’est par la culture et le travail.

« Abençoe, ó meu Deus, os trabalhos de seus homens devotados que vem justificar a sabedoria da sua obra santa! Em vão, toda época, grita que a esperança é loucura, o devotamento uma decepção, eles têm confiança em você, ó meu Deus, eles acreditam na mudança do mundo, e testemunham da fé deles para as obras. E você, Fourier, alegre-te, não é mais pela palavra e a mídia que se faz a propagação, é pela cultura e pelo trabalho

5  
0 Le bruit de la cognée et de la hache, que j’entends retentir dans les forêts vierges du Sahy, te fera plus de disciples, que des milliers de rames de papier imprimé. Réjouis-toi, Fourier, si l’attente de la réalisation de la théorie enchaîne ton âme dans les limbes d’un purgatoire plein d’angoisses, l’heure de la délivrance approche, et le travail, cette prière par excellence, va briser les chaînes qui la retiennent encore.”

O barulho do machado e do machadinho que ouço soar nas florestas intactas do Sahy, te fará mais discípulos, que milhares de ramos de papel impresso. Alegre-te, Fourier, se a esperada realização da teoria une tua alma nas imundices de um purgatório cheio de angústias, a hora do fim se aproxima, e o trabalho, esta prece pela excelência, vai despedaçar os elos que ainda guardam ela”.

5  
1 Mon compagnon de voyage était heureux de mon enthousiasme,

Meu companheiro de viagem estava feliz com meu entusiasmo

qu'il partageait, et moi je me sentais heureuse de voir enfin mon exaltation incessamment comprimée par le contact d'un monde railleur, comprise enfin et libre d'éclater aussi souvent qu'elle était réveillée par les tableaux, qui se succédaient sous mes yeux. Il fallut cependant s'arracher à notre contemplation et reprendre le chemin, qui, par des pentes bien ménagés, nous amena en dix minutes au bord du petit Sahy.

repetidamente apertado pelo contato com um mundo mentiroso, incluindo enfim e livre de estourar tão frequente quanto ela tinha despertado pelos quadros que aconteciam sob meus olhos. No entanto, foi necessário se desligar da nossa contemplação e retomar o caminho, que, pelas inclinações bem moderadas, nos conduziu em dez minutos até a beira do pequeno Sahy

5  
2  
Là, M. Mangin me montra sur le sol les débris d'un ajoupa qui abrita le fondateur à sa première visite dans ces lieux. Il y à peine dix-huit mois, que la volonté d'un homme de coeur l'amena en ce lieu désert. Depuis lors, il a passé un an à lutter contre la tiédeur des hommes, l'indifférence des corps politiques, la méfiance des administrateurs. Tout a cédé devant son infatigable persévérance, et aujourd'hui il vient à cheval au même endroit où l'homme ne pénétrait naguères qu'avec la plus grande difficulté.

Ali, o Sr. Mangin me mostrou sob o chão as pedras de uma choupana que abrigou o fundador na sua primeira visita naqueles lugares. Há apenas dezoito meses, que a vontade de um homem de bom coração conduziu ele para este lugar deserto. Desde então, ele passou um ano lutando contra a tranquilidade dos homens, a indiferença dos corpos políticos, a desconfiança dos administradores. Tudo cedeu diante de sua infatigável perseverança, e hoje ele veio de cavalo ao mesmo lugar onde o homem só entrava com a maior dificuldade.

- 5 3 D'immenses travaux ont été commencés un peu plus haut pour un barrage qui doit rendre le petit Sahy navigable jusqu'à la mer. Ce beau travail sera sans doute achevé dans le courant de cette année, et alors, de tous les points de cette plaine fertile, les groupes agricoles pourront envoyer leurs produits auxmagasins sociaux et à la mer.
- 5 4 Mais pendant que j'examinais les pesantes charpentes et les digues en maçonnerie, un joyeux chant arriva jusqu'à moi, et plus curieuse d'impressions Morales, que de considérations industrielles, j'oubliai l'écluse et le barrage pour écouter la chanson imitée de Béranger que je transcris ici, et dont les sentiments étaient si bien en harmonie avec les lieux, les habitants et le but qu'on y poursuit:
- Imensos trabalhos foram começados um pouco mais altos para uma barragem que deve tornar o pequeno Sahy navegável até o mar. Este belo trabalho estará sem dúvida acabado durante este ano, e então, de todos os pontos desta planície fértil, os grupos agrícolas poderão enviar os produtos deles para os brechós e para o mar.
- Mas enquanto que eu examinava os pesados telhados e as barragens de alvenaria, um alegre canto chegou até mim, e mais curiosa das impressões Morais, que das considerações industriais, esqueci a comporta e a barragem para escutar a música imitada que transcrevo aqui de Béranger<sup>94</sup>, e que os sentimentos estavam tão bem harmonizados com os lugares, os habitantes e objetivo que a gente persegue:

---

<sup>94</sup> *Pierre Jean de Béranger* é criado com seu avô paterno em Paris cuja profissão era alfaiate, mas este fica com ele até a Revolução. Logo ele vai morar com uma tia por parte de pai na cidade de *Péronne*, lá ele estuda, mas não consegue aprender latim por outro lado consegue um trabalho de aprendiz em uma gráfica e assim a poesia entra na sua vida. Em 1795, volta para Paris e enquanto ajuda seu pai, que era um homem de negócios escreve seus poemas e frequenta uma escola de música. Em 1799, se declara Republicano e continua escrevendo, em um dia de 1804 decide enviar seus poemas à Lucien Bonaparte, irmão de Napoleão, os poemas que ele enviou estão dentro da obra **Le Déluge** e estes foram tão bem aceitos que ele se torna membro do Instituto e assim consegue se dedicar apenas à escrita e Béranger morre no dia 16 de julho de 1857 e seu enterro é escoltado por militares. Béranger explorou todos os estilos principalmente, a canção política.

5 O Béranger, dont l'accent  
5 prophétique

Nous annonça l'avenir tant de fois,

Et nous a dit la grande republique

Faisant l'aumône au dernier de ses  
rois

Pardonne-moi, si ma muse plus  
sage

Rèvant aussi la chute du passé  
Du phalanstère en ses vers peint  
l'image

Faisant l'aumône (BIS) au vieux  
civilisé.

5 Par un beau jour de dix-huit cents  
6 soixante

Le phalanstère étalait au Sahy,  
Des travailleurs la cohort brillante  
Et séduisant le regard ébahi.

Quand de vieillards une foule débile  
Par la misère et le chagrin brisés  
Vient à sa porte implorer un asyle  
Et le pardon (BIS) pour des  
civilisés.

5 Au premier rang, d'une voix grave  
7 et fière

Parle d'abord un pauvre et vieux  
soldat,

Ó Béranger cuja revelação profética

Nos anunciou o futuro tantas vezes

E nos contou a grande república

Dando esmola ao último dos seus reis

Perdoe-me, se minha musa mais  
sábia

Sonhando também a queda do  
passado

Em seus versos pinta a imagem do  
falanstério

Dando esmola (BIS) aos idosos  
civilizados.

Em um belo dia de mil oitocentos e  
sessenta

O falanstério aparecia no Sahy,  
Trabalhadores a acham brilhante  
Mudando o olhar surpreso.

Quando idosos de uma fraca loucura  
Quebrados pela miséria e sofrimento  
Vem à sua porta implorar um

E o perdão (BIS) para civilizados.

Em primeiro lugar, com uma voz  
grave e orgulhosa

Qui sans remords a dévasté la  
terre, Et triomphé sans enrichir  
l'État.

Maudit le fer qui ravage et qui tue.

Quand de besoins  
l'homme est martyrisé,

Je viens, Fourier, embrasser ta  
statue, Je ne veux plus (BIS) être  
civilisé.

Fala primeiro de um pobre e velho  
soldado,

Que sem remorso devastou a terra, E  
triunfou sem enriquecer o Estado.

Maldito o ferro que destrói e que  
mata.

Quando de necessidades o homem é  
martirizado,

Venho, Fourier, abraçar tua estátua,  
Não quero mais ser civilizado<sup>95</sup>.

5  
8

Bientôt après désertant le prétoire

Qu'il remplissait de sa criarde voix.

L'air humble et doux, un homme en  
robe noire

Proclame enfin la pus sage des lois

Ah! De bonheur, quando tout  
homme s'enivre,

Je te comprends, l'accord en est  
aisé.

Oui, sans plaider l'humanité peut  
vivre

Faites l'aumône (BIS) au vieux

Logo depois desertando o pretório

Que enchia com sua voz gritante.

O ar humilde e doce, um homem com  
uma batina preta

Proclama enfim a mais sábia das leis.

Ah! Felicidade, quando todo homem  
desaparece,

Eu te entendo, o acordo é raro.

Sim, sem reclamar a humanidade  
pode viver

Dê esmola (BIS) aos velhos  
civilizados.

<sup>95</sup> Para Maria Stella M. Bresciani: "Parece evidente que, a despeito das divergências quanto à magnitude da relação entre trabalho, pobreza, crime, perigo social e ameaça política e quanto às origens de cada termo da relação, essas várias vertentes do pensamento francês do século XIX se formam em torno de uma mesma imagem: a exposição pública do mundo do trabalho com suas misérias, a imensa massa anônima dos trabalhadores em multidão impondo através dessa presença e definição de um espaço social onde exige ter sua identidade reconhecida" (Maria Stella M. Bresciani, 2004, p. 65-66).



civilisé.

5 Au procureur succède un  
9 moraliste, Grand professeur,  
nommé par l'Institut,  
  
Qui dix-huit ans, orateur et légiste,  
  
Fut un grand homme et jamais ne  
se tut. Quoi qu'un peu tard resté  
seul dans sa chaire  
  
Notre recteur s'est enfin ravisé,  
  
Je prêcherai, messieurs, le  
phalanstère,  
  
Ayez pitié (BIS) d'un vieux civilisé.

Ao procurador sucede um moralista,  
Grande professor, nomeado pelo  
Instituto,  
Que dezoito anos, orador e legista,  
  
Foi um grande homem e nunca se  
matou.  
  
Embora um pouco tarde ficou sozinho  
na sua própria pele  
  
Enfim, nosso reitor mudou de ideia,  
  
Eu preguei, senhores, o falanstério,  
Tenham piedade (BIS) de um velho  
civilizado.

6 Mais toi, pourquoi détournes-tu la  
0 face,  
  
Toi qui prêchais, quoique tiède et  
sans foi  
  
Approche aussi, va Fourier te fait  
grâce,  
  
Et ses bienfaits s'étendent jusqu'à  
toi,  
  
Sans ton secours et malgré toi

Mas, tu porque tu viras a face,  
  
Tu que pregavas, embora morno e  
sem fé  
  
Aproxime se também, Fourier vai te  
perdoar,  
  
E seus bens-feitos se estendem até  
você, Sem teu socorro e apesar de ti  
talvez, Ele vê sua obra enfim  
realizada,  
Três vezes santo Pierre<sup>96</sup> renegou

<sup>96</sup> *Pierre Jean de Béranger* é criado com seu avô paterno em Paris cuja profissão era alfaiate, mas este fica com ele até a Revolução. Logo ele vai morar com uma tia por parte de pai na cidade de *Péronne*, lá ele estuda, mas não consegue aprender latim por outro lado consegue um trabalho de aprendiz em uma gráfica e assim a poesia entra na sua vida. Em 1795, volta para Paris e enquanto ajuda seu pai, que era um homem de negócios escreve seus poemas e frequenta uma escola de música. Em 1799,

	peut- être,	seu mestre,
	Il voit son oeuvre enfin réalisé,	Venha até nos (BIS) pobre civilizado.
	Trois fois saint Pierre a renié son maître,	
	Reviens à nous (BIS) pauvre civilisé.	
6 1	Organisons librement la série, Je viens ici désormais sans detour, Suivant les lois de la sainte harmonie Être disciple et maître tour-à-tour, Ouvrez-vous donc, portes du phalanstère; C'est enfantin, dont l'orgueil est brisé, C'est enfantin qui vous fait la prière De n'être pas (BIS) le seul civilisé.	Organizemos livremente o conjunto, Venho aqui agora sem rodeios, Seguindo as leis da santa harmonia Ser discípulo e mestre sucessivamente, Abram então, portas do falanstério; É o <i>Enfantin</i> <sup>97</sup> , cujo o orgulho está quebrado, É o <i>Enfantin</i> que vos faz a prece De não ser (BIS) o único civilizado.
6 2	Ah! venez tous, venez fils du vieux monde, Venez à nous, nos bras vous sont ouverts,	Ah ! venham todos, venham filhos do velho mundo, Venham à nós, nossos braços vos são abertos,

---

se declara Republicano e continua escrevendo, em um dia de 1804 decide enviar seus poemas à Lucien Bonaparte, irmão de Napoleão, os poemas que ele enviou estão dentro da obra **Le Déluge** e estes foram tão bem aceitos que ele se torna membro do Instituto e assim consegue se dedicar apenas à escrita e Béranger morre no dia 16 de julho de 1857 e seu enterro é escoltado por militares. Béranger explorou todos os estilos principalmente, a canção política.

<sup>97</sup> *Barthélemy Prosper Enfantin* nasceu no dia 08 de fevereiro de 1796, foi um dos principais líderes do movimento *Saint Simonien*, mas também foi escritor, diretor de uma empresa de comunicação impressa, empreendedor ao participar do desenvolvimento de uma ferrovia e também do Canal de Suez no entanto ele morre no dia 31 de agosto de 1864.

Et de Fourier la doctrine féconde  
 Sans nul effort embrasse l'univers.  
 D'un pôle à l'autre, une même  
 patrie

Remplit d'amours, les cœurs  
 électrisés,

Plus de discords, le groupe et la  
 série Ont entraîne (BIS) tous les  
 civilisés.

E de Fourier a doutrina abundante

Sem nenhum esforço abraça o  
 universo.

De uma extremidade à outra, uma  
 mesma pátria

Cheia de amores, os corações  
 eletrizados,

Nada mais de discórdias, o grupo e o  
 encadeamento

Todos os civilizados (BIS) treinam.

6  
 3 Je m'approchai pour complimenter  
 le chanteur, M. Mazure, chef  
 d'un groupe d'agriculture qui a  
 défriché cinq ou six hectares de  
 terre à ce point du Sahy, et qui  
 s'occupait à les ensemer. Il  
 pense même que la récolte sera  
 pour la réception des frères que  
 nous attendons.

Me aproximei para cumprimentar os  
 cantos, Sr. Mazure, chefe de um  
 grupo de agricultura que capinou<sup>98</sup>  
 cinco ou seis hectares de terra até  
 este ponto do Sahy, e que tinha a  
 função de colocar sementes. Ele  
 pensa mesmo que a colheita será  
 para a recepção dos irmãos que  
 esperamos

6  
 4 Un second groupe fourni par un  
 groupe de dix colons vênus sur la  
 Neustrie, poursuit, avec l'aide de  
 quelques ouvriers brésiliens, un  
 défrichement qui n'aura pas moins

Um segundo grupo forneceu para um  
 grupo de dez colonos, vindos do norte  
 da França, que chegavam, com a ajuda  
 de alguns trabalhadores brasileiros,  
 uma capinagem, que não terá menos

<sup>98</sup> Segundo Daniel Roche: "O cultivador precisava de água para regar seus campos, o criador de gado para dar de beber aos seus animais, o madeireiro para fazer flutuar seus troncos, resposta específica da sociedade pré-industrial para abastecer os canteiros de obra navais, as indústrias de transformação como as salinas e as minas, o aquecimento e a construção urbana" (Daniel Roche, 2000, p. 187).

de douze hectares et qui promet des ressources encore plus abondantes. Ne vous arrêtez pas, fourmis laborieuses, de nouveaux essaims vous arrivent, soyez au niveau de votre mission, et que la divine abondance accueille dans quelques mois les candidats du premier phalanstère! Mais de quoi vais-je m'occuper, moi, pauvre femme?

que doze hectares e que promete recursos ainda mais abundantes. Não parem, formigas trabalhadoras, novas colmeias chegam até vocês, esteja no nível de sua missão, e que a divina abundância acolha em alguns meses os candidatos do primeiro falanstério! Mas com que vou me ocupar pobre mulher?

6  
5  
Moi qui ne puis faire que des vœux pour ces champions invincibles qui combattent jour et nuit pour leur sainte cause, pour ces vastes intelligences qui ont tout prévu, tout coordonné et qui sourient de mes craintes, et me disent: tout arrivera à temps. Je m'en remets donc au pilote de la marche du navire; il veille pendant que je dors, il mesure à chaque voile la portion de vent qui lui est nécessaire. Il a dans le ciel une étoile que je ne vois point et sur laquelle il règle notre course.

Eu que só posso fazer votos para estes campeões invencíveis que combatem dia e noite para estas profundas inteligências que profetizaram tudo, completamente coordenado e que gargalham dos meus temores e me dizem: - tudo acontecerá no tempo certo. Então, me coloco novamente como piloto do navio, ele vigia enquanto eu durmo, à cada vela ele mede a velocidade do vento que é necessária para ele. No céu, tem uma estrela que não vejo e sobre a qual ele regulamenta nossa corrida.

6  
6  
Tout les écueils que je vois devant nous, je les redoute; mais, lui, tient dans sa mémoire le compte de tous ceux qu'il a évités et se rit de mes terreurs puériles.

Todo o arrecife que vejo diante de nós, duvido delas; mas, ele, sabe de cabeça a conta de todos os que ele evitou e ri dos meus temores imaturos.

6 Il attend les secours et la sympathie  
7 de l'Europe intelligente; mais il met toute son étude à pouvoir s'en passer, et nous promet que si les capitalistes du vieux monde nous les refusaient, les forêts du Sahy, nous livreraient les six millions nécessaires à la construction du premier phalanstère. Je me sens forte de cette inébranlable conviction, de cette confiance qui semble commander au succès, mais je m'indigne contre la froideur de.

Ele espera os socorros e a simpatia da Europa inteligente ; mas ele colocar todo seu estudo para poder passar sem a Europa e nos promete que se os capitalistas do velho mundo nos recusavam, as florestas, do Sahy, nos confiam os seis milhões necessários para a construção do primeiro falanstério. Eu me sinto forte com esta sólida convicção, desta confiança que parece pedir o sucesso, mas fico indignada com a frieza da Europa que não nos envia nenhum sinal de simpatia.

6 Le seul journal qui ait été envoyé au  
8 Sahy est la Phalange de Londres, rédigée par M. Doherty. Que font donc les presses parisiennes? Oh! Quelle honte pour notre époque, si elle ne fait rien pour une si belle entreprise, si elle attend le succès pour l'applaudir et la comprendre. Quelle honte surtout pour les phalanstériens s'ils restent neutre dans cette grande lutte et

O único jornal<sup>99</sup> que tinha sido enviado para o Sahy é a Phalange de Londres, escrito pelo Sr. Doherty<sup>100</sup>. O que fazem as mídias parisienses? Ó ! Que vergonha para nossa época, se ela não faz nada para uma tão bela empreitada, se ela esperar o sucesso para aplaudir e compreender a empreitada. Que vergonha sobretudo para os falanstérios se eles ficarem neutros nesta grande luta e não

<sup>99</sup>Em 1840, a tiragem dos cinco maiores jornais da França eram em: 1º. Lugar – o jornal *Siècle* com 33.366, em 2º. Lugar – o *Journal des Débats* com 10. 583, em 3º. Lugar *La Presse* com 10. 106, em 4º. Lugar o *Journal Constitutionnel* com 5.944 e em 5º. Lugar, o *Journal Gazette de France* com 5.165 (Renato Ortiz, 1991: p. 43).

<sup>100</sup>*Barthélemy Prosper Enfantin* nasceu no dia 08 de fevereiro de 1796, foi um dos principais líderes do movimento *Saint Simonien*, mas também foi escritor, diretor de uma empresa de comunicação impressa, empreendedor ao participar do desenvolvimento de uma ferrovia e também do Canal de Suez no entanto ele morre no dia 31 de agosto de 1864.

n'apparaissent pas sur le grand champ de bataille où se joue en ce moment l'avenir de l'humanité.

6  
9  
Si j'étais un jour, un seul jour.  
Le Dieu qu'au Sahy l'on implore,  
Sous ma justice, avant l'aurore,  
Tout roi pâlirait dans sa cour.  
Pour les colons tout mon amour,  
Je saurais, trompant les oracles,  
De miracles semer leurs pas,  
Ils ont mérité des miracles,  
Hâtons-nous, l'honneur est là-bas  
(BIS).

7  
0  
Hâtons-nous, mais je ne puis rien;  
O roi des cieux, entends ma plainte,  
Père de la liberté sainte,  
De ce peuple unique soutien, Fais  
de moi son ange gardien.  
Dieu donne à ma voix la trompette  
Qui doit réveiller du trépas,  
Pour qu'au monde entier je répète  
Hâtez-vous, l'honneur est là-  
bas (BIS)

7  
1  
Qu Béranger me pardonne de  
détourner ce noble appel, pour une  
cause aussi belle, que celle qui l'a  
inspire primitivement! Ah! Si ces

aparecerem no grande campo de batalha onde se encenará este momento futuro.

Se eu fosse um dia, um único dia.  
O Deus que no Sahy a gente implora,  
Sob minha justiça, antes da aurora,  
Todo rei empalideceria na sua corte.  
Para os colonos todo meu amor,  
Eu saberia, enganando os oráculos,  
Milagres semear os passos deles,  
Eles mereceram milagres,  
Apressemo-nos, a honra está lá  
(BIS).

Apressemo-nos, mas eu não posso nada; Ó rei dos céus, escute minha reclamação, Pai da liberdade santa, Deste povo único sustente,  
Faça de mim seu anjo guardião. Deus dá à minha voz o trompete Que deve despertar da morte,  
Para que o mundo inteiro eu repita Apressem-se, a honra está lá (BIS)

Que Béranger me perdoe de dirigir esta nobre chamada para uma causa tão bela, que a que inspira ele primeiramente. Ah! Se essas linhas

lignes tombaient sous ses yeux, peut être pourraient-elles lui inspirer encore un hymne, qui sent une action généreuse. Il a juré de ne plus rien donner au public. Mais quelle tentation pour cette âme généreuse, quelle tentation que celle de faire du bien! Le serment n'y résisterait pas, et quell secours pour nous qu'un chant de Béranger! Notre cause n'aurait pas besoin d'autre soutien.

caíssem sob seus olhos, pode ser que elas poderiam inspirar ainda um hino, que sente uma ação generosa. Mas que tentação para esta alma generosa, qual tentação que a de fazer o bem. A promessa não resistiria, e que socorro para nós que um canto de Béranger! Nossa causa não precisaria de um outro apoio.

7  
2  
*Le fous, les quatre âges historiques, sont un salut adresse par le poète à de séduisantes théories. Il doit à la réalité, l'aumône qu'il a faite aux idées. Prophète, qui a béni les plans d'une magnifique entreprise, bénis aussi les guerriers qui combattent et qui meurent pour elle.*

*Le fous, les quatre âges historiques, são uma saudação voltada pelo poeta com sedutoras teorias. Na realidade, a esmola que ele dá é de ideias. Profeta, que abençoou planos de uma magnífica empreitada, abençoados também os guerreiros que combatem e que morrem por ela.*

7  
3  
Voilà ce que j'ai vu à mon arrivée au Sahy, et chaque jour me confirme dan l'idéeque l'heure de la réalisation a enfin sonné. Certes, il ne faudrait pas que les nouveaux convois que nous attendons pensent venir à une fête.

Eis que eu vi minha chegada no Sahy, e à cada dia que passa, tenho mais certeza que a hora da realização enfim chegou. Certamente, não seria necessário que os novos colonos que esperamos acreditam vir para uma festa.

7  
4  
Des abris et une nourriture grossière, voilà tout ce que nous

Abrigos e comida simples, eis tudo que temos, tudo que podemos

avons, tout ce que nous pouvons offrir. La rude existence des bois n'a rien qui offre l'image de l'industrie attrayante.

7  
5 Mais qui ne se soumettrait aux plus rudes privations en pensant à la grandeur, à la proximité de notre but sublime? Que de fois dans des courses, au sein des bois vierges, ne me suis-je pas trouvée réduite à une poignée de manioc, à un morceau de viande salée pour nourriture, et à dormir au pied d'un arbre enveloppée dans le manteau d'un de mes compagnons de voyage.

7  
6 To Toutes ces fatigues nous le épargnons à ceux qui viennent après nous. Mais ils en auront encore, qu'ils soient tranquilles. Il y a ici l'emploi de tous les dévouements.

7  
7 Si les hommes qui nous arrivent y sont, comme je les crois, préparés, comme nous ils auront des joyeux chants, et les échos du Sahy continueront à répéter ces gais accens ces hymnes d'Allégresse et d'espérance, auxquels je les ai trouvés accoutumés.

oferecer. A penível existência dos bosques não tem nada de parecido com a imagem da indústria atrativa.

Mas quem não se submeteria às mais difíceis privações pensando na grandeza, na proximidade de nosso objetivo sublime. Quantas vezes nas corridas para os meios dos bosques intactos, não me encontrei apenas com um punhado de mandioca, com um pedaço de carne salgada para a comida, e tive que dormir no pé de uma árvore embrulhada com um casaco de um dos meus companheiros de viagem.

Todos esses cansaços, nós o juntamos aos, que vinham depois de nós. Mas eles ainda se cansarão, que estes cansaços sejam mais amenos. Há aqui o empenho de todos os devotamentos.

Se os homens que chegarem até nós como acredito, preparados, como nós, eles terão alegres cantos, e os ecos do Sahy, continuarão à repetir estas felizes vozes, esses hinos de Alegria, de esperança, aos quais achei eles bem acostumados.



7  
8  
Quant aux faibles de corps et d'esprit, qu'ils attendent encore, qu'ils laissent à de plus dignes leur part de danger et de gloire, leur part dans le travail et la rétribution. Bientôt les petites bandes auront à introniser parmi nous les jouissances du luxe et des arts, l'élégance du bon ton et des belles manières; mais pour quelque temps encore il nous faut de plus mâles champions. Place aux âmes ardentes et passionnées! Place aux infatigables athlètes! Place aux héroïques hordiers!

Em relação às fraquezas do corpo e do espírito<sup>101</sup>, que eles esperam ainda, que deixem aos mais dignos de perigo e de glória no trabalho e na retribuição da parte deles<sup>102</sup>. Logo os pequenos grupos terão como colocar entre nós as alegrias do luxo e das artes, a elegância do bom tom<sup>103</sup> e das belas maneiras; mas por algum tempo ainda, é necessário mais homens campeões para nós. Lugar para as almas ardentes e apaixonadas! Lugar para os incansáveis atletas! Lugar para os heróis!

7  
9  
Quant à moi, je dépose ici mon bourdon et ma cape de pèlerine. Vouée corps et âme à la réalisation

Quanto à mim, deposito aqui minha bengala e minha capa de pelegrina<sup>104</sup>, Corpo e alma prometido

<sup>101</sup>Das artes, pois em 1843 mais de 1800 retratos são produzidos na cidade de Paris e a partir de 1849, Vaillat e Derussy começaram a fazer mais de 3 mil retratos à cada ano (Renato Ortiz, 1991: p. 67).

<sup>102</sup>Na literatura, entre 1829 e 1840 o folhetim e a publicidade caminham juntos. Pois é a publicidade que consegue equilibrar os gastos do folhetim e acaba ajudando o leitor, pois a assinatura que sem a publicidade era 80 francos, baixa para 40 francos anuais. Todavia não demorou muito para que o folhetim se tornasse best-seller e para que os romances fossem publicados no folhetim, os proprietários de jornais começam a olhar para os escritores com um objetivo maior: o de perceber quem consegue se comunicar melhor com o leitor (Renato Ortiz, 1991: p. 71-72).

<sup>103</sup>De acordo com Daniel Roche: "O estudo da alimentação, se nos limitarmos às conclusões dos historiadores da economia e da agricultura, mostra bem a unificação geral dos comportamentos pela necessidade e a importância da "segurança alimentar". O valor simbólico do pão e do vinho dá a esse regime das subsistências uma força que ele conservaria até o século XIX" (Daniel Roche, 2000, p. 330).

<sup>104</sup>Rousseau dizia que antes de se casar era necessário que os jovens homens viajassem. Após ler o relato de Louise Bachelet e traduzi-lo quero fazer algumas alterações em seu discurso: viajar é indispensável a uma jovem mulher que dever ter uma cultura completa. Aquela que não viu mais que um povo não conhece as mulheres e os homens. Não é suficiente, para instruir-se, percorrer os países: é necessário abrir os olhos e observar. Agora que as raças, os povos, as mulheres e os homens se misturam, é difícil precisar as diferenças nacionais que até então se mostravam ao primeiro golpe de vista (Tania Quintaneiro, 1995: p. 16).

phalanstérienne, j'étais étrangère sur cette terre, tant que la théorie restait confinée dans les livres. Aujourd'hui qu'elle s'incarne et jette des racines dans le sol, je m'attache au lieu où elle doit croître, fleurir et s'étendre.

para a realização falansteriana, eu era estrangeira nesta terra, tanto que a teoria ficava confinada nos livros. Hoje que ela se encarne e fixe raízes sob o solo, me uno ao lugar onde ela deve crescer, florescer e se estender.

8  
0

Comme une tendre mère, je suivrai avec amour les développements du germe sacré, je souffrirai de ses peines, je m'exalterai de sa vie, et si quelqu'ouragan imprévu venait briser sa tige délicate, oh! Alors, je n'aurais plus rien à demander au monde, que quelques pieds de terre pour reposer aux lieux où auraient péri toutes mes espérances.

Como uma meiga mãe, seguirei com amor os desenvolvimentos do germe sagrado, sofrerei com suas punições, me exaltarei pela sua vida, e se algum furacão repentino vier quebrar seu caule delicado, ó! Então, eu não teria mais nada para pedir ao mundo, apenas alguns pés de terra para descansar nos lugares onde teriam apodrecido todas as minhas esperanças

No próximo capítulo, vou mostrar o projeto de tradução e os comentários da tradução.

#### 4 . COMENTÁRIOS DE TRADUÇÃO

##### O PROJETO DE TRADUÇÃO AO REDOR DO RELATO DE VIAGENS DE LOUISE BACHELET

O projeto de tradução da obra organizou-se a partir da oportunidade de traduzir o relato de viagens: *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Louise Bachelet, de 1842. Este projeto buscou apresentar a cultura de Santa Catarina, por meio da descrição de uma ilha chamada “Ilha do Saí”, localizada no Distrito do Saí, a língua francesa e o estilo dessa obra. Este relato foi escrito em francês no século XIX no Brasil, mais especificamente em Santa Catarina.

O diálogo teórico que estabeleço é a partir do conceito de tradução de Antoine Berman. No meu caso, quero que a literatura chame a atenção do leitor, mas também, por outro lado, quero que ele faça uma relação com o que está lendo e com que está vivendo e, assim, o leitor sentirá um estranhamento como estrangeiro.

Ao traduzir, fiz o possível para trazer a identidade do relato original, como diz Torres (2013, p. 133): “O tradutor, portanto, produz um outro texto – apesar de carregar a marca da identidade do texto original -, o texto traduzido transformado em energia criativa. O tradutor é, portanto, um autor”.

O gênero textual que abordei é o comentário da tradução. Para Marie Hélène Catherine Torres e Bernard Croquette, as características que o gênero possui são (2017,p. 18): [...] o caráter autoral, o caráter metatextual, o caráter discursivo-crítico, o caráter descritivo e o caráter histórico crítico”.

A metodologia elaborada teve o intuito de ser diferente daquela que foi aplicada no mestrado. Naquele momento de pesquisa, primeiramente traduzi todo o texto para, em seguida, anotar as minhas dúvidas, finalizar a tradução e enfim elaborar os comentários. No doutorado, a tradução e o comentário foram realizados ao mesmo tempo. Para mim, foi muito melhor a experiência do doutorado.

Para selecionar os elementos que comento a seguir, li o relato mais de uma vez a fim de descobrir o que era mais importante comentar. Os elementos escolhidos para o comentário do relato *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale* de Bachelet foram os seguintes: os nomes próprios/antropônimos e as notas de tradução.

No relato, há apenas uma nota de rodapé, mas para mostrar o contexto histórico da França, na época, decidi colocar algumas notas de tradução relacionadas a este momento. Após a banca de qualificação, no entanto, decidimos usar as notas de tradução para que fossem feitos os comentários. Para Pablo Cardellino Soto (2015, p. 90): “Em 1964, Eugene Nida afirma que as notas de tradutores, abreviadas como: N.T. têm duas funções primordiais, uma delas é trazer uma ou mais informações que poderão ter utilidade para compreender o contexto histórico e cultural do texto”.

Para o elemento nomes próprios/antropônimos, decidi manter os nomes na língua do próprio nome, ou seja, o nome que estava em francês mantive nessa língua, já o nome espanhol que estava escrito em francês passei para o espanhol. O maior desafio foi o de decidir se manteria os nomes na língua estrangeira. Por isso, decidi manter os nomes franceses, ou francófonos, em francês e os nomes hispânicos em espanhol. Se eu tentasse traduzir os nomes ou até mesmo escrever de uma maneira na qual o som do francês e do espanhol aparecesse não seria justo, já que os personagens são pessoas reais e muitos deles são personagens históricos, e, assim, os leitores podem buscar a biografia deles. Atualmente, os nomes são bem diferentes e geralmente usamos o primeiro nome na cultura brasileira e não o sobrenome, como aparece no relato de viagens.

Muitas vezes tive que reorganizar a tradução quando o original apresentava uma estrutura sintática incomum, processo esse denominado, para Berman, como “racionalização” (2013, p. 71-72): “racionalização e clarificação exigem um alongamento, um desdobramento do que está, no original, dobrado”. Esta minha escolha foi consciente, pois pensei no leitor brasileiro, pois, se eu mantivesse a estrutura do francês, certamente este leitor teria dificuldade em ler o relato de viagem traduzido.

#### 4.1 NOTAS DE TRADUÇÃO

A escolha de colocar notas foi pensada no leitor, mas isso aconteceu depois da tradução, na medida em que eu me coloquei no lugar do leitor e vi que estava faltando alguma coisa. Lembrei que, na minha dissertação, havia colocado o contexto histórico nas notas. Por isso, decidi ir à Biblioteca Central da UFSC e busquei todos os livros que falavam do século XIX na França e foi lá que encontrei alguns autores.

Com os livros em mãos, voltei para a minha tradução e comecei a procurar na tradução o que era possível complementar e foi assim que surgiram as notas. Como havia nomes de pessoas, também fui atrás da biografia de cada personagem do livro. Infelizmente, não consegui encontrar informações biográficas de todos os personagens, mas as da grande maioria consegui localizar.

Fiz questão de privilegiar, nas notas, a sociedade francesa do século XIX, já que o relato do livro aconteceu nesse momento histórico. As notas foram em direção ao verdadeiro motivo que levou os personagens do livro a sair da França em direção ao Brasil, mais especificamente para Santa Catarina, para a Ilha do Sahy, e o motivo pelo qual de eles acreditarem no Dr. Benoit Jules Mure, que era um médico homeopata, como administrador do Falanstério do Saí.

Marie-Hélène Catherine Torres, sobre as notas de tradução, afirma que (TORRES, 2011, p. 98):

Estas notas fornecem, além de uma vasta biografia de personagens históricos, naturalistas ou paleontólogos, passando pelos militares, navegadores, homens políticos ou de igreja (representando cento e trinta das cento e cinquenta notas ao total), algumas explicações diretamente ligadas à própria tradução, fazendo inteiramente parte do metatexto. As outras notas pertencentes a estas “notas dos tradutores” biográficas ou toponímicas, fazem parte do que chamamos de discurso de acompanhamento.

No meu caso, decidi colocar as notas de biografias que tinha elaborado nos comentários que fiz dos nomes próprios. Solange Mittmann conta o que faz parte do processo tradutório (MITTMANN, 2003, p. 108): “A nota do tradutor faz parte do processo tradutório e materializa o discurso do tradutor, num momento em que este discurso não se confunde ilusoriamente com o do autor do texto original, como acontece no restante do texto da tradução”. No meu caso, fiz questão de deixar claro para o leitor que as notas eram de autoria de outro autor.

Mittmann explica o que é produzido durante o processo tradutório (MITTMANN, 2003, p. 111): “Ao falarmos em discurso da tradução, referimo-nos ao discurso do tradutor na N. T., que é produzido durante o processo tradutório”. No meu caso, apenas depois da tradução elaborei as notas de tradução. Mittmann também relata como fazer com que o texto e a nota sejam uma sequência textual (MITTMANN, 2003, p. 112):

O texto de um N. T. está ligado a um determinado ponto do texto traduzido. Por isso, cada N.T. é citada juntamente com um pequeno trecho do texto, onde abre-se a “janela” para a nota que marcamos com o uso do asterisco. A N.T. e o trecho do texto da tradução que lhe é correspondente formam uma sequência textual, que é seguida da sua referência bibliográfica.

No meu caso, inseri as notas, li excerto por excerto para encontrar um ponto do texto traduzido. Fiz a associação do trecho com a nota, mas não usei o asterisco. No entanto, tive a intenção de que tanto o trecho como a nota tivessem uma sequência textual.

De acordo com Mittmann, é possível constar na análise outros textos sobre o mesmo tema (MITTMANN, 2003, p. 112): “Podem estar presentes na análise outras notas ou depoimentos do mesmo tradutor e outros textos sobre o mesmo tema formando um contexto”. No meu caso, para elaborar os comentários das notas, pesquisei outros textos em português e em francês que tivessem a mesma temática da nota.

Para preparar a análise, Mittmann esclarece três opções de como fazer uma análise (MITTMANN, 2003, p. 113):

Fragments de contexto que demonstrem o distanciamento entre o discurso do tradutor e o discurso do autor; recorrência a outros discursos para dar sustentação ao discurso do tradutor; embates do tradutor durante o processo tradutório com relação à falta de palavras, à multiplicidade de sentidos e às incertezas.

No meu caso, adaptei a metodologia dela para, ao invés de fazer uma análise, realizar um comentário de tradução. Conforme Mittmann, pode-se elaborar as notas durante o processo tradutório ou após muitos anos de ter sido traduzido um texto (MITTMANN, 2003, p. 128):

A produção das N. T. se dá durante o processo tradutório, mas isso não significa que elas sejam escritas no momento mesmo da escritura do texto, pois o processo não se resume a esta etapa. As notas podem ser acrescentadas ao texto até muitos anos depois de sua escritura. Isso significará apenas que o processo não se encerrou.

No meu caso, traduzi o texto primeiro e, ao lê-lo, me dei conta que seria interessante complementar este texto. Recorri, então, à minha dissertação, observei como havia feito todo o processo e só depois fui buscar referências do século XIX.

Mittmann narrou que há possibilidades de analisar outras notas e algumas funções do tradutor (MITTMANN, 2003, p. 128):

O processo tradutório não começa e não termina no tradutor. Este fato nos permitiria analisar as notas do editor, notas do autor, etc. Mas nos limitamos à análise das N.T., porque foram produzidas pelo mesmo sujeito enunciador que escreveu o texto da tradução, um sujeito que inscreve e organiza, pela função do tradutor, diversas posições de sujeito em seu discurso.

No meu caso, como tradutora, fiz a tradução e as notas de tradução, além do mais, o texto tinha apenas uma nota de rodapé, nem de editor, nem do autor. Mittmann expõe que só há discurso da nota de tradução se houver discurso da tradução (MITTMANN, 2003, p. 129):

Consideramos que a N.T. materializa o discurso do tradutor produzido durante o processo tradutório. Na verdade, trata-se de um mesmo processo de tradução de discursos, o processo tradutório, um mesmo sujeito enunciador, o tradutor, mas dois discursos diferentes, um dependente do outro: o discurso da N. T. só existe a partir do discurso da tradução.

O processo tradutório, no meu caso, aconteceu primeiro com a tradução para depois organizar as notas. Dificilmente, eu conseguiria fazer o contrário.

Mittmann explana que a nota da tradução está fora do texto da tradução (MITTMANN, 2003, p. 129):

O discurso da N. T. ocupa um lugar à parte, fora do texto da tradução, e ao mesmo tempo é uma retomada de um elemento daquele texto, que é a expressão a ser definida, comentada, etc. É uma extensão que, geralmente, cria a ilusão de um fechamento de sentido.

As notas de tradução estão fora do texto traduzido, mas elas retomam as temáticas daqueles excertos. A intenção foi a de complementar o excerto para dar mais sentido ao excerto.

Mittmann explicita que a nota de tradução deve ir para o pé da página (MITTMANN, 2003, p. 129): “Ao criar a N. T., o tradutor abre espaço ao lado da expressão em questão, no próprio texto da tradução, portanto no nível do intradiscurso, mas remete este espaço para fora da margem do texto, isto é, para o pé da página”. Para criar a N. T., primeiramente fui pesquisar livros sobre o século XIX. Com o texto traduzido em mãos e com os livros, pesquisei neles o que fazia referência ao texto. Nesse sentido, fiz citações diretas e indiretas, copiei primeiro para

só depois digitar, mas para inserir a nota de tradução tive que usar o recurso de nota de rodapé, mas não havia abreviado como N. T., pois tinha colocado apenas a citação.

Mittmann descreve que é preciso ter um efeito de sentido nas notas de tradução (MITTMANN, 2003, p. 131): “O texto da N.T. é a materialidade do discurso do tradutor durante e sobre o processo tradutório, e que discurso não é transmissão de informação de um interlocutor para outro, mas um efeito de sentidos entre os interlocutores”. A minha intenção não foi simplesmente a de dar mais uma informação para o leitor. Ao contrário, foi a de fazer com que a nota de tradução desse mais sentido ao texto.

## NOTAS DE TRADUÇÃO

### Nota 1

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

2	A <b>carta</b> que oferecemos ao público nos pareceu de um tão grande interesse, e reproduzir com uma tão escrupulosa e tão elegante fidelidade tudo que se pode desejar saber sobre o “estado” da tentativa falansteriana no Sahy (1), que sentimos ter dever de publicá-la.
---	---

Foi em 1811 que Koenig inventou uma prensa rotativa, que alcançava uma tiragem de 1000 folhas por hora, mas apenas em 1823 ela passou a acelerar a produção dos jornais. Em seguida, surgiu o gabinete de leitura. Este era um local onde era possível alugar jornais e livros e, assim, os leitores teriam mais acesso por causa do valor, que é bem mais baixo do que ser assinante, e, por fim, em 1815, na cidade de Paris, havia 373 livrarias enquanto que em 1845, houve um acréscimo de 570 livrarias (ORTIZ, 1991, p. 43).

Viera Rebolledo Dhuin também fala sobre as livrarias no século XIX.

Paris, capital do livro no século 19, constitui um suporte multiforme das relações sociais necessárias na instalação das livrarias, tem o exercício da profissão e para a evolução sócio-profissional de seus atores... A ipercentralidade da livraria, herdade da organização das antigas corporações



do livro, responde às restrições profissionais e financeiras que pesam ainda no século 19 sobre o setor.<sup>105</sup>

DHUIN, Viera Rebolledo. **Les libraires parisiens au xixe siècle Mobilités sociales et spatiales**. 2017. *Ethnologie française*, volume 47. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2017-1-page-59.htm>. Acesso em: 05 set. 2023.

## Nota 2

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional*, de Louise Bachelet:

63	Me aproximei para cumprimentar os cantos, Sr. Mazure, chefe de um grupo de agricultura que <b>capinou</b> cinco ou seis hectares de terra até este ponto do Sahy, e que tinha a função de colocar sementes. Ele pensa mesmo que a colheita será para a recepção dos irmãos que esperamos.
----	---

Segundo Daniel Roche:

O cultivador precisava de água para regar seus campos, o criador de gado para dar de beber aos seus animais, o madeireiro para fazer flutuar seus troncos, resposta específica da sociedade pré-industrial para abastecer os canteiros de obra navais, as indústrias de transformação como as salinas e as minas, o aquecimento e a construção urbana (ROCHE, 2000, p. 187).

## Nota 3

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional*, de Louise Bachelet:

---

<sup>105</sup> Paris, capitale du livre au xix<sup>e</sup> siècle, constitue un support multiforme des relations sociales nécessaires à l'installation des libraires, à l'exercice du métier et à l'évolution socio-professionnelle de ses acteurs. L'hypercentralité de la librairie, héritée de l'organisation des anciennes corporations du livre, répond aux contraintes professionnelles et financières qui pèsent encore au xix<sup>e</sup> siècle sur le secteur.

35	Os colonos do Sahy só hoje aproveitam imperfeitamente das vantagens da associação. Um grupo de pescadores está instalado em uma ilha vizinha da costa. Ele fornecerá um suplemento abundante e agradável para a alimentação da <b>colônia</b> . Um outro grupo cuida da serralheria, mais longe se constrói uma fábrica de isqueiros, cinco minutos mais longe, um pequeno estabelecimento para a exploração das madeiras. Ali começam vastos parques para a educação das tropas de animais.
----	--

Para Daniel Roche:

Após 1808, mil arquivos de processos mostram a acentuação dos conflitos permanentes dois séculos atrás. Nas cidades, no campo, o acesso direito à água era uma maneira de mostrar a produção social de um bem por meio dos usos e conflitos, necessidades e consumo (ROCHE, 2000, p. 196).

#### Nota 4:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

33	Organizar uma colônia, que tarefa gigantesca! Ah! Já são raros os homens que sabem administrar uma sociedade que já está toda construída. O que é então, quando se trata de criar todos os direitos, de prever todas as <b>necessidades</b> , de dispor todos os relatórios? Somente hoje que consigo entender todas as dificuldades.
----	---

De acordo com Daniel Roche:

“O inventário dos recursos sublinha três soluções principais: o acesso direto à utilização dos rios, ribeiros, pontos de água, lagos e lagoas, a captação das fontes e sua conduta especial para as cidades, pelos aquedutos ou canalizações subterrâneas, e o recurso ao lençol freático com a escavação de poços” (ROCHE, 2000, p. 191).

Para Alice Ingold, naquela época, o Conselho do Estado se perguntava como poderiam ter criado dispositivos para pensar na ecologia (2011, p. 69):

O Conselho do Estado se interroga hoje sobre os dispositivos que poderia dispor o direito para favorecer uma “gestão integrada” de água, sozinha garante uma administração durável do recurso e de um respeito de sua qualidade de meio ecológico. A maior diversidade dos regimes jurídicos das águas, segmentadas segundo as categorias de águas (correntes, estagnantes, pluviais, superficiais, subterrâneas, etc.) e segundo o uso deles (agrícolas, industriais, domésticos) constitui um obstáculo com uma gestão que deveria considerar a água na unidade de sua circulação e de seus ciclos

<sup>106</sup>.

INGOLD, Alice. **Gouverner les eaux courantes en France au XIXe siècle Administration, droits et savoirs**. 2011. Dans Annales. Histoire, Sciences Sociales. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-Annales-2011-1-page-69.htm?contenu=sujetproche>. Acesso em: 4 set. 2023.

### Nota 5:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

5	<b>Eu estava cansada da América Espanhola.</b> Os gritos de morte dos satélites de Rosas, as cenas de carniceria que tinha visto, me causavam um horror profundo. Ah, não foi isso que eu tinha vindo procurar no Novo-Mundo! Montevideú é verdade, me proporcionava dias mais tranquilos e a numerosa população francesa que desembarcava me mostrava a circunstância ideal para reencontrar mais facilmente as lembranças e a língua francesa
---	---

Foi no século XIX que o turismo se tornou conhecido, pois muitos passaram a frequentar as águas termais e outros irem à praia. Nos estudos de Paul Gerbod, ele diz que 6 mil hóspedes passaram por Cauterets, nos Pirineus, em 1840. Quando o banho de mar se tornou uma sugestão para melhorar a saúde, Nice, Biarritz e Arcachon se tornaram polos turísticos (ORTIZ, 1999, p. 152-153).

<sup>106</sup> Le Conseil d'État s'interroge aujourd'hui sur les dispositifs dont pourrait disposer le droit pour favoriser une « gestion intégrée » de l'eau, seule garante d'une administration durable de la ressource et d'un respect de sa qualité de milieu écologique. La très grande diversité des régimes juridiques des eaux, segmentés selon les catégories d'eaux (courantes, stagnantes, pluviales, superficielles, souterraines, etc.) et selon leurs usages (agricoles, industriels, domestiques) obstacles à une gestion qui devrait considérer l'eau dans l'unité de sa circulation et de ses cycles.

Françoise Deherly conta a história das estações termais no século XIX (2020, p.1):

No século 19, os estabelecimentos europeus se livram de uma concorrência feroz incitando os médicos à lhes enviar os doentes deles concorrendo com atividades turísticas e de lazer a fim de distrair aqueles que frequentam as águas termais: concertos, bailes, festas, salas de jogos, cassinos e corridas de cavalo.<sup>107</sup>

DEHERLY, Françoise. **Histoire des stations thermales**. 2020. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/blog/27072020/histoire-des-stationsthermales?mode=desktop>>. Acesso em: 4 set. 2023.

### Nota 6:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

27	<p><b>Esta recepção inesperada</b>, esses sotaques tão doces e tão puros, a vista desta terra que despertava em mim mil pensamentos tumultuados, me arrancaram lágrimas involuntárias, e me causaram a mais intensa das emoções. Eu beijei a areia da praia, e se várias damas não tivessem vindo correndo e me recebendo nos braços delas, e socorrida, o excesso de alegria teria tirado sem dúvida o uso dos meus sentidos.</p>
----	--

Para Daniel Roche: “As águas se tornaram por toda a parte uma riqueza fundamental e um símbolo de abundância” (ROCHE, 2000, p. 186).

De acordo com Denis Bocquet, Konstantinos Chatzis e Agnès Sander, aqueles que tinham recursos tinham acesso à água (2009, p. 138):

Os que podem pagar uma tarifa, principalmente os mais ricos, são finalmente os menos inclinados a fazer, pois eles podem se fazer entregar em domicílio pelos carregadores de água ou enviar os domésticos deles para buscar água.<sup>108</sup>

<sup>107</sup> Au XIXe siècle, les établissements européens se livrent à une concurrence féroce en incitant les médecins à leur envoyer leurs malades et en rivalisant d'activités touristiques et de loisirs afin de distraire les curistes : concerts, bals, fêtes, salles de jeux, casinos, courses hippiques.

<sup>108</sup> Ceux qui peuvent se payer un abonnement, à savoir les plus riches, sont finalement les moins enclins à le faire, car ils peuvent se faire livrer à domicile par des porteurs d'eau ou envoyer leurs domestiques chercher l'eau.

BOCQUET, Denis; CHATZIS, Konstantinos; SANDER, Agnès. **L'universalisation de la distribution de l'eau de Paris**, 1830-1930. 2009. Flux/2-3/no. 76-77. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-flux1-2009-2-page-137.htm>. Acesso em: 04 set. 2023.

### Nota 7:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

41	Aqui há uma padaria que fornece pão para toda colônia. A casa é imensa, o que basta para acomodar os colonos que não puderam se instalar no Sahy.
----	---

Segundo Daniel Roche:

Para os padeiros, a água dos poços era um ingrediente essencial, a alma do pão. Sua qualidade dependia da natureza das águas, que deviam ser leves e puras; era o que fazia a reputação dos padeiros de Gonesse que entregavam seus produtos nos mercados. Mas Parmentier defendia a tese oposta para acusar os padeiros de uma panificação viciosa. A água de poço que alimentava os três quartos das casas de forno era pesada e suja, mas a qualidade das michas não era diferente com as águas dos rios ou a água da chuva (ROCHE, 2000, p. 200).

Para Virginia Beljean, sem água é impossível fazer pão (2018, p. 1):

Sem juntar água, os ingredientes necessários para a fabricação do pão, para saber a farinha, o sal e o fermento, não estão ligados entre eles e formam uma mistura sem forma. Então é impossível de modelar ou de amassar a mistura .<sup>109</sup>

BELJEAN, Virginia. **Pourquoi l'eau est indispensable à la fabrication du pain**. 2018. Disponível em: <<https://painsuisse.ch/blog/pourquoi-leau-est-indispensable-a-la-fabrication-du-pain/>>. Acesso em: 4 set. 2023.

<sup>109</sup> Sans ajouter d'eau, les ingrédients nécessaires à la fabrication du pain, à savoir la farine, le sel et l'agent levant, ne sont pas liés entre eux et forment un mélange informe. Il est alors impossible de façonner ou de pétrir le mélange.

**Nota 8:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

41	Aqui há uma padaria que fornece <b>pão</b> para toda colônia. A casa é imensa, o que basta para acomodar os colonos que não puderam se instalar no Sahy.
----	--

Para Daniel Roche: “Da Idade Média à época industrial, a variedade considerável de utilizações indispensáveis da água, para a energia, para a bebida, a alimentação – sem água não havia pão” (ROCHE, 2000, p. 185).

Segundo Whitney Hahn, para preparar a cidra artesanal, a água era um ingrediente fundamental (2018-2019, p. 101):

É o caso no canton de Douvaine, perto de Thono, no início do século 19 onde as maçãs e as pêras são na maioria transformadas em cidra. Em princípio, existia duas categorias de cidra. O primeiro é uma cidra artesanal, fabricado com a água e frutas selvagens ou cultivadas, mas que não fazem nenhuma seleção particular.<sup>110</sup>

HAHN, Whitney. **ÉTUDE HISTORIQUE SUR L'ÉVOLUTION DES PRATIQUES ALIMENTAIRES ET CULINAIRES EN PAYS DE SAVOIE (XVIII - XIX SIÈCLES)**. 2018-2019. Rapport de recherche pour le Musée Savoisien. Disponível em: [https://patrimoines.savoie.fr/upload/docs/application/pdf/202107/rn\\_2020\\_alimentatio](https://patrimoines.savoie.fr/upload/docs/application/pdf/202107/rn_2020_alimentatio)

**Nota 9:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

35	Os colonos do Sahy só hoje aproveitam imperfeitamente das vantagens da associação. Um grupo de pescadores está instalado <b>em uma ilha vizinha da</b>
----	--

<sup>110</sup> C'est le cas dans le canton de Douvaine, près de Thonon, au début du XIXe siècle où les pommes et les poires sont majoritairement transformées en cidre. En principe, il existait deux catégories de cidre. Le premier est un cidre artisanal, fabriqué avec de l'eau et des fruits sauvages ou cultivés, mais qui ne font objet d'aucune sélection particulière.

	<p><b>costa.</b> Ele fornecerá um suplemento abundante e agradável para a alimentação da colônia. Um outro grupo cuida da serralheria, mais longe se constrói uma fábrica de isqueiros, cinco minutos mais longe, um pequeno estabelecimento para a exploração das madeiras. Ali começam vastos parques para a educação das tropas de animais.</p>
--	--

Segundo Daniel Roche:

Na aldeia, a coletividade estava mais associada diretamente à água do que a casa. Ela influenciava em total coação o agrupamento ou a dispersão. As grandes fazendas isoladas de Île- de-France com seus ares de fortaleza tinham poços; as aldeias e os lugarejos mantinham poços comunais; nas planícies, no fundo dos vales, recorriam aos rios, em suas encostas de nascentes cuidadosamente protegidas, e isto desde os séculos XVI e XVII. Certas nascentes alimentavam fontes, lavadouros mantidos pelas comunidades” (ROCHE, 2000, p. 197).

#### Nota 10:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet:*

3	<p>Sabe-se que a península do Sahy está localizada sobre o rio de São Francisco, no interior de <b>Santa Catarina.</b></p>
---	--

Segundo Daniel Roche: “O século XIX viu nascer a época da água comum assim que ela se tornou uma produção industrial e comercial, dominada pelas tecnologias e pela ciência” (ROCHE, 2000, p. 184).

Para Bernard Barraqué, o rio Rhône foi extremamente importante (2014, p. 5):

A geografia local jogou um papel importante: o Rhône é o principal rio da França, descendo por volta de um terço de água doce que atravessa nosso país, e em frente de Lyon, sua água era de boa qualidade no século 19 .<sup>111</sup>

<sup>111</sup> La géographie locale a joué un rôle important: le Rhône est le principal fleuve de France, écoulant environ un tiers de l'eau douce qui traverse notre pays, et au droit de Lyon, son eau était de bonne qualité au XIXe siècle”.

BARRAQUÉ, Bernard. **Pour une histoire des services d'eau et d'assainissement en Europe et en Amérique du Nord**. 2014. Flux 2014/3-4 (no. 97-98). Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-flux1-2014-3-page-4.htm>. Acesso em: 04 set. 2023.

**Nota 11:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

47	Um imenso lugar já está sendo capinado no pico desta pequena montanha, e, como eu mostrei para o Sr. Mangin, ele me disse: - É lá, que vamos construir o “primeiro falanstério”.
----	--

Para Daniel Roche:

Desde o século XIX, uma política geral dos planos nacional e local multiplicou os regulamentos e obrigações ditando aos construtores das cidades e do campo princípios de comodidade que mudaram completamente as condições de salubridade da habitação, melhoraram a isolamento e a ventilação, a iluminação e a penetração do sol. A relação com o exterior, a relação entre o particular e o público foram transtornadas e os modos de vida da cidade se impuseram a todos, submetendo o mundo rural a novos deveres (ROCHE, 2000, p. 147).

**Nota 12:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

35	Os colonos do Sahy só hoje aproveitam imperfeitamente das vantagens da <b>associação</b> . Um grupo de pescadores está instalado em uma ilha vizinha da costa. Ele fornecerá um suplemento abundante e agradável para a alimentação da colônia. Um outro grupo cuida da serralheria, mais longe se constrói uma fábrica de isqueiros, cinco minutos mais longe, um pequeno estabelecimento para a exploração das madeiras. Ali começam vastos parques para a educação das tropas de animais.
----	--



De acordo com Daniel Roche:

Do século XVII ao século XVIII, ou por volta do início do século XIX, nenhuma revolução aconteceu e sim uma estabilidade técnica, pouco a pouco abalada pelos trabalhos dos construtores, pela inteligência dos arquitetos, pelas exigências das clientelas diversas e dos novos hábitos. Na realidade, um longo período terminava, durante o qual duas opções técnicas se enfrentavam: a da lareira, que reinava, e a da estufa, que rivalizava fracamente com o lume tradicional, mais tarde ganhando terreno (ROCHE, 2000, p. 171).

**Nota 13:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet:*

29	Depois de uma modesta refeição, e algumas horas dadas à este primeiro encontro, me prepararam uma cama, onde um longo sono veio apagar os cansaços que eu tinha experimentado durante a viagem.
----	---

Foi em 1842 que o Dicionário da Academia Francesa registrou a palavra: “conforto”. Ela significa “agilidade de vida e bem estar material” (ORTIZ, 1991, p. 140).

**Nota 14:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet:*

46	A gente escuta à seus pés o barulho das cascatas do rio, que parecem chamar a indústria europeia; à alguns quilômetros de si, a gente tem uma cadeia paralela que sinaliza o norte da planície do pequeno Sahy e separa ela do grande Sahy; mais longe, à direita, a gente percebe no horizonte o rio longe do Oceano, e no meio da imensa planície o bosque que se estende sob os olhos, sobe uma colina de forma elíptica que parece ser colocada ali como o pedestal de um imenso monumento, um traço visível à olho nu mostra que o caminho é interrompido das cascatas até ali.
----	--

Segundo Daniel Roche: “A história do banho é bastante eloquente: dez séculos sem banho! Já dizia Michelet em meados do século XIX” (2000, p. 29-30).

Adeline Daumard descreve o conforto de um imóvel em Paris e descreve como ele é, o que tem para manter este lugar quente e como o acesso à água aparece (1975, p. 51-52):

Sobretudo eles dão uma descrição precisa do imóvel:....., aquecedor central, elevador... Andar por andar, a distribuição de cada um dos apartamentos ou dos locais separados é analisado em detalhe: afetação de cada peça com sua orientação, sobre o pátio ou sobre a rua, o número de suas janelas, ..., e elementos do conforto do apartamento que pode ser reconstituído segundo o número de dependências... sem falar do número de chaminés. Uma lacuna no entanto: a distribuição de água não é sempre claramente indicada .<sup>112</sup>

DAUMARD, Adeline. **Quelques remarques sur les logements des Parisiens au XIX<sup>e</sup> siècle.** 1975. Persée. Disponível em: [https://www.persee.fr/docAsPDF/adh\\_0066-2062\\_1975\\_num\\_1975\\_1\\_1265.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/adh_0066-2062_1975_num_1975_1_1265.pdf). Acesso em: 04 set. 2023.

#### Nota 15:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

36	Toda esta propriedade na beira do mar foi adquirida pelo fundador, é destinada em geral a este <b>ramo da indústria agrícola</b> . É o Sr. Trubert, agricultor muito capaz, vindo com a separação da maior parte do norte da França que está encarregado desta parte interessante. Ele preencherá, quando a hora tiver chegado, as esperanças que ele faz conceber. Uma grande parte da obra preparatória cabe a ele. É graças a ele que o novo grupo de viajantes terá ovos, manteiga, leite e carne. Duzentos homens, eis uma família um pouco numerosa para consumir os produtos de uma fazenda.
----	---

<sup>112</sup> Surtout ils donnent une description précise de l'immeuble :....., de chauffage central, d'ascenseur....Etage par étage, la distribution de chacun des appartements ou des locaux séparés est analysée en détail : affectation de chaque pièce avec son orientation, sur cour ou sur rue, le nombre de ses fenêtres, ..., et éléments du confort de l'appartement qui peut être reconstitué d'après le nombre des dépendances... sans parler du nombre des cheminées. Une lacune cependant : la distribution d'eau n'est pas toujours clairement indiquée.

Segundo Daniel Roche: “Somente no final do século XIX as comunidades rurais dispunham dos equipamentos que tornariam a festa aquática menos rude e menos parcimoniosa. Seria o grande século da roupa de baixo e o triunfo das grandes barrelas. Até então, felizes e aldeias e os lugarejos instalados às margens de um rio” (Daniel Roche, 2000, p. 216).

Para a *Compagnie du Costume*, as crinolines (armações dos vestidos) e os corsets (corpetes) se tornaram um costume entre as mulheres.

Para essas damas, as calças do Império dão lugar às armações. A revolução chega com Charles-Frederick Worth que inventa e codifica a estação da Alta Costura, catálogos, modelos. Musseline, cetim e cachemire, tiaras e mechas inglesas, corpetes e vestidos rodado, entre outras, a evolução dos gostos <sup>113</sup>. (COMPAGNIE, 2023)

#### Nota 16:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

37	Ao chegar no pé das montanhas, vi a fundação de uma casa começada pelo fundador. Ele a fez suspensa para fazer uma casa de madeira e de folhagem. Tudo para o necessário, a gente pensará mais tarde na sua utilidade, eis sua palavra hoje, e cada um entende ela, porque o fundador dá de exemplo.
----	--

Na história da casa rural, aqueles que não eram camponeses devolveram uma moradia onde o tamanho, o conforto e os materiais contribuíram para a evolução das disposições e das distribuições. E uma área se unia à área do higienismo e dos agrônomos quando eles agiam para as publicações, para os manuais e para as sociedades de agricultura. E foi assim que o domínio arquitetônico do campo espacial e da evolução das funções e das estruturas campestres aconteceu (ROCHE, 2000, p. 135).

<sup>113</sup> Pour ces dames, les tailles hautes de l'Empire font place aux crinolines. La révolution arrive avec Charles-Frederick Worth qui invente et codifie la Haute Couture-saisons, Catalogues Mousseline, satin et cachemire, diadèmes et mèches anglaises, corsets et robes à tournure ponctuent, entre autres, l'évolution des goûts.

Patrick Fournier e Thierry Ruf comentam como os lugares eram irrigados (2020, p. 7):

A densificação do equipamento dos rios torna necessário uma clarificação dos direitos das pessoas que trabalham na usina e dos irrigantes. A água é de fato um recurso de uma natureza particular: seu uso não destrói, mas pode alterar a qualidade ou desviar o movimento. Neste quadro, a regulação pública pela lei busca reconstruir um direito da água que leva em consideração do papel das instituições locais.<sup>114</sup>

RUF, Patrick Fournier e Thierry; RUF, Thierry. **Ressource en eau, irrigation et agronomie : histoires anciennes et questionnement actuel**. 2020. Revue à comité de lecture et en accès libre éditée par l'Association Française d'Agronomie sous le numéro ISSN 1775-4240.. Disponível em: [https://agronomie.asso.fr/fileadmin/user\\_upload/revue\\_aes/aes\\_vol10\\_n2\\_dec2020/pdf/aes\\_vol10\\_n2\\_14\\_fournier\\_ruf.pdf](https://agronomie.asso.fr/fileadmin/user_upload/revue_aes/aes_vol10_n2_dec2020/pdf/aes_vol10_n2_14_fournier_ruf.pdf). Acesso em: 04 set. 2023.

#### Nota 17:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

3	Sabe-se que a península do Sahy está localizada sobre o rio de São Francisco, no interior de Santa Catarina.
---	--

Segundo Daniel Roche: “O século XIX viu nascer a época da água comum assim que ela se tornou uma produção industrial e comercial, dominada pelas tecnologias e pela ciência” (Daniel Roche, 2000, p. 184).

Patrick Fournier e Thierry Ruf explicam como o uso da água comum se desenvolveu (2020, p. 7):

Se a água é um bem comum, seus usos não o são e a divisão necessita das arbitragens complexas que resultam da jurisprudência, da experiência, mais

<sup>114</sup> La densification de l'équipement des rivières rend nécessaire une clarification des droits des usiniers et des irrigants. L'eau est en effet une ressource d'une nature particulière : son usage ne la détruit pas mais peut en altérer la qualité ou en détourner le mouvement. Dans ce cadre, la régulation publique par la loi cherche à reconstruire un droit de l'eau qui tient compte du rôle des institutions locales.

também de numerosas entrevistas pedidas pela autoridade pública e destinadas à adaptar a legislação, entre as quais as de Nadault de Buffon (1843-1844) et de Mauny de Mornay (1844) inspiradas das situações italianas, ou ainda as de Jaubert de Passa sobre o estudo comparado das agriculturas irrigadas no mundo .<sup>115</sup>

RUF, Patrick Fournier e Thierry; RUF, Thierry. **Ressource en eau, irrigation et agronomie : histoires anciennes et questionnement actuel**. 2020. Revue à comité de lecture et en accès libre éditée par l'Association Française d'Agronomie sous le numéro ISSN 1775-4240. Disponível em: [https://agronomie.asso.fr/fileadmin/user\\_upload/revue\\_aes/aes\\_vol10\\_n2\\_dec2020/pdf/aes\\_vol10\\_n2\\_14\\_fournier\\_ruf.pdf](https://agronomie.asso.fr/fileadmin/user_upload/revue_aes/aes_vol10_n2_dec2020/pdf/aes_vol10_n2_14_fournier_ruf.pdf). Acesso em: 04 set. 2023.

#### Nota 18:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

6	No entanto nada mantinha esta esperança indestrutível, este desejo autoritário me perseguia por toda parte, de ver realizar a cidade-modelo de Fourier, que parece porém ter sido concebido para essas terras virgens, onde as sociedades humanas podem se formar fora de todos os fatos e de todos os abusos do velho mundo. Por um outro lado, esta chegada louca de emigrantes, que presenteia Montevidéo com algum resultado, apresenta também seus inconvenientes.
---	---

Do final do século XVIII até 1851, aumentou a área urbana ocupada por cerca de 3,5 milhões de pessoas na França. Se for pensar em termos de Europa, entre 1800-1899, a taxa de crescimento demográfico na França foi de 3,5%. ( ORTIZ, 1991, p. 15).

<sup>115</sup> Si l'eau est un bien commun, ses usages ne le sont pas et le partage nécessite des arbitrages complexes qui résultent de la jurisprudence, de l'expérience, mais aussi de nombreuses enquêtes demandées par l'autorité publique et destinées à adapter la législation, parmi lesquelles celles de Nadault de Buffon (1843-1844) et de Mauny de Mornay (1844) inspirées des situations italiennes, ou encore celles de Jaubert de Passa sur l'étude comparée des agricultures irriguées dans le monde.

De acordo com a *Agence Nationale de la Cohésion des Territoires*, a França foi o país mais populoso no século XIX:

Em 1820, a França era o país mais populoso da Europa com 31, 2 milhões de habitantes (seja 19,4 % da população europeia), seguida da Alemanha (24, 9 milhões), do Reino Unido (21, 2 milhões), da Itália (20, 1 milhões) e da Espanha (12, 2 milhões).<sup>116</sup>

(DÉMOGRAPHIQUES, Article 2 Sur 29 Articles Dans Cahier N°1 - Territoires Et Transitions : Enjeux. **Le recul du poids démographique de la France en Europe.**)

### Nota 19:

Tradução do relato de viagem: Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet:

33	<p><b>Organizar uma colônia, que tarefa gigantesca !</b> Ah ! Já são raros os homens que sabem administrar uma sociedade que já está toda construída. O que é então, quando se trata de criar todos os direitos, de prever todas as necessidades, de dispor todos os relatórios? Somente hoje que consigo entender todas as dificuldades.</p>
----	---

Somente no século XIX é que o exemplo de Villamé e de Le Play foi seguido, e as sociedades científicas foram mobilizadas. Em primeiro lugar, foi o Instituto, em seguida, os economistas esclarecidos ou não e a medicina social e cristã começaram a se questionar sobre a relação entre recursos financeiros e custo de vida para o proletariado que estava nascendo (ROCHE, 2000, p. 82).

De acordo com o France Archives – Portail National des Archives, a vida dos trabalhadores não foi nada fácil em Vosges (S/A, 2021, p. 1):

A importante população trabalhadora, que é constituída para o essencial do século 19, conhece condições de trabalho e de vida difíceis. É este aspecto

<sup>116</sup> En 1820, la France était le pays le plus peuplé d'Europe avec 31,2 millions d'habitants (soit 19,4 % de la population européenne), suivie de l'Allemagne (24,9 millions), du Royaume-Uni (21,2 millions), de l'Italie (20,1 millions) et de l'Espagne (12,2 millions).

que é primeiro tratado aqui, completado pela organização e a ação do movimento trabalhador vosgien.<sup>117</sup>

FRANCE. **La vie des ouvriers dans les Vosges au XIXe siècle**. 2021. Disponível em: <<https://francearchives.gouv.fr/fr/article/130607604>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Nota 20:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

35	<p><b>Os colonos do Sahy</b> só hoje aproveitam imperfeitamente das vantagens da associação. Um grupo de pescadores está instalado em uma ilha vizinha da costa. Ele fornecerá um suplemento abundante e agradável para a alimentação da colônia. Um outro grupo cuida da serralheria, mais longe se constrói uma fábrica de isqueiros, cinco minutos mais longe, um pequeno estabelecimento para a exploração das madeiras. Ali começam vastos parques para a educação das tropas de animais.</p>
----	--

Para Daniel Roche:

Na virada do século XIX, o valor criador do trabalho dos artesãos foi reconhecido, com a noção de “arte menor” a dos grandes criadores englobava diversas artes que mantinham com o móvel e a decoração relações de dependência e de influência bem precisas. Podemos observar de que maneira móveis e decoração ilustram “o fenômeno de recorrência pelo qual uma arte se entende a todo um quadro da existência (ROCHE, 2000, p. 230).

Segundo Jean Claude Farcy, o artesanato era uma das profissões das pessoas em Beauce (FARCY, 1986, p. 573):

A parte mais desconhecida da pequena burguesia é sem dúvida a do artesanato e do pequeno comércio nos campos. Este desconhecimento se compreende na medida em que é mais significativo estudar a pequena burguesia confrontada com desenvolvimento do capitalismo industrial e comercial, e este estudo encontra seu lugar natural nas zonas urbanas. No entanto, o lugar do artesanato e a boutique é importante nas regiões rurais, e na Beauce d'Eure-et-Loir, região puramente agrícola, sem nenhuma atividade industrial no século 19, é em torno de um quarto da população ativa que eleva este setor econômico no meio do século 19. A falta de homogeneidade desta

<sup>117</sup> L'importante population ouvrière, qui s'est constituée pour l'essentiel au XIXe siècle, connaît des conditions de travail et de vie difficiles. C'est cet aspect qui est d'abord traité ici, complété par l'organisation et l'action du mouvement ouvrier vosgien.

camada social torna seu estudo difícil. A diversidade se encontra tanto na situação em relação aos meios de produção, a natureza da atividade, as profissões exercidas, quanto para a riqueza e a colocação na sociedade. A seguir as descrições dos funcionários do século 19, o artesanato e o comércio se reagrupam, em Beauce, todos os que não trabalham diretamente com a terra, com exceção de algumas dezenas de membros das profissões liberais pelo canton .<sup>118</sup>

FARCY, Jean Claude. **L'artisanat rural dans la Beauce au XIXe siècle**. 1986. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/hes\\_0752-5702\\_1986\\_num\\_5\\_4\\_2349](https://www.persee.fr/doc/hes_0752-5702_1986_num_5_4_2349)>. Acesso em: 4 set. 2023.

### Nota 21:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

36	Toda esta propriedade na beira do mar foi adquirida pelo fundador, é destinada em geral a este ramo da indústria agrícola. É o Sr. Trubert, agricultor muito capaz vindo com a separação da maior parte do norte da França que está encarregado desta parte interessante. Ele preencherá, quando a hora tiver chegado, as esperanças que ele faz conceber. Uma grande parte da obra preparatória cabe a ele. É graças a ele que o novo grupo de viajantes terá ovos, manteiga, leite e carne. Duzentos homens, eis uma família um pouco numerosa para consumir os produtos de uma fazenda.
----	--

O século XIX se organizou em sociedades de economia e agricultura. Nos diários e nos periódicos, o caminho se abria para químicos e naturalistas, e todos os

<sup>118</sup> La partie la plus méconnue de la petite bourgeoisie est sans doute celle de l'artisanat et du petit commerce dans les campagnes. Cette méconnaissance se comprend dans la mesure où il est plus significatif d'étudier la petite bourgeoisie confrontée à l'essor du capitalisme industriel et commercial, et cette étude trouve son lieu naturel dans les zones urbaines. Pourtant, la place de l'artisanat et de la boutique est importante dans les régions rurales, et dans la Beauce d'Eure-et-Loir, région purement agricole, sans aucune activité industrielle au XIXe siècle, c'est autour du quart de la population active qui relève de ce secteur économique au milieu du XIXe siècle. Le manque d'homogénéité de cette couche sociale rend son étude difficile. La diversité se retrouve aussi bien pour la situation par rapport aux moyens de production, la nature de l'activité, les métiers exercés, que pour la richesse et la place dans la société. A suivre les descriptions des fonctionnaires du XIXe siècle, l'artisanat eBeauce, tous ceux qui ne travaillent pas directement la terre, si l'on excepte quelques dizaines de membres des professions libérales par canton.



problemas que vinham do poder e dos homens eram debatidos: as pragas do trigo, a criação e a floresta, a falta de cereais:

“a penúria da madeira, os modelos culturais oferecidos, o ato de gerir seus bens e a economia social, a agronomia inglesa e seus resultados, mostrando que o gado podia libertar a agricultura da tirania do trigo (esse modelo funcionou na França sem real substituição, pelo menos regional)” (ROCHE, 2000, p. 47).

De acordo com Alina Cantau, houve muitas epidemias no século XIX (CANTAU, 2013, s/p):

As epidemias de cólera (do grego kholéra “flux de bile”) marcaram o século 19 e a literatura médica sobre as causas e os meios de evitar foi consequente. Nós podemos encontrar na Gallica centenas de títulos sobre a cólera e sua profilaxia, obras dos médicos famosos como D. J. Larrey, F.J.V. Broussais, G. Dupuytren ou S. Hahnemann ou revistas como a Gazette médicale de Paris, testemunha jornalera da epidemia de 1832-1833, que levou a morte de 160.000 pessoas. O 1º. de março de 1849, uma segunda epidemia devasta a França, depois mais uma à partir de 1854. É Robert Koch que descobrirá a bactéria responsável da coléra em 1883 .<sup>119</sup>

CANTAU, Alina. **Les grandes épidémies en France**. 2023. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/blog/01012013/les-grandes-epidemies-enfrance?mode=desktop>. Acesso em: 4 set. 2023.

#### Nota 22:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

6	No entanto nada mantinha esta esperança indestrutível, este desejo autoritário me perseguia por toda parte, de ver realizar a cidade-modelo de Fourier, que parece porém ter sido concebido para essas terras virgens, onde as sociedades humanas podem se formar fora de todos os fatos e de todos os abusos do <b>velho mundo</b> . Por um outro lado, esta chegada louca de
---	--

<sup>119</sup> Les épidémies de choléra (du grec kholéra « flux de bile ») ont marqué le XIXe siècle et la littérature médicale sur ses causes et les moyens de l'éviter a été conséquente. Nous pouvons retrouver dans Gallica plusieurs centaines de titres sur le choléra et sa prophylaxie, des ouvrages des médecins réputés comme D. J. Larrey, F.J.V. Broussais, G. Dupuytren ou S. Hahnemann ou bien des revues comme la *Gazette médicale de Paris*, témoin journalier de l'épidémie de 1832-1833, qui a entraîné la mort de 160 000 personnes. Le 1er mars 1849, une seconde épidémie ravage la France, puis encore une à partir de 1854. C'est Robert Koch qui découvrira le bacille responsable du choléra en 1883.

	emigrantes, que presenteia Montevideo com algum resultado, apresenta também seus inconvenientes.
--	--

Para Maria Stella M. Bresciani:

Paris tem 86 mil pobres conhecidos e desconhecidos e talvez outro tanto de desconhecidos. Os trabalhadores franceses são tão miseráveis que nas províncias maiores, os homens nas suas cabanas de terra não possuem nem mesmo um leito... A França se industrializa lentamente durante todo o século XIX (BRESCIANI, 2004, p. 65-70).

Christine Piette (1996: p. 14) explica que Paris é o verdadeiro retrato da pobreza no século XIX: “A cidade que constitui o quadro de nosso estudo, seja a Paris da primeira metade do século 19, é largamente dominada pela pobreza”<sup>120</sup>.

PIETTE, Christine. **Femmes, vieillesse et pauvreté à Paris dans la première moitié du XIXe siècle**. 1996. <Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/rf/1996-v9-n2-rf1654/057886ar.pdf>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Nota 23:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

57	<p>Em primeiro lugar, com uma voz grave e orgulhosa  Fala primeiro de um pobre e velho soldado,  Que sem remorso devastou a terra, E triunfou sem enriquecer o Estado.  Maldito o ferro que destrói e que mata.  Quando de necessidades o homem é martirizado,  Venho, Fourier, abraçar tua estátua, Não quero mais ser civilizado.</p>
----	---

Para Maria Stella M. Bresciani:

Parece evidente que, a despeito das divergências quanto à magnitude da relação entre trabalho, pobreza, crime, perigo social e ameaça política e quanto às origens de cada termo da relação, essas várias vertentes do pensamento francês do século XIX se formam em torno de uma mesma imagem: a exposição pública do mundo do trabalho com suas misérias, a

<sup>120</sup> La ville qui constitue le cadre de notre étude, soit le Paris de la première moitié du XIXe siècle, est largement dominée par la pauvreté.

imensa massa anônima dos trabalhadores em multidão impondo através dessa presença e definição de um espaço social onde exige ter sua identidade reconhecida (BRESCIANI, 2004, p. 65-66).

De acordo com Agnès Thiercé, a pobreza foi um presente instalado primeiro no campo para depois passar para a área urbana:

Que a pobreza tenha a ver com a falta de trabalho, a velhice, a viuvez e a solidão é então uma evidência. Mas a pobreza é também trabalhosa: a França pobre do século 19 é primeiro camponesa e rural antes de ser trabalhadora e urbana, ela é também o privilégio da domesticidade que estrutura tão duravelmente as relações econômicas e sociais até à Primeira Guerra Mundial. (THIERCÉ, 1999, p. 119)<sup>121</sup>

THIERCÉ, Agnès. **La pauvreté laborieuse au XIXème siècle vue par Julie-Victoire Daubié. 1999. Travail, Genre et Sociétés.** Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-1999-1-page-119.htm>. Acesso em: 4 set. 2023.

#### Nota 24:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

68	O único jornal que tinha sido enviado para o Sahy é a Phalange de Londres, escrito pelo Sr. Doherty. O que fazem as mídias parisienses? Ó ! Que vergonha para nossa época, se ela não faz nada para uma tão bela empreitada, se ela esperar o sucesso para aplaudir e compreender a empreitada. Que vergonha sobretudo para os falansterianos se eles ficarem neutros nesta grande luta e não aparecerem no grande campo de batalha onde se encenará este momento futuro.
----	---

Em 1840, a tiragem dos cinco maiores jornais da França era: em primeiro lugar, o jornal *Siècle*, com 33.366 exemplares; em segundo lugar, o *Journal des Débats*,

<sup>121</sup> Que la pauvreté ait à voir avec l'absence de travail, la vieillesse, le veuvage et la solitude est alors une évidence. Mais la pauvreté est aussi laborieuse: la France pauvre au XIXe siècle est d'abord paysanne et rurale avant d'être ouvrière et urbaine, elle est aussi le privilège de la domesticité qui structure si durablement les relations économiques et sociales jusqu'à la Première Guerre Mondiale.

com 10. 583 exemplares; em terceiro lugar, La Presse, com 10.106 exemplares; em quarto lugar, o Journal Constitutionnel, com 5.944 exemplares; e, em quinto lugar, o Journal Gazette de France, com 5.165 exemplares (ORTIZ, 1991, p. 43).

Segundo Morgane Avellaneda et Sophie Robert, a prensa no século XIX cresceu muito:

O século 19 conhece um crescimento sem precedente na mídia, e mais particularmente nos jornais. Mais numerosos, cada vez mais lidos, os jornais devem uma parte do sucesso deles à aparição regular dos romances-folhetins . (AVELLANEDA; ROBERT, s/p)<sup>122</sup>

AVELLANEDA, Morgane; ROBERT, Sophie. Presse et roman au XIXe siècle. Disponível em: <<https://www.bnf.fr/fr/presse-et-roman-au-xixe-siecle>>. Acesso em: 4 set. 2023.

Nota 25:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional*, de Louise Bachelet:

39	Um dia, a gente escreverá a história do primeiro falanstério, e as pessoas saberão o que o Brasil e a humanidade devem a ele. Sem ele, nunca teria existido a colônia do Sahy, e embora prevenções legítimas parecerem proibir ele ao papel de protetor que ele aceitou, deu tudo errado, diante de uma bela ação para se fazer. Sr. Picot é redator chefe do Journal du Commerce de Rio de Janeiro. Que modelo para os jornalistas parisienses cujo o mal quis matar Fourier! Que vergonha! Viver para os chatos e para os covardes do que para um homem honesto e corajoso, e de boa conduta.
----	---

Além do *Journal du Commerce*, havia o jornal *A mulher do Simplicio* ou *A Fluminense Exaltada* (RJ), que teve uma vida longa: de 1832-1846. Este era editado por Francisco de Paula Brito e, algumas vezes, adotava o discurso de mulher em que conciliava humor, poesia e política. E havia também o pequeno jornal chamado

<sup>122</sup> Le XIX<sup>e</sup> siècle connaît un essor sans précédent de la presse, et plus particulièrement des quotidiens. Plus nombreux, de plus en plus lus, les journaux doivent une partie de leur succès à la parution régulière de romans-feuilletons.

Espelho das Bellas, que circulava na cidade de Recife (Pernambuco) e custava 80 réis, mas havia a possibilidade de fazer uma assinatura trimestral na qual o custo era de 960 réis. O jornal abordava contos, apólogos, modas, anedotas, novelas máximas e charadas. No entanto, este não tinha como objetivo falar de política, mas sim instrução e modalidade das senhoras. (DUARTE, 2016, p. 19- 82).

Jean-Yves Mollier relata que as mulheres tiveram uma carreira como escritoras, mas tiveram mais dificuldades para sobreviver da profissão escolhida (MOLLIER, 2006, p. 332):

As mulheres, que entraram mais tarde que os homens na carreira, experimentaram as piores dificuldade para se fazer aceitar e viver corretamente da profissão delas. No entanto, nada prova que elas tenham sido olhadas diferentemente que os homens pelos patrões deles .<sup>123</sup>

MOLLIER, Jean-Yves. **Les femmes auteurs et leurs éditeurs au XIXe siècle : un long combat pour la reconnaissance de leurs droits d'écrivains**. 2006. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-historique-2006-2-page-313.htm>>. Acesso em: 4 set. 2023.

#### Nota 26:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

23	Responsável da colônia por conta do governo, que deu também ordens para que o brigue Desterro que partia neste momento carregado de tropas para Paranaguá, me pegou à bordo e me deixou ao passar pela baía de São Francisco, que banha a quase ilha do Sahy.
----	---

Para Daniel Roche: “Uma grande parte de todos os transportes terrestres, fluviais e marítimos dependiam desse segundo dos quatro elementos, terra, água, ar e fogo, cujo papel era lembrado para explicar nossa natureza humana e sua relação com os grandes ciclos naturais” (ROCHE, 2000, p. 185).

---

<sup>123</sup> Les femmes, entrées plus tard que les hommes dans la carrière, éprouvèrent les pires difficultés pour se faire accepter et vivre correctement de leur métier. Toutefois rien ne prouve qu'elles aient été regardées différemment que les hommes par leurs employeurs.

Para Bertrand Blancheton (2020, p. 1), a areia e as pedras eram essenciais para que aumentasse a velocidade do trem:

Os esforços de planejamento foram perseguidos no século 19. A melhora das vias rodoviárias é facilitada pela aparição de inovações como o processo do macadam (tipo de pavimento para estrada) por volta de 1820 e do cilindro a partir de 1834. O novo sistema de revestimento é constituído de britas e de areia aglomeradas com rolo compactador: permite aumentar a rapidez das diligências .<sup>124</sup>

BLANCHETON, Bertrand. **La révolution des transports**. 2020. Disponível em: <<https://www.cairn.info/histoire-des-faits-economiques--9782100821112-page-14.htm>> Acesso em: 4 set. 2023.

Nota 27:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional*, de Louise Bachelet:

43	<p><b>É para este corajoso engenheiro</b> que a gente deve a abertura do caminho, que leva para o centro da concessão colonial, durante uma distância de 4,6776 quilômetros, através dos mais terríveis precipícios, por cima da pontiaguda de uma dupla cadeia de montanhas, ele conduziu e traça uma trilha sábia que evita todas as dificuldades são as bruscas irregularidades dessas desfiladeiras selvagens que sua correnteza foi rompida 17 vezes e que foram necessárias 17 pontes para fazer novamente um nó e assegurar a comunicação das planícies centrais no rio.</p>
----	---

Stendhal publicou seu livro, em 1838, chamado de *Memórias de um turista* em que muitas passagens têm por tema as condições das estradas francesas que não são nada boas e a lentidão dos veículos. (ORTIZ, 1991, p. 219).

<sup>124</sup> Les efforts d'aménagements sont poursuivis au XIX siècle. L'amélioration des voies routières est facilitée par l'apparition d'innovations comme le procédé du macadam vers 1820 et du cylindrage à partir de 1834. Le nouveau système de revêtement est constitué de pierres concassées et de sable agglomérés avec des rouleaux compresseurs: il permet d'augmenter la vitesse des diligences.

Guy Arbellot conta que, desde 1800, há uma discussão de quanto se gastaria para melhorar as rodovias (ARBELLOT, 1990: p. 12):

Em 1800, o Diretor geral das Pontes e Calçadas Emmanuel Crétet, avaliava de fato as únicas despesas para manter nossas rodovias em 26 Milhões de Francos por ano. O retorno ao normal prometia então de ser mais longo. No entanto, a política do Consulado permite acelerar as obras de voltar ao estado. Sob impulso do Primeiro Cônsul, créditos financeiros vieram compensar a insuficiência das receitas da taxa de manutenção até 1806. Depois, nesta data, Napoleão julgou mais hábil suprimir esta decisão, que descontentava a população e que o rendimento ficava medíocre. Ele a substituiu por um imposto sobre o sal .<sup>125</sup>

ARBELLOT, Guy. **Les problèmes de la route française à l'entrée du XIXè siècle**. 1990. Disponível em: <[https://www.persee.fr/docAsPDF/hes\\_0752-5702\\_1990\\_num\\_9\\_1\\_1564.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/hes_0752-5702_1990_num_9_1_1564.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2023.

## Nota 28

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

39	Um dia, a gente escreverá a história do primeiro falanstério, e as pessoas saberão o que o Brasil e a humanidade devem a ele. Sem ele, nunca teria existido a colônia do Sahy, e embora prevenções legítimas parecerem proibir ele ao papel de protetor que ele aceitou, deu tudo errado, diante de uma bela ação para se fazer. Sr. Picot é redator chefe do <i>Journal du Commerce</i> de Rio de Janeiro. Que modelo para os jornalistas parisienses cujo o mal quis matar Fourier! Que vergonha! Viver para os chatos e para os covardes do que para um homem honesto e corajoso, e de boa conduta.
----	--

<sup>125</sup> En 1800, le Directeur général des Ponts et Chaussées Emmanuel Crétet, évaluait en effet les seules dépenses d'entretien de nos routes à 26 Millions de Francs par an. Le retour à la normale promettait donc d'être très long. Cependant, la politique du Consulat permit d'accélérer les travaux de remise en état. Sous l'impulsion du Premier Consul, des crédits budgétaires vinrent compenser l'insuffisance des recettes de la taxe d'entretien jusqu'en 1806. Puis, à cette date, Napoléon jugea plus adroit de supprimer cette dernière, qui mécontentait la population et dont le rendement restait médiocre. Il la remplaça par un impôt sur le sel.

De 1835 a 1841, a França permaneceu com 149 km de trilhos, o que dificultava todo tipo de comunicação: tanto de mercadorias quanto de ideias (ORTIZ, 1991, p. 17):

Louis-Maurice Jouffroy compara a Bélgica com a França para falar sobre o desenvolvimento ferroviário (1931: p. 506): “A Bélgica ultrapassou em 1843 a fase do desenvolvimento ferroviário que se atingirá na França apenas 10 anos mais tarde. Sua rede férrea era de 560 km, enquanto a rede francesa tinha menos de 600 km de linhas equivalentes ”.<sup>126</sup>

JOUFFROY, Louis-Maurice. **Aperçu du développement du réseau ferré en Europe de 1830 à 1848**. 1931. Annales de géographie. Disponível em: [https://www.persee.fr/docAsPDF/geo\\_0003-4010\\_1931\\_num\\_40\\_227\\_11156.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/geo_0003-4010_1931_num_40_227_11156.pdf). Acesso em: 04 set. 2023.

#### Nota 29:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

78	Em relação às fraquezas do corpo e do espírito, que eles esperam ainda, que deixem aos mais dignos de perigo e de glória no trabalho e na retribuição da parte deles. Logo os pequenos grupos terão como colocar entre nós as alegrias do luxo e das artes, a elegância do bom tom e das belas maneiras; mas por algum tempo ainda, é necessário mais homens campeões para nós. Lugar para as almas ardentes e apaixonadas! Lugar para os incansáveis atletas! Lugar para os heróis!
----	--

Das artes, pois, em 1843, mais de 1800 retratos são produzidos na cidade de Paris, e, a partir de 1849, Vaillat e Derussy começaram a fazer mais de 3 mil retratos a cada ano (ORTIZ, 1991, p. 67).

O Musée de Grenoble explica que a arte francesa no século XIX era o retrato:

<sup>126</sup> La Belgique a dépassé en 1843 la phase de développement ferroviaire qu'on atteindra à peine en France dix ans plus tard. Son réseau ferré comprend 560 km. de longueur, quand le réseau français a moins de 600 km. de lignes équivalentes.



O gênero do retrato é particularmente florido na arte francesa no século 19. Os comendadores mudam e os artistas ganham independência. Os burgueses parisienses ou interioranos apreciam decorar as casas deles com retratos individuais ou familiares através dos quais eles têm o sentimento de transmitir o sucesso deles.<sup>127</sup>

GRENOBLE, Musée de. **LE PORTRAIT AU XIXE SIÈCLE**. Disponível em: <https://www.museedegrenoble.fr/2102-le-portrait-au-xixe-siecle.htm>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Nota 30:**

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

78	Em relação às fraquezas do corpo e do espírito, <b>que eles esperam ainda, que deixem aos mais dignos de perigo e de glória no trabalho e na retribuição da parte deles.</b> Logo os pequenos grupos terão como colocar entre nós as alegrias do luxo e das artes, a elegância do bom tom e das belas maneiras; mas por algum tempo ainda, é necessário mais homens campeões para nós. Lugar para as almas ardentes e apaixonadas! Lugar para os incansáveis atletas! Lugar para os heróis!
----	---

Na literatura, entre 1829 e 1840, o folhetim e a publicidade caminham juntos, pois é a publicidade quem consegue equilibrar os gastos do folhetim e acaba ajudando o leitor, na medida em que a assinatura que, sem a publicidade, era de 80 francos, baixava para 40 francos anuais. Todavia, não demorou muito para que o folhetim se tornasse best-seller e para que os romances fossem publicados no folhetim. Os proprietários de jornais começam a olhar para os escritores com um objetivo maior: o de perceber quem consegue se comunicar melhor com o leitor (ORTIZ, 1991, p. 71-72).

<sup>127</sup> Le genre du portrait est particulièrement florissant dans l'art français au XIXe siècle. Les commanditaires changent et les artistes gagnent en indépendance. Les bourgeois parisiens ou provinciaux apprécient de décorer leurs demeures avec des portraits individuels ou familiaux à travers lesquels ils ont le sentiment de transmettre leur réussite.

Morgane Avellaneda fala sobre o folhetim e a publicidade no século XIX (AVELLANEDA, 2020, p. 2):

O romance-folhetim começa em 1836, de maneira quase simultânea em dois jornais: : La Presse d'Émile de Girardin e Le Siècle d'Armand Dutacq. Estes dois títulos fazem baixar o preço dos jornais graças à introdução da publicidade e introduzem romances cujo objetivo principal é atrair e fidelizar o leitor .<sup>128</sup>

AVELLANEDA, Morgane. **Le roman-feuilleton, qu'est-ce que c'est ?** 2020. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/blog/28102020/le-roman-feuilleton-quest-ce-que-cest?mode=desktop>>. Acesso em: 4 set. 2023.

### Nota 31:

*Tradução do relato de viagem: Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet:*

78	Em relação às fraquezas do corpo e do espírito, que eles esperam ainda, que deixem aos mais dignos de perigo e de glória no trabalho e na retribuição da parte deles. Logo os pequenos grupos terão como colocar entre nós as alegrias do luxo e das artes, a elegância do <b>bom tom</b> e das belas maneiras; mas por algum tempo ainda, é necessário mais homens campeões para nós. Lugar para as almas ardentes e apaixonadas! Lugar para os incansáveis atletas! Lugar para os heróis!
----	---

De acordo com Daniel Roche:

O estudo da alimentação, se nos limitarmos às conclusões dos historiadores da economia e da agricultura, mostra bem a unificação geral dos comportamentos pela necessidade e a importância da 'segurança alimentar'. O valor simbólico do pão e do vinho dá a esse regime das subsistências uma força que ele conservaria até o século XIX (ROCHE, 2000, p. 330).

<sup>128</sup> Le roman-feuilleton prend son envol en 1836, de façon quasi-simultanée dans deux journaux : *La Presse* d'Émile de Girardin et *Le Siècle* d'Armand Dutacq. Ces deux titres font baisser le prix des journaux grâce à l'introduction de la publicité et y introduisent des romans dont le but principal est d'attirer et de fidéliser le lecteur.

De acordo com Nadine Vivier, a alimentação era modesta no campo (VIVIER, 2007, p. 1):

Os campos do século 10 eram o Teatro de práticas alimentares contrastadas que refletiam a diversidade e o enclausuramento das categorias sociais. O camponês modesto tinha uma alimentação cotidiana monótona e pobre, feito de pão, cozido de legumes, enquanto que o agricultor abastado, o notável que vive de renda ou de uma profissão intelectual tinham uma rica refeição com carnes e outros alimentos diversos .<sup>129</sup>

VIVIER, Nadine. Les repas festifs dans les campagnes. 2007. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-romantisme-2007-3-page-13.htm>>. Acesso em: 4 set. 2023.

### Nota 32:

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

79	Quanto à mim, deposito aqui minha bengala e minha capa de <b>pelegrina</b> , Corpo e alma prometido para a realização falansteriana, eu era estrangeira nesta terra, tanto que a teoria ficava confinada nos livros. Hoje que ela se encarne e fixe raízes sob o solo, me uno ao lugar onde ela deve crescer, florescer e se estender.
----	--

Rousseau dizia que antes de se casar era necessário que os jovens homens viajassem. Após ler o relato de Louise Bachelet e traduzí-lo, quero fazer algumas alterações em seu discurso: viajar é indispensável a uma jovem mulher que deve ter uma cultura completa. Aquela que não viu mais que um povo não conhece as mulheres e os homens, e não é suficiente, para instruir-se, percorrer os países: é necessário abrir os olhos e observar. Agora que as raças, os povos, as mulheres e os homens se misturam, é difícil precisar as diferenças nacionais que até então se mostravam ao primeiro golpe de vista (QUINTANEIRO, 1995, p. 16).

<sup>129</sup> Les campagnes du XIX<sup>e</sup> siècle étaient le Théâtre de pratiques alimentaires contrastées qui reflétaient la diversité et le cloisonnement des catégories sociales. Le paysan modeste avait une alimentation quotidienne monotone et pauvre, faite de pain, bouillie et légumes, tandis que l'agriculteur aisé, le notable rentier ou de profession intellectuelle avaient un ordinaire riche en viandes et diversité.

Ilda Mendes dos Santos explica que o século XIX foi o século das mulheres viajantes (SANTOS, 2009, s/p):

O século 19 se apresenta como o século da aventura e da viagem feminina. Desde a aurora romântica. Mme de Genlis defende a viagem de estudos para a mulher, aparece na cena pública a primeira entrega do Tour du Monde que inclui um conto da exploradora Ida Pfeiffer (1860). Richard Cortambert parece os artigos publicados nos periódicos para Les Illustres Voyageuses com, para o Brasil, o naufrágio de Mme Godin des Odonais, a viajante Léonie d'Aunet, a aventura de Ida Pfeiffer e a viagem de Mme de Bourboulon. Compilações surgem por volta do fim do século: Amélie Chevalier alvo das grandes viajantes do século 19; Marie Dronsart estende o horizonte das novas amazonas.<sup>130</sup>

SANTOS, Ilda Mendes dos. **FEMMES EN VOYAGE**. Agrégée de portugais, maître de Conférence, dirige l'Institut d'Études portugaises à la Sorbonne Nouvelle-Paris 3. Disponível em: <<https://heritage.bnf.fr/france-bresil/fr/femmes-voyage-article>>. Acesso em: 4 set. 2023.

#### 4.2 NOMES PRÓPRIOS/ANTROPÔNIMOS

Para o elemento nomes próprios\antropônimos, decidi manter os nomes na língua original, ou seja, o nome francês mantive em francês, já o nome espanhol, que estava escrito em francês, passei para o espanhol.

Os nomes em espanhol são:

Rosas

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

---

<sup>130</sup> Le XIXe siècle se présente comme le siècle de l'aventure et du voyage féminin. Dès l'aube romantique, Mme de Genlis défend le voyage d'études pour la femme ; elle-même prodiguera des conseils viatiques. Dès le milieu du siècle, apparaît sur la scène publique la première livraison du *Tour du Monde* qui inclut un récit de l'exploratrice Ida Pfeiffer (1860). Richard Cortambert rassemble les articles publiés dans les périodiques pour *Les Illustres Voyageuses* avec, pour le Brésil, le naufrage de Mme Godin des Odonais, le périple de Léonie d'Aunet, l'aventure d'Ida Pfeiffer et le voyage de Mme de Bourboulon. Des compilations surgissent vers la fin du siècle : Amélie Chevalier cible les grandes voyageuses du XIXe; Marie Dronsart étend l'horizon des nouvelles amazones.

8	<p>Enfin, pour comble de maux, le lieutenant de Rosas, Oribe, commença au mois de juin de cette année à envahir le territoire de la république orientale, et je me vis de nouveau menacée de vivre sous le régime sanguinaire du restaurateur des lois et de la liberté</p>	<p>Enfim, para completar os males, o vice de Rosas, Oribe, começou no mês de junho deste ano à invadir o território da república oriental e me vi de novo ameaçada em viver sob o regime sanguinário do restaurador das leis e da liberdade.</p>
9	<p>L'horrible cri, mort aux sauvages unitaires, presque toujours suivi de quelque exécution sanglante retentissait déjà à mes oreilles. Placer le portrait de Rosas dans mes cheveux, m'incliner devant cette image détestée qu'on promène dans les rues, la voir placée dans les églises au-dessus de celles du Christ, tout cet enchaînement de burlesques horreurs que peut-être suivrait un massacre universel de tous les français résidants à Monte-Video, m'inspirait un vif désir de quitter enfin cette ville, et je pensais à me joindre à quelque caravane de voyageurs qui se</p>	<p>O grito horrível, morte aos selvagens unitários, quase sempre seguido de alguma execução sangrenta já chagava aos meus ouvidos. Colocar o retrato de Rosas nos meus cabelos, me inclinar diante desta imagem detestada nas igrejas acima das de Cristo, todo esse elo de horrores extravagantes que talvez seguiria um massacre universal de todos os franceses moradores de Montevideo, me inspirava um vivo desejo de deixar, enfim, esta cidade, e pensava em me juntar a alguma caravana de viajantes que iam ao Paraguai, de lá atravessar a América do Sul, e ir para o Chile e o Peru</p>

No excerto 8, para os nomes Rosas<sup>131</sup> e Oribe, preferi manter os sobrenomes ao invés do nome inteiro. No entanto para Oribe<sup>132</sup> traduzi para “Oribe”, pois é assim que se escreve esse sobrenome em espanhol.

No excerto 9, para os nomes Christ, Monte-Video, Paraguay, Amérique du Sud, Chili e Pérou, optei por traduzir para o português e assim ficou: Cristo, Montevideo, Paraguai, América do Sul, Chile e Peru.

Francia

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

10	L'administration que le docteur Francia a établie et qui rappelle plusieurs points de la théorie sociétaire de Fourier, m'inspirait une grande curiosité.	A administração que o doutor Francia organizou e que lembra vários pontos da teoria societária de Fourier, me causava uma grande curiosidade.
----	---	---

No excerto 10, tanto para o sobrenome Francia<sup>133</sup> como para o sobrenome Fourier, deixei como eles estavam no texto original que traduzi.

<sup>131</sup> Juan Manoel Domingo Ortiz de Rosas e López de Osornio nasceu na cidade de Buenos Aires, dia 30 de março de 1793, capital da Argentina. Quando completou 8 anos começou a estudar em uma escola particular, mas logo abandonou os estudos e foi trabalhar no que gostava, na área rural. Com 13 anos, participou da Reconquista de Buenos Aires, se inscreveu na companhia: “*Los Migueletes*” e assim esteve presente na defesa de Buenos Aires lutando contra as tropas inglesas. Com 20 anos se casou com Encarnación Ezcurra e deste casamento nasceram apenas 2 crianças, um casal: Juan e Manuela, infelizmente Maria nasceu morta.

<sup>132</sup> Manuel Oribe nasce em 1792, na cidade de Montevidéo, no Uruguai, ingressou na carreira militar junto com seu irmão. Em 1812, aderiu à causa da Revolução Oriental liderada por José Artigas, contactou a loja maçônica “*Caballeros Orientales*”. Em 1825, conseguiu fazer com que o Brasil libertasse o Uruguai do seu domínio. Em 1835, foi eleito presidente da República e nesta gestão conseguiu iniciar um processo de constituição da Universidade Grande da República e de seguridade social, esta gestão foi considerada organizada e neste período houve ordem no Uruguai.

<sup>133</sup> José Gaspar Rodrigues de Francia nasceu em 1766 em Assunção, no Paraguai, filho de um capitão da artilharia brasileira e de uma aristocrata de Assunção, estudou no *Colégio de Nuestra Señora de Montserrat* em Córdoba, na Argentina. Lá, ele conseguiu ter o título de Bacharel e de Mestre em Teologia sagrada, Filosofia e Cânones. Após terminar seus estudos, voltou para Assunção onde ministrou aulas no *Royal College and Seminary de San Carlos*, sete anos depois decidiu abandonar a carreira de professor de se dedicar à advocacia. Ele gostava da ideologia política do americano Benjamin Franklin e do suíço Jean-Jacques Rousseau, no entanto as condições do seu país o impediram de fazer com que um modelo mais democrático fosse aplicado, ele era um verdadeiro

Fourier, Picot, Mangin, Béranger, Enfantin, Mazure, Dohérty

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional*, de Louise Bachelet:

10	L'administration que le docteur Francia a établie et qui rappelle plusieurs points de la théorie sociétaire de <b>Fourier</b> , m'inspirait une grande curiosité	A administração que o doutor Francia organizou e que lembra vários pontos da teoria societária de Fourier, me causava uma grande curiosidade.
38	J'entrai dans le chemin Buchlé qui a rendu de grands services pour l'exploitation des bois et j'arrivai à la maison <b>Picot</b> , nom que la reconnaissance a donné à ce premier édifice sociétaire, en raison des services éminents rendus à la cause de la colonisation par l'homme de dévouement et d'intelligence qui porte ce nom.	Entrei no caminho Buchlé que prestou grandes serviços para a exploração das madeiras e cheguei na casa de <b>Picot</b> , nome que o reconhecimento deu para este primeiro edifício societário, por causa dos grandes serviços prestados à causa da colonização pelo homem de dedicação e inteligência que carrega este nome.
54	Mais pendant que j'examinais les pesantes charpentes et les digues en maçonnerie, un joyeux chant arriva jusqu'à moi, et plus curieuse d'impressions Morales, que de considérations industrielles, j'oubliai l'écluse et le barrage pour	Mas enquanto eu examinava os pesados telhados e as barragens de alvenaria, um alegre canto chegou até mim, e mais curiosa das impressões Morais, que das considerações industriais, esqueci a comporta e a barragem para escutar

visionário, se de um lado os setores populares o compreendiam por outro lado a classe média e aqueles que tinham mais privilégios não o compreendiam, ele morreu em 1840.

	<p>écouter la chanson imitée de <b>Béranger</b> que je transcris ici, et dont les sentiments étaient si bien en harmonie avec les lieux, les habitants et le but qu'on y poursuit:</p>	<p>a música imitada que transcrevo aqui de <b>Béranger</b>, e que os sentimentos estavam tão bem harmonizados com os lugares, os habitantes e objetivo que a gente persegue:</p>
61	<p>Organisons librement la série, Je viens ici désormais sans detour, Suivant les lois de la sainte harmonie Être disciple et maître tour-à-tour, Ouvrez-vous donc, portes du phalanstère; C'est <b>enfantin</b>, dont l'orgueil est brisé, C'est <b>enfantin</b> qui vous fait la prière De n'être pas (BIS) le seul civilisé</p>	<p>Organizemos livremente o conjunto, Venho aqui agora sem rodeios, Seguindo as leis da santa harmonia Ser discípulo e mestre sucessivamente, Abram então, portas do falanstério; É o <b>Enfantin</b>, cujo o orgulho está quebrado, É o <b>Enfantin</b> que vos faz a prece De não ser (BIS) o único civilizado</p>
63	<p>Je m'approchai pour complimenter le chanteur, M. <b>Mazure</b>, chef d'un groupe d'agriculture qui a défriché cinq ou six hectares de terre à ce point du Sahy, et qui s'occupait à les ensemercer. Il pense même que la récolte sera pour la réception des frères que nous attendons.</p>	<p>Me aproximei para cumprimentar os cantos, Sr. <b>Mazure</b>, chefe de um grupo de agricultura que capinou cinco ou seis hectares de terra até este ponto do Sahy, e que tinha a função de colocar sementes. Ele pensa mesmo que a colheita será para a recepção dos irmãos que esperamos.</p>
68	<p>Le seul journal qui ait été envoyé au Sahy est la Phalange de Londres, rédigée par M. <b>Doherty</b>. Que font donc les presses parisiennes? Oh! Quelle honte pour notre époque, si elle ne fait rien pour une si belle entreprise, si elle attend le succès pour l'applaudir et la comprendre. Quelle honte surtout pour</p>	<p>O único jornal que tinha sido enviado para o Sahy é a Phalange de Londres, escrito pelo Sr. <b>Doherty</b>. O que fazem as mídias parisienses? Ó ! Que vergonha para nossa época, se ela não faz nada para uma tão bela empreitada, se ela esperar o sucesso para aplaudir e</p>



	<p>les phalanstériens s'ils restent neutre dans cette grande lutte et n'apparaissent pas sur le grand champ de bataille où se joue en ce moment l'avenir de l'humanité.</p>	<p>compreender a empreitada. Que vergonha sobretudo para os falansterianos se eles ficarem neutros nesta grande luta e não aparecerem no grande campo de batalha onde se encenará este momento futuro.</p>
17	<p>J'appris que dans le nord de la province de Sainte-Catherine, dans la presqu'île du Sahy, venait de s'établir sous la direction du docteur <b>Mure</b>, une colonie phalanstérienne.</p>	<p>Eu soube que no norte do interior de Santa Catarina, na quase ilha do Sahy, acabava de se instalar uma colônia falansteriana sob a direção do doutor <b>Mure</b>.</p>

Para os nomes Fourier<sup>134</sup>, Picot<sup>135</sup>, Mangin<sup>136</sup>, Béranger<sup>137</sup>, Enfantin<sup>138</sup>, Mazure, Doherty<sup>139</sup> e Docteur Mure, resolvi manter como estava em francês para que o leitor possa pesquisar essas biografias.

Os nomes em português são:

M. Mafra

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

---

<sup>134</sup> Charles Fourier nasce em 1772 na cidade de Besançon na região de *Franche Compté*, estuda mas trabalha no comércio até o final do império no entanto à cada dia que passa sente-se desgostoso com o capitalismo e com o mercado. Por isso, aos poucos escreve seu primeiro tratado: *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales* em 1808, mas anonimamente, em 1822 publica o *traité de l'Association domestique agricole*, em 1829 publica *Le Nouveau Monde industriel et sociétaire* e por fim *La Fausse industrie* que descreve minuciosamente o funcionamento do falanstério, publicada entre 1835 e 1836.

<sup>135</sup> Francisco Antonio Picot nasceu em 1811 na Áustria no entanto sua família era francesa. Em 1844, o *Jornal do Commercio* fica aos cuidados dele, 8 anos depois Picot muda para Paris, mas deixa uma equipe que ele acredita competente e dirige à distância este jornal por 38 anos. Em 1899, o *Jornal do Commercio* foi considerado entre dois jornais, um dos maiores jornais da capital do país pelo jornalista francês Max Leclerc, mas com a proclamação da República Francisco Picot decide vender o jornal a José Carlos Rodrigues (1844-1923). Em seguida, apresenta a casa de Francisco Antonio Picot na cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro.

<sup>136</sup> Nicolas Mangin foi funcionário das ferrovias na França, pois era engenheiro, não se sabe quando ele nasceu. Há uma hipótese que seu pai tenha sido Jean-Nicolas Mangin que nasceu em Varennes em Argonne (Meuse) de 1744, foi prefeito de Varennes, deputado e também da Guarda nacional, faleceu em 1809 em Mouzon (Ardennes).

<sup>137</sup> Pierre Jean de Béranger é criado com seu avô paterno em Paris cuja profissão era alfaiate, mas este fica com ele até a Revolução. Logo ele vai morar com uma tia por parte de pai na cidade de Péronne, lá ele estuda, mas não consegue aprender latim por outro lado consegue um trabalho de aprendiz em uma gráfica e assim a poesia entra na sua vida. Em 1795, volta para Paris e enquanto ajuda seu pai, que era um homem de negócios escreve seus poemas e frequenta uma escola de música. Em 1799, se declara Republicano e continua escrevendo, em um dia de 1804 decide enviar seus poemas à Lucien Bonaparte, irmão de Napoleão, os poemas que ele enviou estão dentro da obra *Le Déluge* e estes foram tão bem aceitos que ele se torna membro do Instituto e assim consegue se dedicar apenas à escrita e Béranger morre no dia 16 de julho de 1857 e seu enterro é escoltado por militares. Béranger explorou todos os estilos principalmente, a canção política.

<sup>138</sup> Barthélemy Prosper Enfantin nasceu no dia 08 de fevereiro de 1796, foi um dos principais líderes do movimento *Saint Simonien*, mas também foi escritor, diretor de uma empresa de comunicação impressa, empreendedor ao participar do desenvolvimento de uma ferrovia e também do Canal de Suez no entanto ele morre no dia 31 de agosto de 1864.

<sup>139</sup> Hugh Doherty com três amigos: Eugène Tandonnet, Édouard Odinaire e Henri Fugère criaram em 1837 um Institut Sociétaire na cidade de Besançon (Franche-Compté) na França e Fourier promete cooperar, e também elaborar um texto para o Institut Sociétaire no entanto este Institut Sociétaire não durou muito. No livro, Bachelet diz que foi ele quem conseguiu enviar para o Sahy o jornal *Phalange* de Londres redigido por ele mesmo, pois os Résistants podiam voar para Londres através de pistas clandestinas de aviação na cidade de Betterans, também em Franche Compté.

22	J'arrivai donc seule à Sainte- Catherine dans le courant du mois de juillet. Je me hâtai de me présenter à M. Mafra,	Cheguei então sozinha em Santa Catarina no mês de julho, me apressei em me apresentar para o Tenente Coronel Mafra.
----	--	---

No excerto 22, mantive o nome Mafra<sup>140</sup> porque já está escrito em português e alterei apenas a forma de tratamento de “monsieur” abreviado “M.” para “Tenente Coronel”.

Saint Pierre

Tradução do relato de viagem: Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional de Louise Bachelet

60	Mais toi, pourquoi détournes-tu la face, Toi qui prêchais, quoique tiède et sans foi Approche aussi, va Fourier te fait grâce, Et ses bienfaits s'étendent jusqu'à toi, Sans ton secours et malgré toi peut-être, Il voit son oeuvre enfin réalisé, Trois fois saint Pierre a renié son maître, Reviens à nous (BIS) pauvre civilisé.	Mas, tu porque tu viras a face, Tu que pregavas, embora morno e sem fé Aproxime se também, Fourier vai te perdoar, E seus bens-feitos se estendem até você, Sem teu socorro e apesar de ti talvez, Ele vê sua obra enfim realizada, Três vezes santo Pierre renegou seu mestre, Venha até nos (BIS) pobre civilizado.
----	--	--

<sup>140</sup> José da Silva Mafra nasceu em Florianópolis em 14 de janeiro de 1788, no bairro de Santo Antônio de Lisboa. Seus pais se chamavam José da Silva Mafra, este nasceu em Portugal, na cidade de Lisboa. Já sua mãe, nasceu em Florianópolis, seu nome era Maria do Rosário Soares Mafra. Seus estudos foram na escola militar, aos 13 anos, em 1801 se tornou soldado, aos 20 anos, em 1808 foi para a Guiana Francesa, mais especificamente para Caiena. Um ano depois se tornou tenente e recebeu uma medalha de honra já que teria contribuído para as relações de paz entre a Guiana Francesa e o Brasil. Em 1821, aos 33 anos, foi promovido à major do Estado Maior do Governo da Província, 9 anos depois, foi nomeado Vice-Presidente da Província de Santa Catarina e 3 anos depois passou a pertencer ao grupo de Deputados da Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina. Faleceu aos 83 anos de idade, no Rio de Janeiro.

--	--	--

Para o nome do Saint Pierre<sup>141</sup> , resolvi traduzir para São Pedro já que, na cultura brasileira, existe esse santo. Segue a biografia dos santos: Saint Pierre e São Pedro.

Pizarre

Tradução do relato de viagem: Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet:

15	Alors la chimie expérimentale et l'art nautique, fruits admirables, mais amers de la sixième période, se seraient développés dans les débuts de l'harmonie, et c'eût été le Nouveau-Monde, qui fort de sa régénération serait venu à la découverte de l'ancien. Il nous aurait apporté l'association, la richesse, le bonheur, la liberté. Nous serions devenus sa conquête, mais une conquête pacifique, qui n'aurait coûté que des larmes de bonheur. Quelle différence dans celle des Espagnols! Quelle distance de Pizarre à Fourier!	Então, a química experimental e a arte náutica, frutos deliciosos, mas amargos do sexto período, dariam início a harmonia e ao Novo Mundo, que com a forçada mudança a teria descoberto o Velho Mundo. Ele teria traduzido para nós harmonia, a riqueza, a felicidade, a liberdade. Nós seríamos sua conquista, mas uma conquista pacífica, que só teria derramado lágrimas de felicidade. Muito diferente da dos Espanhóis, entre Pizarro à Fourier !
----	---	--

No excerto 15, optei por não deixar o nome em francês: *Pizarre*<sup>142</sup> , pois preferi mudar para o nome em espanhol “Pizarro”.

<sup>141</sup> *Saint Pierre* é um santo que acolhe todos, inclusive os judeus, no Vaticano, foi construída a primeira basílica de *Saint Pierre*. Sua cidade natal era Carpharnaum e sua profissão era pescar no lado da Tibériade. Apesar de ser um homem simples, era muito questionador e impulsivo. Após a ressurreição de Cristo, é ele que sonha com Cristo e se torna ponto de referência dos apóstolos. Foi ele também que começa a pregar e a viajar de cidade em cidade pregando a boa nova no entanto morre no *Cirque de Néron* na Colina do Vaticano, mas é enterrado na *Basilique Saint Pierre*. O dia de Saint Pierre é festejado dia 29 de junho.

<sup>142</sup> Francisco foi um líder espanhol, mas não se sabe muito de sua vida, o pouco que se sabe é que ele foi o responsável pela fundação da cidade de Lima, capital do Peru e também pela conquista do Império Inca, foi prefeito da cidade do Panamá e foi morto dia 26 de junho de 1541.

17	J'appris que dans le nord de la province de Sainte-Catherine, dans la presqu'île du Sahy, venait de s'établir sous la direction du docteur Mure, une colonie phalanstérienne.	Eu soube que no norte do interior de Santa Catarina, na quase ilha do Sahy, acabava de se instalar uma colônia falansteriana sob a direção do doutor Mure.
42	Je fus également fêtée, hébergée, questionnée par les travailleurs de la maison Picot. J'y passai le reste de la journée dans la famille de M. Mangin, et le lendemain je partis accompagnée par lui pour l'intérieur du Sahy.	Eu fui igualmente festejada, hospedada, questionada pelos trabalhadores da casa Picot. Passei o resto do dia na casa da família do Sr. Mangin, e no dia seguinte parti para o interior do Sahy acompanhada por ele.

Docteur Mure, M. Mangin

Tradução do relato de viagem: *Falanstério do Brasil – Viagem na América Meridional, de Louise Bachelet*:

Nos excertos 17 e 42, mantive o nome em francês *Mure*<sup>143</sup> e *Mangin*. Optei deixar em francês, pois caso o leitor queira fazer uma pesquisa fica mais fácil de encontrar essas informações. No entanto, traduzi as formas de tratamento: em francês em “*docteur*”, enquanto em português, no Brasil, é “doutor”, e em francês é “*monsieur*”, enquanto, em português, é “senhor”.

Em Santa Catarina, no Brasil, construiu-se, com muitos franceses, o Falanstério da Ilha do Sahy, hoje chamado Distrito do Sai/Vila da Glória, que pertence à cidade de São Francisco do Sul. Uma das descobertas do Dr. Mure na Ilha do Sahy foi um tratamento para surdez no qual ele usou o veneno da cobra coral.

<sup>143</sup> Jules Benoit Mure nasceu de 7 meses na França, em 1809 e desde sempre teve problemas de saúde, seus pais buscaram ajuda e logo descobriram que o melhor seria que ele fosse se tratar em Sicília, desde então através dos tratamentos, descobriu a homeopatia e ela entrou na sua vida ao mesmo tempo que as ideias de Fourier também entraram, partiu para o Brasil com o intuito de criar uma colônia em Santa Catarina conforme as teorias de Fourier, tentou por um tempo, mas quando viu que não conseguia mais estar à frente a colônia subiu para o Rio de Janeiro. (Alain Ségal, Francis Trépardoux, 2005, p. 1-12).

No próximo capítulo, vou apresentar as considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o presente momento, dezembro de 2023, não houve dissertações ou teses no Brasil que apresentassem uma tradução do relato *Phalanstère du Brésil: Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Louise Bachelet. Depois de uma vasta pesquisa documental entre França e Brasil, durante o período de sanduíche, confirmei a hipótese de que Louise Bachelet não existe, ou seja, a assinatura trata-se de um pseudônimo.

Então, posso afirmar que quem escreveu o livro foi o Dr. Benoit Jules Mure e há duas possibilidades de interpretação para justificar o uso do nome Louise: uma delas é a de que “Louise” é possível escrever com algumas letras do seu próprio nome, ou seja, podemos pensar em uma estratégia de pseudônimo que dialoga com os anagramas; já a outra possibilidade é a de que “Louise” é o nome de uma das personagens de uma história de Lyon, cidade em que o médico nasceu. Agora “Bachelet” seria o prefixo da personagem da história, “Balley” ou seja: “BA” e o sufixo do Cônsul francês que trabalhou no Maranhão chamado “Cochelet”, ou seja: CHELET. E, assim, talvez seja possível pensar em decifrar o enigma criado pelo médico homeopata, Dr. Benoit Jules Mure.

Ao ler o relato, depois de muito tempo, optei por escolher os nomes próprios e as notas de tradução. A tradução comentada foi feita aos poucos para que cada dúvida de tradução recebesse a atenção merecida. Muitas vezes, o dicionário on-line não dava conta de explicar o vocabulário e tive que usar do recurso de pesquisa no Google Imagens para descobrir ferramentas, tipos de embarcação e tipos de construção. Elaborei bem depois a pesquisa sobre o contexto histórico na França de acordo com o relato e, assim, coloquei as notas de tradução, uma vez que em francês, havia apenas uma nota.

Para que a tradução não ficasse tão literal, em estratégia retirada do filme: A mulher dos Cinco Elefantes - *Die Frau Mit Den 5 Elefanten*, produzido em 2009, este filme apresenta uma estratégia onde o tradutor após ter terminado sua tradução convida alguém para ler o texto traduzido em voz alta. Foi na disciplina de Teorias da Tradução I, ministrada pelo professor Werner Ludger Heidermann que assisti este filme e conseqüentemente aprendi esta estratégia.

Dentre as amigas que fiz no mestrado e no doutorado, convidei aquelas que falavam francês e pedi que me ouvissem lendo a tradução em voz alta. Alternamos o papel de leitora e daquela que escuta. Neste exercício, percebi o quanto foi fundamental essa leitura para que eu resolvesse algumas situações da tradução.

Tomei a liberdade de testar uma nova metodologia: enquanto traduzia, comentava. Levou muito tempo, mas descobri que, se fizesse assim, minhas dúvidas, mesmo se tivessem sido anotadas, não teriam todos os detalhes como se tivesse feito junto. Esperei terminar a tradução e os comentários para, só depois, dialogar com teóricos e teóricas que refletissem sobre notas de tradução e, dessa forma, estabeleci o diálogo com Antoine Berman, Marie-Hélène Catherine Torres, Pablo Cordellino Soto e Simone Mittmann. Após um período produtivo em Bordeaux, conheci outros teóricos, a quem também faço referência para os comentários, como Charles Le Blanc, Mirella Piacentini, Muguras Constantinescu e Paolo Magagnin.

O que ficou de fora da minha tese, publicarei em trabalhos acadêmicos futuros, em que aprofundarei tais temas, como falar sobre a identidade francesa, os sotaques franceses, também o papel de intérprete nesse relato, porque não aparece, mas com certeza, muitos foram os intérpretes. Nos materiais dos historiadores do falanstério têm informações sobre os intérpretes, mas não detalhes. Há o coronel Camacho e, em São Francisco do Sul, há uma rua com o nome dele e também um dos moradores da Colônia que se casou com uma brasileira.

No dia que chegou à ilha, Louise comenta sobre os sotaques diferentes. Nesse sentido, seria interessante que, a partir da biografia que construí, se descobrisse a origem de cada personagem mencionado, de que região da França, ou de qual país francófono eles eram oriundos, para, então, apresentar características específicas da forma como o francês era falado.

Para falar do papel do intérprete, em duas situações, a narradora fala sobre os brasileiros, primeiramente quando Louise chega à Santa Catarina e fala com o Sr. Mafra e depois quando há brasileiros trabalhando com os franceses para semear os campos. Quem eram esses brasileiros que trabalhavam lá? Eram de Santa Catarina? De São Francisco do Sul ou do Paraná, já que a cidade de São Francisco fica na fronteira entre o Paraná e Santa Catarina. Ainda há muitos descendentes de franceses lá? Ouvi das pessoas com quem conversei que para passar alguns dias no Saí basta atravessar com uma balsa e lá possivelmente encontraria muitos descendentes.



Infelizmente, não tinha recursos, nem tempo para ficar lá na época em que fui tentar encontrar materiais nos arquivos públicos.

Para explicar melhor, quando falo da identidade francesa, em dois momentos, a autora critica os jornais parisienses e também da sua pátria, mas é quando está no Uruguai, quando descobre que há muitas informações sobre os franceses no Uruguai, quando falo sobre o olhar de colonizadora é porque, ao descrever as tarefas dos moradores, ela está afirmando o tempo todo que eles estão construindo uma “SOCIEDADE” no falanstério do Saí.

Como será que o Dr. Benoit Jules Mure conseguiu em tão pouco tempo tantas experiências sem ter certeza de quais plantas eram necessárias para curar as enfermidades do povo? Afinal, ele era médico, homeopata, mas morava na França, teve experiências em outros países, mas nunca tinha ido para o Novo Mundo, ou seja, primeiramente o mundo que ele escolheu: Santa Catarina, São Francisco do Sul e o Sahy. Por que será que ele não divulgou para todos que, além do falanstério, ele também criou um Instituto de Homeopatia? Isso talvez se deva em razão de os franceses serem, na época, resistentes à homeopatia? E tudo indica que ainda são assim de acordo com o site da Académie Nationale de Médecine (BONTOUX; GRANGEOT-KEROS, p.2):

Esses dados científicos se opõem dos dados que a l'ANM (Académie Nationale de Médecine) e ANP (Académie Nationale de Pharmacie) não podem ignorar: segundo uma estimativa recente 72% dos franceses acreditam nos benefícios da homeopatia, 52% tem algumas dúvidas, 43% dos profissionais de saúde (médicos, parteiras, dentistas) prescrevem preparações homeopáticas, e as terapias complementares, a homeopatia inclusive a homeopatia, são usadas no meio hospitalar, inclusive nos cuidados de suporte nos centros e serviços de oncologia.<sup>144</sup>

No curso de medicina, não há mais esta especialidade, o SUS deles também não oferece mais homeopatas e quando se vai à farmácia com uma receita antiga, também não há medicamentos para tal. O que descobri, enquanto estava na França, é que em um dos seus textos publicados em 1847, ele descobriu um tratamento com o veneno da cobra coral para surdez na Ilha do Saí.

---

<sup>144</sup> À ces données scientifiques s'opposent des données sociétales que l'ANM et l'ANP ne peuvent ignorer : selon une estimation récente 72% des Français croient aux bienfaits de l'homéopathie, 52% y ont recours [7] ; 43% des professionnels de santé (médecins, sages-femmes, dentistes) prescrivent des préparations homéopathiques [8], et les thérapies complémentaires, l'homéopathie incluse, sont utilisées en milieu hospitalier, notamment en tant que soins de support dans les centres et services d'oncologie.

Será que foi pouco divulgado o tratamento com o veneno da cobra coral? Fiz uma versão do português para o francês dessa pesquisa e a publiquei como livro. Pelo menos aqueles que falam português e francês poderão ter acesso ao livro. Tenho uma hipótese: acredito que naquela época a maioria dos brasileiros também era contra a homeopatia. Hoje nem todas as pessoas são contra, pois muitas pessoas acreditam nessa prática médica. Agora, há possibilidade de passar em um médico homeopata, inclusive pelo SUS. No caso de Florianópolis, você tem que ir ao posto de saúde, passar com um clínico geral, que te encaminhará para um médico homeopata.

Assim, após a consulta com o médico homeopata, com a receita que ele te fornecerá, é possível ir à uma farmácia homeopática e mandar fazer os medicamentos solicitados, há muitas farmácias homeopáticas em Santa Catarina, como por exemplo as farmácias: Flor & Erva – Farmácia de manipulação (São Francisco do Sul), Bioqualis Manipulação e Homeopatia (Balneário Camboriú), Farmácia Homeopática Visnature (Itajaí), Farmácia Di Bernardi (Florianópolis), Homeopática Galênica (Florianópolis) e Quintessência Farmácia Homeopática (Florianópolis). Naquela época, em 1842, se o Dr. Mure dissesse que criaria um Instituto de homeopatia em São Francisco do Sul, na Ilha do Saí, certamente não teria sido tão fácil dialogar com as autoridades da época e ter o apoio do Imperador.

Aproveitei que fui visitar a Ilha do Saí em novembro de 2023 e decidi fazer um relato de viagem sobre esse lugar O livro se chama: *Relato de viagem: De volta ao Falanstério do Saí e ao 1º. Instituto de Homeopatia do Brasil, 181 anos depois.*

E fica uma questão em aberto: será que o nome de mulher, Louise Bachelet, não foi para mostrar à Sociedade francesa da época como uma mulher poderia viajar, se comunicar em outra língua estrangeira, escrever, relatar, explicar, detalhar e até mesmo publicar? Para mim, o texto é a maior prova disso. Este relato não foi escrito por uma mulher. No meu ponto de vista, foi um homem que o escreveu, querendo fazer propaganda do falanstério para atrair cada vez mais gente para lá.

Espero que, a partir deste momento, com esta tradução, todos possam ter acesso a uma parte da história da Vila da Glória/Distrito do Saí.

## REFERÊNCIAS

**A Gazeta (SC) 1934-1940.** 2021. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=883123&Pesq=%22Louise%20Bachelet%22&pagfis=6091>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

A, Roger. **Carta geografica del Estado oriental del Uruguay y posesiones adyacentes:** publicada bajo la direccion del Sor A. Roger consul de Francia. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53087617x.r=uruguay?rk=42918;4>>. Acesso em: 7 jan. 2022.

ABREU, Márcia (Org.). **Trajetórias do Romance:** circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Fapesp, 2008.

**Adrien Louis Cochelet.** Disponível em: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Adrien-Louis\\_Cochelet](https://fr.wikipedia.org/wiki/Adrien-Louis_Cochelet)>. Acesso em: 22 jan. 2023.

ALFRED, Du Graty. **Carte de la république du Paraguay:** / dressée par le colonel Alfred-M. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8441240p.r=Paraguay?rk=257512;0#>>. Acesso em: 8 jan. 2022.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart (Org.). **Interseções:** diálogos com a literatura e a linguística aplicada no Canadá. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Canadenses, 2001.

**Analyse Et Traitement Informatique de La Langue Française.** Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ANCHIETA, P. Joseph de. **Arte de Grammatica da Lingua Mais Usada na Costa do Brasil.** Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or812098/or812098.html#page/5/m\\_ode/1up](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or812098/or812098.html#page/5/m_ode/1up)>. Acesso em: 10 jan. 2022.

**Annuaire de la coopération Fédération nationale des coopératives de consommateurs (France).** 1935. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&collapsing=disabled&query=%28gallica%20adj%20%22Louise%20Bachelet%22%29>>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ARBELLOT, Guy. **Les problèmes de la route française à l'entrée du XIXè siècle.** Disponível em: <[https://www.persee.fr/docAsPDF/hes\\_0752-5702\\_1990\\_num\\_9\\_1\\_1564.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/hes_0752-5702_1990_num_9_1_1564.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Árvore genealógica.** Disponível em: <<https://monarquia.org.br/a-familia-imperial/arvore-genealogica/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ASLANOV, Cyril. **A tradução como Manipulação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

AVELLANEDA, Morgane; ROBERT, Sophie. **Presse et roman au XIXe siècle**. Disponível em: <<https://www.bnf.fr/fr/presse-et-roman-au-xixe-siecle>>. Acesso em: 4 set. 2023.

BARRAQUÉ, Bernard. **Pour une histoire des services d'eau et d'assainissement en Europe et en Amérique du Nord**. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-flux1-2014-3-page-4.html>>. Acesso em: 4 set. 2023.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4217539/mod\\_resource/content/4/Barthes\\_%20a%20morte%20do%20autor.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4217539/mod_resource/content/4/Barthes_%20a%20morte%20do%20autor.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2023.

BASQUE, **Émigration. L'émigration des Basques du Nord en Argentine**. Disponível em: <<https://euskal-argentina.com/emigration-basque-en-argentine/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BELIZÁRIO, Maria Aletheia Stedile; VILAR, Maria Juliana Leopoldino; OLIVEIRA, Marcele Lima de. **Geografia e literatura: a leitura como ferramenta de entendimento geográfico**. Disponível em: <[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA17\\_ID11761\\_03102019221242.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA17_ID11761_03102019221242.pdf)>. Acesso em: 5 set. 2023.

BELJEAN, Virginia. **Pourquoi l'eau est indispensable à la fabrication du pain**. Disponível em: <<https://painsuisse.ch/blog/pourquoi-leau-est-indispensable-a-la-fabrication-du-pain/>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**BENTO MURE** (1809 - 1858). Disponível em: <<https://www.bentomure.com.br/bentomure>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra e o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 2ed. Tubarão: Copiart, 2013.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas (Ed.). **Morus: utopia e renascimento**. Utopia e renascimento. 2010. Número 7. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31523272/MORUS\\_7-libre.pdf?1392398913=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DRevista\\_MORUS\\_Utopia\\_e\\_Renascimento\\_7\\_20.pdf&Expires=1695749754&Signature=TELEqxbtlwdolg0gl-ZNRZiFidmqAN~8VdyXsgPZzdyOnToPrkn1IYbVH3J1gifhKNhSExIAUYDFgPromUn6xYCT3QrObxrLHS3tej7iZaWN2IAeNczGXCAR7ml89bNS9xiT9wGzp~~gy1WbfWvsrldamW0aDd1-0-AatNgVJKZ3ZkW2UBE-BVyPCoThOj2jkFhBfbi8upzLigVmGIPz7IO~MtmFmRLaPJ-wnxa9iQDNidzqUxjHjbFM~HuhpdWZOVWoRTBNBfs~wU7tvPzjxjHN4g~7myCXX](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31523272/MORUS_7-libre.pdf?1392398913=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DRevista_MORUS_Utopia_e_Renascimento_7_20.pdf&Expires=1695749754&Signature=TELEqxbtlwdolg0gl-ZNRZiFidmqAN~8VdyXsgPZzdyOnToPrkn1IYbVH3J1gifhKNhSExIAUYDFgPromUn6xYCT3QrObxrLHS3tej7iZaWN2IAeNczGXCAR7ml89bNS9xiT9wGzp~~gy1WbfWvsrldamW0aDd1-0-AatNgVJKZ3ZkW2UBE-BVyPCoThOj2jkFhBfbi8upzLigVmGIPz7IO~MtmFmRLaPJ-wnxa9iQDNidzqUxjHjbFM~HuhpdWZOVWoRTBNBfs~wU7tvPzjxjHN4g~7myCXX)

hdU8-C5KnN9MQ~msRAAxinW3PJl~2bFFAjH-ddUFIU9lv-HVHrZqHQ\_\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=173. Acesso em: 26 set. 2023.

BERNARDI, João di. **Farmácia Homeopática - 100 anos**. Disponível em: <<https://dibernardi.com.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

BETH, Axelle; MARPEAU, Elsa. **Figures de style**. França: E.J.L., 2005.

BLANC, Charles Le. **Histoire Naturelle de la traduction**. Paris: Les Belles Lettres, 2019.

BLANCHETON, Bertrand. **La révolution des transports**. Disponível em: <<https://www.cairn.info/histoire-des-faits-economiques--9782100821112-page-14.htm>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Bibliothèque tous publics**. Disponível em: <<https://affluences.com/bnf-bibliotheque-tous-publics/reservation?type=25>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

**Bibliothèque de la Société de Géographie de Rochefort**. Disponível em: <[http://socgeo-rochefort.fr/documents/fichiers/600\\_attach.pdf](http://socgeo-rochefort.fr/documents/fichiers/600_attach.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2023.

**Biografia y vida de Manuel Oribe**. Disponível em: <<http://www.infobiografias.com/biografia/27928/Manuel--Oribe.html>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

BOCQUET, Denis; CHATZIS, Konstantinos; SANDER, Agnès. **L'universalisation de la distribution de l'eau de Paris, 1830-1930. 2009. Flux/2-3/no. 76-77**. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-flux1-2009-2-page-137.htm>. Acesso em: 4 set. 2023.

BOURDELIN, E. **Paris à vol d'oiseau**. Paris: Impr. de A. Bourdilliat. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53062333g>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CANTAU, Alina. **Les grandes épidémies en France**. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/blog/01012013/les-grandes-epidemies-en-france?mode=desktop>>. Acesso em: 4 set. 2023.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Por uma geografia literária: de leituras do espaço e espaços de leitura**. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12100/pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

CAVALCANTE, Maria Imaculada; BARBOSA, Sidney. **Lugares e estações da literatura e da pintura no romance moderno**. Goiás: Editora da UFG, 2014.

CLARKE, John Henry; MURE, Benoit Jules. **The Enthusiasm of Homoeopathy with the Story of a Great Enthusiast.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/35257107>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

**Charles Fourier (1772-1837).** 2009. Disponível em: <<https://premierssocialismes.edel.univ-poitiers.fr/collection/charlesfourier>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Chez tous les libraires.** Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&startRecord=15&maximumRecords=15&page=2&query=%28dc.title%20all%20%22Chez%20tous%20les%20libraires%22%29>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária.** Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006/18993>>. Acesso em: 3 set. 2023.

CONSTANTINESCU, Muguraş. **Livres verts en traduction.** Disponível em: <[https://usv.ro/fisiere\\_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/2020/33-34/Mugura%C5%9F%20Constantinescu%20\(Roumanie\)%20%E2%80%93%20Livres](https://usv.ro/fisiere_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/2020/33-34/Mugura%C5%9F%20Constantinescu%20(Roumanie)%20%E2%80%93%20Livres)>. Acesso em: 15 set. 2023.

COOPER, Jago. **Pesquisadores revelam a verdade por trás do mito do El Dorado.** Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/01/130121\\_pesquisa\\_mito\\_eldorado\\_mv](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/01/130121_pesquisa_mito_eldorado_mv)>. Acesso em: 4 set. 2023.

COSTA, Georgina Maria Marques da. Anexo artigo. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <[uc4824@fl.uc.pt](mailto:uc4824@fl.uc.pt)>. em: 7 jul. 2023.

**COSTUMES DU XIXe SIECLE.** Disponível em: <<https://www.compagnie-du-costume.com/costumes/xixe-siecle/#:~:text=Ainsi%20l'on%20porte%20spencers,%2C%20puis%20les%20chapeaux%2Dclaque.>> Acesso em: 4 set. 2023.

DAUMARD, Adeline. **Quelques remarques sur les logements des Parisiens au XIXè siècle.** Disponível em: <[https://www.persee.fr/docAsPDF/adh\\_0066-2062\\_1975\\_num\\_1975\\_1\\_1265.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/adh_0066-2062_1975_num_1975_1_1265.pdf)> Acesso em: 4 set. 2023.

**Le recul du poids démographique de la France en Europe.** Disponível em: <[https://www.observatoire-des-territoires.gouv.fr/kiosque/2021-2022-rapport-cahier-1-demo-chap-01-01-le-recul-du-poids-demographique-de-la-france-en#:~:text=En%201820%2C%20la%20France%20%C3%A9tait,\(12%2C%20million s\)](https://www.observatoire-des-territoires.gouv.fr/kiosque/2021-2022-rapport-cahier-1-demo-chap-01-01-le-recul-du-poids-demographique-de-la-france-en#:~:text=En%201820%2C%20la%20France%20%C3%A9tait,(12%2C%20million s))>. Acesso em: 4 set. 2023.

DENÉCÉ, Éric. **L'implantation Des Barcelonnettes Au Mexique (1821-1950): Un Exemple D'intelligence Economique Avant La Lettre.** Disponível em: <<https://cf2r.org/historique/limplantation-des-barcelonnettes-au-mexique-1821-1950-un-exemple-dintelligence-economique-avant-la-lettre/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

**Departamento de Antropologia da Antropologia.** Disponível em: <<https://antropologia.fflch.usp.br/antropologia>>. Acesso em: 4 set. 2023.

DHUIN, Viera Rebolledo. **Les libraires parisiens au xixe siècle:** Mobilités sociales et spatiales. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-ethnologie-francaise-2017-1-page-59.html>>. Acesso em: 5 set. 2023.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil:** século XIX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

**Expatriés Français à Montevideo.** Disponível em: <<https://www.expats.com/fr/reseau/francais/en/12564-montevideo/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FARCY, Jean Claude. **L'artisanat rural dans la Beauce au XIXe siècle.** Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/hes\\_0752-5702\\_1986\\_num\\_5\\_4\\_2349](https://www.persee.fr/doc/hes_0752-5702_1986_num_5_4_2349)>. Acesso em: 4 set. 2023.

FOURIER, Charles. **La fausse industrie, morcellée, répugnante, mensongère, et l'antidote, l'industrie naturelle, combinée, attrayante, véridique, donnant quadruple produit.** Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5487b>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FOURIER, Charles. **La Réforme industrielle ou le Phalanstère :** journal proposant la fondation d'une phalange, réunion de 1100 personnes associées en travaux de culture, fabrique et ménage. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k101954g/f5.image>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Cercle de La Librairie. Bibliographie de la France :** ou Journal général de l'imprimerie et de la librairie. 1842. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6200722p/f813.image.r=louise%20bachelet%20phalanst%C3%A8re>>. Acesso em: 1 dez. 2021.

FREITAS, Ana Carolina de. **TRADUÇÃO COMENTADA DE CONTOS DE FADA: "LE PRINCE MARCASSIN" DE MARIE-CATHERINE LE JUMEL DE BARNEVILLE (MADAME D'AULNOY).** 2020. Disponível em: <<https://tede.ufsc.br/teses/PGET0489-D.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

**Falansterul de la Scaieni:** un experiment social uitat. un experiment social uitat. Disponível em: <<https://www.historia.ro/sectiune/general/articol/falansterul-de-la-scaieni-un-experiment-social-uitat>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Farmácias Homeopáticas em Santa Catarina (SC).** Disponível em: <<https://www.guiainforme.com/farmacias-homeopaticas/sc>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

**Francisco Pizarro.** Disponível em: <<https://biografieonline.it/biografia-francisco-pizarro>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FREITAS, Ana Carolina de. **Relato de viagem:** De volta ao Falanstério do Saí e ao 1º. Instituto de Homeopatia do Brasil, 181 anos depois... 2023. Colaboração de Dircéia da Rosa de Freitas e de Mwewa Lumbwe. Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/Relato-viagem-Falanst%C3%A9rio-Instituto-Homeopatiaebook/dp/B0CNN5B3CP/ref=sr\\_1\\_1?\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=DS6OKGIT9VG2&keywords=relato+de+viagem+ilha+do+sa%C3%AD&qid=1702674525&srefix=relato+de+viagem+ilha+do+sa%C3%AD%2Caps%2C352&sr=8-1](https://www.amazon.com.br/Relato-viagem-Falanst%C3%A9rio-Instituto-Homeopatiaebook/dp/B0CNN5B3CP/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=DS6OKGIT9VG2&keywords=relato+de+viagem+ilha+do+sa%C3%AD&qid=1702674525&srefix=relato+de+viagem+ilha+do+sa%C3%AD%2Caps%2C352&sr=8-1)>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecilia; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini. **Em primeira pessoa:** abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Fapesp, 2009.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **Militância feminina na América do sul:** a participação de Louise Bachelet. Disponível em: <<http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ivone%20Gallo.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2023

**Genealogia de la familia Bachelet.** Disponível em: <<https://www.genealog.cl/Chile/B/Bachelet/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais.** São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

HAHN, Whitney. **Étude historique sur l'évolution des pratiques alimentaires et culinaires en pays de savoie (XVIIIe - XIXe siècles).** Disponível em: <[https://patrimoines.savoie.fr/upload/docs/application/pdf/2021-07/rn\\_2020\\_alimentation\\_whahn\\_-\\_24\\_juin\\_2021.pdf](https://patrimoines.savoie.fr/upload/docs/application/pdf/2021-07/rn_2020_alimentation_whahn_-_24_juin_2021.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2023.

HAMNETT, Brian R. **História Concisa do México:** série história das nações. São Paulo: Edipro, 2016.

HAUPT, Heinz-Gerhard. **Religião e nação na Europa no século XIX:** algumas notas comparativas. Algumas notas comparativas. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/RBg6BrgcVrWSt7WsTbBWzcl/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

HEERS, Jacques. **Les relations commerciales entre la France et le Mexique au lendemain de l'Indépendance (1821-1837).** Disponível em: <<https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA215481747&sid=googleScholar&v=2.1&it>>. Acesso em: 16 fev. 2022.



**Histoire des sciences médicales.** Disponível em: <<https://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhm/hsm/HSMx2005x039x002/HSMx2005x039x002x0131.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

HOMEPOINT. **Biographie du dr benoît mure (1809-1858) par le dr robert séror.** Disponível em: <<http://www.homeoint.org/seror/biograph/mureb.html>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

ICB, Eke. **Le départ - la traversée.** Disponível em: <<https://www.eke.eus/fr/culture-basque/pays-basque/diaspora-basque-la-huitieme-province/largentine-des-basques/le-depart-la-traversee>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

**Imprimerie de pommeret et guenot.** Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/services/engine/search/sru?operation=searchRetrieve&version=1.2&query=%28gallica%20all%20%22Imprimerie%20de%20pommeret%20et%20guenot>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

INGOLD, Alice. **Gouverner les eaux courantes en France au XIXe siècle Administration, droits et savoirs.** Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-annales-2011-1-page-69.htm?contenu=sujetproche>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Jean Nicolas Mangin.** Disponível em: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Nicolas\\_Mangin](https://fr.wikipedia.org/wiki/Jean_Nicolas_Mangin)>. Acesso em: 16 dez. 2022.

JENNY, Laurent. **Méthodes et problèmes:** la description. Disponível em: <<https://www.unige.ch/lettres/framo/enseignements/methodes/description/deintegr.html#debiblio>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**JORNAL DO COMERCIO.** Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**José Gaspar Rodríguez de Francia.** Disponível em: <<https://www.biografiasyvidas.com/biografia/f/francia.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

JOUFFROY, Louis-Maurice. **Aperçu du développement du réseau ferré en Europe de 1830 à 1848.** Disponível em: <[https://www.persee.fr/docAsPDF/geo\\_0003-4010\\_1931\\_num\\_40\\_227\\_11156.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/geo_0003-4010_1931_num_40_227_11156.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2023.

KIRSCHLEGER, Pierre-Yves. **Défendre le christianisme en France au XIXe siècle.** Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23614812>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**L'influence française dans l'architecture de Buenos Aires.** Disponível em: <<https://espaces-andins.com/linfluence-francaise-dans-larchitecture-a-buenos-aires/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

**LA PHALANGE:** journal de la science sociale : politique, industrie, sciences, art et littérature. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k94117s.r=%22journal%20la%20phalange%22?rk>>

**LA DEMOCRATIE PACIFIQUE:** journal des intérêts des gouvernements et des peuples. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4768323n.r=%22journal%20La%20d%C3%A9mocratie%20pacifique%22?rk=64378;0>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

La vie des ouvriers dans les Vosges au XIXe siècle. Disponível em: <<https://francearchives.gouv.fr/fr/article/130607604>>. Acesso em: 4 set. 2023.

LAGARDE, André. **XIXè siècle: les grands auteurs français: anthologie et histoire littéraire.** França: Bordas, 1985.

**LE PORTRAIT AU XIXE SIÈCLE.** Disponível em: <<https://www.museedegrenoble.fr/2102-le-portrait-au-xixe-siecle.html>>. Acesso em: 4 set. 2023.

LÉRY, Jean de. **OS FRANCESES NO BRASIL.** v. 3. Disponível em: <<https://fundar.org.br/publicacoes/os-franceses-no-brasil/os-franceses-no-brasil-volume-3-jean-de-lery-1580/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Les français dans l'histoire du Brésil.** Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5855070h.r=%22Louise%20Bachelet%22?rk=343349;2>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LEVASSEUR, Victor. **Carte de la République de l'Uruguay (Banda Oriental) et de la Province de Rio Grande-do-Sul ou de São Pedro com prenant le cours de l'Uruguay et du Rio de la Plata.** Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8493094j.r=uruguay?rk=321890;0>>. Acesso em: 7 jan. 2022.

LUMBWE, Mwewa. **Tradução comentada da versão swahili para o português brasileiro do livro Vraiment Congo, une tribu! de Yaya Asani: histórias incomuns e intensas sobre a República Democrática do Congo.** 2023. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Tradução, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/249987>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MAGAGNIN, Paolo. **L'ÉCO-TRADUCTOLOGIE CHINOISE: UN ENGAGEMENT PROBLÉMATIQUE.** 2020. Disponível em: [https://usv.ro/fisiere\\_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/2020/33-34/Paolo%20Magagnin%20\(Italie\)%20%E2%80%93%20L%E2%80%99%C3%A9co-](https://usv.ro/fisiere_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/2020/33-34/Paolo%20Magagnin%20(Italie)%20%E2%80%93%20L%E2%80%99%C3%A9co-)

MAKHLOUFI, Nacima. Disponível em: <https://journals.openedition.org/multilinguales/1440>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MAUROIS, André. **História da França.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

MÉDECINE, Académie **Nationale de. COMMUNIQUÉ DE PRESSE:** Disponível em: [https://www.academie-medecine.fr/lhomeopathie-en-france-position-de-lacademie-nationale-de-medecine-et-de-lacademie-nationale-de-pharmacie/#:~:text=%C3%80%20ces%20donn%C3%A9es%20scientifiques%20s,fe mmes%2C%20dentistes\)%20prescrivent%20des%20pr%C3%A9parations.>](https://www.academie-medecine.fr/lhomeopathie-en-france-position-de-lacademie-nationale-de-medecine-et-de-lacademie-nationale-de-pharmacie/#:~:text=%C3%80%20ces%20donn%C3%A9es%20scientifiques%20s,fe mmes%2C%20dentistes)%20prescrivent%20des%20pr%C3%A9parations.>) Acesso em: 27 ago. 2023.

**Memória Política de Santa Catarina. José da Silva Mafra.** Disponível em: [https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/533-Jose\\_da\\_Silva\\_Mafra](https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/533-Jose_da_Silva_Mafra). Acesso em: 15 dez. 2021

MERCKLÉ, Pierre. **Le Phalanstère.** Disponível em: <https://www.charlesfourier.fr/spip.php?article328>. Acesso em: 4 set. 2023.

México. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/historia-mexico.html>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MICHAUD, Guy; VAN THIEGHEM. **Le Romantisme: l'histoire, la doctrine, les oeuvres**. França: Hachette, 1952.

MINDLIN, José. Biografia. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/jose-mindlin/biografia>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MITTMANN, Simone. **Notas do tradutor, e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva**. Porto Alegre: Ufrgs, 2003.

MOLLIER, Jean-Yves. **Les femmes auteurs et leurs éditeurs au XIXe siècle: un long combat pour la reconnaissance de leurs droits d'écrivains**. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-historique-2006-2-page-313.html>>. Acesso em: 4 set. 2023.

MONTAIGNE, Université Bordeaux. **DEFLE**. Disponível em: <<https://defle.u-bordeaux-montaigne.fr/fr/formations/cours-du-soir.html>> Acesso em: 4 jan. 2023.

MONTRACHET, Chassagne. Chassagne Montrachet. Disponível em: <<https://www.chassagne-montrachet.fr/eglise-st-marc>> Acesso em: 3 jan. 2023.

MORE, Thomas. Utopia. Disponível em: <<https://funag.gov.br/loja/download/260-Utopia.pdf>> Acesso em: 2 set. 2023.

MOREL, Héloïse. **Le Féminisme Dans L'utopie Du Phalanstère De Charles Fourier**. Disponível em: <<https://une-histoire-de-lutopie.edel.univ-poitiers.fr/exhibits/show/experimenter/politique/le-f--minisme-dans-l-utopie-du.html>> Acesso em: 2 set. 2023.

**MULHERES E VIAGENS NO SÉCULO XIX.** Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matrizes-nacionais/figuras-de-viajantes/mulheres-e-viagens-no-seculo-xix/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MURE, Benoit Jules; HEMPEL, **Charles Julius. Dr. B. Mure's Materia medica, or, Provings of the principal animal and vegetable poisons of the Brazilian Empire.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/712132201>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

MURE, Benoit Jules. **Materia medica.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/944469606>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

NASCIMENTO, Antônio R.. **O primeiro movimento socialista catarinense.** 1991. Edição 00002 (1). Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=10969>. Acesso em: 01 dez. 2021.

**Naufrage de la Léopoldine-Rose en destination pour Montévidéo.** Disponível em: <<https://www.retours-vers-les-basses-pyrenees.fr/2017/01/naufrage-de-la-leopoldine-rose-en.html>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

**Notice de personne.** Disponível em: <<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb14954960m>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. **A geografia e a literatura: uma reflexão.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2008v23n46p7/11722>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

Ordinaire Edouard. Disponível em: <<https://maitron.fr/spip.php?article35648>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade: a França no século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

PEREIRA, Carlos da Costa. **História de São Francisco do Sul**. Florianópolis: Editora da Ufsc, 1984.

PERRU, Olivier. Sciences, **Raison et Religion en France au XIXe siècle**. vol. 1. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01297359>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Pesquisadores revelam a verdade por trás do mito do El Dorado**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/01/pesquisadores-revelam-a-verdade-por-tras-do-mito-do-el-dorado.html>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Phalanstère**. Disponível em: <<https://www.linguee.fr/francais-anglais/traduction/phalanst%C3%A8re.html>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Phalanstère du Brésil, Voyage dans l'Amérique Méridionale**. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2654?locale=en>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PIACENTINI, Mirella. **LA REFORMULATION DES SAVOIRS ÉCOLOGIQUES DANS DES DOCUMENTAIRES POUR LA JEUNESSE : ENJEUX ARGUMENTATIFS ET COMMUNICATIONNELS**. 2020. Atelier de traduction, números 33 e 34. Disponível em: [https://usv.ro/fisiere\\_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/2020/33-34/Mirella%20Piacentini%20\(Italie\)%20%E2%80%93%20La%20reformulation%20de%20savoirs%20%C3%A9cologiques%20dans%20des%20documentaires%20pour%20la%20jeunesse.pdf](https://usv.ro/fisiere_utilizator/file/atelierdetraduction/arhive/2020/33-34/Mirella%20Piacentini%20(Italie)%20%E2%80%93%20La%20reformulation%20de%20savoirs%20%C3%A9cologiques%20dans%20des%20documentaires%20pour%20la%20jeunesse.pdf). Acesso em: 18 jan. 2023.

PIAZZA, Walter F. **Bibliografia Alienígena sobre Santa Catarina**. 1974. Edição 00004 (1). Disponível em: <https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=3982>. Acesso em: 1 dez. 2023.

Pierre-Jean de Béranger (1780-1857). Disponível em: <[https://data.bnf.fr/fr/12013421/pierre-jean\\_de\\_beranger/](https://data.bnf.fr/fr/12013421/pierre-jean_de_beranger/)>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**QUEM FOI BENOIT:** benoît jules mure - o bandeirante e introdutor da homeopatia no brasil. Benoît Jules Mure - o bandeirante e introdutor da Homeopatia no Brasil. Disponível em: <<https://www.ihbm.com.br/institucional/quem-foi-benoit.>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de mulher: o cotidiano feminino no brasil sob o olhar de viageiros do século xix.** Petrópolis: Vozes, 1995.

RAMOS, Jorge Abelardo. **História da Nação Latino-americana.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

RANGEL, Alberto. **No Rolar do Tempo.** Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1937.

**RELATOS DE VIAGEM.** Disponível em: <[http://bndigital.bn.br/francebr/relatos\\_viagem.htm](http://bndigital.bn.br/francebr/relatos_viagem.htm)>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Retroconversão. **Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 41, p. 174-184, 8 dez. 2021. NOTA DA TRADUTORA Marie Helene Catherine Torres.** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/84952>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo séc. XVII - XIX.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RUF, Patrick Fournier e Thierry; RUF, Thierry. **Ressource en eau, irrigation et agronomie: histoires anciennes et questionnement actuel.** Disponível em: <[https://agronomie.asso.fr/fileadmin/user\\_upload/revue\\_aes/aes\\_vol10\\_n2\\_dec2020/pdf/aes\\_vol10\\_n2\\_14\\_fournier\\_ruf.pdf](https://agronomie.asso.fr/fileadmin/user_upload/revue_aes/aes_vol10_n2_dec2020/pdf/aes_vol10_n2_14_fournier_ruf.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Saint Pierre: biographie courte, dates, citations.** Disponível em: <<https://www.linternaute.fr/actualite/biographie/1776366-saint-pierre-biographie-courte-dates-citations/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTEE, Nellie Rego; SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. **As funções da linguagem na propaganda.** Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/1367/913>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTOS, Ilda Mendes dos. **O Papel Das Revistas Literárias.** 2009.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina.** 5. ed. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2004.

**São Francisco do Sul.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sao-francisco-do-sul/historico>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

SANTOS, Ilda Mendes dos. **Mulheres e viagens no século XIX.** Disponível em: <<https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/mulheres-viagens-artigo>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTOS, Silvio Coelho dos; NACKE, Anelise; REIS, Maria José. São Francisco do Sul **Muito Além da Viagem de Gonneville.** Disponível em: <[https://www.estantevirtual.com.br/sebomafalda/silvio-coelho-dos-santos-anelise-n-e-maria-jose-r-sao-francisco-do-sul-muito-alem-da-viagem-de-gonneville-2802526712?gclid=EAlaIQobChMIqKyxiPr2-wlV4hXUAR28CgJzEAYYASABEgJC9PD\\_BwE](https://www.estantevirtual.com.br/sebomafalda/silvio-coelho-dos-santos-anelise-n-e-maria-jose-r-sao-francisco-do-sul-muito-alem-da-viagem-de-gonneville-2802526712?gclid=EAlaIQobChMIqKyxiPr2-wlV4hXUAR28CgJzEAYYASABEgJC9PD_BwE)>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTOS, Ilda Mendes dos. **Femmes En Voyage.** Disponível em: <<https://heritage.bnf.fr/france-bresil/fr/femmes-voyage-article>>. Acesso em: 4 set. 2023. Disponível em: <<https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/revistas-literarias-artigo>>. Acesso em: 16 dez. 2022.



SAS, Rubies France. Franche - **Compté: toute la franche-comté. Iguerande: Rubies France Sas**, 2021. Jeu de société. De 2 à 5 joueurs à partir de 7 ans.

SEARCH, Family. Louise Bachelet. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/2:2:QLBL-PYF>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SEARCH, Family. François Pegon. Disponível em: <<https://www.familysearch.org/ark:/61903/2:2:QLBL-PYX>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SÉGAL, Alain; TRÉPARDOUX, Francis. **L'étonnante carrière d'un homéopathe philanthrope fouriériste**, Benoît-Jules Mure/: (1809-1858). (1809-1858). 2005.

SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (org.). **Religião e Sociedade na América Latina**. 2010. Disponível em: <<http://editora.metodista.br/livros-gratis/religiao-e-sociedade-na-america-latina>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SILVA, Ana Cláudia Boavida Salgueiro da. **Nos passos de Jane Austen: o espaço literogeográfico nos romances austenianos: o espaço literogeográfico nos romances austenianos**. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/188115>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SOSNOWSKI Jean-Claude. « Mangin, Nicolas » Disponível em: <<http://www.charlesfourier.fr/spip.php?article2253>>. Acesso em : 16 dez. 2022.

SOTO, P.C. **Abordagens normativas e descritivas às notas do tradutor dos anos 1960 até o presente: excertos de uma revisão bibliográfica**. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/11338>>. Acesso em: 16 dez.

THIAGO, Raquel s. **Fourier: utopia na península do Saí**. Blumenau, Florianópolis: Furb, Ufsc, 1995.

THIERCÉ, Agnès. **La pauvreté laborieuse au XIXème siècle vue par Julie-Victoire Daubié**. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-1999-1-page-119.htm>> Acesso em: 4 set. 2023.

TORRES, Marie Hélène Catherine (Org.). **Traduzindo a Amazônia I: tradução de relatos de viagem sobre Amazônia. Tradução de Relatos de viagem sobre Amazônia**. 2021. Volume 41, n. esp. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TORRES, Marie Hélène Catherine. **Método de análise e crítica de tradução de Antoine Berman: Autorresenha do seu livro: por uma crítica da tradução: John Donne. Por uma crítica da tradução: John Donne**. 2021. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/53001/53001.PDF>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **O tradutor: perfil e análise, no horizonte do provável**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

TORRES, Marie-Hélène Catherine (org.). **Estudos da tradução intercontinentais : Brasil — Canadá — Romênia /**. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201204/Estudos-%20trad%2016%2010%202020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

TORRES, Marie-Hélène Catherine et al. (Org.). **Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução**. Fortaleza: Substância, 2017.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil Literário, paratextos e discursos de acompanhamento. V. 1. Tradução do francês de Marlova Assef e Eleonora Castelli**. Tubarão: Copiart, 2011.

TORRES, Marie-Hélène Catherine; GUIBAN, Pierre. Etienne Dolet - **A maneira de bem traduzir de uma língua para outra (1540)**. In: TORRES, Marie Hélène Catherine

et al (org.). Antologia bilingue: clássicos da teoria da tradução - volume 2 - francês-português. 2. ed. Tubarão: Copiart, 2018. Cap. 1. p. 9-311. Narceli Piucco, Gilles Abes, Cláudia Borges de Fáveri.

VERGER, La Ferme Dans Le. **La Ferme dans le Verger**. Disponível em: <<https://www.lafermedansleverger.fr/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

VIANNA, Assembléia Geral Legislativa - Candido José D'Araujo. **Relatório da Repartição dos Negócios do Império: colonização. Colonização**. 1843. Rio de Janeiro. Disponível em: [https://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968\\_1841\\_00001.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1841_00001.pdf). Acesso em: 15 dez. 2023.

VIVIER, Nadine. **Les repas festifs dans les campagnes**. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-romantisme-2007-3-page-13.htm>>. Acesso em: 4 set. 2023.

**Votre communauté d'expatriés de Montevideo**. Disponível em: <<https://www.internations.org/montevideo-expats/french/fr>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

**Voyage d'une femme au Spitzberg**. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k30422838.r=I%C3%A9onie%20d%27aunet?rk=128756;0>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

VOYAGEUSES, Le Roman Des. **Le Roman des Voyageuses**. Disponível em: <<https://leromandesvoyageuses.fr/v2/>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ZUBER, Valentine. **A laicidade republicana em França ou os paradoxos de um processo histórico de laicização (séculos XVIII-XXI)**. 2010. **Ler História**. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lerhistoria/1370>>. Acesso em: 16 dez. 2022.

WORLDCAT. **Louise Bachelet. 2021.** Disponível em: <[https://www.worldcat.org/search?qt=worldcat\\_org\\_bks&q=Louise+Bachelet&fq=dt%3Abks](https://www.worldcat.org/search?qt=worldcat_org_bks&q=Louise+Bachelet&fq=dt%3Abks)>. Acesso em: 16 dez. 2022.

WORLDCAT. **<https://www.worldcat.org/pt/title/503797140>.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/503797140>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WORLDCAT. **Le Médecin du peuple ... indiquant les moyens pratiques de traiter toutes les maladies selon les principes de l'homoeopathie, par le Dr Mure ... revu, augmenté et mis en meilleur ordre par Sophie Liet ..** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792771>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WORLDCAT. **Le Médecin du peuple ... indiquant les moyens pratiques de traiter toutes les maladies selon les principes de l'homoeopathie, par le Dr Mure ... augmenté par le Dr Freschi ..** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792768>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WORLDCAT. **L'Homoeopathie pure, Exposé complet des connaissances nécessaires au traitement des malades ... par le Dr Mure ... revu, augmenté et mis en ordre par Sophie Liet ..** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792753>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WORLDCAT. **Lettre à M. le Dr Molin, rédacteur du "Journal de la doctrine hahnemanienne".** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792761>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WORLDCAT. **La Philosophie absolue, par le Dr Mure ... Revu et mis au courant de la science actuelle par Sophie Liet ..** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792774>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

WORLDCAT. **Le Médecin du peuple, indiquant les moyens pratiques de traiter toutes les maladies selon les principes de l'homoeopathie, par le Dr Mure.**

Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792765>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WORLDCAT. **A Hahnemann 10 août 1839.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/835216822>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

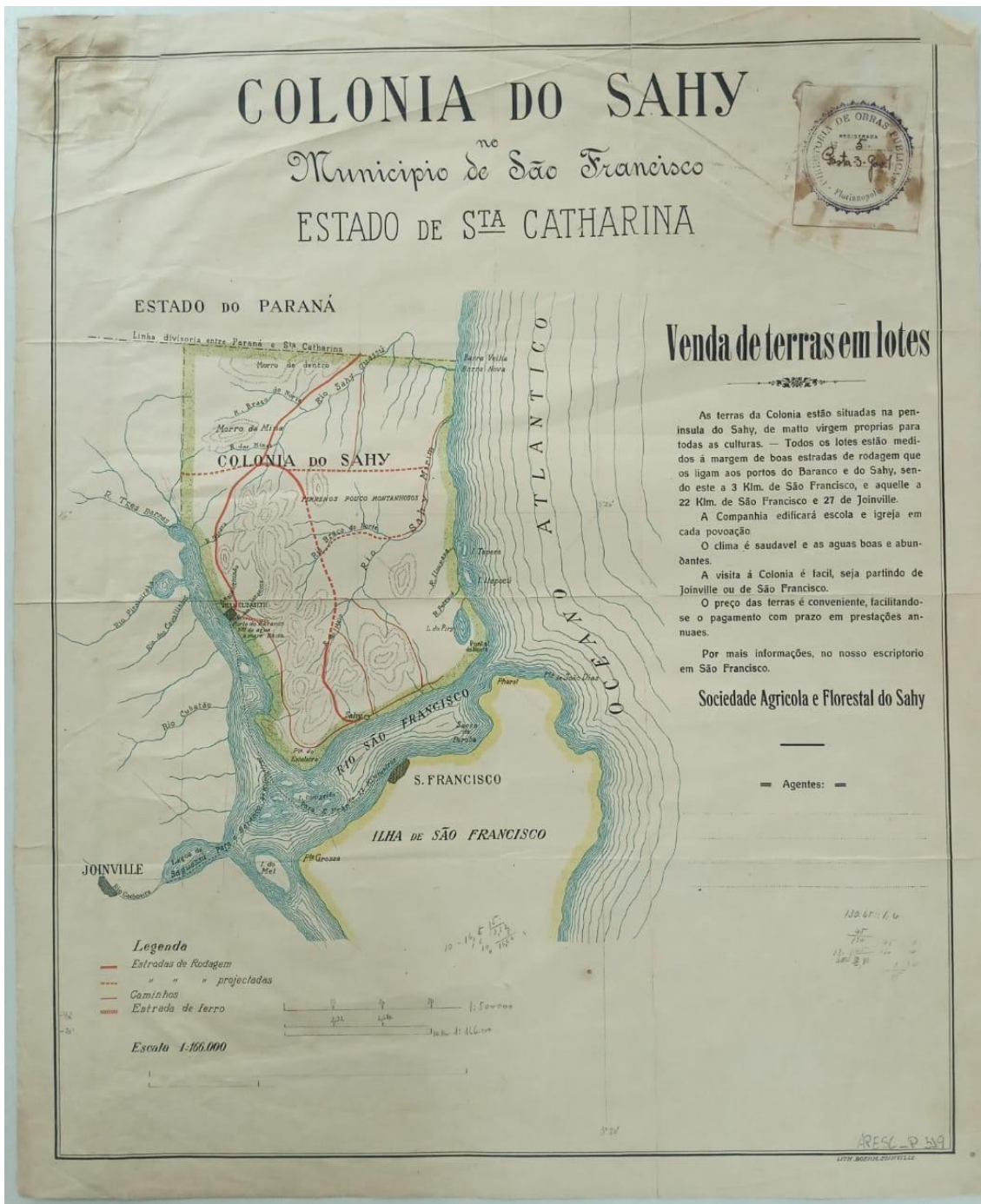
WORLDCAT. **Résumé d'anatomie et de physiologie, pour servir à l'intelligence du "Médecin du peuple" et de "l'Homoeopathie pure"... par le Dr Mure,... Revu et mis au courant de la science actuelle, par Sophie Liet.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/764109369>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

WORLDCAT. **Doctrine de l'école de Rio de Janeiro et Pathogénésie brésilienne, contenant une exposition méthodique de l'homéopathie, la loi fondamentale du dynamisme vital, la théorie des doses et des maladies chroniques, les machines pharmaceutiques, l'algèbre symptomatologique, la classification philosophique des espèces médicinales, et trente-six expériences pures.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/759645571>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

WORLDCAT. **DOCTRINE DE L'A COLE DE RIO DE JANEIRO ET PATHOGA**

WORLDCAT. **À Hahnemann. 10 août 1839. [Signé]: Dr. J.-B. Mure.** Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/458792746>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

ANEXO A – MAPA DA COLÔNIA DO SAHY



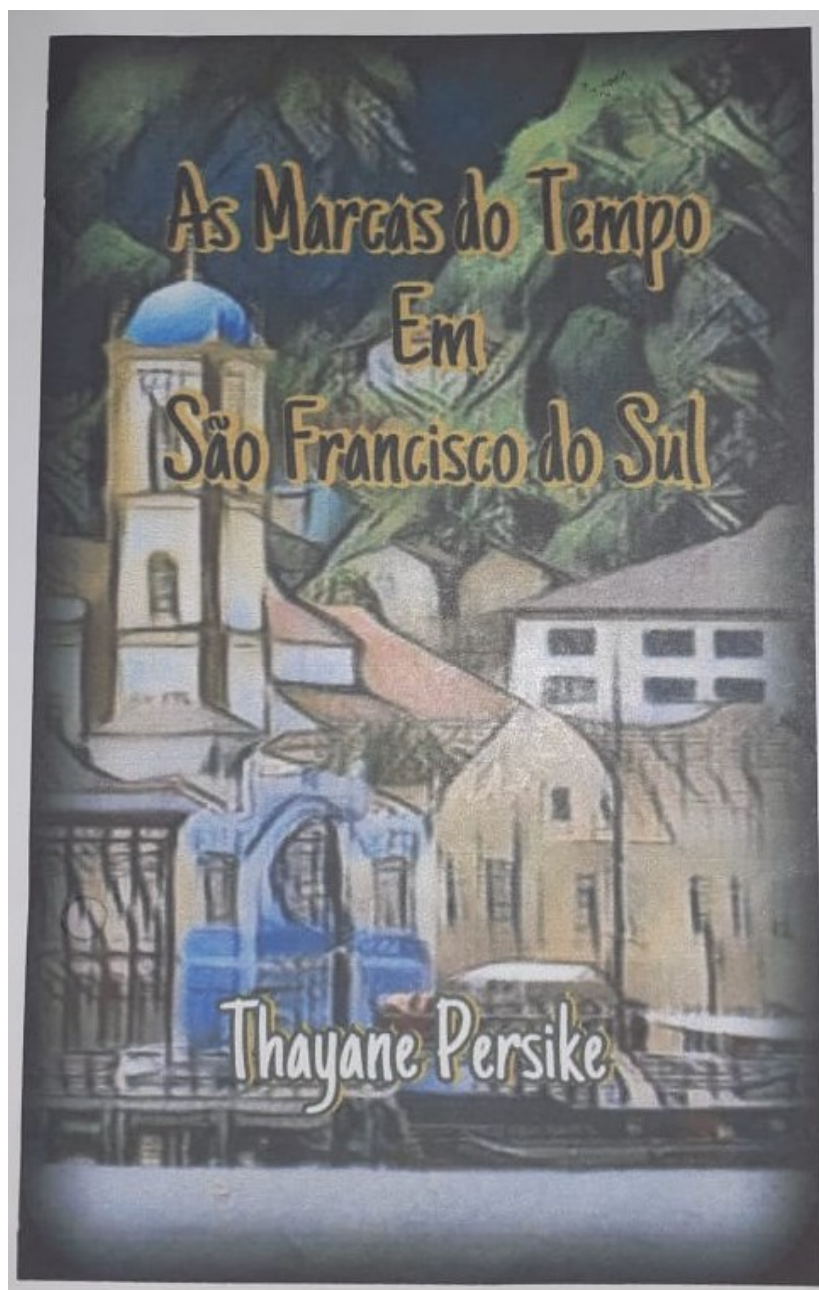
Fonte: Arquivo Público de Santa Catarina

## ANEXO 2: CORDEL FRANCISQUENSE



Fonte:Arquivo da autora

ANEXO 3: AS MARCAS DO TEMPO EM SÃO FRANCISCO DO SUL



Fonte: Arquivo da autora



## ANEXO 4: TRABALHO APRESENTADO NO EVENTO DA CENTRE DE RECHERCHE DE LA LITTÉRATURE DES VOYAGES



Centre interdisciplinaire d'étude des littératures d'Aix-Marseille



CRLV



Aix-Marseille université  
Socialément engagée



académie Aix-Marseille



REPUBLIQUE FRANÇAISE

23<sup>es</sup> rencontres enseignants chercheurs  
31 mars 2023, 9h30-16h  
Salle des colloques I de la Maison de la recherche

### Voyager au Brésil, de Léry à nos jours : transformations du genre viatique

9h30 Sylvie Requemora et Viktoria Kokonova : ouverture de la journée d'études  
9h40 Viktoria Kokonova (Doctorante, CIELAM-Université de Coimbra), « Voyager, explorer, convertir, civiliser : missionnaires européens au Brésil aux XVI-XVIIe siècles »  
10h10 Jean-Claude Laborie (MCF HDR, Université Paris Nanterre), « Histoire d'une connivence : les français au Brésil » + 10h40 atelier  
11h10 Lou-Andréa Piana, (Docteur, CIELAM), « 'Roland le furieux' : portraits de Villegagnon dans *L'Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* de Jean de Léry »  
12h Sylvie Requemora (Pr. CIELAM), atelier : « Transformations du genre viatique dans le texte de Léry : études de cas »  
14h Mathilde Mougín (ATER doctorante inter-Écoles Doctorales, CIELAM et MMSH), « Le récit de voyage d'Anthony Knivet (1591) : une poétique viatique aux confins du romanesque »  
14h30 Ernestine Carreira, (MCF, Chaire Eduardo Lourenço), « Récit de voyage et témoignage du quotidien à l'époque moderne : dormir, manger et se soigner à terre pendant les escales des voyages inter-océaniques »  
15h Ana Carolina de Freitas (en zoom), (Doctorante, Universidade Federal de Santa Catarina, Brésil), « La littérature de voyage de Louise Bachelet »  
15h30 Samara Geske, (Docteur, Chaire Eduardo Lourenço), « Le regard de l'étranger : le Brésil vu à travers *Le Journal de Voyage* d'Albert Camus »



Image : Guillaume Le Testu, *Cosmographie universelle, selon les navigateurs tant anciens que modernes* (1555)

Contact : [sylvie.requemora@univ-amu.fr](mailto:sylvie.requemora@univ-amu.fr)

Fonte: CRLV (Centre de Recherche de Littérature de Voyage)